



**IV Congresso da Associação  
Brasileira de Pesquisa em  
Prevenção e Promoção da Saúde  
e**

**II Seminário Laboratório de  
Pesquisa em Prevenção, Educação e  
Saúde**

27, 28 e 29 de Novembro de 2024  
Local: Universidade de São Paulo (USP)

Anais 2025 - São Paulo, SP

**Organização:**

Associação Brasileira de Pesquisa em Prevenção e Promoção da Saúde (BRAPEP)  
Laboratório de Pesquisa em Prevenção, Educação e Saúde (LaPPES)

**Edição:**

Karine Wlasenko Nicolau

**Supervisão:**

Márcia Helena da Silva Melo

**Colaboração:**

Maria Carolina Pinotti Leite

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa em  
Prevenção e Promoção da Saúde. Seminário  
Laboratório de Pesquisa em Prevenção, Educação  
e Saúde (4. : 2. : 2025 : São Paulo, SP)  
Anais do IV Congresso BRAPEP. II Seminário  
LAPEES [livro eletrônico] / [organizadores  
Associação Brasileira de Pesquisa em Prevenção  
e Promoção da Saúde , Laboratório de Pesquisa em  
Prevenção, Educação e Saúde. -- 1. ed. --  
São Paulo : Ed. dos Autores, 2025.  
PDF

Vários autores.  
Vários colaboradores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-01-84533-3

1. Ciências da saúde 2. Educação em saúde  
3. Promoção da saúde I. Saúde, Associação  
Brasileira de Pesquisa em Prevenção e Promoção da.  
II. Laboratório de Pesquisa em Prevenção, Educação  
e Saúde. III. Título.

25-322548.0

CDD-613

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Promoção da saúde 613

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**Idiomas:** português, espanhol e inglês

**ISBN:** 978-65-01-84533-3





## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Márcia Helena da Silva Melo (USP) - **Presidente do Congresso**  
Alessandra Mafra Ribeiro (USP)  
Fernanda M. M. Gutierrez de Queiroz (UFBA)  
Iara da Silva Freitas (USP)  
Larissa de Almeida Nobre-Sandoval (Instituto Europeu de Estudos em Prevenção, Espanha)  
Maíra Ramos Alves (USP)  
Maria Carolina Pinotti Leite (USP)  
Mariana Gonçalves Rebello (USP)  
Renata Boschini Beltran (USP)  
Simone Vieira da Silva (USP)

## **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Karine Wlasenko Nicolau (UFMT) - **Presidente da Comissão Científica**  
Adriana da Silva Santiago (UFF)  
André Guirland Vieira (Ulbra/RS)  
Claudia de Oliveira Alves (UnB)  
Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)  
Elaine Miguel Delvivo Farão (UFJ)  
Eliane Maria Fleury Seidl (UnB)  
José Marcelo Oliveira da Luz (UnB)  
Juliana Valente (Unifesp)  
Larissa de Almeida Nobre-Sandoval (Instituto Europeu de Estudos em Prevenção, Espanha)  
Larissa Polejack Brambatti (UnB)  
Paula Giovana Furlan (UFSCar)  
Rodrigo Tobias de Sousa Lima (Fiocruz)  
Sheila Giardini Murta (UnB)

### **Apoios institucionais nacionais:**

Universidade de São Paulo (USP)  
Rede Brasileira de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Globais (Rede Clima)  
Rede Brasileira de Universidades Promotoras de Saúde (ReBraUPS)

### **Apoios institucionais internacionais:**

University of Miami (UM)  
Society for Prevention Research (SPR/ USA)  
European Society for Prevention Research (EUSPR)  
Instituto Europeo de Estudios en Prevención (Irefrea)

## Sumário

<b>APRESENTAÇÃO DOS ANAIS DO IV CONGRESSO DA BRAPEP E.....</b>	<b>11</b>
<b>II SEMINÁRIO DO LAPPES.....</b>	<b>11</b>
<b>CONFERÊNCIAS E PALESTRAS.....</b>	<b>13</b>
CURRÍCULO EUROPEU PARA A RESILIÊNCIA: AVALIAÇÃO DE IMPACTO.....	13
ENFRENTANDO A AUTOLESÃO: INTERVENÇÃO PARA MÃES E PAIS DE ADOLESCENTES QUE SE AUTOLESIONAM.....	14
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E PREVENÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO.....	15
OBSERVATÓRIO DE DIREITOS HUMANOS EM ESCOLAS.....	15
EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS DA ADAPTAÇÃO CULTURAL DO SISTEMA PREVENTIVO “COMUNIDADES QUE CUIDAM” AO BRASIL.....	16
SISTEMA DE PREVENÇÃO DE BASE COMUNITÁRIA PARA FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS.....	17
ASPECTOS GEOPOLÍTICOS E SOCIAIS DA VIOLÊNCIA NOS MEIOS DIGITAIS.....	18
CONSIDERAR O SENTIMENTO DE INCLUSÃO E DE BEM-ESTAR ESTUDANTIL NO ENSINO SUPERIOR PARA FORTALECER A TOMADA DE DECISÕES INSTITUCIONAIS.....	19
THE SOCIETY FOR PREVENTION RESEARCH: UPDATING STANDARDS OF KNOWLEDGE FOR PREVENTION SCIENCE.....	20
ATUALIDADES NA PREVENÇÃO À AIDS E DESAFIOS NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO.....	21
MULHERES ADOLESCENTES PRIVADAS DE LIBERDADE E.....	22
SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA.....	22
PROGRAMAS DE PREVENÇÃO DO SUICÍDIO BASEADOS NA LOGOTERAPIA: UM PANORAMA MUNDIAL.....	23
ESTIGMA, DISCRIMINACIÓN EN LAS FAMILIAS CON USO DE SUSTANCIAS EN MÉXICO. UNA APROXIMACIÓN BASADA EN LA INTERSECCIONALIDAD.....	24
ESTIGMA COMO BARRERA PARA LA PREVENCIÓN Y ABORDAJE DE LAS ADICCIONES.....	25
PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA ESCOLAR: INTEGRANDO TEORIA, PESQUISA, PROGRAMAS E A PROMOÇÃO DA JUSTIÇA SOCIAL.....	26
APRENDIZAJES DE LA IMPLEMENTACIÓN DEL SISTEMA PREVENTIVO.....	27
COMUNIDADES QUE SE CUIDAN EN COLOMBIA.....	27
VIOLÊNCIAS RELACIONADAS AO USO DO CELULAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO MARIA DA PENHA (NUMAPE/UNIOESTE) FOZ DO IGUAÇU-PR.....	28
VIOLÊNCIAS RELACIONADAS AO USO DO CELULAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO MARIA DA PENHA (NUMAPE/UNIOESTE) FOZ DO IGUAÇU-PR.....	29
PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO: CONSTRUÇÃO DE UM PROTOCOLO.....	30
BULLYING E O MÉTODO DE PREOCUPAÇÃO COMPARTILHADA:.....	31
CRIMINALIZAR OU FORMAR?.....	31
LETRAMENTO DIGITAL: UM CAMINHO PARA UM AMBIENTE ONLINE MAIS SEGURO.....	32

ESTIGMA HACIA LAS MUJERES QUE CONSUMEN ALCOHOL EN UNA COMUNIDAD RURAL INDÍGENA DEL CENTRO DE MÉXICO.....	33
PROGRAMA ACT – PARA EDUCAR CRIANÇAS EM AMBIENTES SEGUROS NO BRASIL: TRAJETÓRIA DA PESQUISA PARA IMPLEMENTAÇÃO EM POLÍTICA PÚBLICA.....	34
EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA: DESENVOLVIMENTO NA ADOLESCÊNCIA EM MEIO A SITUAÇÕES ADVERSAS E PROCESSOS DE RESILIÊNCIA.....	35
AVALIAÇÃO DE USABILIDADE DE UMA INTERVENÇÃO ONLINE PARA A PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO.....	36
COMUNIDADES QUE SE CUIDAN EN CHILE.....	37
VIOLÊNCIA AMBIENTAL, COMPORTAMENTO PRÓ-AMBIENTAL E PROMOÇÃO DA SAÚDE.....	38
INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS E PROMOÇÃO DA CULTURA DE PAZ.....	39
ASPECTOS NÃO MEDICALIZANTES EM PROGRAMAS DE PROMOÇÃO DE SAÚDE E DE PREVENÇÃO DA QUEIXA ESCOLAR.....	40
MAPEAMENTO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL NO BRASIL.....	41
PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIAS INTERPESSOAIS E AUTOPROVOCADAS NA ESCOLA: RESULTADOS DE PESQUISA E EXTENSÃO.....	42
<b>COMUNICAÇÕES ORAIS E PÔSTERES.....</b>	<b>43</b>
SENSIBILIZAÇÃO E DETECÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO PARA EQUIPE INTERDISCIPLINAR NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	43
INTERVENÇÃO GRUPAL: VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E DEFESA PESSOAL.....	44
PROMOÇÃO DA REGULAÇÃO EMOCIONAL: PESQUISA COM INTERVENÇÃO NO SEGMENTO ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	45
HABILIDADES PARA LA VIDA Y PREVENCIÓN DEL USO DE DROGAS: RESULTADOS DE UNA INTERVENCIÓN CON ADOLESCENTES.....	46
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CAPACITAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	47
CLUBE PETITINHO: PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO SOCIOCOGNITIVO E A AUTORREGULAÇÃO EMOCIONAL EM ESCOLARES.....	48
TRADUÇÃO E VALIDAÇÃO FATORIAL DO TEST DE HABILIDADES PARA LA VIDA (THV) COM ADOLESCENTES BRASILEIROS.....	49
INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS E EDUCAÇÃO NA ESCOLA DO CERRADO: UM RELATO DO PET PSICOLOGIA UNB.....	50
RELAÇÃO DA BNCC COM O PORTAGE: UM PROPOSTA DE SISTEMATIZAÇÃO PARA AVALIAÇÃO DA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E PROMOÇÃO DA SAÚDE.....	51
O CULTIVO DO BEM VIVER ATRAVÉS DA PRÁTICA DO YOGA.....	52
JOGO COMO RECURSO DE PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL INFANTOJUVENIL.....	53
EFEITOS DA LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DO LIVRO “UMA FORMIGA CORAJOSA CONTRA SEU COVARDE ABUSADOR” NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL.....	54
O QUE QUER UMA MULHER COM UM(A) PARCEIRO (A) ALCOOLISTA? CONSTRUÇÃO DE CASO CLÍNICO EM PSICANÁLISE.....	55
ANÁLISE DAS INTERNAÇÕES HOSPITALARES NA FRONTEIRA SUL DO AMAZONAS: UM ESTUDO SOBRE ACESSO E PROMOÇÃO DA SAÚDE.....	56

CRIAÇÃO DA FESP REGIONALIZAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	57
INFLUÊNCIAS PARENTAIS NA SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES: PAPEL DOS COMPORTAMENTOS DOS CUIDADORES E DO USO DE ÁLCOOL EM CONTEXTOS SOCIOVULNERÁVEIS BRASILEIROS.....	58
AVALIAÇÃO FORMATIVA DO PROGRAMA DE PREVENÇÃO ÀS DROGAS "FAMÍLIAS FORTES" EM FORMATO ONLINE NO BRASIL.....	59
PROJETO RESSIGNIFICAR: FALANDO POR MEIO DA ARTE.....	60
PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL EM ADOLESCENTES ATRAVÉS DOS AFETOS: UMA VISÃO DA PSICOLOGIA POSITIVA.....	61
ENTRE JALECOS E FARDAS, BIOPODER E GESTÃO DE RISCO: NARRATIVAS DE JOVENS ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE MANAUS.....	62
ENEGRECENDO A UFAM: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A APLICAÇÃO DO SANKOFA EM UMA ESCOLA DE MANAUS.....	63
IDENTIFICAÇÃO DOS PONTOS DE INADEQUAÇÃO DE PROGRAMA PROERD PARA A CULTURA BRASILEIRA.....	64
AUTOESTIMA DE JOVENS ADOLESCENTES: PROMOÇÃO E PRESERVAÇÃO POR UMA INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA POSITIVA.....	65
YOGA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA PROMOVER HABILIDADES SOCIAIS E REDUZIR A VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	66
O JOGO SexTOP COMO FERRAMENTA PARA DIÁLOGOS SOBRE SEXUALIDADE ENTRE PAIS E FILHOS.....	67
GRUPOS TERAPÊUTICOS PARA MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO, NUMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA.....	68
DESENVOLVIMENTO DE UMA INTERVENÇÃO PARA PROMOÇÃO DE COMPORTAMENTOS PRÓ-SOCIAIS E PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	69
IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA DE PREVENÇÃO COMMUNITIES THAT CARE (CTC) EM UMA COMUNIDADE BRASILEIRA.....	70
BARREIRAS E FACILITADORES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO COMMUNITIES.....	71
THAT CARE (CTC) EM DIFERENTES PAÍSES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.....	71
ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL DE UMA UNIDADE DE ACOLHIMENTO PARA O ENFRENTAMENTO DA NEGLIGÊNCIA: UM ESTUDO BASEADO NO MODELO BARNAHUS.....	72
VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM MATO GROSSO, 2013 A 2019.....	73
RELATO DE EXPERIÊNCIA: USO DA CNV NA PROMOÇÃO DE CULTURA DE PAZ EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR.....	74
RELATO SOBRE FEIRA DE BEM-ESTAR E OPORTUNIDADES NA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO.....	75
PSICOLOGIA ESCOLAR E AÇÃO PSICOEDUCATIVA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO PREVENÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	76
EL PORTAL DE BUENAS PRÁCTICAS EN ESPAÑA: UNA ESTRATEGIA PARA CONSOLIDAR LA PREVENCIÓN DE CALIDAD.....	77
LA PLATAFORMA DE OCIO DE CALIDAD DE LAS ISLAS BALEARES (POQIB). UNA EXPERIENCIA DE PREVENCIÓN COMUNITARIA MULTICOMPONENTE.....	78
PROJETO-PILOTO FAMÍLIA NA ESCOLA: ELEMENTOS PARA APRIMORAMENTO DA VIABILIDADE A PARTIR DE FEEDBACK DOS USUÁRIOS PRIMÁRIOS.....	79
A PRONTIDÃO PARA A MUDANÇA DE UMA COMUNIDADE NO SUL DO PAÍS: EXPERIENCIA PILOTO DA ADAPTAÇÃO CULTURAL DO COMUNIDADES QUE CUIDAM NO BRASIL.....	80

O QUE É PRONTIDÃO COMUNITÁRIA E QUAIS AS SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O BRASIL: REVISÃO TEÓRICO CONCEITUAL SOBRE O TEMA.....	81
AVALIAÇÃO DE NECESSIDADES PARA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE ALUNOS EM DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE.....	82
EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO FERRAMENTA NA PREVENÇÃO DAS VIOLÊNCIAS E PROMOÇÃO DA CULTURA DA PAZ.....	83
A PROMOÇÃO DA SAÚDE NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: UM OLHAR DO MÉDICO DO TRABALHO.....	84
ANÁLISE SITUACIONAL E PLANEJAMENTO DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA PARA REDUZIR O CONSUMO DE ALCOOL NA ADOLESCÊNCIA: ESTUDO PREV.ACTION.....	85
PROGRAMA BEM ME QUERO: AVALIAÇÃO DE RESULTADOS.....	86
PROGRAMA MAIS RECURSOS PSICOLÓGICOS: INTERVENÇÃO GRUPAL PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL.....	87
PERCEÇÃO DE INSEGURANÇA E VIOLÊNCIA URBANA ENTRE IDOSOS BRASILEIROS.....	88
LINHAS QUE SUSTENTAM A VIDA: UM ESTUDO DE MÉTODOS MISTOS DOS FATORES DE PROTEÇÃO DO SUICÍDIO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.....	89
CROCHÊ-TERAPIA: TECENDO UMA ARTE DE CUIDADO.....	90
INTERVENCIONES ELECTRÓNICAS EN ATENCIÓN PRIMARIA PARA ABORDAR EL USO DE SUSTANCIAS: UNA OPORTUNIDAD DE MEJORAR LA ACCESIBILIDAD.....	91
ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL INDÍGENA: UMA EXPERIÊNCIA DE ACOLHIMENTO PSICOSSOCIAL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....	92
CNV, RPG E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	93
INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL COM ADULTOS AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA...	94
DINÂMICAS DE GÊNERO E VIOLÊNCIA: MASCULINIDADE TÓXICA EM ADULTOS OFENSORES SEXUAIS.....	95
FORMAÇÃO DE INSTRUTORES EM PRÁTICAS RESTAURATIVAS CURSO DE FORMAÇÃO DE INSTRUTORES EM CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ.....	96
INTERVENÇÕES DE EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE ADOLESCENTES NO BRASIL.....	97
EFICACIA DEL CURSO DE PREVENCIÓN EN TABACO, ALCOHOL Y CANNABIS (P'TAC) PARA LA MEJORA DE CONOCIMIENTOS EN PREVENCIÓN DE ADICCIONES.....	98
INTERVENÇÕES, PERCEÇÕES E TRAJETÓRIAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE JOVENS ADULTOS.....	99
DESAFIOS DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL NO ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL AO LIDAR COM A TEMÁTICA DA PORNOGRAFIA.....	100
MITOS RELACIONADOS CON LOS CANNABINOIDES: DIME QUÉ CONSUMES Y TE DIRÉ QUE PIENSAS.....	101
INTERVENÇÃO COM MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE NA PREVENÇÃO AOS MAUS-TRATOS INFANTIL.	102
O USO DE METODOLOGIAS ARTÍSTICAS EM OFICINAS SOBRE SAÚDE MENTAL E JUVENTUDE EM UMA ESCOLA DO CAMPO DO DISTRITO FEDERAL.....	103
VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES DA REGIÃO CENTRO-OESTE, BRASIL: PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR (PENSE, 2019).....	104
SAÚDE MENTAL E IMPACTOS DO CAPITALISMO NO FAZER CIÊNCIA.....	105
EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA DE UM CAPS IJ: DA SENSIBILIZAÇÃO À BUSCA ATIVA .....	106
UM JOGO DE CARTAS COMO RECURSO DIALÓGICO COM E PARA AS JUVENTUDES.....	107

REDE LATINO-AMERICANA DE ESPECTADORES CONTRA O ASSÉDIO.....	108
LINHA DE CUIDADO PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA DO ALTO TIETÊ: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE.....	109
(DES)CONEXÕES: O COMITÊ GESTOR COMO INSTRUMENTO DE PREVENÇÃO DAS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE SUZANO/SP.....	110
PROMOVENDO DIÁLOGOS E REFLEXÕES SOBRE VIOLÊNCIAS E SAÚDE COLETIVA.....	111
PROGRAMA MAIS RECURSOS PSICOLÓGICOS: INTERVENÇÃO PREVENTIVA E DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL COM UNIVERSITÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL.....	112
TÚ DECIDES: EXPERIENCIA DE DESARROLLO DE UN PROGRAMA DE PREVENCIÓN DE ADICCIONES DESDE LA COPRODUCCIÓN Y EL TRABAJO EN RED.....	113
TÚ DECIDES: EXPERIENCIA DE IMPLEMENTACIÓN DE UN PROGRAMA ESCOLAR DE PREVENCIÓN DE CONDUCTAS ADICTIVAS.....	114
PROGRAMA PREVENIR A VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE SUZANO.....	115
INTEGRATING PROSOCIAL AND PROENVIRONMENTAL BEHAVIOURS TO ENHANCE WELLBEING IN UNIVERSITY STUDENTS: A REVIEW.....	116
A PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO INFANTIL DURANTE O CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19.....	117
COMPORTAMENTOS SUICIDAS PARA ADOLESCENTES MENINOS: UM OLHAR NECESSÁRIO AO CONTEXTO BRASILEIRO.....	118
REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA: O USO DA POETIC INQUIRY EM INTERVENÇÕES SOBRE SAÚDE MENTAL COM JOVENS.....	119
AÇÕES DE COMBATE À LGBTFOBIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	120
ELABORAÇÃO DE MATERIAL EDUCATIVO SOBRE AS PRINCIPAIS DOENÇAS REUMATOLÓGICAS: OSTEOARTRITE, ARTRITE REUMATOIDE E FIBROMIALGIA.....	121
INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA MULTICOMPONENTE PARA A REDUÇÃO DO CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE ADOLESCENTES: ANDAMENTO DO ESTUDO PREV.ACTION.....	122
O PROGRAMA ELOS 2.0 PARA BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL I.....	123
ANÁLISE DE INDICADORES PSICOSSOCIAIS E DE RISCO EM HOMENS AUTORES DE FEMINICÍDIO POR PARCEIRO ÍNTIMO: RESULTADOS E DESAFIOS INTERDISCIPLINARES PARA A PREVENÇÃO.....	124
CONTRIBUIÇÕES DE UMA POLÍTICA PÚBLICA EM SAÚDE NA PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES GESTANTES E PUÉRPERAS.....	125
NECESSIDADE DE ADAPTAÇÕES PROCEDIMENTAIS NO GOOD BEHAVIOR GAME NO BRASIL: UMA REVISÃO NARRATIVA PARA APOIAR A ESTRATÉGIA.....	126
RELATO DE EXPERIÊNCIA: INTERVENÇÃO PARA PROMOVER A SAÚDE MENTAL DAS MULHERES RECONHECENDO E ACEITANDO SUAS VULNERABILIDADES.....	127
ACESSIBILIDADE EM SERVIÇO ESPECIALIZADO PARA IDOSOS COM PERDA AUDITIVA: BARREIRAS E FACILITADORES NA PROMOÇÃO DA SAÚDE.....	128
INTERAÇÕES SOCIAIS, DESREGULAÇÃO EMOCIONAL E HABILIDADES SOCIAIS ASSOCIADAS AO USO PROBLEMATICO DE REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES E AO CYBERBULLYING.....	129
MODELO DE GOVERNANÇA INTERINSTITUCIONAL: ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO ESTADO DO CEARÁ.....	130

TENDÊNCIA TEMPORAL DAS LESÕES AUTOPROVOCADAS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES ENTRE 2013-2022, NA REGIÃO NORDESTE.....	131
CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NO BRASIL SEGUNDO O SEXO DA VÍTIMA, A PARTIR DE DADOS DA PNS 2019.....	132
IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA VIOLÊNCIA DE ESTADO: DEMANDAS E ITINERÁRIOS DE CUIDADO EM SAÚDE.....	133
CONVIVER: GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PROTETIVA PARA CRIANÇAS, ADOLESCENTES E SUAS FAMÍLIAS.....	134
MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIAS: UM ESTUDO QUALITATIVO COM PROFISSIONAIS DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE.....	135
CIÊNCIA DA PREVENÇÃO E PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA: ESTRATÉGIAS DE INTERLOCUÇÃO E APROXIMAÇÃO INTERSETORIAL NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO.....	136
EVOLUÇÃO TEMPORAL DA MORTALIDADE POR INTERVENÇÃO DA POLÍCIA MILITAR NO BRASIL NO PERÍODO DE 2015-2022.....	137
RAÍZES RESILIENTES: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS NA TERCEIRA IDADE.....	138
AÇÕES DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM UM MUNICÍPIO DO LITORAL NORTE DE SANTA CATARINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	139
A ESCUTA SENSÍVEL DO TRAUMÁTICO VIVENCIADO POR MULHERES VÍTIMAS DE TENTATIVA DE FEMINICÍDIO ÍNTIMO: REFLEXÕES A PARTIR DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	140
O CONTEXTO DE VIOLÊNCIAS SOFRIDAS PELA POPULAÇÃO LGBTI+ ENCARCERADA NO BRASIL.....	141
A REDUÇÃO DE DANOS COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DE SAÚDE NA COMUNIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO COLETIVO NISE DA SILVEIRA.....	142
INTERVENÇÕES AMBIENTAIS DE BASE COMUNITÁRIA PARA PREVENIR O USO DE ÁLCOOL EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....	143
PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL ENTRE MÃES DE CRIANÇAS COM TEA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	144
PROGRAMA REENCONTRO: ACOLHIMENTO E PSICOEDUCAÇÃO DIANTE DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	145
O AVANÇO DO CONSERVADORISMO E O AUMENTO DA VIOLÊNCIA MORTAL CONTRA PESSOAS TRANS NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA.....	146
PARENTALIDADE POSITIVA COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA INFANTIL.....	147
VIOLÊNCIA EN EL NOVIASGO ENTRE ADOLESCENTES: CLASES LATENTES, PREDICTORES Y DIFERENCIAS DE EN FUNCIÓN DEL GÉNERO.....	148
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POTENCIAL FERRAMENTA DE EMANCIPAÇÃO PARA O PÚBLICO IDOSO.....	149
O TESTEMUNHAR NA ESCUTA DA VIOLÊNCIA DENUNCIADA POR MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA: UM RECORTE A PARTIR DE UMA PESQUISA CARTOGRÁFICA.....	150
ACESSO À SAÚDE DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: DESAFIOS À UNIVERSALIDADE E INTEGRALIDADE DO CUIDADO NO SUS.....	151
PROMOÇÃO DA SAÚDE JUNTO À POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM CENTRO POP NA ZONA DA MATA MINEIRA.....	152
PET – SAÚDE NO AMAZONAS: FORTALECENDO A RELAÇÃO ENSINO-SERVIÇO-COMUNIDADE.....	153
PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS CONTRA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UM TRABALHO EM REDE.....	154



NOTÍCIAS SOBRE FEMINICÍDIO EM ITAJAÍ: UM RECORTE SOBRE REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E EFEITOS NA PREVENÇÃO.....	155
UTILIZANDO MÚSICA EM OFICINAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL: IDENTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIAS E DISPOSITIVOS DE PROTEÇÃO.....	156



## **APRESENTAÇÃO DOS ANAIS DO IV CONGRESSO DA BRAPEP E II SEMINÁRIO DO LAPPES**

É com imensa satisfação e de mãos dadas com a coconstrução de uma sociedade para a qual a prevenção de agravos e a promoção de saúde são aspectos centrais para o desenvolvimento e para a dignidade humana, que a Associação Brasileira de Pesquisa em Prevenção e Promoção da Saúde (BRAPEP) apresenta os Anais do seu IV Congresso, associado ao II Seminário do Laboratório de Pesquisa em Prevenção, Educação e Saúde (LaPPES), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

O evento foi sediado na multicultural e intensa cidade de São Paulo, entre os dias 27 e 29 de novembro de 2024, reunindo pesquisadoras/es, profissionais, estudantes e integrantes da sociedade civil, comprometidas/os com a produção de conhecimento científico e com o fortalecimento de políticas públicas orientadas pela prevenção de agravos e pela promoção da saúde.

Nesta edição do Congresso, propusemos uma experiência imersiva e transformadora, centrada no tema da prevenção de violências e na promoção da cultura de paz em instituições e comunidades. As contribuições aqui reunidas expressam a diversidade teórica, metodológica e territorial das práticas e pesquisas desenvolvidas em diferentes regiões do Brasil e em diálogo com perspectivas internacionais. Igualmente, refletem uma atenção ampliada às dimensões macroestruturais, culturais, subjetivas e relacionais dos fenômenos sociais, reafirmando o compromisso ético e político da BRAPEP com os direitos humanos, com a justiça social e com a democracia.

As conferências, palestras e comunicações orais, que totalizaram 146 trabalhos apresentados no evento, registraram de forma ampla e articulada diversas temáticas relacionadas à promoção da saúde e à prevenção de violências, com ênfase em estratégias aplicadas no enfrentamento à violência de gênero, à violência sexual infantil e à violência escolar, utilizando oficinas com equipes da Atenção Primária à Saúde, grupos terapêuticos, práticas de defesa pessoal, jogos pedagógicos, contação de histórias, yoga e narrativas juvenis. Alguns trabalhos abordaram intervenções em escolas voltadas à infância e à adolescência, com atividades lúdicas, literárias, artísticas, oficinas de autoestima, psicologia positiva e práticas integrativas.

No que se refere à formação de profissionais e práticas de cuidado, destacaram-se ações de capacitação voltadas a educadores/as e profissionais da saúde sobre temas como Transtorno do Espectro Autista, direitos humanos, cultura de paz e detecção de violência.

A Educação e a inclusão como estratégias de promoção da saúde surgiram atreladas a projetos em escolas públicas, com foco em justiça social, inclusão racial e avaliação do desenvolvimento infantil, além da utilização de jogos para a mediação familiar sobre sexualidade.

Outros trabalhos abordaram processos avaliativos e validação de intervenções e instrumentos, com estudos sobre a adaptação cultural de instrumentos psicométricos e a avaliação de programas virtuais, com ênfase em seus desafios metodológicos.

Os trabalhos envolvendo saúde pública e políticas intersetoriais realizaram análises de políticas e programas públicos, incluindo estudos sobre desigualdades no acesso à saúde em regiões amazônicas, experiências de descentralização da gestão e críticas à adequação cultural de programas institucionais.

Após dois Congressos realizados em formato remoto, este reencontro presencial possibilitou o fortalecimento de vínculos, a renovação de pactos coletivos e a construção de alianças que ultrapassam os muros institucionais. Os Anais registram a potência dessa coletividade reunida, em diferentes formatos de apresentação e intervenção, que se orienta pela escuta, pelo diálogo e pela construção de alternativas em uma sociedade complexa e que exige respostas à altura.

Agradecemos a todas às pessoas que compartilharam seu tempo, seus saberes e experiências, compondo este mosaico de reflexões e práticas. Que este material possa servir como memória viva do evento e como instrumento de inspiração e mobilização para ações futuras.

**Márcia Helena da Silva Melo**

Presidente do IV Congresso da BRAPEP e do II Seminário do LaPPES

**Karine Wlasenko Nicolau**

Presidente da Comissão Científica

# CONFERÊNCIAS E PALESTRAS

## CURRÍCULO EUROPEU PARA A RESILIÊNCIA: AVALIAÇÃO DE IMPACTO

SANTOS, Anabela Caetano<sup>1</sup>; SIMÕES, Celeste<sup>2</sup>; LEBRE, Ana Paula<sup>3</sup>

**Introdução:** O RESCUR (Currículo Europeu para a Resiliência) é um programa universal de aprendizagem socioemocional que busca fortalecer a resiliência em ambiente escolar. Considera-se resiliência a capacidade de adaptação bem-sucedida diante da adversidade, manifestada por comportamentos acadêmicos, sociais e emocionais positivos, mesmo em contextos de risco, como pobreza, conflitos ou instabilidade familiar. A escola desempenha papel essencial na promoção da resiliência e inclusão de crianças vulneráveis, sendo o professor figura central na implementação de programas baseados em evidências. Em Portugal, aproximadamente 500 professores e 100 técnicos especializados já foram formados para aplicar o RESCUR, demonstrando elevado nível de satisfação. O projeto RESCUR em Ação (REA), realizado entre 2017-2018, teve como propósito implementar e avaliar o impacto do currículo no país. **Método:** No âmbito do REA, 120 professores receberam formação e supervisão, e 1692 crianças, de 3 a 17 anos (M=7,59; DP=2,67), participaram das sessões do RESCUR. A avaliação ocorreu em três momentos (T1, T2, T3). Para os alunos, utilizaram-se SDQ, Kidscreen, CYRM e listas de verificação de competências; para os professores, SDQ e listas de verificação. Formaram-se dois grupos: Grupo de Intervenção (GI), com cerca de 30 sessões, e Grupo de Espera (GE), que iniciou a intervenção após T2 e realizou cerca de 15 sessões. **Resultados:** No T2, segundo os alunos, o GE apresentou aumento de desatenção e sintomas emocionais, além de queda na resiliência percebida. No T3, não houve diferenças entre grupos no SDQ. No entanto, o GI apresentou valores superiores no CYRM e no Kidscreen, enquanto o GE melhorou apenas neste último. Nas listas de verificação, o GI relatou avanços em autodeterminação e capacidade de transformar desafios em oportunidades. Na avaliação dos professores, no T2, o GI apresentou melhora significativa em todas as dimensões do SDQ, enquanto o GE manteve ou piorou alguns indicadores. No T3, ambos apresentaram resultados semelhantes, indicando que o programa é promissor independentemente do número de sessões. **Discussão:** O estudo reforça o potencial do RESCUR como ferramenta de promoção da aprendizagem socioemocional e fortalecimento da resiliência, especialmente quando implementado de forma sistemática e supervisionada.

**Palavras-chave:** Resiliência; Aprendizagem socioemocional; RESCUR.

**Financiamento:** Projeto Financiado por Ciência Viva – Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica (ref.238).

<sup>1</sup> Anabela Caetano Santos. E-mail: [anabela\\_caetano\\_santos@iscte-iul.pt](mailto:anabela_caetano_santos@iscte-iul.pt) Instituto Universitário de Lisboa. Aventura Social.

<sup>2</sup> Celeste Simões. E-mail: [csimoes@fmh.ulisboa.pt](mailto:csimoes@fmh.ulisboa.pt) Universidade de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. Aventura Social.

<sup>3</sup> Ana Paula Lebre. E-mail: [pmelo@fmh.ulisboa.pt](mailto:pmelo@fmh.ulisboa.pt) Universidade de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. Aventura Social.

## ENFRENTANDO A AUTOLESÃO: INTERVENÇÃO PARA MÃES E PAIS DE ADOLESCENTES QUE SE AUTOLESIONAM

MARIN, Angela Helena<sup>1</sup>

**Introdução:** A autolesão não-suicida é desafiadora a mães e pais de adolescentes, que relatam tristeza e culpa após a descoberta do comportamento, bem como falta de conhecimento e habilidades para prover suporte emocional a suas/seus filhas/os. Nesse sentido, foi desenvolvida uma proposta de intervenção psicoeducativa online para mães e pais de adolescentes que apresentaram comportamentos autolesivos sem intenção suicida nos últimos três anos, a qual foi avaliada quanto ao seu processo e resultados. **Método:** A intervenção, nomeada de “Enfrentando a autolesão: orientações para mães e pais de adolescentes”, foi desenvolvida com apoio do Guia para Descrição e Replicação de Intervenções (TIDieR). Houve a adesão de 16 mães e quatro pais com idades entre 26 e 58 anos. Para avaliação do processo, os participantes responderam ao Questionário de Avaliação do Processo da Intervenção e ao Questionário de Avaliação Geral da Intervenção. Já para avaliação dos resultados, preencheram ao Questionário de Dados Sociodemográficos da Família, Questionário para Cuidadores sobre Autolesão em Adolescentes, Escala de Dificuldades de Regulação Emocional (DERS) e Clinical Outcome and Routine Evaluation (SCORE-15). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de vinculação. **Resultados:** A intervenção foi organizada em quatro módulos (psicoeducação, emoções e validação emocional, suporte familiar e tratamento) fundamentados em evidências para a conceitualização sobre o sofrimento dos cuidadores de adolescentes com autolesão e fatores de risco e proteção associados, que foram avaliados por profissionais e ajustados conforme suas recomendações. Sua divulgação foi feita por meio de página web ([www.enfrentandoalns.com.br](http://www.enfrentandoalns.com.br)). A plataforma Moodle e o aplicativo WhatsApp foram escolhidos para disponibilizá-la ao público-alvo. Os resultados relativos ao processo foram favoráveis, pois os critérios examinados, relativos à organização, conteúdo, alcance dos objetivos e aplicabilidade à família, alcançaram o valor mínimo de aprovação (IVC  $\geq$  80%). As mães e os pais indicaram que a intervenção validou seus conhecimentos e lhes proporcionou amparo para lidar com angústias e inseguranças relacionadas aos comportamentos. Quanto aos resultados, constatou-se que houve melhoria na pontuação geral do funcionamento familiar ( $p \leq 0,05$ ;  $rpb = 0,51$ ), assim como nos fatores dificuldades ( $p \leq 0,05$ ;  $rpb = 0,55$ ) e recursos familiares ( $p \leq 0,05$ ;  $rpb = 0,48$ ), dados apoiados pelos relatos de redução nas sensações de insegurança de mães e pais associadas ao manejo da autolesão de seus filhos/as. **Discussão:** Em conjunto, os dados apontam a intervenção como um recurso viável para apoiar mães e pais de adolescentes com comportamentos autolesivos, promovendo melhorias na interação e no funcionamento familiar. Etapa Atual da Pesquisa: Foram realizados os ajustes indicados pelos participantes e observados pela equipe de pesquisa e a intervenção foi encaminhada para ser formatada e disponibilizada na plataforma Lúmina da UFRGS.

**Palavras-chave:** Autolesão; Intervenção baseada em internet; Educação parental.

**Financiamento:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>1</sup> Angela Helena Marin. E-mail: [marin.angelah@gmail.com](mailto:marin.angelah@gmail.com). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSICO UFRGS). Núcleo de Estudos em Famílias e Instituições Educativas e Sociais (NEFIES).

## EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E PREVENÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO OBSERVATÓRIO DE DIREITOS HUMANOS EM ESCOLAS

RUOTTI, Caren<sup>1</sup>

---

**Introdução:** O trabalho a ser apresentado objetiva dialogar sobre a potencialidade de uma educação em direitos humanos para prevenção às violências em âmbito escolar, para tanto terá como base a experiência do Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE), uma iniciativa do Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP), desenvolvido em escolas públicas de São Paulo, desde 2017, que conjuga intervenção com avaliação formativa. **Método:** trata-se de um Projeto de Educação em Direitos Humanos, que adota como metodologia central a construção de Observatórios de Direitos Humanos em escolas, entendidos como espaços colaborativos de monitoramento, controle e implementação de direitos humanos, que tem como base o olhar e a reflexão dos próprios participantes. Para tanto, utiliza práticas dialógicas e participativas, com destaque para as distintas linguagens artísticas (música, dança, teatro, literatura e artes visuais) e educacionais. **Resultados:** O Projeto tem proporcionado maior entendimento dos educandos sobre o que são direitos humanos, auxiliado no seu engajamento em processos de monitoramento de direitos e transformação do cotidiano escolar, bem como favorecido a construção de relações respeitadas e não violentas. Etapa Atual da Pesquisa: O projeto vem sendo desenvolvido em três escolas públicas de São Paulo, conjugando ações de formação junto a docentes das escolas parceiras e oficinas de direitos humanos junto aos educandos. A intervenção vem sendo acompanhada de avaliação de processo e resultados, por meio de metodologias qualitativas e quantitativas. **Discussão:** as situações de múltiplas violências que atravessam o ambiente escolar exigem ações educativas capazes de transformar as escolas em espaços de cidadania ativa, onde todos os sujeitos sejam reconhecidos como sujeitos de direitos e participem ativamente no fortalecimento de uma cultura de respeito à dignidade humana a partir de suas relações cotidianas.

**Palavras-chave:** Direitos Humanos; Prevenção, Violência.

**Financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa e Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (FAPESP).

---

<sup>1</sup> Caren Ruotti. E-mail: [cauruotti@usp.br](mailto:cauruotti@usp.br)  
Universidade de São Paulo (USP). Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP).

## EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS DA ADAPTAÇÃO CULTURAL DO SISTEMA PREVENTIVO “COMUNIDADES QUE CUIDAM” AO BRASIL

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro<sup>1</sup>; FRANZOLOSO, Tallita; THUROW, Charlene Fernanda; GOMES, Guilherme; FURINI, Veronica; GUIDI, Carolina; CORREA, Arthur; NOTO, Ana Regina; BROWN, Eric

**Introdução:** A adaptação cultural é um processo dinâmico e sistemático que visa ajustar o protocolo de um programa ou sistema a uma nova população-alvo, exigindo mudanças linguísticas, contextuais e procedimentais. Ainda assim, é fundamental preservar a equivalência com a versão original, garantindo aceitabilidade, adesão e eficácia. Muitas vezes, há uma tensão entre o modelo lógico do programa e as demandas do novo contexto, o que demanda equilíbrio entre fidelidade e adaptação. Partir de um sistema previamente testado representa uma vantagem em relação ao desenvolvimento de novas ações preventivas. Sistemas preventivos possuem escopo mais amplo que programas isolados, pois envolvem a comunidade como protagonista e articulam múltiplos componentes de acordo com os dados e valores locais. **Método:** O Communities That Care (CTC), um dos sistemas preventivos mais utilizados globalmente, já foi implementado em mais de seiscentas comunidades nos EUA e em 34 países, incluindo Chile, Colômbia, México e Brasil. No Brasil, sua versão adaptada, o *Comunidades que Cuidam* (CQC), teve um projeto-piloto realizado entre novembro de 2020 e maio de 2023, em duas comunidades: Florianópolis e São Paulo. Esse processo ocorreu em colaboração com o *Prevention Education and Research in Latin America Group* (PERLA), da University of Miami. Um segundo estudo, iniciado em agosto de 2023 com financiamento da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), ampliou a implementação para Florianópolis, São Paulo, Brasília e Recife. As pesquisas utilizaram métodos mistos, integrando dados quantitativos e qualitativos para conduzir as cinco fases do sistema e avaliar o progresso da adaptação cultural. **Resultados:** Os estudos permitiram aplicar seis instrumentos e processos previstos pelo CQC, identificar necessidades específicas das comunidades brasileiras e ajustar elementos linguísticos, procedimentais e organizacionais do sistema. Os achados indicam boa recepção comunitária, avanços na compreensão dos fatores de risco e proteção e fortalecimento da articulação intersetorial. **Discussão/Conclusões:** Serão discutidos os desafios enfrentados no processo de adaptação cultural, como divergências contextuais, disponibilidade de recursos e engajamento comunitário, assim como os resultados alcançados até o momento. A experiência brasileira dialoga com outras iniciativas latino-americanas e contribui para reflexões sobre a implementação de sistemas preventivos baseados em evidências e seu impacto na formulação de políticas públicas na região.

**Palavras-chave:** Sistema de prevenção; Comunidades que Cuidam; Adaptação cultural.

**Financiamento:** Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Fundação de Amparo à Pesquisa de Santa Catarina (FAPESC); Associação de Comércio de Indústria de Florianópolis (ACIF).

<sup>1</sup> Daniela Ribeiro Schneider *et al.* E-mail: [psiclin@contato.ufsc.br](mailto:psiclin@contato.ufsc.br) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Instituto de Educação Permanente (IEP). Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN).

## SISTEMA DE PREVENÇÃO DE BASE COMUNITÁRIA PARA FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro<sup>1</sup>; THUROW, Charlene Fernanda<sup>2</sup>; FRANZOLOSO, Tallita<sup>3</sup>

**Introdução:** Comunidade pode ser compreendida como um território compartilhado cujos membros dividem condições básicas de vida, interesses comuns e laços de sociabilidade. O pertencimento, a identidade coletiva e o suporte mútuo, construídos por meio da participação em atividades sociais, culturais e econômicas, sustentam o sentimento de comunidade e o apego ao lugar. A partir das décadas de 1960-70, com a medicina preventiva de base comunitária, as comunidades passaram a ocupar posição central nas intervenções psicossociais no campo da saúde. **Método:** Sistemas preventivos articulam múltiplos componentes e ações, combinando levantamento de necessidades, planejamento, intervenções e avaliações em diferentes níveis sociais (comunidade, escola, família, indivíduos). Essa abordagem integra estratégias e programas preventivos orientados por desfechos delineados pelas necessidades locais. Um elemento central é a colaboração comunitária, que envolve trabalho em redes e compartilhamento de recursos entre lideranças. **Resultados:** O *Comunidades que Cuidam* (CQC) é um dos sistemas de prevenção mais difundidos no mundo, implementado e testado em mais de 500 comunidades nos EUA e em mais de 34 países, entre eles Chile, Colômbia, México e Brasil. Estruturado em cinco fases, sua teoria da mudança inclui: a) Colaboração comunitária: articulação entre lideranças e formação de uma coalizão responsável por pilotar as ações; b) Prontidão comunitária: disponibilidade dos membros em apoiar iniciativas preventivas e adotar programas direcionados às necessidades locais; c) Uso da ciência da prevenção: elaboração de plano preventivo baseado em dados epidemiológicos produzidos pela coalizão com a juventude local; d) Implementação e avaliação: execução de estratégias e programas baseados em evidências, monitoramento e avaliação contínua. **Discussão/Conclusões:** Sistemas como o CQC oferecem base sólida para o desenvolvimento de políticas públicas preventivas abrangentes, participativas e territorialmente ancoradas. A proposta do curso é utilizar metodologias dialógicas e participativas, articulando as experiências dos participantes em atividades comunitárias ao compartilhamento da experiência-piloto de adaptação cultural do CQC no Brasil. Busca-se difundir conhecimentos sobre prevenção comunitária, suas potencialidades e desafios, estimulando pesquisadoras e pesquisadores brasileiros a aprofundar práticas e políticas públicas orientadas por essa perspectiva.

**Palavras-chave:** Sistema de prevenção; Comunidades que Cuidam; Políticas públicas.

**Financiamento:** Fapesc; CNPq; Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD); Associação de Comércio de Indústria de Florianópolis (ACIF).

<sup>1</sup> Daniela Ribeiro Schneider. E-mail: [psiclin@contato.ufsc.br](mailto:psiclin@contato.ufsc.br) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Instituto de Educação Permanente (IEP). Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN).

<sup>2</sup> Charlene Fernanda Thurow. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Instituto de Educação Permanente (IEP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN).

<sup>3</sup> Tallita Franzoloso. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Instituto de Educação Permanente (IEP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN).



## ASPECTOS GEOPOLÍTICOS E SOCIAIS DA VIOLÊNCIA NOS MEIOS DIGITAIS

FAUSTINO, Deivison<sup>1</sup>

---

Quais são os impactos das tecnologias em nossa sociedade? Que consequências enfrentamos com a concentração das principais ferramentas tecnológicas que regem a vida de milhões de pessoas no domínio de um punhado de empresas estadunidenses? De que maneira é possível relacionar algoritmos a racismo, misoginia e outras formas de violência e opressão? O tempo presente, marcado por vertiginosos avanços tecnológico-digitaes, é, também, paradoxalmente, o momento que experimentamos uma distopia real: um cenário *cyberpunk* onde as mais altas tecnologias (*high-tech*) convivem e, até propiciam, as mais baixas condições de vida (*low life*). Uma vida cada vez mais acelerada, mecanizada e vazia. Ao mesmo tempo, dados informacionais, extraídos com ou sem consentimento de usuários comuns em todo o globo terrestre, são vendidos, armazenados e/ou processados por supercomputadores em algum país do norte global, enquanto o resto do mundo é reduzido à fornecedor de dados e consumidor de tecnologia produzida em países ricos. O 'velho' capitalismo foi e continua sendo irremediavelmente permeado pelo racismo, pelo sexismo, pela transfobia, pelo antropocentrismo especista etc. Neste cenário, a velha racialização colonial, que marca a atual reprodução social, condiciona a emergência do chamado racismo algorítmico, fenômeno que, como veremos, influi tanto sobre a divisão social do trabalho e do acesso às tecnologias disponíveis quanto sobre os desenhos tecnológicos e sua capacidade de promoção de vida ou de morte. Nesta comunicação discuto a base sociotécnica da violência nos meios digital, refletindo sobre os seus efeitos subjetivos.

**Palavras-chave:** Colonialismo digital; Bolha algorítmica; Violência.

**Financiamento:** -

---

<sup>1</sup> Deivison Faustino. E-mail: [deivison.faustino@usp.br](mailto:deivison.faustino@usp.br) Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Saúde Pública.



## CONSIDERAR O SENTIMENTO DE INCLUSÃO E DE BEM-ESTAR ESTUDANTIL NO ENSINO SUPERIOR PARA FORTALECER A TOMADA DE DECISÕES INSTITUCIONAIS

DOUTRELOUX, Emilie<sup>1</sup>

---

Embora os termos tenham evoluído ao longo dos anos, o interesse pelas questões de equidade e inclusão na educação não é novo. A implantação de políticas e práticas que promovem a inclusão no ensino superior emana tanto de grandes diretrizes internacionais como de exigências governamentais, mas é sobretudo resposta às décadas de exclusão e marginalização de pessoas pertencentes a grupos em busca de equidade pelas próprias universidades. Esta pesquisa tem como foco a experiência universitária dos estudantes. Ela reúne as noções de bem-estar e inclusão e defende que o ponto de vista do aluno seja levado em consideração nos processos de tomada de decisão institucional. Os seus objetivos são: 1) avaliar os sentimentos de inclusão e equidade dos estudantes e 2) propor caminhos para integrar a voz dos estudantes na tomada de decisões universitárias. Para levar em conta o ponto de vista situado dos alunos, utilizamos uma metodologia interpretativa e crítica que se manifesta pelo desejo de compreender a realidade dos principais sujeitos a partir dos significados que eles próprios lhe atribuem. Um questionário online, hospedado na plataforma *Lime Survey*, foi utilizado para contatar todos os alunos da Universidade Laval no primeiro semestre de 2023. Ele explora variáveis sociodemográficas, de inclusão e sociais, equidade e discriminação por meio de perguntas abertas e fechadas. O método de análise de dados adotado nesta pesquisa é misto. Os dados quantitativos foram processados no software SPSS (versão 27): foram geradas estatísticas descritivas e realizadas correlações para descrever as características sociodemográficas das e dos participantes e analisar os vínculos existentes entre a experiência estudantil em termos de inclusão e equidade e o perfil sociodemográfico das entrevistadas e dos entrevistados. Os dados qualitativos foram estudados utilizando estratégias de análise temática aberta e análise temática fechada. Os resultados da pesquisa permitem identificar obstáculos que dificultam a plena participação dos alunos, o seu sucesso e o seu pleno desenvolvimento, como sentimentos de exclusão e invisibilidade e promoção da cultura de excelência. A comunicação permitirá ao público discutir caminhos de ação identificados na literatura científica para levar sistematicamente em conta o ponto de vista do aluno na tomada de decisões institucionais.

**Palavras-chave:** Violência escolar; Justiça social; Política pública.

**Financiamento:** Projeto de pesquisa financiado pela Cátedra CLEEDI.

---

<sup>1</sup> Emilie Doutreloux. E-mail: [emilie.doutreloux@fse.ulaval.ca](mailto:emilie.doutreloux@fse.ulaval.ca) Université Laval. Quebec, Canada.

## THE SOCIETY FOR PREVENTION RESEARCH: UPDATING STANDARDS OF KNOWLEDGE FOR PREVENTION SCIENCE

BROWN, Eric Christopher<sup>1</sup>

---

In 2011, the Society for Prevention Research (SPR), an international professional association based in the United States, published *The Standards of Knowledge for the Science of Prevention*. As stated on the website, the SPR Board of Directors appointed a task force as part of its strategic plan “to define prevention science and the type of research that falls within this definition, as well as prepare a document that begins to outline specific training needs for new prevention researchers.” The document presented three key competencies and assumptions for broad domains of prevention science. Over the past decade, prevention science has advanced in several areas, including statistical methodologies, dissemination and implementation science, health disparities and equity, and biological mechanisms. SPR has supported initiatives producing publications relevant to training future prevention scientists. In 2021, the SPR Board approved a second task force, the Standards of Knowledge Update Task Force, charged with: (1) systematically reviewing and recommending updates to the original document and (2) developing a dissemination plan. Roundtable discussions have been held at US and European prevention conferences to share the proposed approach. An in-person presentation at the 2024 Brapep Conference is proposed to extend the international perspective. The task force is using rapid qualitative analysis. First, priority data sources were identified. Second, themes were deductively extracted. Third, themes and suggested revisions are being summarized. Fourth, writing teams are using themes to guide section revisions. Data sources include task force meeting and conference notes, interviews with prevention researchers, focus groups with practitioners, a prevention science literature review, and a review of prevention science syllabi. Results to date include 20 researcher interviews, five focus groups with 15 practitioners, a restricted literature review, and assessment of 18 syllabi. Emerging themes include refined definitions and core elements of prevention science and clearer articulation of the roles of epidemiology, program development, implementation, research methods, and health equity. These themes are being validated across sources. A draft of the updated standards is expected by the time of the Brapep Conference. Next steps include: (1) gathering information (in progress): reviewing resources since 2011, interviews, focus groups, and roundtables; (2) updating standards (in progress): drafting revisions in working groups; (3) gathering final feedback (summer–fall 2024); and (4) dissemination (fall 2024): preparing supporting materials, submitting the manuscript to *Prevention Science*, and identifying additional dissemination outlets.

**Palavras-chave:** Prevention science; Standards; Training.

**Financiamento:** -.

---

<sup>1</sup> Eric Christopher Brown. E-mail: [ecb41@miami.edu](mailto:ecb41@miami.edu) University of Miami (UM). Miller School of Medicine. Department of Public Health Sciences. Division of Prevention Science and Community Health. EUA.

## ATUALIDADES NA PREVENÇÃO À AIDS E DESAFIOS NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

MESQUITA, Fábio<sup>1</sup>

---

A Epidemia de HIV/AIDS tem 43 anos e seguimos desenvolvendo mecanismos de prevenção constantemente. Apesar dos esforços não há previsão de que atingiremos as metas do Desenvolvimento Sustentável até 2030. Esta apresentação tem por objetivo disseminar todas as metodologias em curso no Brasil e no mundo para a prevenção combinada do HIV/AIDS, ademais de informar a audiência do evento sobre as inovações em curso, que terão em breve um enorme impacto na forma com que poderemos prevenir a transmissão do HIV. A apresentação é baseada nos últimos dois Congressos da International AIDS Society (2024) em Munich e em Lima, dos quais estive envolvido.

**Palavras-chave:** Prevenção do HIV; Prevenção combinada; Inovações em prevenção do HIV.

**Financiamento:** -.

---

<sup>1</sup> Fábio Caldas de Mesquita. Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

## MULHERES ADOLESCENTES PRIVADAS DE LIBERDADE E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA

REYES-ORMENO, Gabriela<sup>1</sup>

O aumento do número de jovens em situação de encarceramento e as influências de seus contextos familiares e escolares configuram importantes fatores de risco. Identificar dificuldades presentes no processo educacional pode ajudar a compreender essa problemática. Este trabalho teve como objetivo descrever as vivências escolares de mulheres adolescentes privadas de liberdade. Participaram três mulheres, com média de 20 anos, todas com passagem pelo sistema socioeducativo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada por meio de um grupo focal no complexo penitenciário feminino de Piraquara (PR), abordando temas como família e escola. O encontro ocorreu em sala organizada com um varal de imagens representando momentos escolares, festas, alimentação, brincadeiras, letras e números. A dinâmica consistiu em solicitar que as participantes escolhessem fotografias que evocassem lembranças da trajetória escolar; depois, cada uma apresentou e descreveu sua escolha. Resultados: P1 selecionou uma foto de formatura da educação infantil, remetendo à sua própria formatura, quando se sentia feia e sofria bullying por ser magra e gostar de atividades consideradas “de menino”. Recordou ainda uma funcionária da limpeza que conversava com ela. P2 escolheu uma imagem de roda com professora, remetendo ao período em que viveu em abrigo e foi adotada aos sete anos. Apesar de poucas lembranças escolares, destaca afeto pela educadora do abrigo e pelas educadoras do socioeducativo. Fez o Enem em 2022 dentro da instituição, frequentando a EJA no socioeducativo e na penitenciária. P3 escolheu duas fotos, uma criança sorrindo e o alfabeto, que não lhe evocaram a escola, mas sim o apagamento de memórias positivas, restando o abuso sexual cometido pelo pai. Mudou-se para a França aos sete anos, foi alfabetizada em francês e estudou até o equivalente ao nono ano, relatando ter sofrido xenofobia por ser brasileira. As experiências revelam vivências marcadas por violência escolar, bullying, xenofobia e maus-tratos. Considerando que frequentaram o ambiente escolar por, no máximo, dez anos, é preocupante notar o reduzido número de lembranças positivas, indicando ausência de pertencimento e possível impacto negativo no interesse e no processo de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Violência escolar; Privação de liberdade; Escola.

**Financiamento:** Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Paraná de Ellen Ferreira, com financiamento da CAPES.

---

<sup>1</sup> Gabriela Reyes Ormeno. E-mail: [gabrielareyes@ufpr.br](mailto:gabrielareyes@ufpr.br) Universidade Federal do Paraná (UFPR). Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE UFPR).

## PROGRAMAS DE PREVENÇÃO DO SUICÍDIO BASEADOS NA LOGOTERAPIA: UM PANORAMA MUNDIAL

CECCHIN, Hareli Fernanda Garcia<sup>1</sup>; PATRICIO, Ana Clara de Andrade<sup>2</sup>; AQUINO, Thiago Antônio Avelar de<sup>3</sup>

A Logoterapia e Análise Existencial (LAE), formulada por Viktor Frankl, é uma teoria psicoterapêutica que tem encontrado aplicação além do contexto clínico individual, abordando questões como a promoção do sentido da vida e prevenção do vazio existencial. O estudo teve como objetivo descrever e analisar o grau de aprofundamento teórico e metodológico de intervenções que usam a LAE para a promoção do sentido da vida, a prevenção do vazio existencial, a prevenção do suicídio ou a redução de sintomas depressivos. Método: Realizou-se uma revisão de escopo, abrangendo literatura relevante sem restrições de desenho de estudo. As buscas foram efetuadas nas bases de dados Pubmed e SciELO, utilizando-se critérios de inclusão precisos para selecionar artigos que discutissem a aplicação da LAE em intervenções específicas. Não foram aplicados limites de tempo e de idioma nas buscas. Foi realizada consultas a especialistas por meio de envio de e-mails e mensagens em grupos de Logoterapia no Facebook. Resultados: A base documental do estudo foi composta por 12 estudos, publicados entre os anos de 2008 e 2021, em seis países (Brasil, Canadá, Coreia do Sul, Estados Unidos da América, Irã e Taiwan). Os estudos variaram significativamente em termos de desfechos e público-alvo. No entanto, refletem a utilização dos valores atitudinais, experienciais e criativos da LAE. Os resultados indicaram que, embora haja um aprofundamento teórico satisfatório nas intervenções baseadas em LAE, muitos estudos carecem de rigor metodológico experimental. Etapa atual da pesquisa: A pesquisa está concluída, com análises focadas em avaliar a eficácia e aplicabilidade das intervenções em contextos diversificados. A falta de estudos de longo prazo e de envolvimento das partes interessadas são lacunas identificadas que precisam ser abordadas em trabalhos futuros. Discussão: Os achados sugerem que há um modesto número de estudos, mas um corpo crescente de pesquisas identificando estratégias eficazes de prevenção de suicídio e desfechos correlatos baseadas na LAE. Os estudos são recentes e estão distribuídos em vários países. Esta revisão contribui para a literatura ao destacar a necessidade de intervenções mais rigorosas e metodologicamente robustas utilizando a LAE. Sugere-se uma maior padronização nas técnicas de intervenção e critérios de avaliação para melhorar a aplicabilidade e eficácia das práticas baseadas na LAE, além de incentivar a inclusão das partes interessadas no desenho e implementação das intervenções.

**Palavras-chave:** Logoterapia; Prevenção; Suicídio.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Hareli Fernanda Garcia Cecchin. E-mail: [hareli@uft.edu.br](mailto:hareli@uft.edu.br) Universidade Federal do Tocantins (UFT). Palmas, Tocantins, Brasil.

<sup>2</sup> Ana Clara de Andrade Patricio. E-mail: [anaclara.apatricio@gmail.com](mailto:anaclara.apatricio@gmail.com) Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, Paraíba, Brasil.

<sup>3</sup> Thiago Antônio Avelar de Aquino. E-mail: [thiagoaquino19.ta@gmail.com](mailto:thiagoaquino19.ta@gmail.com) João Pessoa, Paraíba, Brasil.

## ESTIGMA, DISCRIMINACIÓN EN LAS FAMILIAS CON USO DE SUSTANCIAS EN MÉXICO. UNA APROXIMACIÓN BASADA EN LA INTERSECCIONALIDAD

MORA-RÍOS, Jazmín<sup>1</sup>; TIBURCIO-SAINZ, Marcela<sup>2</sup>

---

**Introducción:** El abuso de sustancias genera una gran carga de discapacidad a nivel global que recae principalmente en las personas que las consumen y en sus familias. En la Ciudad de México se llevó a cabo un amplio estudio cuyo interés era indagar acerca de las experiencias de estigma y discriminación de la enfermedad mental y uso de sustancias desde la perspectiva del personal sanitario, de los usuarios de sustancias, familiares y en la población general. El objetivo de este trabajo cualitativo es explorar, a través de un abordaje cualitativo la experiencia de estigma y discriminación de diecinueve consumidores de alcohol y drogas y familiares, quienes se encontraban en tratamiento ambulatorio en centros de atención especializada. **Método:** A través de entrevistas semiestructuradas y utilizando un análisis temático identificamos tres categorías centrales: antecedentes de abuso y eventos adversos, implicaciones del consumo en la familia y recursos para hacer frente al estigma y la discriminación. El estudio fue aprobado por un comité de ética institucional. **Resultados:** Alrededor de la mitad de los consumidores entrevistados tenían un trastorno dual y se identificaron antecedentes de abuso sexual y maltrato en las familias de origen. Los familiares reportaron experiencias de discriminación principalmente en la familia extensa y en el personal sanitario. Las prácticas discriminatorias más comunes fueron las críticas, comentarios negativos, burlas, sobreprotección y miradas hostiles entre otras acciones. Las narrativas proporcionan evidencia de diversas condiciones de desigualdad social y de género, así como de experiencias de violencia y abuso, que remiten a un contexto estructural de discriminación en torno al consumo de sustancias y que obstaculizan la atención. **Etapas actuales de la investigación:** análisis y divulgación de los resultados. **Discusión:** Al final analizamos la importancia de adoptar una perspectiva basada en la interseccionalidad lo que ayudaría a guiar futuras intervenciones y apoyar el desarrollo de políticas públicas orientadas a las familias.

**Palavras-chave:** Familia, Uso de sustancias, Estigma y discriminación.

**Financiamento:** -.

---

<sup>1</sup> Jazmín Mora Ríos. E-mail: [morarj@inprf.gob.mx](mailto:morarj@inprf.gob.mx) Instituto Nacional de Psiquiatría Ramón de la Fuente Muñiz, Dirección de Investigaciones Epidemiológicas y Sociales.

<sup>2</sup> Marcela Tiburcio Sainz. E-mail: [tibsam@inprf.gob.mx](mailto:tibsam@inprf.gob.mx) Instituto Nacional de Psiquiatría Ramón de la Fuente Muñiz, Jefa de Departamento de Ciencias Sociales en Salud.

## ESTIGMA COMO BARRERA PARA LA PREVENCIÓN Y ABORDAJE DE LAS ADICCIONES

RÍOS, Jazmín Mora<sup>1</sup>; RONZANI, Telmo Mota<sup>2</sup>; SAINZ, Marcela Alejandra Tiburcio<sup>3</sup>; VILLANUEVA-BLASCO, Victor José<sup>4</sup>

---

### PONENTES Y TÍTULO DE PONENCIAS:

1. Estigma, discriminación y uso de sustancias. Una aproximación basada en la intersectorialidad. Jazmín Mora Ríos. Instituto Nacional de Psiquiatría Ramón de la Fuente Muñiz (México);
2. O estigma como barreira para a prevenção seletiva na área de álcool e outras drogas. Telmo Mota Ronzani. Vice-Reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (Brasil);
3. Estigma hacia las mujeres que consumen alcohol en una comunidad rural indígena del centro de México. Marcela Alejandra Tiburcio Sainz. Instituto Nacional de Psiquiatría Ramón de la Fuente Muñiz (México);
4. Estigma y enmascaramiento diagnóstico en personas con trastorno mental y adicción a sustancias. Víctor José Villanueva-Blasco. Universidad Internacional de Valencia – VIU (España).

**Palavras-chave:** Estigma; Prevención; Adicciones.

**Financiamento:** -.

---

<sup>1</sup> Jazmín Mora Ríos, Instituto Nacional de Psiquiatría Ramón de la Fuente Muñiz (México)

<sup>2</sup> Telmo Mota Ronzani, Vice-Reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (Brasil)

<sup>3</sup> Marcela Alejandra Tiburcio Sainz, Instituto Nacional de Psiquiatría Ramón de la Fuente Muñiz (México)

<sup>4</sup> Víctor José Villanueva-Blasco, Universidad Internacional de Valencia – VIU (España)

## PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA ESCOLAR: INTEGRANDO TEORIA, PESQUISA, PROGRAMAS E A PROMOÇÃO DA JUSTIÇA SOCIAL

DA CUNHA, Josafá<sup>1</sup>

**Introdução:** A violência escolar é um fenômeno complexo que impacta de forma desigual estudantes de contextos marginalizados, refletindo desigualdades estruturais e comprometendo a construção de ambientes educativos seguros e inclusivos. A prevenção exige abordagens integradas a uma perspectiva de justiça social, garantindo que políticas e práticas sejam equitativas e sensíveis às necessidades de todos os estudantes. Este trabalho apresenta o percurso entre a revisão das evidências sobre violência escolar e a coprodução de políticas públicas, com foco no desenvolvimento da Política Nacional de Proteção ao Ambiente Escolar no Brasil. **Método:** Realizou-se uma revisão rápida de revisões sistemáticas, seguindo PRISMA, sintetizando evidências sobre prevalência, fatores associados e programas de prevenção e resposta à violência escolar. O propósito foi mapear o estado atual do conhecimento, identificar lacunas e subsidiar a formulação de uma política nacional. Paralelamente, apresentamos um estudo de caso sobre o uso de evidências na formulação de políticas públicas, conduzido por meio de um modelo participativo envolvendo pesquisadores, formuladores de políticas e membros da comunidade escolar, buscando construir políticas contextualizadas e inclusivas. **Resultados:** A revisão identificou quatro achados principais: (1) Existe um número crescente de intervenções escolares eficazes na redução da violência e na melhoria das relações, mas muitas carecem de adaptações culturalmente sensíveis a grupos marginalizados; (2) Há escassez de estudos que considerem fatores interseccionais (raça, etnia, gênero e condição socioeconômica), que moldam as experiências de violência e o acesso à proteção; (3) Políticas e programas frequentemente negligenciam as perspectivas de comunidades marginalizadas, fundamentais para enfrentar barreiras sistêmicas; (4) O êxito de iniciativas de prevenção está fortemente relacionado a mecanismos de coprodução que integrem pesquisa, política e prática, favorecendo intervenções adaptativas e relevantes ao contexto. **Discussão:** Os achados reforçam a necessidade de alinhar a prevenção da violência escolar à promoção da justiça social, superando modelos generalistas e reconhecendo a pluralidade de trajetórias e vulnerabilidades. O processo de coprodução, exemplificado no desenvolvimento da política nacional, evidencia o potencial da colaboração entre pesquisadores, profissionais e gestores para construir respostas mais responsivas, sustentáveis e comprometidas com equidade e convivência escolar.

**Palavras-chave:** Violência escolar; Justiça social; Política pública.

**Financiamento:** Este trabalho foi apoiado pelo projeto “Desenvolvimento de estudos e pesquisas para aprimorar capacidades institucionais de órgãos públicos na gestão de políticas públicas,” conduzido pela Coordenação-Geral de Avaliação e Organização de Evidências, com financiamento do Ministério da Educação e TED nº 01/2021 (ENAP e UnB), além do apoio do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX) da CAPES ao Programa de Pós-Graduação em Educação na UFPR.

<sup>1</sup> Josafá da Cunha. E-mail: [josafas@ufpr.br](mailto:josafas@ufpr.br) Universidade Federal do Paraná (UFPR). Laboratório Interagir. Curitiba, PR, Brasil

## APRENDIZAJES DE LA IMPLEMENTACIÓN DEL SISTEMA PREVENTIVO COMUNIDADES QUE SE CUIDAN EN COLOMBIA

MEJÍA-TRUJILLO, Juliana<sup>1</sup>

---

**Introducción:** Comunidades Que se Cuidan (CQC) es un sistema de prevención adaptado de Communities That Care de la Universidad de Washington. En Colombia, la Corporación Nuevos Rumbos lo implementa desde el año 2012 de manera escalonada. En este panel se contará la experiencia de 12 años de implementación en Colombia y sus ajustes al sistema original (Communities That Care).

**Desarrollo:** Con el apoyo inicial de la Organización Panamericana de la Salud y del Ministerio de Salud de Colombia, se realizó el pilotaje en dos municipios; posteriormente, con recursos propios y de otras entidades del país, se ha venido implementando el sistema, a la fecha, en 16 municipios; así como la aplicación de la encuesta a más de 100.000 estudiantes de secundaria de distintas regiones de Colombia, para conseguir la validación en distintas poblaciones. Resultados: Las principales adaptaciones estuvieron relacionadas con la utilización del instrumento de disponibilidad comunitaria, la división en grupos de trabajo, el momento de aplicación de la encuesta, el cálculo de puntos de corte propios y la utilización de un menú de programas preventivos basados en evidencia o, en su defecto, en datos.

**Consideraciones finales:** La implementación de CQC en Colombia permite cuestionarnos sobre la pertinencia de su implementación en países latinoamericanos: altamente desorganizados, poco preparados para sistemas comunitarios, con escasos programas preventivos basados en evidencia, con dificultades de planeación y de sostenibilidad. Desde la experiencia colombiana, es posible afirmar que es un sistema viable y deseable aun en países como los nuestros. Para la mayoría de las situaciones por las que las comunidades temen implementar CQC, el mismo sistema es la solución. Se hace necesario fortalecer las estrategias de sostenibilidad para poder evaluar adecuadamente el sistema e implementarlo a gran escala a nivel nacional.

**Palavras-chave:** Comunidades Que se Cuidan; Adaptación cultural; Prevención.

**Financiamento:** -.

---

<sup>1</sup> Juliana Mejía-Trujillo, Corporación Nuevos Rumbos.

## **VIOLÊNCIAS RELACIONADAS AO USO DO CELULAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO MARIA DA PENHA (NUMAPE/UNIOESTE) FOZ DO IGUAÇU-PR**

SANTOS, Karine Brito dos<sup>1</sup>

A elevada qualidade da amizade é um fator de proteção à saúde mental, já a baixa qualidade da amizade tem sido associada a comportamentos de risco, como violência entre pares, violência nas relações de namoro e bullying. Aprender a mapear a rede de amizades é fundamental para prevenir esses desfechos negativos, seja na condição de vítima, autor ou espectador dessas práticas. Ademais, educar sobre o papel do espectador, conscientizando a respeito da importância de mobilizar comportamentos de ajuda pode potencializar a influência positiva dos pares para atuar como agentes de prevenção na escola. O objetivo deste trabalho é problematizar a qualidade da amizade enquanto fator de proteção ao *bullying*, discutindo a abordagem do espectador como estratégia de prevenção nesse contexto. O presente trabalho foi realizado a partir de consulta à literatura sobre as funções da amizade, a qualidade da amizade e *bystander intervention* em situações de *bullying*. Etapa atual da pesquisa: Em fase de sistematização dos achados da literatura. Resultados: A reflexão crítica da literatura da área nos leva a considerar a qualidade da amizade como ingrediente crítico no desenho de intervenções para prevenção do *bullying*, educando sobre as seis funções da amizade: ajuda, autovalidação, intimidade, aliança confiável, companheirismo e segurança emocional. Atenta para a necessidade de mapear a rede de amizades, identificar influências positivas e negativas dos pares e, sobretudo, aprender a avaliar a qualidade da amizade, discutindo fatores de risco e de proteção nessas inter-relações. Fomenta também a discussão sobre a centralidade da abordagem do espectador como estratégia de prevenção desse tipo de violência entre pares, engajando toda comunidade escolar nesse desafio. Discussão: O desenvolvimento de habilidades de ajuda para atuar como agentes de prevenção ao *bullying* na escola passa por compreender o processo de tomada de decisão para intervir nesse contexto, superando os fatores situacionais que dificultam a mobilização do comportamento de ajuda entre os adolescentes, para além de características pessoais, a exemplo da empatia. Destaca a relevância de conjugar fatores de proteção individuais e relacionais, aumentando o senso de autoeficácia para intervir de modo eficaz e com segurança em situações de *bullying*. Embora pareça haver uma tendência de intervenções *antibullying* com ênfase nos espectadores, ainda existem poucos programas dessa natureza, em geral, de base universal, realizados por professores nas escolas. Como horizonte futuro aponta como estratégias promissoras nesse campo o uso de tecnologias digitais, abordagens multicomponentes, com estratégias, face a face e virtuais, envolvendo e possibilitando a experimentação hipotética de situações de bullying escolar entre crianças e adolescentes.

**Palavras-chave:** Amizade; Abordagem do Espectador; *Bullying*.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Karine Brito dos Santos. E-mail: [karine.unb@gmail.com](mailto:karine.unb@gmail.com) Universidade Estadual do Oeste do Pará (Unioeste). Núcleo Maria da Penha (NUMAPE). Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.



## **VIOLÊNCIAS RELACIONADAS AO USO DO CELULAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO MARIA DA PENHA (NUMAPE/UNIOESTE) FOZ DO IGUAÇU-PR**

SANTOS, Karine Brito dos<sup>1</sup>; SILVA, Clarisse Junqueira da<sup>2</sup>; SCHWERTNER, Isadora Minotto Gomes<sup>3</sup>; CABANHA, Alessandra Andressa de Almeida<sup>4</sup>

A violência doméstica é um grave problema de saúde pública, com impactos significativos na saúde física, mental e reprodutiva das mulheres. A assistência oferecida a mulheres em situação de violência configura importante estratégia de mitigação desses efeitos. Este trabalho apresenta um relato de experiência do Projeto de Extensão Núcleo Maria da Penha (NUMAPE/UNIOESTE) em Foz do Iguaçu, Paraná, região de tríplice fronteira. O NUMAPE, programa estratégico da SETI por meio da Encomenda Governamental nº 09/2024 e financiado pelo Fundo Paraná, presta assistência jurídica e psicológica gratuita às mulheres em situação de violência doméstica, conforme o Art. 27 da Lei 11.340/2006. Considerando que o ciúme é um fator reconhecido na literatura como desencadeador de violência em relações amorosas, frequentemente agravado por conflitos envolvendo o uso do *smartphone*, este relato tem como objetivo geral identificar os tipos de violência perpetrados por parceiro íntimo relacionados ao uso do celular no NUMAPE/UNIOESTE Foz do Iguaçu. Os objetivos específicos incluem: (a) descrever a atuação do setor de Psicologia; (b) identificar formas de violência mediadas pelo uso do celular; (c) problematizar comportamentos de *Partner Phubbing* para prevenir reincidências. O relato foi elaborado a partir das supervisões semanais do setor de Psicologia entre novembro de 2022 e novembro de 2024, utilizando registros documentais dos atendimentos, sem identificação das assistidas. A análise combinou distribuição de frequências e análise de conteúdo. Os resultados preliminares indicam que as violências relatadas foram majoritariamente motivadas por ciúmes do parceiro, tendo o *smartphone* como elemento central dos conflitos. As situações envolveram vigilância excessiva, controle de redes sociais, exigência de senhas, interpretações distorcidas de interações online e episódios de agressão verbal ou física desencadeados por uso do celular. A experiência do NUMAPE/UNIOESTE evidenciou a relevância de compreender o papel do *smartphone* como gatilho de violências, bem como de contextualizar esses episódios diante da diversidade étnica, cultural e religiosa da região de fronteira. Além de contribuir para a prática profissional da psicologia na rede de enfrentamento à violência contra a mulher, o relato aponta a necessidade de desenvolver ações preventivas voltadas ao uso saudável do celular e à desconstrução de comportamentos de *Partner Phubbing* nas relações amorosas.

**Palavras-chave:** Violência por parceiro íntimo, Ciúmes; *Smartphone*.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Karine Brito dos Santos. E-mail: [karine.unb@gmail.com](mailto:karine.unb@gmail.com) Universidade Estadual do Oeste do Pará (Unioeste). Núcleo Maria da Penha (NUMAPE). Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

<sup>2</sup> Clarisse Junqueira da Silva. E-mail: [clarissejunq@hotmail.com](mailto:clarissejunq@hotmail.com) Universidade Estadual do Oeste do Pará (Unioeste). Núcleo Maria da Penha (NUMAPE). Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

<sup>3</sup> Isadora Minotto Gomes Schwertner. E-mail: [isadoragomes@hotmail.com](mailto:isadoragomes@hotmail.com) Universidade Estadual do Oeste do Pará (Unioeste). Núcleo Maria da Penha (NUMAPE). Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

<sup>4</sup> Alessandra Andressa de Almeida Cabanha. E-mail: [alessandra.cabanha.ac@gmail.com](mailto:alessandra.cabanha.ac@gmail.com) Universidade Estadual do Oeste do Pará (Unioeste). Núcleo Maria da Penha (NUMAPE). Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

## PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO: CONSTRUÇÃO DE UM PROTOCOLO

FEITOSA, Lígia Rocha Cavalcante<sup>1</sup>; HOSTENSKY, Elka Lima<sup>2</sup>; MEDEIROS, Luiza Rezende  
Ferreira de<sup>3</sup>

A temática do acesso à educação superior é amplamente discutida no cenário político e científico global. Considerando-o um direito de todos, é fundamental estabelecer e manter uma estrutura universitária equânime, diversa e inclusiva para os estudantes. A internacionalização da educação superior é buscada por muitos países através de incentivos para estudantes estudarem em territórios estrangeiros, mas as políticas de recrutamento costumam ter foco exclusivamente econômico, tratando os estudantes como sob a lógica de custeios. Para garantir o acesso e a permanência de estudantes internacionais nas universidades brasileiras, especialmente aqueles de origens socioeconômicas e educacionais diferentes, é necessário investir em estudos e esforços institucionais que identifiquem as barreiras e facilitadores nas experiências acadêmicas e profissionais dessa população, a fim de promover a integração acadêmica e futura inserção profissional. Para aprofundar essa discussão, é preciso responder às seguintes questões: (a) quem são esses estudantes?; (b) quais as expectativas e os interesses desses estudantes de virem cursar o ensino superior no Brasil?; e (c) quais as barreiras e os facilitadores para a integração desses estudantes na universidade? A promoção da integração e pertencimento à comunidade universitária é comum e esperada na maioria das universidades, em especial quando envolve a assimilação de novos sistemas educacionais e superação de barreiras culturais. Para responder tais questões, um protocolo institucional para identificar barreiras e facilitadores da permanência de estudantes internacionais no ensino superior brasileiro está em processo de construção. Este protocolo é constituído por cinco eixos temáticos, a saber: (a) motivos para estudar no país; (b) experiência acadêmica; (c) apoio institucional; (d) suporte social e familiar; (e) relações étnico-raciais e territoriais. Será aplicado junto aos estudantes internacionais matriculados em cursos de graduação de universidades públicas brasileiras. Atualmente, a pesquisa encontra-se aprovada pelo comitê de ética e está na etapa de ajuste dos itens para validação de conteúdo junto às especialistas e público-alvo. Posteriormente, serão conduzidas as etapas de validação psicométrica do protocolo e apresentação da ferramenta para recomendação de uso dos setores das universidades responsáveis por receberem os estudantes internacionais no ensino superior.

**Palavras-chave:** Ensino superior; Estudante universitário; Protocolo.

**Financiamento:** Projeto de pesquisa financiado pelo Edital CNPq/MCTI n. 10/12023.

<sup>1</sup> Lígia Rocha Cavalcante Feitosa. E-mail: [ligia.feitosa@ufsc.br](mailto:ligia.feitosa@ufsc.br) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Departamento de Psicologia.

<sup>2</sup> Elka Lima Hostensky. E-mail: [elka.lima@ufsc.br](mailto:elka.lima@ufsc.br) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Departamento de Psicologia.

<sup>3</sup> Luiza Ferreira Rezende de Medeiros. E-mail: [luiza.medeiros@ifgoiano.edu.br](mailto:luiza.medeiros@ifgoiano.edu.br) Instituto Federal Goiano, Brasil.

## BULLYING E O MÉTODO DE PREOCUPAÇÃO COMPARTILHADA: CRIMINALIZAR OU FORMAR?

TOGNETTA, Luciene<sup>1</sup>

A instituição escolar é um local por excelência de aprendizagem da convivência entre alunos e alunas. Isso pois aprender a conviver é hoje um dos pilares da educação para a cidadania. Tal aprendizagem é condição *sine qua non* em um currículo escolar como um direito de alunos e alunas assegurado por leis que regulamentam e reiteram a inclusão deste tema na educação: a lei 13.185 de 2015, que criou o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*); a Lei 13.663, de 2018, que introduz o Artigo 12 abordando as ações de conscientização e luta contra o *bullying* e destacando a importância de as instituições de ensino possuírem programas de prevenção ao *bullying* e outras formas de violência; e, mais recentemente, a Lei 14.811, de janeiro de 2024. É fato que o mesmo ambiente que deveria ser o promotor da proteção e do direito a tal aprendizagem, tem sido palco de diversas formas de violência que fazem ecoar a necessidade da criação de documentos e leis indicando métodos e medidas efetivas para a prevenção desses problemas, especialmente, para aqueles que se escondem nas interações entre colegas e que, apesar de serem menos frequentes em relação aos demais, são mais complexos de solucionar e mais devastadores para quem os experimenta – as intimidações sistemáticas chamadas de *bullying* e sua extensão em ambientes virtuais. *Bullying* e *cyberbullying* configuram-se como formas de violências peculiares cujas características são a repetição, a fragilidade das vítimas, a intencionalidade do autor, a paridade das relações e um público que assiste ou sabe do ocorrido porque convém a quem intimida, maltrata, menospreza, que o rebaixamento do outro seja testemunhado. Assim, este trabalho objetiva apresentar um panorama das leis que tratam do fenômeno *bullying* em nosso país; e apontar medidas a serem tomadas pela instituição escolar como intervenções a partir de sua natureza formativa. Objetiva apresentar, em especial como o Método de Preocupação Compartilhada – o MPC - como seus passos e protocolos tendem a uma convivência pacífica e democrática que não exclui medidas de correção e sanções. Individualizando um fenômeno que é grupal, todos os envolvidos em situações de *bullying* – alvos, autores e espectadores – têm algo a aprender e passam por entrevistas estrategicamente organizadas como um processo de restauração e não apenas como um produto, como a punição.

**Palavras-chave:** *Bullying*; Convivência escolar; Formação ética.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Luciene Regina Paulino Tognetta. E-mail: [luciene.tognetta@unesp.br](mailto:luciene.tognetta@unesp.br)  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Departamento de Psicologia da Educação/GPEM.

## LETRAMENTO DIGITAL: UM CAMINHO PARA UM AMBIENTE ONLINE MAIS SEGURO

BRANDÃO, Luiza Chagas<sup>1</sup>

---

**Introdução:** Este trabalho teórico tem como objetivo explorar a relação entre o letramento digital e a prevenção da violência online, com foco na importância da educação como ferramenta para promover um uso seguro e responsável da internet. **Método e resultados:** Foi realizada uma revisão bibliográfica não sistemática, que evidenciou a necessidade de desenvolver habilidades digitais desde a infância, a fim de proteger crianças e adolescentes dos riscos presentes no ambiente virtual. **Etapa da pesquisa e discussão:** A pesquisa, ainda em andamento, busca contribuir para o campo de conhecimento ao destacar a importância de programas de educação digital que promovam o desenvolvimento de um letramento digital crítico e reflexivo. Ao abordar um tema recente e relevante, este estudo busca traçar caminhos para a construção de uma internet mais segura e inclusiva.

**Palavras-chave:** Educação; Internet; Violência.

**Financiamento:** -.

---

<sup>1</sup> Luiza Chagas Brandão. Consultório particular. E-mail: [luizabran@gmail.com](mailto:luizabran@gmail.com)

## ESTIGMA HACIA LAS MUJERES QUE CONSUMEN ALCOHOL EN UNA COMUNIDAD RURAL INDÍGENA DEL CENTRO DE MÉXICO

TIBURCIO-SAINZ, Marcela Alejandra<sup>1</sup>; BERNAL-PÉREZ, Pilar<sup>2</sup>; MORA-RÍOS, Jazmín<sup>3</sup>

Portar un estigma implica una marca negativa relacionada con algún aspecto de la identidad que otros reprueban y señalan, causando limitaciones y devaluación, el valor negativo del estigma se encuentra en estrecha relación con las normas, creencias y actitudes del contexto cercano a la persona que lo padece. El propósito de este capítulo es explorar las experiencias de estigma de las mujeres consumidoras de alcohol de una zona indígena de México, en una comunidad con creencias y valores particulares que privilegian el consumo de los hombres, pero reprueban y condenan a las mujeres que beben. Método, Se llevó a cabo un estudio cualitativo que incluyó la etnografía de la comunidad y la realización de entrevistas semi estructuradas con dos mujeres que consumen alcohol de forma excesiva. Se realizó un análisis temático de la transcripción de dichas entrevistas para identificar los relatos en torno a actitudes, conductas e interacciones con otros integrantes de la comunidad, en las que experimentaron alguna forma de estigmatización debido a su consumo. Resultados, se identificaron algunas similitudes en los relatos de las entrevistadas, por ejemplo, ambas iniciaron a edades muy tempranas el consumo de pulque, que es una bebida alcohólica de producción local y casera; hay semejanzas en el cómo experimentan las consecuencias negativas del consumo, se identifican como incapaces de controlar su consumo de alcohol y el efecto de este sobre sus hijos; además su visión del consumo estuvo influida por figuras familiares. Ser mujer y beber pulque en exceso es una condición que genera el rechazo de la comunidad, este se expresa no solo a través de críticas si no también en malos tratos, desprestigio y acoso sexual. Los hijos parecen ser los principales afectados y reciben también muestras de rechazo y agresión por parte de otros miembros de la comunidad. Discusión: La información analizada subraya la relevancia de profundizar en factores socioculturales y contextuales de las comunidades minoritarias para el desarrollo de intervenciones orientadas a mejorar las condiciones de vida y salud de las mujeres, esto debe incluir programas a nivel individual para reducir el consumo de alcohol y promover la salud mental, así como componentes comunitarios para reducir el estigma hacia las personas que presentan alguna condición de salud mental incluyendo el consumo, y sobre todo reducir las inequidades entre hombres y mujeres impactan en diversas áreas de la vida de la mujer.

**Palavras-chave:** Estigma social; Consumo de alcohol; Mujeres; Pueblos indígenas.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Marcela Alejandra Tiburcio Sainz. E-mail: [mtiburcio3@gmail.com](mailto:mtiburcio3@gmail.com) Instituto Nacional de Psiquiatría Ramón de la Fuente Muñiz, México.

<sup>2</sup> Pilar Bernal Pérez, Instituto Nacional de Psiquiatría Ramón de la Fuente Muñiz, México

<sup>3</sup> Jazmín Mora Ríos, Instituto Nacional de Psiquiatría Ramón de la Fuente Muñiz, México

## PROGRAMA ACT – PARA EDUCAR CRIANÇAS EM AMBIENTES SEGUROS NO BRASIL: TRAJETÓRIA DA PESQUISA PARA IMPLEMENTAÇÃO EM POLÍTICA PÚBLICA

LINHARES, Maria Beatriz Martins<sup>1</sup>; ALTAFIM, Elisa Raquel Pisani<sup>2</sup>

A violência contra crianças é um grave problema mundial que compromete o desenvolvimento infantil, sobretudo em países de baixa e média renda. A Organização Mundial da Saúde estima que 1 bilhão de crianças sofram violência, sendo que menos de 10% recebem ajuda. No Brasil, 84% dos casos envolvendo crianças de 0 a 6 anos ocorrem no contexto familiar. A exposição a maus-tratos configura estresse tóxico, capaz de gerar ciclos intergeracionais de violência. Nesse cenário, programas de parentalidade são estratégias eficazes para promover interações positivas, fortalecer práticas parentais e prevenir a violência. Embora existam evidências robustas sobre a eficácia desses programas, ainda é necessário examinar como eles são implementados em larga escala com fidelidade. O objetivo deste estudo foi analisar os efeitos do Programa ACT – Para Educar Crianças em Ambientes Seguros, aplicado em política pública, bem como investigar seu processo de implementação. O ACT, desenvolvido pela *American Psychological Association*, é um programa universal de prevenção estruturado em oito sessões grupais com cuidadores de crianças de 0 a 8 anos. De baixo custo e baseado em evidências, é recomendado pelo pacote INSPIRE para prevenção da violência infantil. O estudo ocorreu em 24 cidades do Ceará, por meio de uma coalizão entre gestores públicos e fundações apoiadoras. Os pesquisadores, independentes, desenvolveram um modelo de implementação composto por: (a) treinamento teórico-prático dos facilitadores, com supervisão especializada para certificação; (b) nucleação de equipes locais nos serviços de proteção social, com coordenadores de logística, psicólogos supervisores e facilitadores; (c) inserção do ACT na rotina de atendimento às famílias em vulnerabilidade; (d) realização de um ensaio clínico randomizado. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP. Dos 190 profissionais treinados, 136 concluíram a formação. Entre os 24 municípios participantes, 18 implementaram o ACT com famílias de muito baixa renda, das quais 94% eram beneficiárias de programas de transferência de renda. Os resultados demonstraram melhora na parentalidade positiva, na estimulação e no senso de competência parental, além de redução das práticas coercitivas e dos problemas de comportamento infantil. Observou-se ainda elevada adesão e alta satisfação de usuários e facilitadores. A pesquisa, concluída, evidenciou a viabilidade da implementação em larga escala de um programa preventivo baseado em evidências no âmbito das políticas públicas brasileiras.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento infantil; Comportamento infantil; Saúde Mental.

**Financiamento:** Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Porticus e Van Leer.

<sup>1</sup> Maria Beatriz Martins Linhares, Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento, e-mail: [linhares@fmrp.usp.br](mailto:linhares@fmrp.usp.br)

<sup>2</sup> Elisa Raquel Pisani Altafim. E-mail: [altafim.elisa@gmail.com](mailto:altafim.elisa@gmail.com)

Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

## EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA: DESENVOLVIMENTO NA ADOLESCÊNCIA EM MEIO A SITUAÇÕES ADVERSAS E PROCESSOS DE RESILIÊNCIA

BAZON, Marina Rezende<sup>1</sup>

A apresentação versará sobre pesquisas realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento e Intervenção Psicossocial (Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento e Intervenção Psicossocial (GEPDIP), da Universidade de São Paulo (USP), apresentando e discutindo dados sobre o envolvimento de adolescentes em violência interpessoal, como autores e como vítimas, focalizando especialmente o fenômeno da sobreposição entre esses papéis e o seu impacto na saúde mental dos jovens, para em seguida explicar mais especificamente sobre as contribuições e implicações práticas, nos seguintes tópicos: padrões de conduta desviante/infracionais em adolescentes no contexto sociocultural brasileiro; indicativos do funcionamento do Sistema de Justiça Juvenil no contexto sociocultural brasileiro; Variáveis psicossociais associadas e Fatores de Risco e Proteção no contexto sociocultural brasileiro. Método: As pesquisas, com abordagem quantitativa, apoiam-se dados coletados junto a amostras de adolescentes da população geral, em geral, em estabelecimentos educacionais públicos e privados, bem como junto a amostras de adolescentes judicializados devido à prática de atos infracionais. As coletas sempre envolveram aplicações de instrumentos estruturados, na maior parte das vezes adaptado ao contexto sociocultural, produzindo informações padronizadas. Os dados foram integrados e submetidos a tratamento estatístico descritivo e inferencial. Todas as pesquisas foram previamente analisadas e aprovadas no Comitê de Ética da FFCLRP/USP. Resultados: As informações mostram a alta taxa de exposição de jovens a experiências adversas, especialmente as do gênero feminino, com impacto no desenvolvimento psicossocial. No subgrupo para o qual se verifica sobreposição dos papéis agressor-vítima, denotam-se mais prejuízos na saúde mental, embora se verifique resiliência também para uma parcela destes jovens. Focalizando os adolescentes em conflito com lei, sobressaem os dados relativos aos diferentes padrões de conduta delituosa, associados a maior ou a menor exposição a fatores de risco e acesso a fatores de proteção, o que indicam a importância da avaliação específica e intervenção psicossocial diferencial. Discussão: O acúmulo de dados acerca do processo de desenvolvimento de jovens que experienciam violência como autores/vítimas têm possibilitado a elaboração/proposição e teste/avaliação de programa de intervenção psicossocial específico. Esse está sendo testado no contexto de unidade socioeducativa, com resultados promissores acerca de viabilidade.

**Palavras-chave:** Adolescentes; Exposição à violência; Comportamento social; Comportamento social.

**Financiamento:** FAPESP/CAPES.

<sup>1</sup> Marina Rezende Bazon. E-mail: [mbazon@ffclrp.usp.br](mailto:mbazon@ffclrp.usp.br)

Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

## AVALIAÇÃO DE USABILIDADE DE UMA INTERVENÇÃO ONLINE PARA A PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO NAMORO

PINHEIRO-CAROZZO, Nádía Prazeres<sup>1</sup>; MURTA, Sheila Giardini<sup>2</sup>

**Introdução:** A violência cometida ou sofrida por adolescentes em relacionamentos íntimos pode gerar consequências negativas à saúde física e mental. No contexto brasileiro, fatores como desigualdade de gênero, normas sociais permissivas e a naturalização de comportamentos abusivos contribuem para a ocorrência do problema; que reproduz padrões culturais machistas, de controle e possessividade. A prevenção e o enfrentamento dessa questão passam pela educação e conscientização sobre relacionamentos saudáveis, empoderamento de jovens para reconhecer e denunciar situações de abuso e criação de políticas públicas que promovam espaços seguros e serviços de apoio às vítimas. Nessa perspectiva, intervenções digitais escaláveis e culturalmente adequadas são altamente relevantes para a população jovem. O objetivo deste estudo foi avaliar a usabilidade de uma intervenção digital, do tipo *computer tailored intervention*, para prevenir a violência no namoro entre jovens brasileiros. **Método:** Adotou-se o método de pesquisa exploratório de abordagem quantitativa. Setenta e três jovens brasileiros responderam a uma escala de usabilidade sobre a sua experiência no uso e interação com o programa. **Resultados:** Os resultados indicaram que a maioria dos participantes considerou o programa claro, compreensível, motivador, de fácil navegação, agradável e dialógico. **Discussão:** A intervenção digital apresenta boa aceitação e usabilidade entre os jovens, destacando-se como uma ferramenta promissora para a prevenção da violência no namoro. A clareza, compreensibilidade e a facilidade de navegação, apontadas pelos participantes, sugerem que o design da intervenção foi eficaz em garantir acessibilidade, aspecto essencial para engajar a população jovem, muitas vezes habituada a interações digitais rápidas e intuitivas. O caráter motivador, agradável e dialógico do programa evidencia a relevância de abordagens que promovam a interatividade e personalização, elementos que potencializam o aprendizado e a reflexão crítica sobre comportamentos e valores relacionados aos relacionamentos afetivos. A aceitação positiva também reflete a importância de alinhar os conteúdos às vivências e contextos culturais dos jovens brasileiros, garantindo maior identificação e impacto. Estudos adicionais devem incorporar as sugestões de melhoria indicados pelos participantes e avaliar a efetividade da intervenção em modificar comportamentos relacionados à violência no namoro e em prevenir episódios de abuso. Além disso, é essencial investigar como diferentes grupos populacionais, incluindo jovens de diversas classes sociais, gêneros e regiões do país, interagem com a ferramenta, assegurando que ela seja inclusiva e amplamente acessível.

**Palavras-chave:** Prevenção Primária; Violência por parceiro íntimo; Avaliação de Programas.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Nádía Prazeres Pinheiro Carozzo. E-mail: [nadia.pinheiro@ufma.br](mailto:nadia.pinheiro@ufma.br)

Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI).

<sup>2</sup> Sheila Giardini Murta. E-mail: [giardini@unb.br](mailto:giardini@unb.br)

Universidade de Brasília (UnB). Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC UnB).

## COMUNIDADES QUE SE CUIDAN EN CHILE

PÉREZ, Romina Veas<sup>1</sup>; PERRY, Raúl<sup>2</sup>

**Introducción:** “Comunidades que se Cuidan”, es un sistema preventivo basado en evidencia que promueve el bienestar y busca prevenir el uso de drogas y otros problemas de comportamiento en los niños y jóvenes. El sistema se ha implementado en 5 comunidades en Chile, desde la Fundación San Carlos de Maipo (FSCM). El presente informe recoge la experiencia de implementación del sistema en Chile en los últimos 20 años, en el ámbito de adaptaciones culturales, implementación de EBIs y sostenibilidad. **Desarrollo de la experiencia:** En base a diversas sistematizaciones realizadas de la experiencia de implementación en Chile, en las que se entrevistó a diversos actores, tales como: Gerente de la FSCM, jefe de Área, Coordinador/a del área, Asistentes técnicos, Facilitadores territoriales, miembros de los Consejos Comunitarios y Líderes Clave y se pudo identificar la necesidad de: **Adaptaciones:** no solo es necesaria la traducción del contenido, sino que también la adecuación de los ejemplos, apoyos visuales y tiempos de las actividades. Existen figuras legales necesarias para poder desarrollar todos los Hitos y Tareas que el sistema sugiere. **EBIs:** Falta de disponibilidad en Chile retrasa los procesos de implementación de las 5 fases del sistema, demorando 8 años en llegar a su última etapa. De ahí se desprende la necesidad de ampliar la oferta programática. La FSCM comienza a desarrollar el Banco de Programas Mi Brújula y el Banco de Estrategias con Niveles de Evidencia para poder a disposición de los territorios y de todos los interesados. **Sostenibilidad:** la FSCM debe dejar de ser financista y ejecutor del sistema, para poder garantizar su sostenibilidad e instalación definitiva en los territorios, transfiriendo las responsabilidades a las contrapartes interesadas en la implementación. Así como también se comienza a desarrollar un plan de costos que transfiera, elimine y disminuya gastos para asegurar su replicabilidad. **Conclusión:** Chile, como otros países de LATAM se ha visto en el desafío de implementar intervenciones basadas en evidencia y de poder instalar programas de largo plazo, que tengan un impacto efectivo y comprobable en la vida de los niños, niñas y jóvenes que son parte de los territorios. La inclusión de adaptaciones de diversa índole al sistema es vital para que este pueda continuar su desarrollo en contextos hispanohablantes.

**Palavras-chave:** Comunidad; Implementación; Evidencia.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Romina Veas Pérez, Fundación San Carlos de Maipo, Coordinadora del Área de Prevención Social Territorial, Santiago de Chile, e-mail: [rveas@fsancarlos.cl](mailto:rveas@fsancarlos.cl)

<sup>2</sup> Raúl Perry. E-mail: [rperry@fsancarlos.cl](mailto:rperry@fsancarlos.cl)  
Fundación San Carlos de Maipo. Gerente del Área de Programas.

## VIOLÊNCIA AMBIENTAL, COMPORTAMENTO PRÓ-AMBIENTAL E PROMOÇÃO DA SAÚDE

GROSSI-MILANI, Rute<sup>1</sup>

**Introdução:** Os riscos ambientais produzidos pelo ser humano têm aumentado de maneira significativa, impactando saúde, bem-estar, desigualdade e segurança global. Nesse contexto, a Psicologia Ambiental (PA) oferece ferramentas essenciais para compreender a relação pessoa-ambiente e identificar fatores que favorecem o comportamento pró-ambiental, fundamental para a preservação de ecossistemas equilibrados e, conseqüentemente, para a promoção da saúde. **Desenvolvimento:** O conceito de violência ambiental refere-se aos danos causados ao meio ambiente pelas ações humanas, resultando em poluição e riscos à saúde pública. Para aprofundar esse entendimento, revisamos publicações que abordam o tema e propusemos uma definição específica centrada nos processos de poluição antropogênica. Em seguida, introduzimos a Psicologia Ambiental como área dedicada ao estudo das interações entre indivíduos e seus ambientes físicos e sociais, analisando tanto como o ambiente influencia as pessoas quanto como elas percebem e agem sobre ele. Dentro desse campo, destaca-se o estudo do comportamento pró-ambiental, definido como ações conscientes e intencionais orientadas à sustentabilidade. Tais comportamentos dependem de variáveis como influência social, motivação, crenças e preocupações ambientais, altruísmo e acesso à informação. Pesquisas recentes também evidenciam que a conexão com a natureza está relacionada ao bem-estar psicológico, reforçando a integração entre saúde humana e sustentabilidade. Com base nessas articulações, apresentamos um modelo ampliado de promoção da saúde que integra autocuidado, cuidado com o outro e cuidado com o meio ambiente. Esse modelo destaca a importância de atitudes relacionadas à autopreservação, ao cuidado interpessoal e às práticas pró-ambientais como pilares para comportamentos sustentáveis. Além disso, descrevemos escalas validadas na área e resultados de estudos que exploram as relações entre crenças ambientais, autocuidado e conexão com a natureza. **Conclusão:** As discussões evidenciam a interdependência entre saúde, sociedade e meio ambiente, indicando a necessidade de fortalecer práticas de autocuidado, cuidado coletivo e cuidado ambiental. A Psicologia Ambiental contribui ao reconhecer o ambiente como um sujeito com o qual se interage continuamente, abrindo novas possibilidades de estudos e intervenções voltadas à prevenção da violência ambiental, à promoção da saúde e ao desenvolvimento de comportamentos pró-ambientais.

**Palavras-chave:** Colonialismo digital; Bolha algorítmica; Violência.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Rute Grossi-Milani. E-mail: [rute.milani@unicesumar.edu.br](mailto:rute.milani@unicesumar.edu.br)

Universidade Cesumar (UniCesumar). Bolsista Produtividade da Fundação Araucária (FA) e do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI, Maringá, Paraná, Brasil.

## INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS E PROMOÇÃO DA CULTURA DE PAZ

MURTA, Sheila<sup>1</sup>

Evidências consistentes de centenas de estudos mundo afora apontam os benefícios psicológicos, fisiológicos, comportamentais e sociais de intervenções baseadas em arte na saúde. As intervenções baseadas em arte no campo da saúde consistem em atividades criativas que almejam melhorar a saúde por meio de diferentes expressões artísticas, como as artes visuais, música, dança, contação de histórias, escultura, teatro e performance. Podem ser caracterizadas por engajamento estético, envolvimento da imaginação, ativação sensorial, evocação da emoção, estimulação cognitiva, interação social, atividade física e engajamento com temas da saúde. São focadas em um vasto público, como indivíduos, grupos, organizações, comunidades ou nações inteiras, de diferentes bagagens culturais, idades, nível de instrução e condição de saúde. Considerando a versatilidade e evidências de efeitos positivos das artes na saúde, este minicurso almeja discutir as potencialidades e desafios das intervenções artísticas na promoção da cultura de paz. O minicurso está estruturado em quatro partes. A primeira parte abordará a definição e pressupostos que sustentam a cultura de paz. Esta é baseada nos princípios da liberdade, justiça, democracia, direitos humanos, tolerância e solidariedade que guiam esforços para prevenir a violência e promover o desenvolvimento de indivíduos, coletivos e sociedades. A segunda parte discutirá as evidências de eficácia da arte para a prevenção, promoção, manejo e tratamento em saúde, bem como os seus mecanismos de ação sobre a saúde, com destaque para aqueles que se relacionam à cultura de paz. A terceira parte focará no uso de intervenções artísticas para favorecer a cultura de paz e evidências de implementação exitosa a partir de achados de revisões sistemáticas de literatura. Serão também abordados os contextos de uso destas intervenções, como arte em serviços de saúde, programas de arte participativos para grupos específicos de usuários, arte em geral na vida cotidiana, arte na psicoterapia, arte em tecnologias de saúde, treinamentos baseados em arte para equipes de saúde e arte na educação em saúde. A quarta e última parte abordará o ensino de intervenções baseadas em arte na promoção da saúde, por meio da experiência da proponente na oferta da disciplina Tópicos Especiais em Psicoterapia: Arte na Promoção da Saúde, para graduandos em Psicologia da Universidade de Brasília. Espera-se que este minicurso favoreça conhecimentos, atitudes e autoeficácia para uso das artes na promoção da cultura de paz em contextos diversos, tais como serviços de saúde, educação e assistência social, em articulação com políticas que favorecem os direitos humanos e a redução das iniquidades sociais, condições basilares para a paz.

**Palavras-chave:** Arte; Intervenções; Cultura de Paz.

**Financiamento:** -.

---

<sup>1</sup> Sheila Giardini Murta. E-mail: [giardini@unb.br](mailto:giardini@unb.br).  
Universidade de Brasília (UnB). Departamento de Psicologia Clínica.

## ASPECTOS NÃO MEDICALIZANTES EM PROGRAMAS DE PROMOÇÃO DE SAÚDE E DE PREVENÇÃO DA QUEIXA ESCOLAR

LIMA, Tarcila Barboza Hidalgo<sup>1</sup>

**Introdução:** As queixas escolares figuram entre os principais motivos de encaminhamento de crianças e adolescentes aos serviços públicos de saúde. A Psicologia Escolar discute tais demandas em diálogo com o processo de medicalização da Educação, que converte dificuldades pedagógicas em problemas médicos, desconsiderando o contexto escolar. Nesse cenário, a intersectorialidade entre Saúde e Educação ganha centralidade, especialmente porque a ONU reconhece a escola como um dos ambientes mais estratégicos para a promoção da saúde mental infantojuvenil. Assim, psicólogos são desafiados a ofertar intervenções tecnicamente fundamentadas, alinhadas ao arcabouço da ciência da prevenção. **Método:** Este estudo, parte de uma pesquisa mais ampla, tem como objetivo desenvolver um instrumento capaz de identificar elementos medicalizantes e não medicalizantes presentes em programas de promoção de saúde e prevenção da queixa escolar, implementados no Estado de São Paulo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada na Análise de Conteúdo, utilizando o Diferencial Semântico como técnica para classificar características das intervenções em polos opostos (medicalizante e não medicalizante). A construção inicial do instrumento apoia-se em referenciais teóricos e documentos-chave sobre promoção da saúde, ciência da prevenção e crítica à medicalização na educação. **Resultados parciais:** A análise preliminar incluiu os seguintes materiais: *Manifesto de Lançamento do Fórum sobre a Medicalização da Educação e da Sociedade* (FSMES, 2010); *33º Caderno Temático – Patologização e Medicalização das Vidas* (CRP, 2019); *Recomendações de Práticas Não Medicalizantes* (CRP, 2015); e a *Política Nacional de Promoção da Saúde* (Brasil, 2018). Emergiram três categorias temáticas: (1) compreensão da queixa escolar; (2) ações de empoderamento de alunos, famílias e comunidades escolares; e (3) construção coletiva. Cada item foi codificado como (M) ou (NM), subsidiando a elaboração da primeira versão do checklist. **Conclusão:** A etapa atual corresponde à finalização preliminar do instrumento, que será posteriormente aprimorado com a contribuição de especialistas. Esta investigação compõe a tese de doutorado *Promoção de saúde, prevenção da queixa escolar e a não medicalização da educação*, buscando fortalecer políticas públicas educacionais fundamentadas em perspectivas não medicalizantes e alinhadas à ciência da prevenção.

**Palavras-chave:** Promoção de saúde na Escola; Prevenção Quaternária; Política intersectorial.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Tarcila Barboza Hidalgo Lima. E-mail: [tarcilabarboza@usp.br](mailto:tarcilabarboza@usp.br)

Universidade de São Paulo (USP). Instituto de Psicologia. Laboratório de Pesquisa e Prevenção em Educação e Saúde.

## MAPEAMENTO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL NO BRASIL

CARVALHO, Thamires Silva<sup>1</sup>; PINHEIRO-CAROZZO, Nádía Prazeres<sup>2</sup>

**Introdução:** A formação de profissionais de saúde capacitados para atuar na prevenção e promoção da saúde é essencial para a melhoria da saúde da população por meio do desenvolvimento de um sistema de saúde mais eficaz, justo e sustentável. A formação e capacitação de profissionais de saúde podem reduzir comportamentos de risco na população, uma vez que estes profissionais estão numa posição única para ensinar e defender comportamentos saudáveis. O objetivo deste estudo foi identificar e caracterizar os programas de pós-graduação focados em prevenção de doenças e promoção da saúde oferecidos por instituições de ensino superior no Brasil. **Método:** Adotou-se o método de pesquisa documental, utilizando dados extraídos da Plataforma Sucupira e do Sistema e-Mec. A coleta de dados foi realizada em quatro etapas, incluindo busca e recuperação, triagem, extração de informações e análise dos programas com base nos seguintes indicadores: distribuição geográfica, tipo (lato ou stricto sensu), situação atual (ativo ou inativo) e formato (presencial ou EaD), além de analisar as principais linhas de pesquisa associadas aos cursos stricto sensu. **Resultados:** Foram identificados nove programas *stricto sensu*; todos ativos. Um em prevenção, sete em promoção e um englobando ambos; um ofertado por um hospital privado, um por universidade pública e os demais por universidades privadas; seis na região sul e três na região sudeste do país; com data de criação de 1999 a 2019; quatro programas com mestrado e doutorado; quatro programas acadêmicos; avaliação entre 3 e 5 pela CAPES; e as linhas de pesquisa giram em torno de sete categorias. No que se refere aos cursos *lato sensu*, foram recuperados 98 na busca por “promoção” e 422 na busca por “prevenção”. Após a eliminação de duplicados e programas que não se enquadram nas áreas afins a este estudo, foram incluídos 351 cursos na análise. Dos 273 cursos ativos, 155 (56.7%) são na modalidade EaD; 183 (67%) são ofertados por instituições privadas com fins lucrativos, 150 (55%) estão localizados na região sudeste e 54 (19.7%) na região sul, 23; e as temáticas puderam ser agrupadas em doze categorias. **Discussão:** Os achados foram capazes de fornecer um panorama que poderá contribuir para a qualificação dos profissionais de saúde, fortalecer a atuação na prevenção e promoção da saúde, e subsidiar políticas públicas com informações valiosas para o desenvolvimento da área. Além disso, foram identificadas lacunas temáticas e regiões geográficas carentes de programas, que merecem o fomento a colaborações interinstitucionais com vistas a fortalecer a capacidade do Brasil em enfrentar desafios emergentes na saúde pública.

**Palavras-chave:** Prevenção de doenças; Promoção da Saúde; Capacitação de recursos humanos em Saúde.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Tarcila Barboza Hidalgo Lima, Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Laboratório de Pesquisa e Prevenção em Educação e Saúde, e-mail: [tarcilabarboza@usp.br](mailto:tarcilabarboza@usp.br)

<sup>2</sup> Nádía Prazeres Pinheiro Carozzo. E-mail: [nadia.pinheiro@ufma.br](mailto:nadia.pinheiro@ufma.br)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI UFMA).

## PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIAS INTERPESSOAIS E AUTOPROVOCADAS NA ESCOLA: RESULTADOS DE PESQUISA E EXTENSÃO

LEME, Vanessa Barbosa Romera<sup>1</sup>

**Introdução:** Nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, estudantes e professores enfrentam diversas formas de violências interpessoais, como racismo, LGBTfobia, machismo, capacitismo, bullying e cyberbullying — além de violências autoprovocadas, incluindo ideação suicida e autolesões. Tais fenômenos, já reconhecidos como problemas sociais e de saúde pública, foram intensificados pela pandemia de Covid-19. Apesar da gravidade, ainda são escassas pesquisas nacionais que examinem a interação entre essas violências e proponham intervenções escolares. Fundamentado na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, este trabalho apresenta resultados de pesquisas e ações de extensão aprovadas em Comitê de Ética. **Método:** O primeiro estudo testou um modelo preditivo para ideação suicida considerando vitimização por *bullying* e *cyberbullying*, habilidades sociais, clima escolar e sexo. Participaram 659 estudantes de escolas públicas (10–18 anos). Foram utilizados instrumentos internacionalmente validados: *Global School-based Student Health Survey*, *Delaware School Climate* e o *Inventário de Habilidades Sociais*. A segunda investigação consistiu em um projeto de extensão com duas frentes: oficinas para profissionais da educação e oficinas de prevenção ao suicídio para adolescentes. **Resultados:** No estudo preditivo, bullying verbal e cyberbullying aumentaram a probabilidade de ideação suicida em 5% e 9%, respectivamente. Em contrapartida, maior autocontrole e melhor percepção de clima escolar reduziram as chances em 6% e 2%. Os achados reforçam a importância de intervenções voltadas à prevenção de violências e ao fortalecimento do ambiente escolar. No projeto de extensão, participaram 225 profissionais em quatro oficinas on-line focadas em bullying, racismo, LGBTfobia, gordofobia e violências autoprovocadas. Os resultados apontaram aumento de autoconhecimento, pensamento crítico e repertório de habilidades sociais, além de alta satisfação. A segunda ação envolveu 11 oficinas com 211 estudantes (14–20 anos), evidenciando avanços em empatia, acolhimento de pares e reconhecimento de situações de violência. A relação com adultos na escola e o manejo do estresse foram apontados como necessidades futuras. **Conclusão:** As pesquisas demonstram que ações sistematizadas podem promover suporte social, empatia e cultura de paz, fornecendo subsídios importantes para políticas públicas de prevenção do suicídio e promoção da saúde mental no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Violência escolar; Prevenção do suicídio; Adolescente.

**Financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>1</sup> Vanessa Barbosa Romera Leme. E-mail [vanessaromera@gmail.com](mailto:vanessaromera@gmail.com)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS UERJ).

## COMUNICAÇÕES ORAIS E PÔSTERES

### SENSIBILIZAÇÃO E DETECÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO PARA EQUIPE INTERDISCIPLINAR NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

CARVALHEIRA, Ana Paula Pinho<sup>1</sup>; PAPILE, Mickaele da Cruz<sup>2</sup>; NOGUEIRA, Sophia Cheyenne Meschiatti Reis<sup>3</sup>; MACHADO, Dinair Ferreira<sup>4</sup>

**Introdução:** A Violência Contra a Mulher (VCM) é uma grave violação dos direitos humanos e reconhecida como problema de saúde pública. A igualdade de gênero integra os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, e a Atenção Primária à Saúde (APS), como porta de entrada do SUS, é espaço estratégico para prevenção e enfrentamento do fenômeno, embora muitas vezes ele passe despercebido nesses serviços. Nesse contexto, o objetivo foi capacitar profissionais para reconhecer, abordar e intervir em situações de violência por parceiro íntimo. **Desenvolvimento da experiência:** Trata-se de um relato de experiência sobre três Oficinas de Sensibilização realizadas com alunos, docentes e profissionais em um Centro de Saúde Escola. Coordenadas por docente especialista, aconteceram semanalmente, com duração de uma hora e meia, a partir de questões disparadoras e do documentário “Como começa a violência doméstica?”. No primeiro encontro discutiram-se o conceito de VCM, suas causas e perfis de maior vulnerabilidade; no segundo, refletiu-se sobre os motivos que levam mulheres a não relatar as situações, a identificação de demandas ocultas e como a violência chega às unidades; no terceiro, abordou-se como perguntar sobre o tema, agir diante do relato e o papel da APS. As respostas dos participantes eram registradas em tarjetas, agrupadas e discutidas coletivamente. **Resultados e análise crítica:** Os encontros possibilitaram contextualizar aspectos da violência contra a mulher e refletir sobre demandas da unidade de saúde, reforçando que se trata de um fenômeno multifatorial com impactos negativos na saúde e qualidade de vida. Constatou-se que a proximidade com as usuárias e a existência de programas específicos ampliam as possibilidades de intervenção e que a abordagem deve ser sensível, empática e não julgadora, criando ambiente seguro e solidário. A discussão também incluiu a importância de identificar o perfil do agressor. As oficinas contribuíram para a formação e educação permanente de profissionais, o desenvolvimento de habilidades relacionais e comunicacionais em graduandos, a vivência multiprofissional e interdisciplinar e a produção de pesquisa em saúde. **Considerações finais:** Conclui-se que a sensibilização favoreceu a integração entre universidade e serviço, promovendo o envolvimento de profissionais de diferentes áreas e estudantes de graduação.

**Palavras-chave:** Violência contra mulher; Violência por parceiro íntimo; Vigilância em Saúde Pública.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Ana Paula Pinho Carvalheira, e-mail: [a.carvalheira@unesp.br](mailto:a.carvalheira@unesp.br)

<sup>2</sup> Mickaele da Cruz Papile, e-mail: [mickaele.papile@unesp.br](mailto:mickaele.papile@unesp.br)

<sup>3</sup> Sophia Cheyenne Meschiatti Reis Nogueira, e-mail: [sophia.meschiatti@unesp.br](mailto:sophia.meschiatti@unesp.br)

<sup>4</sup> Dinair Ferreira Machado, e-mail: [dinair.machado@unesp.br](mailto:dinair.machado@unesp.br)

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Faculdade de Medicina de Botucatu. Departamento de Enfermagem.

## INTERVENÇÃO GRUPAL: VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E DEFESA PESSOAL

MENDES, Felipe Almeida Dias<sup>1</sup>; MOREIRA, Ana Clara Cardoso<sup>2</sup>; SILVA, Marcela Fernandes da<sup>3</sup>; QUIRINO, Andressa Helena<sup>4</sup>; LOURENÇO, Lélío Moura<sup>5</sup>

**Introdução:** A Violência contra a Mulher (VCM) envolve desde agressões verbais e abusos emocionais até violência física ou sexual que cause danos ou sofrimento. Reconhecida como problema de saúde pública, exige ações que desenvolvam habilidades para que mulheres compreendam, percebam, relatem e denunciem situações de violência. A defesa pessoal surge como resposta a essa realidade, especialmente o Krav Maga, que, por meio de técnicas simples, rápidas e objetivas, fornece conhecimento e capacidade de reação a ameaças físicas, ao mesmo tempo em que fortalece psicologicamente e desenvolve habilidades psicossociais, reduzindo vulnerabilidades e inseguranças. O objetivo do trabalho é investigar a percepção de universitárias sobre a VCM, seus conhecimentos sobre denúncia e enfrentamento, além de formas de prevenção, autopercepção e autoproteção, a partir de um grupo focal e de um curso de defesa pessoal. **Método:** Trata-se de estudo interventivo, transversal e exploratório com mulheres universitárias, maiores de 18 anos, de Juiz de Fora (MG). A pesquisa incluiu grupo focal com psicoeducação sobre VCM e um curso de defesa pessoal oferecido pela Federação Sul Americana de Krav Maga (FSAKM). Foram aplicados questionário demográfico para caracterização da amostra e duas entrevistas semiestruturadas, pré e pós-intervenção, para avaliar os efeitos da ação. Todos os procedimentos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), parecer nº 5734617. A análise dos dados será realizada com base na metodologia de análise de conteúdo de Bardin. **Resultados esperados:** Espera-se que as participantes desenvolvam maior compreensão sobre a VCM, adquirindo recursos de prevenção, enfrentamento, suporte e denúncia. **Etapa atual da pesquisa:** Aplicação dos grupos focais e do curso de defesa pessoal. **Potenciais contribuições:** O estudo pretende, pela combinação entre grupo focal e técnicas de defesa pessoal, contribuir para a prevenção e enfrentamento da violência, promovendo mudanças na percepção das mulheres sobre manifestações de violência em sua realidade e sobre suas condições de reagir e denunciar. Busca-se também estimular motivação e autoestima, favorecendo valorização pessoal e melhor compreensão sobre si mesmas e o contexto em que vivem, tendo como desfecho a melhora da qualidade de vida.

**Palavras-chave:** Intervenção grupal; Defesa pessoal; Violência contra a mulher.

**Financiamento:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>1</sup> Felipe Almeida Dias Mendes, e-mail: [felipe.admendes@gmail.com](mailto:felipe.admendes@gmail.com)

<sup>2</sup> Ana Clara Cardoso Moreira, e-mail: [anaclaracm@gmail.com](mailto:anaclaracm@gmail.com)

<sup>3</sup> Marcela Fernandes da Silva, e-mail: [marcela.fernandes080@gmail.com](mailto:marcela.fernandes080@gmail.com)

<sup>4</sup> Andressa Helena Quirino, e-mail: [andressahquirino@gmail.com](mailto:andressahquirino@gmail.com)

<sup>5</sup> Lélío Moura Lourenço, e-mail: [leliomlourengo@gmail.com](mailto:leliomlourengo@gmail.com)

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Departamento de Psicologia. Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social.

## PROMOÇÃO DA REGULAÇÃO EMOCIONAL: PESQUISA COM INTERVENÇÃO NO SEGMENTO ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

PEDRO, Gustavo Silva<sup>1</sup>; OLIVEIRA, Ana Clara Fonseca de<sup>2</sup>; FAGUNDES, Laura dos Reis<sup>3</sup>; CARELLI, Mariana Gomes<sup>4</sup>; RODRIGUES, Marisa Cosenza<sup>5</sup>

**Introdução:** A literatura aponta que o desenvolvimento de habilidades socioemocionais na escola atua como fator de proteção à saúde mental, prevenindo problemas de inserção e identidade social. A educação infantil é estratégica para a regulação emocional, tendo o docente papel fundamental no cotidiano escolar. A intervenção do PET-Psicologia/UFJF teve como foco implementar e avaliar um programa de promoção da autorregulação emocional e, de forma distal, contribuir para a redução de comportamentos hostis e agressivos entre crianças. **Metodologia:** O estudo envolveu 110 alunos de 5 a 6 anos do 2º período de uma escola municipal da Zona da Mata mineira, nove professoras — previamente capacitadas sobre autorregulação emocional — e a diretora. Este relato se restringe ao segmento infantil, avaliado por entrevistas semiestruturadas com docentes (pré e pós-intervenção), analisadas por conteúdo, e por registros em diário de campo. A intervenção incluiu 10 encontros, dois por semana, abordando emoções básicas, relação entre emoção e comportamento, estratégias adaptativas, empatia e reconhecimento das emoções dos pares, sendo o último dedicado à síntese. Utilizaram-se recursos ludopedagógicos como vídeos, músicas, brincadeiras, fantoches e livros de histórias. Foram ainda elaboradas cartilhas para professoras e pais. **Resultados e análise crítica:** A análise inicial revelou boa convivência entre pares, mas também comportamentos hostis, como bater e morder. As docentes reconheceram a importância da promoção socioemocional e relataram esforços já existentes nesse sentido. Os diários de campo e reuniões registraram alto envolvimento e motivação das crianças, que transpunham os conteúdos para suas interações cotidianas. Ao final, as professoras relataram diminuição de comportamentos agressivos e de conflitos, ampliação de conhecimentos sobre emoções e aprimoramento no manejo de situações em sala, favorecendo o amadurecimento infantil. **Considerações finais:** Conclui-se que projetos de promoção de habilidades psicossociais na escola reforçam a relevância da intencionalidade educativa voltada ao bem-estar das crianças, alinhando-se às diretrizes da política pública brasileira para a educação infantil. Tais iniciativas estimulam uma cultura de paz e favorecem uma inserção futura mais humanizada e cidadã.

**Palavras-chave:** Saúde Mental; Desenvolvimento socioemocional; Educação infantil.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Gustavo Silva Pedro, e-mail: [gustavosp18@hotmail.com](mailto:gustavosp18@hotmail.com)

<sup>2</sup> Ana Clara Fonseca de Oliveira, e-mail: [anaclara.fonseca@estudante.ufjf.br](mailto:anaclara.fonseca@estudante.ufjf.br)

<sup>3</sup> Laura dos Reis Fagundes, e-mail: [laurareispsi@gmail.com](mailto:laurareispsi@gmail.com)

<sup>4</sup> Mariana Gomes Carelli, e-mail: [mariana.carelli01@gmail.com](mailto:mariana.carelli01@gmail.com)

<sup>5</sup> Marisa Cosenza Rodrigues, e-mail: [rodriguesma@terra.com.br](mailto:rodriguesma@terra.com.br)

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Departamento de Psicologia.

## HABILIDADES PARA LA VIDA Y PREVENCIÓN DEL USO DE DROGAS: RESULTADOS DE UNA INTERVENCIÓN CON ADOLESCENTES

GOROSO, María Elena Iturriaga<sup>1</sup>; SILVA, Gabriel Martins<sup>2</sup>; PEREIRA, Thaís Soares<sup>3</sup>; NETTO, Weverton Corrêa<sup>4</sup>; CONTRERAS, María Valeria<sup>5</sup>; RONZANI, Telmo Mota<sup>6</sup>

**Introducción:** En Argentina y Brasil, adolescentes entre 12 y 15 años experimentan con drogas, siendo el alcohol la primera sustancia de acceso. Las consecuencias adversas incluyen trastornos por dependencia, ansiedad, depresión, exposición a riesgos físicos y afectación del funcionamiento familiar, interpersonal y escolar. Las Habilidades para la Vida (HpV) desarrollan competencias psicosociales que fortalecen la toma de decisiones sobre la salud, los vínculos con pares, familia y escuela, y reducen comportamientos de riesgo. Además, fomentan el protagonismo juvenil y la construcción de objetivos colectivos, promoviendo la cultura de paz y la salud psicosocial. Este estudio evalúa la viabilidad de una intervención en HpV para prevenir el consumo de drogas en adolescentes en contexto escolar. **Método:** Se adoptó un diseño mixto, con evaluación pre y post intervención sin grupo control. Participaron 70 estudiantes argentinos y brasileños de 15 a 20 años. La intervención, implementada en escuelas secundarias públicas entre mayo de 2022 y octubre de 2023, abordó autoconocimiento, manejo de estrés y emociones, empatía y asertividad, pensamiento crítico, creencias sobre drogas y proyecto de vida. Se realizaron cinco encuentros semanales de una hora, usando metodologías participativas basadas en educación popular y reducción de daños. Se aplicaron ASSIST y AUDIT-C para identificar consumo de drogas, la escala de HpV y un grupo focal previo; tres semanas después se repitió la escala y el grupo focal. Los datos se analizaron según criterios de viabilidad: factores contextuales, características de implementación y mecanismos de impacto. La investigación fue aprobada por los comités de ética de la Universidad Federal de Juiz de Fora (expediente 5.173.788) y de la Facultad de Medicina de la Universidad Nacional de Tucumán. **Resultados:** La intervención fue aceptada, aunque la participación se vio afectada por factores contextuales. Cuantitativamente, el desarrollo de HpV no mostró cambios significativos, pero los adolescentes aplicaron autoconocimiento y habilidades socioemocionales, reflexionaron sobre sus creencias y motivaciones para consumir drogas e identificaron factores de riesgo. **Consideraciones finales:** Factores como aumento de casos de COVID-19, paros docentes y de transporte, festividades, exámenes y horarios de contrarturno incidieron en la frecuencia de las reuniones y la participación. La intervención contribuye al desarrollo de comportamientos responsables, estilos de vida saludables y valoración del apoyo social. Se recomienda integrar esta estrategia al currículo escolar y fortalecer la colaboración con docentes y familias para promover las HpV.

**Palavras-chave:** Salud del adolescente; Habilidades para la vida; Trastornos relacionados con sustancias.

**Financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais, processo APQ-03190-22.

<sup>1</sup> María Elena Iturriaga Goroso, e-mail: [meig-2011@hotmail.com](mailto:meig-2011@hotmail.com)

<sup>2</sup> Gabriel Martins Silva, e-mail: [martins.gabriel@estudante.ufjf.br](mailto:martins.gabriel@estudante.ufjf.br)

<sup>3</sup> Thaís Soares Pereira, e-mail: [thaissoaresp5@gmail.com](mailto:thaissoaresp5@gmail.com)

<sup>4</sup> Weverton Corrêa Netto, e-mail: [weverton.correa@estudante.ufjf.br](mailto:weverton.correa@estudante.ufjf.br)

<sup>5</sup> María Valeria Contreras, e-mail: [valeriacontreras132@gmail.com](mailto:valeriacontreras132@gmail.com)

<sup>6</sup> Telmo Mota Ronzani, e-mail: [tm.ronzani@gmail.com](mailto:tm.ronzani@gmail.com)

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Centro de Pesquisa, Avaliação e Intervenção em Álcool e Outras Drogas. Departamento de Psicologia.

## TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CAPACITAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

OLIVEIRA, Ana Clara Fonseca de<sup>1</sup>; MAXIMIANO, Lorena Linck<sup>2</sup>; FRANCKLIN, Luma Leitão<sup>3</sup>; RODRIGUES, Marisa Cosenza<sup>4</sup>

**Introdução:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por dificuldades na interação social, comunicação e comportamentos repetitivos. Apesar das iniciativas em favor da inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais, observa-se falta de preparo dos profissionais e a perpetuação de tabus sociais, configurando violência institucional que marginaliza esses alunos no processo de ensino-aprendizagem. O presente relato do PET-Psicologia da UFJF apresenta uma capacitação teórico-prática destinada a docentes de uma escola mineira de educação infantil, visando fornecer informações específicas sobre o TEA e promover o diálogo sobre estratégias inclusivas. **Descrição da experiência:** Os petianos receberam capacitação prévia com psicóloga especialista. A fase interventiva envolveu 43 professoras, em dois encontros nos dias 7 e 9 de novembro de 2023, sendo um presencial e outro online. Foram abordadas temáticas como características do TEA, inclusão escolar e estratégias práticas, por meio de exposições teóricas e práticas, perguntas disparadoras, vídeos, dinâmicas e exemplos de atividades docentes. Os instrumentos utilizados foram formulário de sondagem online, feedback oral e diário de campo. Ao final, foi distribuída uma cartilha com estratégias baseadas em evidências para o manejo de alunos com TEA em sala de aula. **Resultados e análise crítica:** O formulário inicial revelou expectativa das docentes em ampliar conhecimentos teórico-práticos para atuar com crianças com TEA. Identificaram-se lacunas sobre o TEA e suas implicações na prática docente. Diários de campo e feedbacks orais indicaram benefícios no aperfeiçoamento do conhecimento, com expressivo engajamento das professoras nas dinâmicas e discussões. Houve relatos de melhor compreensão sobre práticas inclusivas e sugestões de aumentar o número de encontros para aprofundamento, indicadas por 5% das participantes. **Considerações finais:** A intervenção mostrou-se positiva, ampliando a apropriação de informações pelos docentes e evidenciando a relevância de projetos dessa natureza nas escolas. A capacitação contribuiu para fomentar cultura de paz, sensibilizando professores para o respeito à diversidade e compreensão das necessidades educacionais especiais. Destaca-se a importância de formação continuada, ética e individualizada, proporcionando trajetória de desenvolvimento mais justa e salutogênica para alunos com TEA.

**Palavras-chave:** Transtorno do espectro autista; Educação infantil; Formação de professores.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Ana Clara Fonseca de Oliveira, e-mail: [anaclara.fonseca@estudante.ufjf.br](mailto:anaclara.fonseca@estudante.ufjf.br)

<sup>2</sup> Lorena Linck Maximiano, e-mail: [lorena.linck@estudante.ufjf.br](mailto:lorena.linck@estudante.ufjf.br)

<sup>3</sup> Luma Leitão Francklin, e-mail: [lumaleitaofrancklin@gmail.com](mailto:lumaleitaofrancklin@gmail.com)

<sup>4</sup> Marisa Cosenza Rodrigues, e-mail: [rodriguesma@terra.com.br](mailto:rodriguesma@terra.com.br)  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

## CLUBE PETITINHO: PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO SOCIOCOGNITIVO E A AUTORREGULAÇÃO EMOCIONAL EM ESCOLARES

FRANCKLIN, Luma Leitão <sup>1</sup>; OLIVEIRA, Ana Clara Fonseca de<sup>2</sup>; PEDRO, Gustavo Silva<sup>3</sup>; MARINS, Julia Marron <sup>4</sup>; SILVA, Júlia Veloso Queiroz<sup>5</sup>; FAGUNDES, Laura dos Reis <sup>6</sup>; MAXIMIANO, Lorena Linck <sup>7</sup>; RODRIGUES, Marisa Cosenza <sup>8</sup>

**Introdução:** O desenvolvimento sociocognitivo refere-se à capacidade de compreender o mundo social, envolvendo relações interpessoais, autoconhecimento e interpretação do comportamento alheio. As estratégias de autorregulação emocional favorecem o desenvolvimento socioemocional, prevenindo comportamentos agressivos e promovendo adaptação saudável na infância, configurando-se como fator protetivo. Assim, intervenções preventivas na escola são fundamentais para fomentar bem-estar subjetivo e contribuir para uma cultura de paz e antibullying. O projeto do PET-Psicologia da UFJF teve como objetivo promover habilidades sociocognitivas e estratégias de autorregulação emocional em escolares do 1º ano do Ensino Fundamental, utilizando a literatura infantil como recurso mediador.

**Método:** A intervenção ocorreu em uma escola estadual mineira entre setembro e outubro de 2023, envolvendo 4 docentes e 56 alunos. Os petianos receberam capacitação teórico-prática prévia para a seleção de livros e vídeos a serem utilizados. As docentes participaram de uma breve capacitação inicial para sondagem de percepções. Com as crianças, foram realizados 6 encontros presenciais de aproximadamente 1 hora cada, mediando vídeos e histórias infantis sobre emoções básicas (medo, raiva, tristeza e alegria) e estratégias de convivência pró-sociais. Ao final de cada encontro, as crianças deram feedbacks, e utilizou-se diário de campo para registros. As docentes responderam a um questionário avaliativo final. **Resultados e análise crítica:** Os diários de campo revelaram alto engajamento das crianças, que demonstraram curiosidade, participação ativa e apropriação das estratégias de autorregulação emocional, aplicando-as nas interações cotidianas. As docentes relataram que o trabalho ampliou seus conhecimentos sobre o uso pedagógico de livros e vídeos para abordar emoções e temas delicados, como rejeição e agressão, contribuindo para o fortalecimento de uma cultura de paz no ambiente escolar. Sugeriram ampliar a duração dos encontros e incluir mais dinâmicas, jogos e brincadeiras, reforçando a relevância das ações promotoras de saúde mental. **Considerações finais:** O projeto contribuiu positivamente para a prática docente e para o desenvolvimento das crianças, além de enriquecer a formação dos petianos. Os resultados destacam o potencial de intervenções escolares baseadas em recursos lúdicos para promover habilidades socioemocionais. Futuras ações podem ser ampliadas em tempo e diversidade de materiais, favorecendo trajetórias de desenvolvimento mais saudáveis e inclusivas.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento sociocognitivo; Autorregulação Emocional; Prevenção.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Luma Leitão Francklin, e-mail: [lumaleitaofrancklin@gmail.com](mailto:lumaleitaofrancklin@gmail.com)

<sup>2</sup> Ana Clara Fonseca de Oliveira, e-mail: [anaclara.fonseca@estudante.ufjf.br](mailto:anaclara.fonseca@estudante.ufjf.br)

<sup>3</sup> Gustavo Silva Pedro, e-mail: [gustavosp18@hotmail.com](mailto:gustavosp18@hotmail.com)

<sup>4</sup> Julia Marron Marins, e-mail: [julia.marron@estudante.ufjf.br](mailto:julia.marron@estudante.ufjf.br)

<sup>5</sup> Júlia Veloso Queiroz Silva, e-mail: [juliavqueirozs@gmail.com](mailto:juliavqueirozs@gmail.com)

<sup>6</sup> Laura dos Reis Fagundes, e-mail: [laurareispsi@gmail.com](mailto:laurareispsi@gmail.com)

<sup>7</sup> Lorena Linck Maximiano, e-mail: [lorena.linck@estudante.ufjf.br](mailto:lorena.linck@estudante.ufjf.br)

<sup>8</sup> Marisa Cosenza Rodrigues, e-mail: [rodriguesma@terra.com.br](mailto:rodriguesma@terra.com.br)

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

## TRADUÇÃO E VALIDAÇÃO FATORIAL DO TESTE DE HABILIDADES PARA LA VIDA (THV) COM ADOLESCENTES BRASILEIROS

RONZANI, Telmo Mota<sup>1</sup>; SILVA, Gabriel Martins<sup>2</sup>; GOROSO, Maria Elena Iturriaga<sup>3</sup>; PEREIRA, Thaís Soares<sup>4</sup>; NETTO, Weverton Corrêa<sup>5</sup>

**Introdução:** As Habilidades de Vida (HV) são competências psicossociais que auxiliam no enfrentamento de desafios cotidianos, abrangendo autoconhecimento, tomada de decisões, resolução de problemas, pensamento crítico e criativo, comunicação eficaz, relacionamento interpessoal, empatia, manejo das emoções e do estresse. São fundamentais para promoção da saúde e prevenção de agravos em crianças e adolescentes, favorecendo escolhas assertivas e suporte social. A mensuração das HV ainda é um desafio, dada a escassez de instrumentos adaptados a diferentes culturas. O *Teste de Habilidades para la Vida* (THV), desenvolvido para adolescentes colombianos de 15 a 25 anos, contém 80 itens em 10 dimensões, avaliados em escala Likert. Sua validação inicial apresentou evidências de validade e confiabilidade, porém limitada pelo tamanho da amostra e análises realizadas. Este estudo buscou traduzir o THV para o português-brasileiro, além de investigar validade fatorial e consistência interna em estudantes do Ensino Médio (EM) brasileiros. **Método:** Tratou-se de um processo de tradução e adaptação cultural com base na Teoria Clássica das Medidas, incluindo testagem piloto. A amostra foi composta por 908 estudantes do EM. Foram realizadas análises descritivas, de tendência central e Análises Fatoriais Exploratória (AFE) e Confirmatória (AFC), além da aferição de confiabilidade pelo Alfa de Cronbach. **Resultados e análise crítica:** A amostra foi composta majoritariamente por mulheres cis (52,7%), com média de idade de 16,8 anos, heterossexuais (74,7%), brancas (45,9%) e cursando o 1º ano do EM (57,6%). A AFE e a AFC demonstraram que a matriz era fatorável (KMO=0,857 e 0,852; Bartlett  $p < 0,001$ ). Após os ajustes, a escala foi reduzida para 39 itens organizados em 7 fatores. O Alfa de Cronbach do escore geral foi 0,96, indicando alta confiabilidade. O estudo também reforça a complexidade conceitual das HV, uma vez que seus constructos se complementam e exigem clareza terminológica para mensuração precisa. **Considerações finais:** O instrumento apresentou propriedades psicométricas consistentes, sendo confiável, teoricamente justificável e eficaz na mensuração das HV. Trata-se de uma ferramenta relevante para avaliar intervenções, permitindo identificar efeitos de ações de promoção e prevenção em saúde entre adolescentes. Além de confiável, é sucinto e de fácil aplicação, facilitando sua difusão em contextos educativos.

**Palavras-chave:** Estudo de validação; Habilidades de vida; Adolescente.

**Financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), processo nº APQ-03190-22.

<sup>1</sup> Telmo Mota Ronzani, e-mail: [tm.ronzani@gmail.com](mailto:tm.ronzani@gmail.com)

<sup>2</sup> Gabriel Martins Silva, e-mail: [martins.gabriel@estudante.ufjf.br](mailto:martins.gabriel@estudante.ufjf.br)

<sup>3</sup> Maria Elena Iturriaga Goroso, e-mail: [meig-2011@hotmail.com](mailto:meig-2011@hotmail.com)

<sup>4</sup> Thaís Soares Pereira, e-mail: [thaissoaresp5@gmail.com](mailto:thaissoaresp5@gmail.com)

<sup>5</sup> Weverton Corrêa Netto, e-mail: [weverton.correa@estudante.ufjf.br](mailto:weverton.correa@estudante.ufjf.br)

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Centro de Pesquisa, Avaliação e Intervenção em Álcool e Outras Drogas.

## INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS E EDUCAÇÃO NA ESCOLA DO CERRADO: UM RELATO DO PET PSICOLOGIA UNB

OLIVEIRA, Alice Salgado<sup>1</sup>; SANTOS, Pedro Rian Pereira dos<sup>2</sup>; SAMPAIO, Iago Ferreira<sup>3</sup>; SALES, Hadassa Emanuelle Dolbeth<sup>4</sup>; SANTANA, Sofia Rodrigues de<sup>5</sup>; SILVIA, Isabela Machado da<sup>6</sup>

**Introdução:** A vulnerabilidade social abarca dimensões culturais, sociais e econômicas, sendo fortemente influenciada pela desigualdade social. Nesse contexto, em 2020, em Brasília, surgiu o projeto Escola do Cerrado, uma escola popular móvel que visa assistir crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Suas atividades incluem aulas de reforço, projetos de desenvolvimento socioemocional, passeios pedagógicos e oficinas de esporte, com o objetivo de contribuir para a formação desses jovens e fortalecer sua posição como agentes de transformação. O PET Psicologia estabeleceu uma parceria com a Escola do Cerrado a fim de apoiar o projeto de desenvolvimento socioemocional. **Objetivo:** Relatar a experiência de uma ação do PET Psicologia voltada para o desenvolvimento de habilidades emocionais como empatia, colaboração e autoconhecimento. **Método:** A experiência ocorreu entre março e maio de 2024, ao longo de quatro encontros de 90 minutos, envolvendo 11 crianças vinculadas à Escola do Cerrado, divididas em dois grupos. O grupo A, formado por cinco alunos de 5 a 8 anos, e o grupo B, composto por seis alunos de 9 a 10 anos. As atividades abordaram autoestima, rede de apoio, regulação emocional e habilidades sociais, além de questões relacionadas a raça e classe. Foram utilizadas ferramentas como arte, rodas de conversa e dinâmicas educativas. **Resultados:** Observou-se em ambos os grupos a relevância do papel das educadoras, que mediaram a interação entre a Escola do Cerrado e o PET Psicologia e estimularam o engajamento das crianças nas atividades. No grupo A, os participantes demonstraram habilidades básicas de identificação, expressão de emoções e empatia, mas ainda apresentavam dificuldades em reconhecer a coexistência de diferentes sentimentos e em lidar com o autocontrole. Essas questões foram trabalhadas, com a relação entre pensamentos e ações. No grupo B, emergiram relatos de bullying e dificuldades de expressão, além de discussões sobre raça, classe, baixa autoestima e rede de apoio restrita. De maneira geral, os encontros foram avaliados de forma positiva, especialmente aqueles que envolviam exercícios lúdicos e motores. **Considerações:** As crianças participantes apresentaram tanto características próprias de sua fase de desenvolvimento quanto demandas específicas associadas à vulnerabilidade social. Nesse cenário, a Escola do Cerrado mostrou-se um importante fator de proteção, favorecendo a resiliência. A experiência evidenciou a relevância de uma abordagem interdisciplinar no trabalho com crianças em contextos de desigualdade.

**Palavras-chave:** Intervenções psicossociais; Infância; Escola.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Alice Salgado Oliveira, e-mail: [alicesalgado2001@gmail.com](mailto:alicesalgado2001@gmail.com)

<sup>2</sup> Pedro Rian Pereira dos Santos, e-mail: [prps.unb@gmail.com](mailto:prps.unb@gmail.com)

<sup>3</sup> Iago Ferreira Sampaio, e-mail: [iagofrsp@gmail.com](mailto:iagofrsp@gmail.com)

<sup>4</sup> Hadassa Emanuelle Dolbeth Sales, e-mail: [hadassadolbeth@gmail.com](mailto:hadassadolbeth@gmail.com)

<sup>5</sup> Sofia Rodrigues de Santana, e-mail: [sofiasantanaj7@gmail.com](mailto:sofiasantanaj7@gmail.com)

<sup>6</sup> Isabela Machado da Silvia, e-mail: [isabelams@gmail.com](mailto:isabelams@gmail.com)

Universidade de Brasília (UnB).

## RELAÇÃO DA BNCC COM O PORTAGE: UM PROPOSTA DE SISTEMATIZAÇÃO PARA AVALIAÇÃO DA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E PROMOÇÃO DA SAÚDE

KOBAYASHI, Milene Hormigo<sup>1</sup>; ZANINI, Marta Regina Gonçalves Correia<sup>2</sup>

**Introdução:** Interações e experiências promovidas nas escolas favorecem a aquisição de habilidades essenciais para o aproveitamento acadêmico e para a vida, configurando-se como um espaço universal de promoção de saúde e desenvolvimento. No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta as competências a serem desenvolvidas pelos alunos, a partir de campos de experiências e objetivos de aprendizagem. A literatura destaca a dificuldade de avaliar, de forma objetiva, o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças na Educação Infantil. A psicologia dispõe de instrumentos capazes de apoiar esse processo, entre eles o Inventário Portage de Avaliação do Desenvolvimento Infantil (IPO), padronizado e aplicável por professores. O objetivo deste estudo foi verificar a correspondência entre itens do IPO e os objetivos de aprendizagem e campos de experiência da BNCC em crianças de 4 a 6 anos. **Método:** Pesquisa qualitativa e documental, realizada no primeiro semestre de 2024, tendo como fontes a BNCC e o IPO. Foram analisados 174 itens do IPO (domínios: Socialização, Linguagem, Autocuidado, Cognição e Motor) e 32 objetivos de aprendizagem distribuídos nos cinco campos da BNCC. A correspondência foi analisada por dois juízes independentes, sendo calculada a concordância entre eles. **Resultados:** Houve concordância em 62% dos casos, com 109 itens do IPO associados à BNCC. Os domínios Socialização e Linguagem tiveram maior correspondência, seguidos por Cognição, Autocuidado e Motor. Os campos da BNCC mais associados foram: C3 - Corpo, gestos e movimento (48%), C2 - O eu, o outro e o nós (21%), C5 - Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (14%), C4 - Escuta, fala, pensamento e imaginação (14%) e C1 - Traços, sons, cores e formas (3%). **Etapa atual:** Diante da divergência em 38% dos itens, um terceiro juiz especialista avaliará os casos pendentes, para posterior recálculo da concordância. **Considerações finais:** O estudo evidenciou a correspondência de grande parte do IPO com os indicadores da BNCC, demonstrando potencial como ferramenta sistematizada, observacional e de baixo custo para apoiar professores. A continuidade da pesquisa pode contribuir para validar sua aplicação em contextos educacionais, ampliando estratégias de promoção do desenvolvimento e saúde na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Educação infantil; Desenvolvimento; Saúde; Avaliação.

**Financiamento:** Vice-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista UNIP.

<sup>1</sup> Milene Hormigo Kobayashi, e-mail: [milenekobayashi.ebe@gmail.com](mailto:milenekobayashi.ebe@gmail.com)

<sup>2</sup> Marta Regina Gonçalves Correia Zanini, e-mail: [marta.zanini@docente.unip.br](mailto:marta.zanini@docente.unip.br)

Universidade Paulista (Unip). Programa de Mestrado Profissional em Práticas Institucionais de Saúde Mental.

## O CULTIVO DO BEM VIVER ATRAVÉS DA PRÁTICA DO YOGA

FURLAN, Paula Giovana<sup>1</sup>; FARIA, Caroline Beier<sup>2</sup>; ROSSETTO, Tania Cristina Fascina Segá<sup>3</sup>; NICOLAU, Karine Wlasenko<sup>4</sup>; SILVA, Priscila Patrícia da<sup>5</sup>

**Introdução:** O Yoga é um sistema filosófico indiano milenar que promove consciência e ética nas relações sociais, por meio de respiração, posturas corporais e relaxamento mental. Reconhecido pelo Sistema Único de Saúde brasileiro, desde 2006, como Prática Integrativa, alinha-se às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre a incorporação de Medicinas Tradicionais. O conceito de Bem Viver, em perspectiva decolonial, amplia o cuidado em saúde ao considerar as inter-relações entre natureza e vida humana, inspirado em cosmologias indígenas ancestrais. Este trabalho relata a experiência de grupos semanais de Yoga, enfatizando promoção de saúde pessoal e coletiva e cultura de paz. **Desenvolvimento da Experiência:** Por meio de projeto de extensão da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), foram realizados grupos semanais de Yoga, abertos à comunidade, com enfoques em meditação, respiração, relaxamento, ética e qualidade de vida, seguindo Raja, Hatha e Tantra Yoga. Os encontros, conduzidos por terapeutas ocupacionais, docentes e técnicas da universidade, tiveram duração média de uma hora. A documentação ocorreu via diário de campo e relatórios técnicos, monitorando mais de 460 encontros desde 2017, com participação de 580 pessoas. **Resultados e análise crítica:** Relatos indicam melhora da qualidade do sono, manejo da ansiedade, aumento da confiança, reflexão sobre dificuldades pessoais, redução de dores e interrupção de relações violentas. Os encontros favoreceram a formação de redes de apoio e suporte mútuo, contribuindo para enfrentar sofrimento existencial, traumas emocionais, ideação suicida e relações abusivas. Desafios incluíram limitações de apoio institucional e falta de espaço físico, exigindo adaptações na oferta. **Considerações finais:** A continuidade da atividade mostrou-se fundamental para fortalecer grupalidade, confiança e pertencimento. O referencial do Bem Viver expandiu o escopo além do binômio saúde-doença, promovendo relações éticas e percepção da interdependência entre pessoas, seres e planeta. A perspectiva decolonial foi reafirmada pelo incentivo à produção coletiva de relações baseadas na realidade brasileira.

**Palavras-chave:** Saúde Coletiva; Integralidade em Saúde; Práticas Integrativas.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Paula Giovana Furlan, e-mail: [paulagio@gmail.com](mailto:paulagio@gmail.com)

<sup>2</sup> Caroline Beier Faria, e-mail: [caroline.beier@ufscar.br](mailto:caroline.beier@ufscar.br)

<sup>3</sup> Tania Cristina Fascina Segá Rossetto, e-mail: [taniasega@ufscar.br](mailto:taniasega@ufscar.br)

<sup>4</sup> Karine Wlasenko Nicolau, e-mail: [karine.nicolau@ufmt.br](mailto:karine.nicolau@ufmt.br)

<sup>5</sup> Priscila Patrícia da Silva, e-mail: [priscila.ufmt@gmail.com](mailto:priscila.ufmt@gmail.com)

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Departamento de Terapia Ocupacional. São Carlos, SP.

## JOGO COMO RECURSO DE PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL INFANTOJUVENIL

AIRES, Ana Catarina Brito<sup>1</sup>; TEIXEIRA, Catarina Malcher<sup>2</sup>

**Introdução:** A violência sexual contra crianças e adolescentes é uma realidade que atinge milhares de menores diariamente, causando consequências graves e duradouras ao desenvolvimento. Trata-se de um problema que independe de gênero, classe social, religião ou cultura. No âmbito da violência sexual infantojuvenil, o abuso sexual infantil é caracterizado por qualquer ação sexual em que o(a) agressor(a), em estágio psicosssexual mais avançado, busca satisfação sexual à custa da criança ou adolescente. Esse fenômeno se baseia em uma relação adultocêntrica, marcada pela desigualdade de poder, em que a criança é tratada como objeto e não como sujeito de direitos. Uma forma de prevenção é o ensino de habilidades de autoproteção, como: (a) reconhecer potenciais situações e abusadores(as); (b) resistir e dizer “não”; (c) fugir do(a) agressor(a); e (d) relatar situações abusivas a uma pessoa de confiança. Entre os recursos pedagógicos, jogos lúdicos destacam-se por favorecerem a aprendizagem de comportamentos específicos. Assim, este estudo objetiva elaborar um jogo para crianças, a fim de auxiliar na prevenção do abuso sexual, promovendo habilidades de autoproteção. **Método:** A partir de pesquisa bibliográfica, será feita a contextualização do abuso sexual infantojuvenil e um levantamento de estudos nacionais e internacionais sobre o uso de jogos como estratégia preventiva. Pretende-se elaborar um jogo de tabuleiro com situações e opções de respostas que estimulem habilidades autoprotetoras em crianças de 8 a 10 anos, de ambos os gêneros. Após a elaboração, o jogo será testado em 20 crianças de uma escola da rede municipal de São Luís – MA. Serão utilizados como instrumentos o Sistema Multimídia de Habilidades Sociais de Crianças (SMHSC) e a versão adaptada do *What If Situation Test* (Teste de Situações Condicionais – TSC), que avalia a aquisição de três habilidades: reconhecer, resistir e relatar. **Resultados esperados:** Espera-se que o jogo, por meio da ludicidade, facilite o aprendizado das habilidades de autoproteção e ofereça a psicólogos e educadores uma ferramenta de combate ao abuso sexual infantil. **Potenciais contribuições:** O recurso pode instrumentalizar profissionais na promoção de comportamentos protetivos e capacitar crianças a manejar situações de vulnerabilidade, reduzindo o risco de vitimização e suas consequências físicas, emocionais e sociais.

**Palavras-chave:** Prevenção; Abuso sexual infantil; Jogo.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Ana Catarina Brito Aires, e-mail: [anacatarinabrito@gmail.com](mailto:anacatarinabrito@gmail.com)

<sup>2</sup> Catarina Malcher Teixeira, e-mail: [catarina.malcher@ufma.br](mailto:catarina.malcher@ufma.br)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

## EFEITOS DA LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DO LIVRO “UMA FORMIGA CORAJOSA CONTRA SEU COVARDE ABUSADOR” NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL

TIAGO, Rayssa Lima Braga<sup>1</sup>; TEIXEIRA, Catarina Malcher<sup>2</sup>

**Introdução:** Livros infantis podem promover mudanças comportamentais em crianças, sendo úteis no ensino de temas difíceis. Os Livros Infantis de Abordagem Preventiva (LIAPs) possibilitam representações da vida cotidiana e favorecem a prevenção de situações de risco. O presente estudo tem como objetivo avaliar o efeito do LIAP “*A formiga corajosa contra seu covarde abusador*” na prevenção do abuso sexual infantil. Objetivos específicos: (a) avaliar o LIAP; (b) verificar a relação entre habilidades autoprotetivas e sociais; e (c) comparar leitura e contação da história quanto à eficácia preventiva. **Método:** Estudo experimental com 24 crianças de 7 a 8 anos, de uma escola municipal de São Luís-MA. Após autorização dos responsáveis e assentimento das crianças, os participantes serão divididos em três grupos: (GE1) leitura do LIAP, (GE2) contação dramatizada do LIAP e (GC3) leitura do livro “*O gato de botas*”. Serão utilizados os seguintes instrumentos: Critérios para Avaliação de LIAPs (CAL), Teste de Situações Condicionais (TSC), Inventário Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças (IMHSC-Del-Prette) e o próprio LIAP. **Resultados esperados:** Espera-se que os grupos GE1 e GE2 apresentem avanços em habilidades autoprotetivas, com maior efeito no GE2 pela contação dramatizada, que favorece maior envolvimento por meio de voz, expressões e personagens, potencializando mudanças comportamentais. Já o GC3 não deve apresentar diferenças significativas em habilidades autoprotetivas. **Potenciais contribuições:** A pesquisa poderá fortalecer a produção científica nacional e internacional sobre prevenção do abuso sexual infantil, sobretudo por utilizar um LIAP bilíngue. Destaca-se que intervenções com LIAPs comprovadamente ampliam as habilidades de autoproteção, reduzem o risco de vitimização e contribuem para economia de recursos, já que ações preventivas são menos onerosas que lidar com as consequências do abuso.

**Palavras-chave:** Abuso sexual infantil; Prevenção; Habilidades autoprotetivas; Habilidades Sociais; Contação de histórias.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Rayssa Lima Braga Tiago, e-mail: [rayssa.lb@discente.ufma.br](mailto:rayssa.lb@discente.ufma.br)

<sup>2</sup> Catarina Malcher Teixeira, e-mail: [catarina.malcher@ufma.br](mailto:catarina.malcher@ufma.br)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

## O QUE QUER UMA MULHER COM UM(A) PARCEIRO (A) ALCOOLISTA? CONSTRUÇÃO DE CASO CLÍNICO EM PSICANÁLISE

SIQUEIRA, Fabiola Sousa<sup>1</sup>

**Introdução:** As artimanhas capitalistas engendram o sujeito em um laço social perverso, destituindo processos criativos e a singularidade. Submisso ao gozo do discurso capitalista, marcado por excessos e reducionismos, observa-se a emergência das toxicomanias e dispositivos de dominação sobre o feminino, que endereçam a mulher ao lugar de objeto. Assim, o objetivo geral é analisar, a partir da psicanálise e da construção de caso clínico, as motivações de mulheres na escolha de parceiros(as) alcoolistas. Especificamente, busca-se: apreender como a psicanálise intersecciona alcoolismo e violência de gênero; compreender como enunciados do capitalismo contribuem para tais violências; e analisar discursos de mulheres vítimas de parceiros(as) agressores(as) alcoolistas. **Método:** Trata-se de estudo de caso clínico-institucional, em psicanálise, de abordagem qualitativa e caráter transversal, conduzido remotamente no Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher (NUDEM), da Defensoria Pública do Ceará. Participarão mulheres vítimas de violência de gênero, sob medida protetiva, com parceiros(as) alcoolistas. A quantidade será definida até a saturação dos dados. Serão excluídas mulheres que não assinarem o TCLE. Como subpesquisa de projeto guarda-chuva, o envio ao Comitê de Ética será dispensado. A coleta ocorrerá em atendimentos psicológicos remotos de 5 a 6 sessões, individuais, com observação clínica das narrativas que conectam violência de gênero e alcoolismo. As mulheres atendidas pelo NUDEM que solicitarem apoio psicológico serão encaminhadas à equipe de psicólogas vinculadas à Universidade de Fortaleza. **Resultados esperados:** Pretende-se produzir novos artefatos clínicos e fomentar políticas públicas que favoreçam a seguridade social de mulheres vítimas de violência praticada por parceiros(as) alcoolistas. **Etapas atuais e contribuições potenciais:** A pesquisa encontra-se em fase inicial, com elaboração de um estudo de caso clínico a partir da escuta de uma mulher em situação de violência patrimonial com cônjuge alcoolista. As contribuições potenciais residem na possibilidade de, por meio do ato analítico, a participante reposicionar-se diante da violência sofrida e interromper a repetição de padrões relacionais destrutivos.

**Palavras-chave:** Violência; Gênero; Alcoolismo.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Fabiola Sousa Siqueira, e-mail: [fabiolasousa.siqueira@gmail.com](mailto:fabiolasousa.siqueira@gmail.com)  
Universidade de Fortaleza (Unifor).

## ANÁLISE DAS INTERNAÇÕES HOSPITALARES NA FRONTEIRA SUL DO AMAZONAS: UM ESTUDO SOBRE ACESSO E PROMOÇÃO DA SAÚDE

NETO, Antonio Amancio Barbosa<sup>1</sup>; LIMA, Mayra Costa Rosa Farias de<sup>2</sup>; LIMA, Rodrigo Tobias de Sousa<sup>3</sup>; COSTA, Cristiano Fernandes da<sup>4</sup>

**Introdução:** A reorientação dos serviços de saúde é um dos princípios da promoção da saúde, essencial em regiões remotas e de difícil acesso. A região Amazônica enfrenta desafios significativos no acesso e na qualidade dos serviços, especialmente em áreas de fronteira. Municípios do sul do Amazonas frequentemente recorrem a estados vizinhos, como Rondônia e Acre, para internações hospitalares. Este estudo analisa as internações desses municípios entre 2014 e 2023, buscando compreender padrões de encaminhamento e fatores que orientam a escolha por hospitais de referência em estados vizinhos. **Método:** Trata-se de um estudo transversal retrospectivo, de abordagem quantitativa e descritiva, baseado em dados de internações hospitalares oriundos de registros oficiais de saúde. Foram incluídos municípios do sul do Amazonas em função da proximidade com Rondônia e Acre, permitindo analisar comparativamente os fluxos de pacientes e o acesso hospitalar como componente da promoção da saúde. **Resultados e análise crítica:** Observou-se que Apuí, Canutama, Humaitá, Lábrea e Manicoré concentram os encaminhamentos para Porto Velho, totalizando 9.408 internações, contra 3.025 em Manaus, revelando preferência pela capital de Rondônia. Boca do Acre, Pauini, Envira, Ipixuna e Itamarati enviaram 6.627 pacientes a Rio Branco, dez vezes mais que para Manaus (524), indicando maior efetividade da rede acreana para esses municípios. Guajará e Ipixuna apresentaram forte vínculo com Cruzeiro do Sul (6.629 internações), em contraste com a baixa procura por Manaus (146). Esses resultados sugerem que a proximidade geográfica, barreiras logísticas e qualidade percebida dos serviços impactam diretamente os fluxos de referência, consolidando uma rede de atenção que ultrapassa os limites administrativos do Amazonas. **Considerações finais:** Os municípios da fronteira sul do Amazonas recorrem majoritariamente às redes hospitalares de Rondônia e Acre, em detrimento da capital do estado. Esse fenômeno reforça a necessidade de integrar os sistemas de saúde regionais, otimizando fluxos de informação, transporte e recursos. A cooperação entre estados pode fortalecer o cuidado, promover equidade e garantir maior efetividade na atenção hospitalar, favorecendo a promoção da saúde e a qualidade de vida da população amazônica.

**Palavras-chave:** Promoção da Saúde; Equidade no acesso; Regionalização.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Antonio Amancio Barbosa Neto, e-mail: [drantonioamacioneto@gmail.com](mailto:drantonioamacioneto@gmail.com)

<sup>2</sup> Mayra Costa Rosa Farias de Lima, e-mail: [mayracrfarias@gmail.com](mailto:mayracrfarias@gmail.com)

<sup>3</sup> Rodrigo Tobias de Sousa Lima, e-mail: [rodrigo.sousa@fiocruz.br](mailto:rodrigo.sousa@fiocruz.br)

<sup>4</sup> Cristiano Fernandes da Costa, e-mail: [cristianozoo@yahoo.com.br](mailto:cristianozoo@yahoo.com.br)

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Instituto Leônidas & Maria Deane (ILMD)/Fiocruz Amazônia. Conselho de Secretarias Municipais de Saúde do Estado do Amazonas (COSEMS/AM).

## CRIAÇÃO DA FESP REGIONALIZAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

LIMA, Mayra Costa Rosa Farias de<sup>1</sup>; LELLES, Fernando Antônio Gomes<sup>2</sup>; LIMA, Rodrigo Tobias de Sousa<sup>3</sup>

**Introdução:** A promoção da saúde é essencial para melhorar a qualidade de vida e o bem-estar, garantindo acesso equitativo aos serviços. A criação da Função Essencial em Saúde Pública (FESP) Regionalização, iniciativa da OPAS, busca fortalecer a promoção da saúde no Brasil por meio da descentralização da gestão e do fortalecimento da capacidade local de decisão, adaptada às realidades regionais. **Desenvolvimento da experiência:** A construção da FESP Regionalização iniciou-se com oficina no ILMD/Fiocruz Amazônia, envolvendo pesquisadores, OPAS e ABRASCO. Foram apresentados marcos regulatórios, desde a Constituição de 1988 até normas recentes, e definidos quatro eixos temáticos: formal, estrutura, supervisão e desempenho. Em encontro posterior, as perguntas elaboradas foram revisadas quanto à aplicabilidade e relevância, com ajustes discutidos de forma colaborativa. Um terceiro momento presencial consolidou a validação final, resultando em 80 perguntas distribuídas nos quatro eixos. O processo, marcado pela participação ativa e multidisciplinar, garantiu abordagem integrada para a promoção da saúde. **Resultados:** O principal produto foi a elaboração de um questionário orientador, estruturado nos eixos formal, estrutura, supervisão e desempenho. Esse instrumento se apresenta como base para a implementação da FESP Regionalização, fortalecendo a gestão descentralizada e integrada dos serviços de saúde pública. O processo destacou a relevância da colaboração interdisciplinar, a necessidade de flexibilidade e a importância do controle social. Aprendizados significativos emergiram da construção coletiva, enriquecida pela diversidade de perspectivas. A etapa final de validação, prevista com participação do controle social e do Ministério da Saúde, consolidará o instrumento com ajustes mínimos, reforçando sua aplicabilidade como guia para gestores estaduais e regionais. **Considerações finais:** A criação da FESP Regionalização representa avanço relevante para a saúde pública no Brasil, enfrentando desafios de articulação entre entes federados e fortalecendo a promoção da saúde como eixo central das políticas. A experiência demonstra potencial de replicação em outros países latino-americanos, consolidando uma gestão participativa, equitativa e adaptada às especificidades regionais, com vistas à melhoria contínua da qualidade dos serviços.

**Palavras-chave:** Regionalização; Gestão em Saúde; Promoção da Saúde.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Mayra Costa Rosa Farias de Lima, e-mail: [mayracrfarias@gmail.com](mailto:mayracrfarias@gmail.com)

<sup>2</sup> Fernando Antônio Gomes Leles, e-mail: [lelesf@paho.org](mailto:lelesf@paho.org)

<sup>3</sup> Rodrigo Tobias de Sousa Lima, e-mail: [rodrigo.sousa@fiocruz.br](mailto:rodrigo.sousa@fiocruz.br)

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Instituto Leônidas & Maria Deane (ILMD). Fiocruz Amazônia.

## INFLUÊNCIAS PARENTAIS NA SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES: PAPEL DOS COMPORTAMENTOS DOS CUIDADORES E DO USO DE ÁLCOOL EM CONTEXTOS SOCIOVULNERÁVEIS BRASILEIROS

PIETROBON, Tania Vilela<sup>1</sup>; GARCIA-CERDE, Rodrigo<sup>2</sup>; VALENTE, Juliana Yurgel<sup>3</sup>; SANCHEZ, Zila<sup>4</sup>

**Introdução:** A qualidade das relações entre adolescentes e seus cuidadores é crucial para a saúde mental nessa fase de desenvolvimento. Comportamentos parentais, como estilo educacional, disciplina e consumo de álcool, influenciam comportamentos externalizantes (agressividade, impulsividade), internalizantes (ansiedade, depressão) e antissociais nos adolescentes. Este estudo investigou esses comportamentos e sua influência em jovens de famílias sociovulneráveis no Brasil. **Método:** Foram analisados dados de 1610 adolescentes e seus cuidadores, totalizando 805 famílias em situação de vulnerabilidade social. Utilizou-se regressão linear univariada e multivariada em desenho longitudinal para identificar fatores parentais preditivos de comportamentos externalizantes, internalizantes e antissociais. Variáveis consideradas incluíram estilo parental (autoridade, monitoramento e responsividade), disciplina (violenta e não violenta) e consumo de álcool pelos pais. **Resultados:** O estilo parental autoritativo, com altos níveis de monitoramento e responsividade, atuou como fator protetor contra comportamentos antissociais e externalizantes. A disciplina não violenta se mostrou eficaz na redução de comportamentos problemáticos, enquanto a parentalidade autoritativa ajudou a mitigar comportamentos internalizantes, como ansiedade e depressão. Observou-se também que meninas apresentaram maior predisposição a desenvolver tanto comportamentos internalizantes quanto externalizantes, indicando vulnerabilidade adicional. **Análise crítica e Considerações finais:** Os achados destacam a importância da influência parental no bem-estar psicológico de adolescentes, especialmente em contextos socioeconômicos vulneráveis. Intervenções que promovam parentalidade autoritativa e disciplina não violenta podem apoiar o desenvolvimento positivo, prevenir comportamentos problemáticos e fortalecer relações familiares, criando um ambiente de suporte para os jovens. Pesquisas futuras devem explorar com mais profundidade a disciplina não violenta nos contextos parentais, aprimorando estratégias de intervenção e promoção da saúde mental para adolescentes em situações vulneráveis.

**Palavras-chave:** Álcool; Drogas; Parentalidade autoritativa; Comportamento internalizante; Comportamento externalizante; Comportamento antissocial.

**Financiamento:** CAPS, MMFDH.

<sup>1</sup> Tania Vilela Pietrobon, e-mail: [tania.pietrobon@gmail.com](mailto:tania.pietrobon@gmail.com)

<sup>2</sup> Rodrigo Garcia-Cerde, e-mail: [rodrigo.jgc@gmail.com](mailto:rodrigo.jgc@gmail.com)

<sup>3</sup> Juliana Yurgel Valente, e-mail: [jyvalente@gmail.com](mailto:jyvalente@gmail.com)

<sup>4</sup> Zila Sanchez, e-mail: [zila.sanchez@unifesp.br](mailto:zila.sanchez@unifesp.br)

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Departamento de Medicina Preventiva, Epidemiologia, Núcleo Previna.

## AVALIAÇÃO FORMATIVA DO PROGRAMA DE PREVENÇÃO ÀS DROGAS "FAMÍLIAS FORTES" EM FORMATO ONLINE NO BRASIL

PIETROBON, Tania Vilela<sup>1</sup>; GARCIA-CERDE, Rodrigo<sup>2</sup>; VALENTE, Juliana Yurgel<sup>3</sup>; SANCHEZ, Zila<sup>4</sup>

**Introdução:** Programas de prevenção ao uso de drogas no contexto familiar têm impacto positivo no comportamento de crianças e adolescentes, reduzindo riscos associados ao uso de substâncias. Este estudo apresenta a avaliação formativa da implementação do programa *Famílias Fortes*, adaptação brasileira do *Strengthening Families Program* (SFP 10-14), em formato online. O objetivo foi analisar execução, adequação e viabilidade dessa adaptação, identificando oportunidades de melhoria antes de uma aplicação mais ampla. **Método:** Participaram 31 famílias de cinco cidades. A avaliação utilizou triangulação de dados a partir de 74 observações não participantes, 64 formulários de fidelidade preenchidos por facilitadores, 20 grupos focais com participantes e 16 entrevistas semiestruturadas em grupo. Essa abordagem qualitativa garantiu uma análise abrangente da implementação. **Resultados:** A análise concentrou-se em fidelidade, adequação e viabilidade. Quanto à fidelidade, embora os elementos centrais do programa tenham sido preservados, a entrega foi considerada baixa devido a falhas no envio de vídeos e áudios previstos. Na adequação, a acessibilidade foi bem avaliada e os vídeos utilizados de forma satisfatória, mas a confidencialidade, sobretudo nas reuniões de adolescentes, recebeu avaliações negativas. Em termos de viabilidade, dificuldades como acesso precário à internet, não utilização de câmeras em atividades-chave, falhas de gestão de tempo, fragilidades organizacionais das instituições e treinamento insuficiente de facilitadores impactaram negativamente o processo. Além disso, quatro atividades apresentaram problemas específicos que exigem revisão. **Análise crítica e Considerações finais:** A avaliação indicou pontos a serem aprimorados: melhoria da infraestrutura de internet, elaboração de manual específico para o formato virtual, maior controle do tempo das atividades e treinamento mais interativo para facilitadores. Recomenda-se ainda considerar um modelo híbrido, combinando atividades presenciais e online, para ampliar a eficácia. Com essas adaptações, a versão online do *Famílias Fortes* mostra potencial para futura aplicação piloto no Brasil, com possibilidade de expansão em larga escala após avaliação de efetividade.

**Palavras-chave:** Avaliação formativa; Programas de prevenção baseados na família; Programas virtuais; Pesquisa de implementação; Álcool; Drogas.

**Financiamento:** CAPS, MMFDH.

<sup>1</sup> Tania Vilela Pietrobon, e-mail: [tania.pietrobon@gmail.com](mailto:tania.pietrobon@gmail.com)

<sup>2</sup> Rodrigo Garcia-Cerde, e-mail: [rodrigo.jgc@gmail.com](mailto:rodrigo.jgc@gmail.com)

<sup>3</sup> Juliana Yurgel Valente, e-mail: [jyvalente@gmail.com](mailto:jyvalente@gmail.com)

<sup>4</sup> Zila Sanchez, e-mail: [zila.sanchez@unifesp.br](mailto:zila.sanchez@unifesp.br)

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Medicina Preventiva, Saúde Coletiva, Epidemiologia, Núcleo Previna.

## PROJETO RESSIGNIFICAR: FALANDO POR MEIO DA ARTE

HALVANTZIS, Diessika Helena Costa<sup>1</sup>; CAROZZO, Nádia Prazeres Pinheiro<sup>2</sup>; OLIVEIRA, Ariadne Alcione Silva de<sup>3</sup>; PEREIRA, Laísa de Fátima Araújo<sup>4</sup>

**Introdução:** A adolescência, compreendida entre 10 e 19 anos, é marcada pela busca de identidade, aceitação social e desenvolvimento de autonomia, sendo também um período de maior vulnerabilidade para problemas de saúde mental. No Brasil, historicamente, o cuidado a essa população foi caracterizado por omissão, exclusão e institucionalização. Em São Luís, Maranhão, o Hospital Nina Rodrigues (HNR), por meio do Ambulatório Infantojuvenil, desenvolve práticas que buscam o protagonismo dos adolescentes em seus processos terapêuticos. Nesse contexto, o Projeto RESSIGNIFICAR 2023 teve como objetivo utilizar a arte como recurso para promoção da saúde mental, incentivando a criatividade, a expressão emocional e o enfrentamento de angústias. **Método:** O projeto contou com a participação de 10 adolescentes com quadros psicopatológicos estabilizados e acompanhamento regular pela equipe multiprofissional. Os responsáveis participaram de reunião explicativa e assinaram termo de consentimento. As oficinas de pintura em tela foram realizadas no HNR, sob acompanhamento de psiquiatra infantojuvenil, psicóloga e terapeuta ocupacional. As obras produzidas compuseram a Exposição RESSIGNIFICAR 2023, realizada no São Luís Shopping entre 17 e 23/09/2023, cuja abertura contou com a participação ativa dos adolescentes, que conduziram visitantes e apresentaram suas criações. Ao término da mostra, os quadros foram entregues a cada participante e seus familiares. **Resultados:** O projeto proporcionou ganhos em diferentes dimensões. No engajamento, observou-se entusiasmo e compromisso dos adolescentes em todas as etapas. No aspecto psicológico, destacou-se a melhora da autoestima, autoaceitação e expressão de emoções, fortalecendo o senso de identidade. A realização da exposição em espaço público reforçou o sentimento de pertencimento social e orgulho, enquanto o envolvimento das famílias fortaleceu vínculos e promoveu um ambiente de apoio e compreensão mútua. **Considerações finais:** O Projeto RESSIGNIFICAR 2023 mostrou-se inovador ao integrar arte e cuidado em saúde mental, configurando-se como intervenção eficaz para adolescentes em acompanhamento psiquiátrico e psicológico. A arte demonstrou ser um meio terapêutico potente, favorecendo a expressão de sentimentos, desejos e ideias, além de estimular concentração, motricidade e comunicação. A experiência reforça a necessidade de continuidade e expansão do projeto, valorizando estratégias que promovam inclusão social e bem-estar juvenil.

**Palavras-chave:** Promoção da saúde; Adolescência; Terapia com artes criativas.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Diessika Helena Costa Halvantzis, e-mail: [diessikahelena@gmail.com](mailto:diessikahelena@gmail.com)

<sup>2</sup> Nádia Prazeres Pinheiro Carozzo, e-mail: [nadia.pinheiro@ufma.br](mailto:nadia.pinheiro@ufma.br)

<sup>3</sup> Ariadne Alcione Silva de Oliveira, e-mail: [ariadne-psi@hotmail.com](mailto:ariadne-psi@hotmail.com)

<sup>4</sup> Laísa de Fátima Araújo Pereira, e-mail: [laisa.araujo.to@gmail.com](mailto:laisa.araujo.to@gmail.com)

Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Hospital Nina Rodrigues.

## PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL EM ADOLESCENTES ATRAVÉS DOS AFETOS: UMA VISÃO DA PSICOLOGIA POSITIVA

FERRÃO, Isabelly Maria<sup>1</sup>; VIEIRA, Mariana Luiza Pereira<sup>2</sup>; FARIA, Margareth Regina Gomes Veríssimo de<sup>3</sup>; MOTTA, Katya Alexandrina Matos Barreto<sup>4</sup>; CAMPOS, Daniela Cristina<sup>5</sup>

**Introdução:** A psicologia positiva é uma ciência psicológica voltada para a promoção da saúde mental, prevenção de doenças e qualidade de vida, estudando fatores de proteção como os afetos. A adolescência é um período complexo marcado por mudanças cognitivas, sociais e nas percepções de vida, demandando intervenções preventivas adequadas que desenvolvam valores positivos. Intervenções grupais podem favorecer identificação, intimidade e empatia, aspectos protetivos associados a afetos positivos. Estudos indicam bons resultados em práticas baseadas na psicologia positiva. O objetivo deste trabalho foi verificar se intervenções terapêuticas grupais, fundamentadas nessa abordagem, poderiam diminuir afetos negativos e aumentar afetos positivos entre adolescentes. **Método:** Este estudo integra a pesquisa “Psicologia Positiva e desenvolvimento humano na promoção de saúde e bem-estar antes e após a pandemia”, da Dra. Margareth Regina Gomes Veríssimo de Faria (CAAE 44884721.5.0000.5076, parecer nº 4.882.036). Participaram 32 adolescentes de uma escola pública. Foram utilizados a Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes e registros em diário de campo. A coleta ocorreu em 12 encontros realizados na escola, com aplicação e reaplicação da escala, além de intervenções grupais. A análise foi conduzida com apoio do software SPSS, utilizando estatística descritiva, testes de frequência e médias, além da observação qualitativa dos registros. **Resultados e análise crítica:** As intervenções favoreceram a convivência intragrupo, com aumento de falas positivas e diminuição de estados de humor aversivos. Os dados sugerem relação inversa entre o crescimento de afetos positivos e a atenuação dos negativos, indicando efeito benéfico na dimensão afetiva do bem-estar subjetivo. Os afetos positivos, enquanto fatores de proteção, mostraram impacto relevante tanto para lidar com mudanças típicas da adolescência quanto para enfrentar vulnerabilidades sociais relatadas pelos participantes. Evidencia-se a importância de estratégias preventivas voltadas a esse público, especialmente em espaços como a escola, que atua como contexto fundamental para o desenvolvimento, promoção da saúde e construção de vínculos interpessoais. **Considerações finais:** As intervenções grupais baseadas em psicologia positiva contribuíram para a redução de afetos negativos e incremento de afetos positivos nos adolescentes. Os resultados apontam para o potencial de expansão dessas práticas, abrindo caminhos para futuras pesquisas e aplicações em contextos educativos e comunitários.

**Palavras-chave:** Ambientes promotores de saúde, da cultura de paz e protetores de violências.

**Financiamento:** Bolsa de Iniciação Científica da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (BIC/PUC Goiás).

<sup>1</sup> Isabelly Maria Ferrão, e-mail: [isabellyferrao@gmail.com](mailto:isabellyferrao@gmail.com)

<sup>2</sup> Mariana Luiza Pereira Vieira, e-mail: [mariluizaapv@gmail.com](mailto:mariluizaapv@gmail.com)

<sup>3</sup> Margareth Regina Gomes Veríssimo de Faria, e-mail: [margarethverissimo@gmail.com](mailto:margarethverissimo@gmail.com)

<sup>4</sup> Katya Alexandrina Matos Barreto Motta, e-mail: [katyadesenvolverh@hotmail.com](mailto:katyadesenvolverh@hotmail.com)

<sup>5</sup> Daniela Cristina Campos, e-mail: [dcampos1409@gmail.com](mailto:dcampos1409@gmail.com)  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia – GO (PUC-GO).

## ENTRE JALECOS E FARDAS, BIOPODER E GESTÃO DE RISCO: NARRATIVAS DE JOVENS ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE MANAUS

BARREIROS, Marden Alessandro de Lima<sup>1</sup>; SAMPAIO, Claudia Regina Brandão<sup>2</sup>

**Introdução:** O Biopoder é um dispositivo invisível e multifacetado que atua nas civilizações com o objetivo de docilizar corpos por meio de mecanismos disciplinadores e institucionalizantes. Ele se estabelece pelo controle de dinâmicas sociais e ambientais, utilizando-se de prerrogativas sociológicas, científicas e tecnológicas. A região amazônica enfrenta desafios típicos da região Norte do Brasil, marcada por questões ambientais e sociais que se entrelaçam. A violência, crescente e complexa, está fortemente relacionada a fatores ambientais, como secas que inviabilizam o transporte e a pesca, cheias que ameaçam comunidades ribeirinhas e o desmatamento que compromete a fauna e a subsistência. Tais condições intensificam a miséria e a desigualdade, favorecendo a expansão do biopoder. Em Manaus, jovens se mostram especialmente vulneráveis a esse cenário. No ano de 2023, episódios de violência escolar ganharam grande repercussão nacional. A mídia contribuiu para o temor generalizado, muitas vezes abordando os fatos como “Casos de Polícia”, em narrativas que criminalizam ou patologizam os jovens, reproduzindo lógicas higienistas. Diante disso, este estudo busca compreender a relação entre Segurança Pública, Saúde e Violência nas escolas, a partir das narrativas de jovens sobre suas vivências no ambiente escolar em Manaus. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com coleta de dados realizada por meio de entrevistas narrativas sem roteiro prévio. Os participantes são egressos de escolas públicas situadas em contextos considerados violentos. Além disso, são analisados materiais midiáticos que associam escola e violência. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM). **Resultados:** Resultados parciais indicam que as narrativas midiáticas privilegiam ações policiais, judicialização dos conflitos e individualização das causas da violência. O conceito de Biopoder tem se mostrado um operador analítico potente para interpretar esses dados. **Etapa atual da pesquisa:** A investigação encontra-se na fase de entrevistas com estudantes egressos de escolas públicas de Manaus, hoje matriculados em cursos da Universidade Federal do Amazonas. **Potenciais contribuições:** Espera-se ampliar perspectivas compreensivas sobre a violência escolar, contrapondo-se a respostas reducionistas, patologizantes e criminalizantes da juventude.

**Palavras-chave:** Violência; Biopoder; Vulnerabilidade.

**Financiamento:** Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

<sup>1</sup> Marden Alessandro de Lima Barreiros, e-mail: [marden.alessandro@gmail.com](mailto:marden.alessandro@gmail.com)

<sup>2</sup> Claudia Regina Brandão Sampaio, e-mail: [claudia.sampaio@ufam.edu.br](mailto:claudia.sampaio@ufam.edu.br)  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

## ENEGRECENDO A UFAM: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A APLICAÇÃO DO SANKOFA EM UMA ESCOLA DE MANAUS

BARREIROS, Marden Alessandro de Lima<sup>1</sup>; MIRANDA, Vitória Maria da Silva<sup>2</sup>; PEREIRA, Mariah de Moraes Martins<sup>3</sup>; SILVA, Mariana Rosa Rocha da<sup>4</sup>; MENDES, Erick Araújo<sup>5</sup>; ALMEIDA, Kebeliny Torres de<sup>6</sup>; RODRIGUES, Dinelsa de Souza<sup>7</sup>; BALBINO, Lohayla Batista<sup>8</sup>; BESSA, Luiza Eduarda Barros<sup>9</sup>; SILVA, Iolete Ribeiro da<sup>10</sup>

**Introdução:** O projeto Enegrecendo a UFAM é uma iniciativa de extensão, majoritariamente realizada por estudantes negros/as/es, que busca disseminar o direito às cotas raciais como forma de acesso às universidades públicas para estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas do Amazonas. O projeto promove, de forma lúdica, educação sobre questões raciais e interseccionalidades, resgatando a origem (*sankofa*) para ressignificar o presente de crianças e adolescentes negros/as/es, construindo um futuro mais negro. O coletivo já realizou diversas atividades em escolas estaduais e compartilha conteúdos educativos nas redes sociais. **Método:** A atividade ocorreu em uma escola municipal de Manaus, envolvendo estudantes do sexto ao nono ano. Inicialmente, foi realizada uma visita técnica e instalada a caixa “Jogue aqui seu preconceito”, para que os estudantes depositassem relatos de experiências de preconceito. Com base nas respostas, elaborou-se a dinâmica “Tabuleiro de Vivências”, visando dialogar sobre questões étnico-raciais e desenvolver habilidades sociais, abordando identidade, subjetividade, cuidados coletivos, saúde e educação acolhedora. Os estudantes foram divididos em equipes e, para avançar no tabuleiro, respondiam às perguntas; após responder, lançavam o dado para executar a ação correspondente. O ganhador foi quem chegou mais longe no tabuleiro. Todos os princípios éticos foram observados, e por se tratar de projeto de extensão, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética da UFAM. **Resultados esperados:** As atividades criaram um ambiente seguro e aberto para discutir bullying, racismo, questões de gênero e expressão de sentimentos. A dinâmica interativa permitiu que os estudantes fizessem perguntas, compartilhassem opiniões e trouxessem experiências pessoais. **Potenciais contribuições:** Trabalhar temas relacionados à violência e desigualdade nas escolas por meio de atividades educativas favorece a sensibilização da comunidade escolar no combate a racismo e sexismo. O feedback das crianças foi positivo, com relatos de engajamento, expressões de sentimentos e diálogos reflexivos sobre raça, gênero e outras questões sociais, promovendo conscientização de forma lúdica.

**Palavras-chave:** Educação; Antirracismo; Negritude.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Marden Alessandro de Lima Barreiros, e-mail: [marden.alessandro@gmail.com](mailto:marden.alessandro@gmail.com)

<sup>2</sup> Vitória Maria da Silva Miranda, e-mail: [viquizando@gmail.com](mailto:viquizando@gmail.com)

<sup>3</sup> Mariah de Moraes Martins Pereira, e-mail: [mariahmoraesmp@gmail.com](mailto:mariahmoraesmp@gmail.com)

<sup>4</sup> Mariana Rosa Rocha da Silva, e-mail: [marirosaxw@gmail.com](mailto:marirosaxw@gmail.com)

<sup>5</sup> Erick Araújo Mendes, e-mail: [araujo.net2006@gmail.com](mailto:araujo.net2006@gmail.com)

<sup>6</sup> Kebeliny Torres de Almeida, e-mail: [kebeliny@gmail.com](mailto:kebeliny@gmail.com)

<sup>7</sup> Dinelsa de Souza Rodrigues, e-mail: [dina.ms2142@gmail.com](mailto:dina.ms2142@gmail.com)

<sup>8</sup> Lohayla Batista Albino, e-mail: [lohaylabalbino@gmail.com](mailto:lohaylabalbino@gmail.com)

<sup>9</sup> Luiza Eduarda Barros Bessa, e-mail: [luiedubarros@outlook.com](mailto:luiedubarros@outlook.com)

<sup>10</sup> Iolete Ribeiro da Silva, e-mail: [ioleteribeiro@ufam.edu.br](mailto:ioleteribeiro@ufam.edu.br)

Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

## IDENTIFICAÇÃO DOS PONTOS DE INADEQUAÇÃO DE PROGRAMA PROERD PARA A CULTURA BRASILEIRA

VALENTE, Juliana Yurgel<sup>1</sup>; GARCIA-CERDE, Rodrigo<sup>2</sup>; PIETROBON, Tania Vilela<sup>3</sup>; SANCHEZ, Zila M<sup>4</sup>

**Introdução:** O programa de prevenção PROERD, versão brasileira do DARE-kiR, não demonstrou evidência de efetividade na prevenção do uso de drogas em estudos recentes, possivelmente devido à falta de adaptação cultural e desvios dos instrutores em relação ao currículo. Este estudo teve como objetivo identificar inadequações do PROERD no contexto brasileiro e sugerir estratégias para revisão do currículo e melhoria da implementação. **Método:** Utilizou-se abordagem mista (qualiquantitativa), com dados de três fontes triangulados: 13 entrevistas semiestruturadas com policiais que implementaram o programa, 8 grupos focais com 80 alunos participantes e 17 questionários de especialistas em prevenção avaliando os manuais do programa. Os dados foram coletados em São Paulo e analisados com base no Modelo de Validade Ecológica, abrangendo metodologia, conteúdo e linguagem. Questionários foram analisados por estatística descritiva, considerando o percentual de especialistas que consideraram as aulas inadequadas para estudantes brasileiros. Dados qualitativos foram analisados por análise temática, com codificação híbrida indutiva e dedutiva. O estudo teve aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo (nº 1292/2020) e todos os participantes forneceram consentimento informado. Financiamento: FAPESP (processos 17-22300-7 e 2019/27519-2). **Resultados:** Na metodologia, identificou-se excesso de atividades pouco interativas, com demandas de alfabetização incompatíveis com o desenvolvimento cognitivo dos alunos, além de dependência de equipamentos indisponíveis nas escolas públicas, como projetores e aparelhos de vídeo. Quanto ao conteúdo, embora adequado à prevenção baseada em evidências, foram observadas contradições sobre drogas e excesso de abordagens no quinto ano. Policiais e alunos relataram inclusão de conteúdos não previstos no manual sobre malefícios das drogas. A linguagem dos manuais também foi considerada inadequada à cultura dos jovens brasileiros, sendo necessário adaptar vocabulário, exemplos e imagens. **Considerações finais:** Os resultados indicam a necessidade de adaptações profundas em metodologia, conteúdo e linguagem. Recomenda-se revisão do currículo do PROERD Caindo na Real, assegurando alinhamento com padrões internacionais de prevenção e adequação à realidade dos estudantes brasileiros.

**Palavras-chave:** Adaptação cultural; Uso de substâncias; Programa de prevenção; Adolescentes.

**Financiamento:** FAPESP.

<sup>1</sup> Juliana Yurgel Valente, e-mail: [juliana.valente@unifesp.br](mailto:juliana.valente@unifesp.br)

<sup>2</sup> Rodrigo Garcia-Cerde, e-mail: [rodrigo.jgc@gmail.com](mailto:rodrigo.jgc@gmail.com)

<sup>3</sup> Tania Pietrobon, e-mail: [tania.pietrobon@gmail.com](mailto:tania.pietrobon@gmail.com)

<sup>4</sup> Zila M. Sanchez, e-mail: [zila.sanchez@unifesp.br](mailto:zila.sanchez@unifesp.br)

Universidade de São Paulo (USP).

## AUTOESTIMA DE JOVENS ADOLESCENTES: PROMOÇÃO E PRESERVAÇÃO POR UMA INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA POSITIVA

VIERA, Mariana Luiza Pereira<sup>1</sup>; FERRÃO, Isabelly Maria<sup>2</sup>; FARIA, Margareth Regina Gomes Veríssimo de<sup>3</sup>; MOTTA, Katya Alexandrina Matos Barreto<sup>4</sup>; CAMPOS, Daniela Cristina<sup>5</sup>

**Introdução:** A adolescência é marcada por diversas transformações, destacando-se a autoestima, variável central para a participação eficiente do adolescente em grupos. A influência da autoestima e da subjetividade é crucial para o desenvolvimento saudável, conforme preceitos da psicologia positiva, que estuda pontos fortes e experiências humanas positivas. Este estudo teve como objetivo analisar as contribuições da abordagem Humanista/Fenomenológica e das intervenções em Psicologia Positiva para a autoestima e o bem-estar psicológico e social de adolescentes. **Método:** Vinculado à pesquisa “Psicologia Positiva e desenvolvimento humano na promoção de saúde e bem-estar antes e após a pandemia” (CAAE 44884721.5.0000.5076, parecer 4.882.036), participaram nove adolescentes de 14 a 17 anos, estudantes de uma escola pública em Goiânia. Foram utilizados a Escala de Autoestima de Rosenberg e um diário de campo. As intervenções consistiram em 10 encontros de 2 horas cada, com consentimento dos responsáveis e assinatura do TALE pelos adolescentes. Cada encontro incluía momentos de acolhimento e atividades programadas: contrato psicológico, construção do “eu”, espelho para autodescrição, elementos de identificação, resolução de problemas, atenção plena e emoções, assertividade, círculo mágico, roda de conversa sobre vínculos afetivos e confraternização final com aplicação dos instrumentos. **Resultados e análise crítica:** Inicialmente, os adolescentes avaliavam-se com base nas opiniões de familiares e amigos, rejeitando suas próprias percepções. Após as intervenções, relataram maior autoconhecimento e consideração por suas próprias percepções, descrevendo-se mais capazes e responsáveis. Os dados quantitativos indicaram aumento nos itens positivos e diminuição nos negativos da escala de autoestima, sugerindo redução da perspectiva negativa sobre si mesmos e melhora do bem-estar psicológico. **Considerações finais:** As intervenções mostraram-se eficazes na promoção da autoestima e do bem-estar psicológico dos adolescentes. Os resultados indicam potencial para futuras pesquisas e intervenções baseadas na Psicologia Positiva, recomendando maior número de encontros e sessões de *follow-up* para consolidar aprendizagens e fortalecer os efeitos das atividades realizadas.

**Palavras-chave:** Adolescência, Autoestima, Psicologia Positiva.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Mariana Luiza Pereira Vieira, e-mail: [mariluizaapv@gmail.com](mailto:mariluizaapv@gmail.com)

<sup>2</sup> Isabelly Maria Ferrão, e-mail: [isabellyferrao@gmail.com](mailto:isabellyferrao@gmail.com)

<sup>3</sup> Margareth Regina Gomes Veríssimo de Faria, e-mail: [margarethverissimo@gmail.com](mailto:margarethverissimo@gmail.com)

<sup>4</sup> Katya Alexandrina Matos Barreto Motta, e-mail: [katyadesenvolverh@hotmail.com](mailto:katyadesenvolverh@hotmail.com)

<sup>5</sup> Daniela Cristina Campos, e-mail: [dcampos1409@gmail.com](mailto:dcampos1409@gmail.com)

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

## YOGA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA PROMOVER HABILIDADES SOCIAIS E REDUZIR A VIOLÊNCIA ESCOLAR

RIBEIRO, Rejane<sup>1</sup>; SOARES, Adriana Benevides<sup>2</sup>

**Introdução:** A violência nas escolas brasileiras têm aumentado, manifestando-se por depredação, brigas e agressões verbais, físicas ou psicológicas, prejudicando aprendizado e relações interpessoais. Fatores sociais, econômicos e culturais influenciam esse cenário. As Habilidades Sociais (HS) funcionam como fator protetivo, e a prática do Yoga, com seus preceitos éticos e morais (*yamas* e *niyamas*), se relaciona às classes de HS. O Treinamento de Habilidades Sociais (THS) é eficaz para desenvolver HS e promover um ambiente escolar mais seguro. Na infância, atividades lúdicas, como a contação de histórias, tornam o THS mais atrativo. Este estudo avaliou qualitativamente uma intervenção para alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I, desenvolvendo HS por meio de contação de histórias e Yoga. **Método:** Estudo descritivo, transversal e qualitativo, com 16 alunos de 9 a 11 anos de uma escola municipal do Rio de Janeiro. A intervenção consistiu em uma sessão de 90 minutos baseada na história adaptada "A Tartaruga", acompanhada de prática de asanas (posturas de Yoga). O foco foi trabalhar Autocontrole, Resolução de Conflitos, Empatia e Assertividade, oferecendo ferramentas para lidar com emoções desafiadoras. Os dados foram coletados por gravação da sessão, transcritos e analisados por Análise de Conteúdo de Bardin. **Resultados e análise crítica:** Foram identificadas cinco categorias: Interesse das Crianças, Dificuldades na Escola, Identificação de Sentimentos, Reações frente a Situações Difíceis e Feedback da Atividade. Os alunos relataram atividades prazerosas, dificuldades como violência física, problemas de socialização e discriminação racial. As reações às situações difíceis variaram entre respostas assertivas, como buscar ajuda, e desadaptativas, como agressão ou isolamento. A intervenção promoveu a identificação de sentimentos e o feedback indicou engajamento e eficácia. A análise sugere que contação de histórias e yoga são ferramentas eficazes para promover relações interpessoais positivas e um clima escolar acolhedor. **Considerações finais:** A intervenção evidenciou a necessidade de programas permanentes de promoção de HS. Recomenda-se futuras pesquisas com mais sessões e avaliações pré e pós-intervenção para validar a eficácia no desenvolvimento socioemocional. O trabalho contribui socialmente para o bem-estar imediato dos alunos e academicamente ao propor métodos inovadores para o desenvolvimento de HS, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo e favorável ao desenvolvimento integral.

**Palavras-chave:** Yoga, Contação de histórias, Habilidades Sociais, Treinamento de Habilidades Sociais, Violência escolar.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Rejane Ribeiro, e-mail: [rejaneribeiro.rj@gmail.com](mailto:rejaneribeiro.rj@gmail.com)

<sup>2</sup> Adriana Benevides Soares, e-mail: [adribenevides@gmail.com](mailto:adribenevides@gmail.com)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

## O JOGO SexTOP COMO FERRAMENTA PARA DIÁLOGOS SOBRE SEXUALIDADE ENTRE PAIS E FILHOS

BASILEU, Natália Bragança<sup>1</sup>; TEIXEIRA, Catarina Malcher<sup>2</sup>

**Introdução:** Achados da literatura apontam que a comunicação entre pais e filhos é um importante fator de proteção contra comportamentos de risco na adolescência, especialmente quando associada à monitoria positiva. Entretanto, o diálogo sobre educação sexual ainda enfrenta diversas dificuldades. Nesse contexto, os *serious games* surgem como ferramentas educacionais que, além de transmitir conhecimento, permitem abordar temas sensíveis de forma interativa e envolvente. Assim, esta investigação teve como objetivo desenvolver um recurso terapêutico em formato de jogo para favorecer o diálogo entre pais e filhos acerca da educação sexual. **Método:** O jogo foi elaborado a partir de pesquisa de campo utilizando a Escala de Comunicação sobre Sexualidade entre pais-filhos(as) – versão pais ou responsáveis (EComSex-P), criada especificamente para avaliar frequência e nível de desconforto dos responsáveis ao tratar do tema. Com base nesses resultados, foi desenvolvido o protótipo do jogo terapêutico SexTOP, com o objetivo de ampliar a comunicação entre adolescentes e seus responsáveis. **Resultados e análise crítica:** O SexTOP é um *serious game* de regras simples e caráter competitivo, inspirado no tradicional jogo “Stop”, popular no Norte e Nordeste do Brasil. Ele foi estruturado para interações entre pais e filhos de qualquer gênero, na faixa etária de 12 a 18 anos. O jogo inclui um tabuleiro com nove colunas, seis faixas magnéticas com afirmativas, um dado numerado de um a seis, amпуheta de três minutos e um caderno com gabarito e questões-desafio. Os temas abordados são: cuidados com a saúde íntima, afetividade nos relacionamentos, iniciativa parental, recomendações e proibições, violência sexual, práticas sexuais, referências sobre sexualidade e barreiras de comunicação. **Considerações finais:** O SexTOP mostra-se promissor ao incentivar a interação entre pais e filhos sobre sexualidade, ampliando o conhecimento mútuo e preenchendo lacunas ainda existentes em recursos educacionais com este objetivo. Embora os *serious games* tenham avançado em diversas áreas, poucos foram desenvolvidos para a educação sexual. Estudos futuros, com delineamentos experimentais e quase-experimentais, poderão avaliar sua efetividade e fornecer evidências para sua aplicação. O desenvolvimento de práticas baseadas em evidências nesse campo contribui diretamente para a saúde pública, constituindo uma nova linha de pesquisa a ser fortalecida.

**Palavras-chave:** Educação sexual; Diálogos entre pais e filhos; Adolescentes.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Natália Bragança Basileu, e-mail: [nbbasileu@gmail.com](mailto:nbbasileu@gmail.com)

<sup>2</sup> Catarina Malcher Teixeira, e-mail: [catarina.malcher@ufma.br](mailto:catarina.malcher@ufma.br)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA).



## GRUPOS TERAPÊUTICOS PARA MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO, NUMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

ALENCAR, Ana Carolina Oliveira Nascimento de<sup>1</sup>; SANTOS, Joseleno Vieira dos<sup>2</sup>

**Introdução:** O projeto de grupos terapêuticos e reflexivos para mulheres vítimas de violência iniciou-se em 2023, fundamentado na Psicologia Sócio-histórica, que compreende os sujeitos como ativos e constituintes de sua história, ao mesmo tempo em que são atravessados pelo tempo, espaço e sociedade. Torna-se cada vez mais necessário desenvolver estudos sobre as diversas formas de violência, visando desvelar contradições da sociedade capitalista e patriarcal, subsidiando o fortalecimento das mulheres como sujeitos de direitos, capazes de conduzir sua existência com autonomia. Organizar espaços de práticas grupais é reconhecer seu potencial transformador, pois favorecem ressignificação pessoal, novas relações sociais, diferenciação, escuta, reflexão e cuidado. O objetivo do projeto, vinculado aos Estágios Finais I e II, do curso de Psicologia, é ampliar modalidades de atendimento do CEPSI/PUC Goiás, oferecendo grupos terapêuticos para mulheres em situação de violência, favorecendo re-historicização de vivências e desenvolvimento de recursos psicológicos, emocionais e atitudinais. **Método:** Realiza-se grupo de estudos com estagiários e professor supervisor, aprofundando temáticas relacionadas à violência de gênero. São feitas visitas técnicas em instituições que atuam na mediação dos processos de enfrentamento à violência. O CEPSI divulga os atendimentos em seu site, permitindo inscrições contínuas. Após contato inicial individual, as mulheres são convidadas a participar dos grupos, previstos para cerca de 10 encontros, cujos temas emergem das demandas coletivas. **Resultados esperados:** Pretende-se atender maior número de mulheres na etapa grupal, criando espaço para novas narrativas, onde possam assumir protagonismo, discutir tipos de violência, fortalecer redes de apoio e construir estratégias de enfrentamento. Busca-se promover tanto prevenção quanto cuidado, favorecendo autonomia e fortalecimento subjetivo. **Etapa da pesquisa:** O estágio e estudos estão em andamento. No primeiro semestre de 2024 foram realizadas visitas técnicas, grupos de estudo, participação em eventos, supervisões e atendimentos individuais. Para o segundo semestre está prevista a abertura do grupo terapêutico. **Discussão preliminar:** Observam-se dificuldades de acesso às mulheres devido a fatores como medo, culpa, vergonha e limitações financeiras, que impactam na adesão. Além desses atravessamentos, surgem elementos recorrentes nos atendimentos, como a influência da religião e questões raciais, exigindo reflexões sobre práticas, ajustes metodológicos e políticas públicas eficazes de enfrentamento.

**Palavras-chave:** Violência de gênero; Psicologia Social Comunitária; Grupo terapêutico.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Ana Carolina Oliveira Nascimento de Alencar, e-mail: [carolalencar@gmail.com](mailto:carolalencar@gmail.com)

<sup>2</sup> Joseleno Vieira dos Santos, e-mail: [joseleno@pucgoias.edu.br](mailto:joseleno@pucgoias.edu.br)  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

## DESENVOLVIMENTO DE UMA INTERVENÇÃO PARA PROMOÇÃO DE COMPORTAMENTOS PRÓ-SOCIAIS E PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FREITAS, Iara da Silva<sup>1</sup>; MELO, Márcia Helena da Silva<sup>2</sup>

**Introdução:** Comportamentos pró-sociais abrangem ações voluntárias direcionadas a beneficiar outras pessoas, compatíveis com a diminuição da violência, a promoção da diversidade e a construção de uma sociedade mais justa e colaborativa. Considerando a relevância de estimular tais comportamentos em escolas desde a primeira infância, tornam-se necessários estudos voltados ao desenvolvimento de intervenções que subsidiem as práticas docentes. A literatura indica que a abordagem cognitivo-comportamental pode oferecer contribuições significativas nesse campo. Assim, a presente pesquisa, composta por dois estudos articulados, teve como objetivo descrever o processo de desenvolvimento de uma intervenção cognitivo-comportamental, de caráter universal, voltada ao fortalecimento de habilidades de professores da educação infantil relacionadas à promoção de comportamentos pró-sociais e à prevenção da violência escolar. **Método:** O Estudo 1 consistiu em uma revisão integrativa da literatura, guiada pela questão: quais são as características metodológicas e quais intervenções baseadas em evidências estão disponíveis na literatura nacional e internacional para a promoção de comportamentos pró-sociais no contexto escolar? A busca foi realizada nas bases ERIC, LILACS, PubMed, PsycINFO, SciELO, Scopus e Web of Science, mediante uso de descritores, operadores booleanos e truncagem, com critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. Os artigos selecionados foram organizados em planilhas por categorias estabelecidas. O Estudo 2 configurou-se como pesquisa descritiva de fonte secundária, contemplando o processo de desenvolvimento da intervenção, a participação de especialistas e a elaboração de um modelo lógico. **Resultados e análise crítica:** O Estudo 1 resultou em 21 pesquisas incluídas, das quais 19 relataram efeitos positivos das intervenções na promoção de comportamentos pró-sociais e em outros desfechos. O Estudo 2 culminou na construção de uma proposta de intervenção composta por dez encontros, abordando temáticas como relação entre pensamentos, emoções e comportamentos, valorização de condutas pró-sociais, práticas educativas indutivas, agressividade e resolução de problemas. Foram também elaborados protótipos de materiais de apoio e apontados, por especialistas, potenciais facilitadores e barreiras para a adoção, implementação e sustentabilidade da proposta na educação infantil. **Considerações finais:** Os achados contribuem para a agenda de prevenção à violência escolar, para o avanço da aplicação da TCC no contexto educacional e para a divulgação de processos relacionados ao desenvolvimento de intervenções baseadas em evidências.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento de intervenções; Violência escolar; Comportamento pró-social.

**Financiamento:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>1</sup> Iara da Silva Freitas, e-mail: [iarafreitas.psi@gmail.com](mailto:iarafreitas.psi@gmail.com)

<sup>2</sup> Márcia Helena da Silva Melo, e-mail: [lappes@usp.br](mailto:lappes@usp.br)

Universidade de São Paulo (USP). Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PSC), LaPPES.

## IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA DE PREVENÇÃO COMMUNITIES THAT CARE (CTC) EM UMA COMUNIDADE BRASILEIRA

FRANZOLOSO, Tallita<sup>1</sup>; THUROW, Charlene Fernanda<sup>2</sup>; SILVA, Guilherme Gomes<sup>3</sup>;  
SCHNEIDER, Daniela Ribeiro<sup>4</sup>

**Introdução:** O *Communities That Care* (CTC), sistema preventivo baseado na comunidade, está em processo de adaptação cultural no Brasil, sendo denominado *Comunidades que Cuidam* (CQC). O objetivo é fortalecer políticas preventivas que valorizem o protagonismo comunitário no enfrentamento de riscos relacionados ao abuso de drogas e à violência. **Objetivo:** Descrever o processo de implementação, avaliar a fidelidade do piloto do CQC e identificar as principais adaptações realizadas nas duas primeiras etapas do sistema em uma comunidade de Santa Catarina. **Método:** Trata-se de uma pesquisa avaliativa da implementação, de abordagem qualitativa, com delineamento exploratório e descritivo. A amostra foi não probabilística por conveniência. Os dados foram obtidos a partir do checklist *Milestones and Benchmarks* e de documentos produzidos entre 2020 e 2022. A análise foi descritiva. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina (Sigpex nº 202018046, CAAE nº 50477321.3.0000.0121). **Resultados e análise crítica:** A Etapa 1 (2021) contemplou treinamento da equipe, tradução e adaptação de materiais, mapeamento de 74 lideranças comunitárias e aplicação de questionários de prontidão, embora com atraso devido à pandemia. Do total de líderes mapeados, 37 se engajaram e 12 integraram a coalizão comunitária. A Etapa 2 (2022) envolveu a formação da coalizão, participação de 11 membros, divisão em quatro grupos de trabalho e aplicação do “Questionário com a Juventude sobre Fatores de Risco e Proteção” em três escolas, com 397 respostas. Houve redução de 12 para 6 membros ativos na coalizão, reflexo de dificuldades operacionais e de engajamento. Apesar dos desafios, a maioria das metas previstas foi atingida, preservando-se os elementos centrais do CTC. As principais adaptações culturais ocorreram na entrega dos treinamentos. **Considerações finais:** A implementação piloto evidenciou a viabilidade de conciliar fidelidade ao modelo com adaptações às especificidades brasileiras. Os resultados reforçam a relevância do protagonismo comunitário na prevenção de riscos e violências, ainda que persistam desafios relacionados à manutenção da coalizão e ao impacto da pandemia. A continuidade das próximas etapas será fundamental para avaliar integralmente a efetividade do CQC e consolidar sua contribuição para políticas públicas preventivas na América Latina.

**Palavras-chave:** Comunidades que Cuidam; Sistema preventivo; adaptação cultural.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Tallita Franzoloso, e-mail: [tallitafranzoloso@gmail.com](mailto:tallitafranzoloso@gmail.com)

<sup>2</sup> Charlene Fernanda Thurow, e-mail: [cfturow@gmail.com](mailto:cfturow@gmail.com)

<sup>3</sup> Guilherme Gomes Silva, e-mail: [guilherme.ufsc1879@gamil.com](mailto:guilherme.ufsc1879@gamil.com)

<sup>4</sup> Daniela Ribeiro Schneider, e-mail: [danischneiderpsi@gamil.com](mailto:danischneiderpsi@gamil.com)  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

## BARREIRAS E FACILITADORES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO COMMUNITIES THAT CARE (CTC) EM DIFERENTES PAÍSES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

FRANZOLOSO, Tallita<sup>1</sup>; THUROW, Charlene Fernanda<sup>2</sup>; SILVA, Guilherme Gomes<sup>3</sup>; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro<sup>4</sup>

**Introdução:** O Communities That Care (CTC) é um sistema preventivo baseado na comunidade que promove o desenvolvimento social saudável de crianças e adolescentes por meio da mobilização e capacitação de coalizões comunitárias. O sistema incentiva avaliação, planejamento e ação comunitária para implementar intervenções de prevenção baseadas em evidências contra o uso de drogas e comportamentos violentos, estruturado em cinco etapas: 1) avaliação da prontidão da comunidade; 2) organização das lideranças e treinamento da coalizão; 3) definição do perfil comunitário; 4) criação de plano preventivo comunitário; 5) implementação e monitoramento contínuos. **Objetivo:** Apresentar o conhecimento sobre barreiras e facilitadores na implementação ou adaptação do CTC em diferentes países. **Método:** Revisão integrativa de estudos empíricos e teóricos publicados entre 2002 e 2021, sem restrição de idioma. A busca foi realizada nas bases Pubmed, Web of Science, Scopus, PsycINFO e BVS, utilizando os termos: ("*Communities That Care*" OR CTC) AND (*fidelity* OR *implementation*). Foram excluídos estudos que não avaliavam implementação ou adaptação do CTC. **Resultados e análise crítica:** Inicialmente, 785 estudos foram identificados; após filtros, 16 foram incluídos. A maioria apresentou abordagem quantitativa ou mista, com delineamentos experimentais ou quasi-experimentais, longitudinais, publicados entre 2005 e 2021. O CTC mostrou eficácia comprovada em diferentes contextos. As principais barreiras foram: mobilização da coalizão, prontidão comunitária, coleta de dados epidemiológicos e implementação de intervenções baseadas em evidências. Facilitadores incluíram treinamentos, assistência técnica e sensibilização da comunidade para fortalecer o trabalho da coalizão. **Considerações finais:** A implementação do CTC envolve desafios, mas representa uma alternativa promissora para melhorar a saúde pública por meio da prevenção baseada em evidências e planos de ação adaptados às necessidades locais. No Brasil, a adaptação cultural do CTC pode potencializar esforços coletivos existentes, qualificando políticas públicas preventivas e fortalecendo intervenções comunitárias voltadas à juventude.

**Palavras-chave:** *Communities That Care*; Sistema preventivo; Implementação.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Tallita Franzoloso, e-mail: [tallitafranzoloso@gmail.com](mailto:tallitafranzoloso@gmail.com)

<sup>2</sup> Charlene Fernanda Thurow, e-mail: [cfthurow@gmail.com](mailto:cfthurow@gmail.com)

<sup>3</sup> Guilherme Gomes Silva, e-mail: [guilherme.ufsc1879@gamil.com](mailto:guilherme.ufsc1879@gamil.com)

<sup>4</sup> Daniela Ribeiro Schneider, e-mail: [danischneiderpsi@gamil.com](mailto:danischneiderpsi@gamil.com)  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

## ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL DE UMA UNIDADE DE ACOLHIMENTO PARA O ENFRENTAMENTO DA NEGLIGÊNCIA: UM ESTUDO BASEADO NO MODELO BARNAHUS

SOARES, Ana Paula de Miranda Araújo<sup>1</sup>; CARLOS, Diene Monique<sup>2</sup>; SABINO, Fabiano Henrique Oliveira<sup>3</sup>; PACHECO, Ingrid<sup>4</sup>; FRANÇOSO, Maísa Rodrigues<sup>5</sup>; BESERRA, Maria Aparecida<sup>6</sup>

**Introdução:** A negligência configura-se como forma grave de violência contra crianças e adolescentes, resultante da falha em atender às necessidades básicas e oferecer supervisão adequada, expondo-os a riscos significativos. O enfrentamento desse fenômeno demanda esforços integrados da rede de proteção. O Modelo Barnahus propõe uma abordagem multiprofissional e integrada, com foco na redução da revitimização e na centralidade do cuidado. Este estudo tem como objetivo compreender a organização institucional voltada ao cuidado de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de negligência.

**Método:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa que adota a etnografia como referencial teórico-metodológico e a observação participante como estratégia de coleta de dados. A investigação ocorreu em uma Unidade de Acolhimento em Pernambuco, destinada a crianças e adolescentes vítimas de violações de direitos. O roteiro de observação foi elaborado a partir do Barnahus Model, contemplando três dimensões: ambiente, interdisciplinaridade/intersetorialidade e avaliação/acompanhamento. As observações foram realizadas em abril de 2024, após aprovação do CEP/UFSCar (CAAE: 69881223.6.0000.5504). **Resultados e análise crítica:** A unidade acolhe crianças e adolescentes oriundos de diferentes municípios, em sua maioria marcados por vulnerabilidade social, transgeracionalidade da violência e fragilidade das redes institucionais de cuidado. A estrutura física está adaptada às demandas dos acolhidos, embora não seja considerada “ideal” pelos profissionais. Conta com equipe técnica multidisciplinar — psicólogas, assistente social e pedagoga — e educadores sociais, todos com acesso a capacitações e documentos orientadores. A equipe técnica realiza visitas às famílias e articulações intermunicipais, acompanha individualmente os acolhidos, participa de audiências concentradas e interage com órgãos fiscalizadores. Já os educadores sociais assumem tarefas cotidianas, como acompanhamento em consultas, administração de medicações e manejo de conflitos. Embora não concentre todos os serviços em um único espaço, como no Barnahus, a unidade promove acesso à rede e socialização em atividades externas. No Brasil, a organização territorial dos serviços orienta essa dinâmica, destacando-se iniciativas como o COMPAZ, em Recife, parceiro da unidade. Documentos estaduais também evidenciam a busca por práticas acolhedoras e não revitimizantes. **Considerações finais:** A unidade articula-se com a rede de proteção para garantir direitos e cuidados, aproximando-se de princípios do Modelo Barnahus, ainda que adaptados às especificidades locais.

**Palavras-chave:** Negligência; Trabalho em rede; Modelo Barnahus.

**Financiamento:** CAPES.

<sup>1</sup> Ana Paula de Miranda Araújo Soares, e-mail: [anapmas@estudante.ufscar.br](mailto:anapmas@estudante.ufscar.br)

<sup>2</sup> Diene Monique Carlos, e-mail: [diene.carlos@usp.br](mailto:diene.carlos@usp.br)

<sup>3</sup> Fabiano Henrique Oliveira Sabino, e-mail: [fabianooliveira163@gmail.com](mailto:fabianooliveira163@gmail.com)

<sup>4</sup> Ingrid Pacheco, e-mail: [ingridpachecc@gmail.com](mailto:ingridpachecc@gmail.com)

<sup>5</sup> Maísa Rodrigues Françoloso, e-mail: [rfmaisa@estudante.ufscar.br](mailto:rfmaisa@estudante.ufscar.br)

<sup>6</sup> Maria Aparecida Beserra, e-mail: [aparecida.beserra@upe.br](mailto:aparecida.beserra@upe.br)  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Departamento de Enfermagem.

## VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM MATO GROSSO, 2013 A 2019

ANDRADE, Amanda Cristina de Souza<sup>1</sup>; SILVA, Silvana Maria da<sup>2</sup>; SÁ, Emanuelly Amandha Souza de<sup>3</sup>; MELANDA, Francine Nesello<sup>4</sup>; OLIVEIRA, Ligia Regina de<sup>5</sup>

**Introdução:** A violência contra crianças e adolescentes é um grave problema de saúde pública que compromete o desenvolvimento físico, psicológico e social das vítimas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a exposição precoce à violência está associada a transtornos mentais, comportamentos de risco e doenças crônicas na vida adulta. No Brasil, esse fenômeno reflete desigualdades socioeconômicas, culturais e de gênero. **Objetivo:** Analisar as notificações de violência contra crianças e adolescentes em Mato Grosso entre 2013 e 2019. **Método:** Trata-se de estudo descritivo baseado nos casos notificados ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) referentes a crianças e adolescentes de 0 a 19 anos no estado. **Resultados e análise crítica:** Foram registrados 5.742 casos de violência, sendo 1.883 entre crianças e 3.859 entre adolescentes. Em ambos os grupos, prevaleceu o sexo feminino (68,0% crianças e 72,9% adolescentes) e a raça/cor preta/parda (67,3% e 73,2%). Entre adolescentes, 12,8% não eram solteiros e 67,8% tinham apenas ensino fundamental ou eram analfabetos. Violências em crianças (3,8%) e adolescentes (4,8%) envolveram indivíduos com deficiência ou transtorno. A maioria dos casos ocorreu durante o dia entre crianças (62,5%) e à noite entre adolescentes (57,4%). A residência foi o principal local (77,9% crianças e 59,1% adolescentes). Os agressores eram majoritariamente homens adultos de 25 a 59 anos (77,8% e 87,6%). Quanto aos tipos de violência, sobressaíram-se a sexual (62,2%) e física (43,3%) nas crianças, e a psicológica (68,9%) e física (62,1%) nos adolescentes. Entre crianças, os principais agressores foram amigos/conhecidos (20,9%) e familiares (10,4%); entre adolescentes, amigos/conhecidos (12,2%) e parceiros íntimos (5,4%). A força corporal (35,0% crianças e 48,0% adolescentes) e a ameaça (24,0% e 25,2%) foram os meios mais utilizados, além de objetos perfurocortantes (11,3%) e armas de fogo (11,7%) entre adolescentes. **Considerações finais:** Os dados evidenciam o predomínio de violência contra meninas, pardas/negras, ocorrida principalmente no domicílio e perpetrada por homens próximos à vítima. A violência sexual foi mais frequente em crianças, e a psicológica e física em adolescentes. Tais achados ressaltam a urgência de políticas públicas que fortaleçam redes de apoio e proteção, capacitem profissionais e aprimorem sistemas de notificação e monitoramento para prevenir e combater a violência.

**Palavras-chave:** Violência; Adolescente; Vigilância em Saúde Pública.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Amanda Cristina Souza Andrade, e-mail: [csouza.amanda@gmail.com](mailto:csouza.amanda@gmail.com)

<sup>2</sup> Silvana Maria da Silva, e-mail: [Silvanapsicologia8@gmail.com](mailto:Silvanapsicologia8@gmail.com)

<sup>3</sup> Emanuelly Amandha Souza de Sá, e-mail: [emanuellyamandhasds@gmail.com](mailto:emanuellyamandhasds@gmail.com)

<sup>4</sup> Francine Nesello Melanda, e-mail: [franesello@gmail.com](mailto:franesello@gmail.com)

<sup>5</sup> Ligia Regina de Oliveira, e-mail: [ligia.oliveira@ufmt.br](mailto:ligia.oliveira@ufmt.br)

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Instituto de Saúde Coletiva. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA: USO DA CNV NA PROMOÇÃO DE CULTURA DE PAZ EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

SILVA, Mae Soares da<sup>1</sup>; CARVALHO, Maria Gabryella Duarte<sup>2</sup>; SERRA, Janete Valois Ferreira<sup>3</sup>

**Introdução:** A transição para o ensino superior representa um período de significativas mudanças pessoais e profissionais, exigindo dos estudantes adaptações a novas estruturas sociais e convivência com pessoas de diferentes origens. Esse processo requer o desenvolvimento de habilidades emocionais e comunicacionais para lidar com expectativas e relações interpessoais. A literatura aponta que os desafios dessa fase podem impactar negativamente a qualidade de vida, agravados por fragilidade nos vínculos sociais e frustrações acadêmicas. Nesse contexto, a Comunicação Não Violenta (CNV) surge como estratégia eficaz para fortalecer relações por meio de uma comunicação empática. O presente projeto teve como objetivos: identificar expressões de violência verbais e não verbais no ambiente universitário; mobilizar estudantes para refletirem sobre a violência acadêmica; e orientá-los a praticar empatia a partir dos pilares da CNV. **Desenvolvimento da experiência:** O projeto foi realizado por seis alunos do 4º período de Psicologia e aplicado a 30 alunos do 2º período de uma faculdade privada, entre setembro e novembro de 2023. Inicialmente, uma enquete online buscou traçar o perfil dos estudantes e identificar episódios e tipos de violência presentes no ambiente acadêmico. A partir desse diagnóstico situacional, foi organizada uma intervenção de 40 minutos que envolveu dramatizações sobre situações de violência em sala de aula, apresentação dos dados coletados, debate mediado por uma psicóloga e exposição dos pilares da CNV como estratégia preventiva. **Resultados e análise crítica:** A experiência demonstrou que a CNV pode reduzir conflitos interpessoais e fomentar o diálogo respeitoso. Durante a roda de conversa avaliativa, os participantes evidenciaram maior compreensão das necessidades alheias e disposição para soluções colaborativas. A dramatização e o debate estimularam a reflexão sobre atitudes individuais e o impacto da violência no cotidiano acadêmico. Observou-se que a CNV contribuiu para a criação de um ambiente de maior segurança psicológica, favorecendo a resolução pacífica de desentendimentos. **Considerações finais:** A integração da CNV ao contexto acadêmico revela-se promissora para o ensino de habilidades de comunicação e resolução de conflitos, promovendo cultura de paz e tolerância. Projetos como este reforçam a importância da CNV na prevenção da violência e no fortalecimento das relações empáticas, apontando para a possibilidade de ambientes universitários mais inclusivos e harmoniosos.

**Palavras-chave:** Comunicação Não Violenta; Cultura de Paz; Prevenção de violência.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Mae Soares da Silva, e-mail: [maesoares@laboro.edu.br](mailto:maesoares@laboro.edu.br)

<sup>2</sup> Maria Gabryella Duarte Carvalho, e-mail: [maria6077@aluno.laboro.edu.br](mailto:maria6077@aluno.laboro.edu.br)

<sup>3</sup> Janete Valois Ferreira Serra, e-mail: [janete@laboro.edu.br](mailto:janete@laboro.edu.br)

Faculdade Laboro. Curso de Psicologia, São Luís, MA.

## RELATO SOBRE FEIRA DE BEM-ESTAR E OPORTUNIDADES NA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO

SILVA, Mae Soares da<sup>1</sup>; SERRA, Janete Valois Ferreira<sup>2</sup>; SILVA, Nelma Pereira da<sup>3</sup>

**Introdução:** A curricularização da extensão universitária busca integrar atividades de extensão nos currículos de graduação, permitindo que os estudantes apliquem conhecimentos teóricos em contextos reais. Nesse sentido, a Faculdade Laboro, instituição privada de São Luís-MA, organizou a “Feira de Bem-Estar e Oportunidades: saúde e trabalho em foco”, com o intuito de proporcionar experiências práticas aos alunos do curso de Psicologia. O objetivo deste resumo é apresentar a experiência da realização da feira, destacando seu potencial positivo tanto para a formação acadêmica dos estudantes quanto para a intervenção na comunidade local. **Desenvolvimento da experiência:** A feira foi voltada à promoção e prevenção em saúde, além da inserção no mercado de trabalho, contemplando comunidades do entorno da instituição. O cronograma teve início em março de 2024, culminando na intervenção realizada em 8 de junho de 2024. Participaram 51 alunos do 3º e 5º períodos, além de 13 estudantes do 1º período, que atuaram como monitores. Foram organizados stands, palestras, oficinas e demais atividades de orientação. No total, ocorreram treze intervenções, abordando temas como Empreendedorismo Autônomo e Promoção da Saúde Mental entre diferentes grupos. As atividades foram distribuídas em espaços diversos da instituição (salas de aula, laboratório de informática, praça de alimentação, auditório e *hall*), direcionadas a adolescentes, adultos em transição de carreira e grupos vulneráveis, como idosos, pessoas com deficiência, população LGBTQIA+ e famílias de baixa renda. Para alcançar esse público, foram feitos convites a escolas, associações comunitárias, grupos de idosos, feirantes e moradores de bairros próximos. O evento teve duração de duas horas e meia, com *tour* organizado para que os visitantes pudessem participar das diferentes intervenções. **Análise crítica:** As atividades realizadas indicaram impacto positivo na promoção da saúde, bem-estar e empregabilidade, com retorno favorável dos participantes. Embora não tenham sido utilizadas ferramentas formais de avaliação, os relatos coletados durante as visitas apontam para a relevância das ações de extensão. A participação ativa dos alunos contribuiu para sua formação acadêmica e cívica, reafirmando a importância da integração entre teoria e prática. **Considerações finais:** Conclui-se que a feira fortaleceu o vínculo entre instituição e comunidade, estimulando o engajamento social e a formação de cidadãos conscientes. Apesar de os efeitos em longo prazo ainda não poderem ser mensurados, a experiência revelou-se promissora e justificou sua continuidade no calendário do curso.

**Palavras-chave:** Curricularização da extensão; Feira comunitária; Psicologia.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Mae Soares da Silva, e-mail: [maesoares@laboro.edu.br](mailto:maesoares@laboro.edu.br)

<sup>2</sup> Janete Valois Ferreira Serra, e-mail: [janete@laboro.edu.br](mailto:janete@laboro.edu.br)

<sup>3</sup> Nelma Pereira da Silva, e-mail: [prof.nelma@laboro.edu.br](mailto:prof.nelma@laboro.edu.br)  
Faculdade Laboro. Curso de Psicologia, São Luís, MA.

## PSICOLOGIA ESCOLAR E AÇÃO PSICOEDUCATIVA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO PREVENÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

ALENCAR, Ana Carolina Oliveira Nascimento de<sup>1</sup>; CARDOSO, Alanny Oliveira Pinto<sup>2</sup>; FERRÃO, Isabelly Maria<sup>3</sup>; CABRAL, Divina Giovana Lourenço<sup>4</sup>; SANTOS, Ângela Dantas Fonseca dos<sup>5</sup>

**Introdução:** Este trabalho descreve ações e experiências desenvolvidas na disciplina de Pesquisa e Prática em Psicologia Escolar e Educacional, do quinto período do Curso de Psicologia da PUC Goiás, com alunos da 1ª série do ensino médio do turno matutino do CEEJA Universitário, em Goiânia-GO. A formação fundamentou-se na Psicologia Escolar Crítica e na Psicologia Histórico-Cultural, inspirada em Vigotsky, que enfatiza a aprendizagem dialética e construtivista, ocorrendo na interação entre sujeitos e objetos em contextos históricos e sociais. Nesse sentido, a escola é um espaço de sociabilidades e encontros culturais, refletindo o contexto político, histórico e econômico e as experiências sociais dos sujeitos. **Método:** Para compreender e intervir na realidade escolar, a ação foi organizada em dois momentos: 1) observação estrutural e pedagógica da instituição; 2) observação e escuta das narrativas emergentes dos alunos em sala de aula. No segundo momento, foram utilizadas rodas de conversa e construção de cartazes, permitindo que os estudantes representassem suas percepções sobre bullying, preconceito e racismo, construtos identificados por eles próprios na pesquisa-ação. A intervenção buscou promover a expressão e o compartilhamento de vivências, possibilitando maior compreensão e diferenciação desses conceitos. **Resultados e análise crítica:** A pesquisa-ação atingiu seus objetivos ao integrar os temas indicados pelos alunos, tornando-os protagonistas do processo. A atividade coletiva proporcionou lugar de fala, compartilhamento de histórias e sentimentos, e permitiu que os alunos nomeassem e percebesse os significados dos construtos sociais que inicialmente não sabiam verbalizar. A coesão entre observação, escuta e intervenção fortaleceu a compreensão sobre bullying, preconceito e racismo e a reflexão sobre suas experiências sociais. **Considerações finais:** Nomear e dar significado aos construtos sociais é essencial para que as experiências sejam compreendidas e integradas à identidade dos sujeitos. A dialética sociedade-escola contribui para a construção do ser humano, e a psicoeducação, ao promover a expressão coletiva, reforça vínculos entre os alunos e estimula a participação ativa. A sequência “Observar, Escutar e Agir” orientou o trabalho da equipe, evidenciando a relevância da pesquisa-ação crítica para a intervenção educativa e o fortalecimento da compreensão social dos estudantes.

**Palavras-chave:** Bullying; Psicologia; Racismo.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Ana Carolina Oliveira Nascimento de Alencar, e-mail: [carolalencar@gmail.com](mailto:carolalencar@gmail.com)

<sup>2</sup> Alanny Oliveira Pinto Cardoso, e-mail: [alanny18@hotmail.com](mailto:alanny18@hotmail.com)

<sup>3</sup> Isabelly Maria Ferrão, e-mail: [isabellyferrao@gmail.com](mailto:isabellyferrao@gmail.com)

<sup>4</sup> Divina Giovana Lourenço Cabral, e-mail: [dglcabral2001@hotmail.com](mailto:dglcabral2001@hotmail.com)

<sup>5</sup> Ângela Dantas Fonseca dos Santos, e-mail: [angela\\_dantas1@hotmail.com](mailto:angela_dantas1@hotmail.com)  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia – GO (PUC-GO).

## EL PORTAL DE BUENAS PRÁCTICAS EN ESPAÑA: UNA ESTRATEGIA PARA CONSOLIDAR LA PREVENCIÓN DE CALIDAD

MOYÀ, Mariàngels Duch<sup>1</sup>; RIVERA, Almudena de Silva<sup>2</sup>; PIQUERAS, Olga Monteagudo<sup>3</sup>; IGLESIAS, Jesús Morán<sup>4</sup>

**Introducción:** El Portal de Buenas Prácticas en reducción de la demanda de droga y otras adicciones (PBBPP) forma parte de la estrategia del Plan Nacional sobre Drogas de España y tiene como finalidad promover la calidad en las intervenciones en este ámbito, evaluando y reconociendo programas como BBPP. Además, contempla actividades de formación y asesoramiento para mejorar la calidad de los programas, así como su difusión, con el objetivo de crear comunidades de programas y optimizar la recogida de datos y su evaluación. **Desarrollo de la experiencia:** Para identificar programas que cumplan con los requisitos de buena práctica, el Grupo de Trabajo del Portal (GTP), conformado por profesionales de distintos ámbitos, desarrolló un sistema de evaluación que incluye un procedimiento y un instrumento. Este instrumento consta de 59 ítems organizados en 14 dimensiones, distribuidas en tres áreas principales: Diseño, Implementación y Resultados. Su elaboración se basa en los Estándares de Calidad Europeos en Prevención de Drogas (EDPQS) e incorpora experiencias previas de evaluación de programas. La evaluación permite obtener un perfil multidimensional de cada programa, así como una puntuación global de calidad. El procedimiento de trabajo garantiza claridad, transparencia y evidencia, estableciendo el itinerario de un programa desde la solicitud de valoración hasta su calificación final. **Resultados y análisis crítico:** En 2021, el sistema fue pilotado con tres programas de prevención para verificar su adecuación a la realidad de los programas. Los resultados indicaron que el instrumento es riguroso respecto a los estándares de calidad, pero flexible para adaptarse a cada caso. Se identificó la necesidad de formar a técnicos y planificadores en prevención, ofrecer orientación para mejorar los programas evaluados y consolidar la estructura del equipo de evaluación para asegurar la rigurosidad de las revisiones. **Conclusiones y recomendaciones:** El Portal de BBPP ha creado un espacio virtual que integra la evaluación de programas de prevención, la formación y orientación de promotores, la creación de comunidades de programas para difusión y adopción, y el desarrollo de criterios e instrumentos de evaluación. En conjunto, estas acciones contribuyen a la mejora continua de los programas y al fortalecimiento de la calidad de las intervenciones en reducción de la demanda de drogas y otras adicciones.

**Palabras-chave:** Prevención de calidad; Estándares de calidad; Evaluación de programas; Formación en estándares de calidad.

**Financiamiento:** Proyecto financiado por el Plan Nacional sobre Drogas a través de la Consejería de Salud de la Comunidad de Murcia, entidad coordinadora del programa.

<sup>1</sup> Mariàngels Duch Moyà, e-mail: [mduch@irefrea.org](mailto:mduch@irefrea.org)

<sup>2</sup> Almudena de Silva Rivera, e-mail: [criteriagrupo@gmail.com](mailto:criteriagrupo@gmail.com)

<sup>3</sup> Olga Monteagudo Piqueras, e-mail: [olga.monteagudo@carm.es](mailto:olga.monteagudo@carm.es)

<sup>4</sup> Jesús Morán Iglesias, e-mail: [jmoran@sanidad.gob.es](mailto:jmoran@sanidad.gob.es)

Instituto Europeo de Estudios en Prevención (IREFREA) y Criterio Grupo.

## LA PLATAFORMA DE OCIO DE CALIDAD DE LAS ISLAS BALEARES (POQIB). UNA EXPERIENCIA DE PREVENCIÓN COMUNITARIA MULTICOMPONENTE

RIFE, Elena Tejera<sup>1</sup>; QUETGLAS, Cristina Mayol<sup>2</sup>; JEREZ, Montse Juan<sup>3</sup>; MARTÍNEZ, Yasmina Castaño<sup>4</sup>; MOYÀ, Mariàngels Duch<sup>5</sup>

---

Este trabajo describe la experiencia de la Plataforma por un Ocio de Calidad en las Islas Baleares (POQIB), una estrategia innovadora para prevenir y reducir el consumo de alcohol de los menores de edad en el espacio público. El trabajo desarrollado supone la colaboración y el trabajo en red entre entidades y agencias de la administración y organizaciones sociales y económicas para articular e implementar acciones preventivas conjuntas en aquellos contextos del espacio público donde se produce consumo de alcohol y promover entornos seguros y saludable. La POQIB inició su trabajo en 2011 y sigue activa en la actualidad.

**Palavras-chave:** Prevención comunitaria; Gestión de ocio; Colaboración intersectorial.

**Financiamento:** Contrato de la Consejería de Salud – GOIB, DG Salud Pública-PADIB. Servicio para la dinamización, formación y asesoramiento a la Plataforma por un Ocio de Calidad en las Islas Baleares. Número de contrato: 2020/18399.

---

<sup>1</sup> Elena Tejera Rife, e-mail: [etejera@dgs.m.caib.es](mailto:etejera@dgs.m.caib.es)

<sup>2</sup> Cristina Mayol Quetglas, e-mail: [cmayol@dgs.m.caib.es](mailto:cmayol@dgs.m.caib.es)

<sup>3</sup> Montse Juan Jerez, e-mail: [mjuan@irefrea.org](mailto:mjuan@irefrea.org)

<sup>4</sup> Yasmina Castaño Martínez, e-mail: [ycastano@irefrea.org](mailto:ycastano@irefrea.org)

<sup>5</sup> Mariàngels Duch Moyà, e-mail: [mduch@irefrea.org](mailto:mduch@irefrea.org)

Consejería de Salud del Gobierno Balear, D.G. de Salud Mental, Área de Prevención del PADIB y Instituto Europeo de Estudios en Prevención (IREFREA).



## PROJETO-PILOTO FAMÍLIA NA ESCOLA: ELEMENTOS PARA APRIMORAMENTO DA VIABILIDADE A PARTIR DE FEEDBACK DOS USUÁRIOS PRIMÁRIOS

REBELLO, Mariana Gonçalves<sup>1</sup>; SILVA, Simone Vieira da<sup>2</sup>; FREITAS, Iara da Silva<sup>3</sup>; SANCHES, Zila<sup>4</sup>; MELO, Márcia Helena da Silva<sup>5</sup>

---

**Introdução:** O Projeto-piloto Família na Escola, promovido pela Secretaria Nacional da Família, busca fortalecer competências parentais e favorecer a resolução de conflitos no contexto escolar. A intervenção é composta por quatro oficinas presenciais de uma hora em escolas de educação infantil e ensino fundamental (anos iniciais), curso on-line de 30 horas para facilitadores, guias de aplicação dos módulos e cartilhas para as famílias. **Método:** Este estudo apresenta um recorte de avaliação formativa do Projeto, conduzida em três municípios brasileiros. A pesquisa ocorreu em uma escola pública municipal de ensino fundamental da região sudeste, envolvendo cinco facilitadores, três membros da gestão escolar, duas mães e dois consultores externos. Foram utilizados roteiros de grupo focal e formulários para extração de dados. As discussões foram audiogravadas, transcritas e submetidas à análise temática, enquanto os formulários foram tratados com análises descritivas. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP. **Resultados e análise crítica:** Os achados indicaram a necessidade de ajustes no formato do programa e em seus métodos de entrega. Facilitadores sugeriram a redução de conteúdos para adequação ao tempo e a inclusão de atividades mais dinâmicas. A gestão escolar recomendou encontros presenciais no curso de formação para promover trocas entre participantes. As famílias avaliaram positivamente o projeto, mas sugeriram mais encontros e horários alternativos que favorecessem a adesão de responsáveis com restrições laborais. Também destacaram a necessidade de espaços de acolhimento para as crianças durante a participação dos pais nas oficinas. **Considerações finais:** Consultores externos recomendaram a revisão dos materiais do projeto para contemplar diferentes arranjos familiares e maior sensibilidade ao contexto social. Em síntese, os resultados oferecem subsídios relevantes à reformulação e ampliação do Projeto Família na Escola, contribuindo para sua consolidação como política pública nacional e para o aprimoramento de sua execução.

**Palavras-chave:** Avaliação formativa; Programa escolar; Habilidades parentais.

**Financiamento:** Secretaria Nacional da Família – Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (Atual Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania).

---

<sup>1</sup> Mariana Gonçalves Rebello, e-mail: [mariana.rebello@alumni.usp.br](mailto:mariana.rebello@alumni.usp.br)

<sup>2</sup> Simone Vieira da Silva, e-mail: [vsilvasimone@gmail.com](mailto:vsilvasimone@gmail.com)

<sup>3</sup> Iara da Silva Freitas, e-mail: [iarafreitas@usp.br](mailto:iarafreitas@usp.br)

<sup>4</sup> Zila Sanches, e-mail: [zila.sanchez@unifesp.br](mailto:zila.sanchez@unifesp.br)

<sup>5</sup> Márcia Helena da Silva Melo, e-mail: [lappes@usp.br](mailto:lappes@usp.br)  
Universidade de São Paulo (USP).

## A PRONTIDÃO PARA A MUDANÇA DE UMA COMUNIDADE NO SUL DO PAÍS: EXPERIENCIA PILOTO DA ADAPTAÇÃO CULTURAL DO COMUNIDADES QUE CUIDAM NO BRASIL

THUROW, Charlene Fernanda<sup>1</sup>; SILVA, Guilherme Gomes<sup>2</sup>; FRANZOLOSO, Tallita<sup>3</sup>;  
SCHNEIDER, Daniela Ribeiro<sup>4</sup>

**Introdução:** O *Communities That Care* realiza, em sua primeira fase, uma avaliação da prontidão comunitária, verificando fatores como apego à comunidade, iniciativa, eficácia e liderança local. Tais características contextuais influenciam diretamente a capacidade de mudança social. Esta pesquisa integra o macrojeto “Estudo piloto para a adaptação cultural do Sistema de Prevenção *Communities That Care* no Brasil” e teve como objetivo avaliar a prontidão comunitária no processo de implementação piloto do Sistema de Prevenção *Comunidades Que Cuidam* (CQC) em uma comunidade do Sul do país. **Método:** Trata-se de uma pesquisa de abordagem mista, delineamento descritivo, de levantamento e observação indireta. Foram utilizados três instrumentos: a *Escala de Prontidão Comunitária para Líderes-chave*, traduzida do modelo de avaliação do *Communities That Care*; o *Community Key Informant Survey*; e a *Entrevista sobre Prontidão Comunitária*, baseada no *Community Readiness Model*. A amostra foi composta por 36 líderes-chave que responderam à escala e seis integrantes da coalizão comunitária que participaram da entrevista. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. **Resultados e análise crítica:** Entre os líderes-chave, 47,1% (n=16) tinham entre 51 e 70 anos, 52,9% (n=18) possuíam pós-graduação, representavam diferentes setores da comunidade e 80,6% (n=28) residiam há mais de dez anos na região. Já os membros da coalizão comunitária tinham entre 37 e 78 anos (M=61,7; DP=14,5), tempo de residência entre 10 e 43 anos (M=26,8; DP=13,9) e, em sua maioria, estavam aposentados. Os dados revelaram que, embora o uso de drogas seja percebido como risco, estas substâncias foram consideradas de fácil acesso. Observou-se urgência em aplicar programas preventivos, ainda que as lideranças apresentem pouco conhecimento sobre prevenção baseada em evidências. A comunidade encontra-se em fase de negação quanto à prontidão, indicando desconhecimento do problema e necessidade de maior investimento em ferramentas de análise, estratégias preventivas e fortalecimento da comunicação comunitária. **Considerações finais:** A prontidão comunitária prepara as comunidades para implementar intervenções eficazes e fortalece sua autonomia na identificação e enfrentamento de problemas de saúde pública. Promovê-la representa um passo essencial para ampliar o engajamento comunitário e consolidar estratégias preventivas no Brasil.

**Palavras-chave:** Prontidão comunitária; Comunidades que Cuidam; Mudança comunitária.

**Financiamento:** FAPESC e CNPq.

<sup>1</sup> Charlene Fernanda Thurow, e-mail: [cfthurow@gmail.com](mailto:cfthurow@gmail.com)

<sup>2</sup> Guilherme Gomes Silva, e-mail: [guilherme.ufsc1879@gamil.com](mailto:guilherme.ufsc1879@gamil.com)

<sup>3</sup> Tallita Franzoloso, e-mail: [tallitafranzoloso@gmail.com](mailto:tallitafranzoloso@gmail.com)

<sup>4</sup> Daniela Ribeiro Schneider, e-mail: [danischneiderpsi@gamil.com](mailto:danischneiderpsi@gamil.com)

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP). Núcleo de Pesquisas em Clínica de Atenção Psicossocial.

## O QUE É PRONTIDÃO COMUNITÁRIA E QUAIS AS SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O BRASIL: REVISÃO TEÓRICO CONCEITUAL SOBRE O TEMA

SILVA, Guilherme Gomes<sup>1</sup>; THUROW, Charlene Fernanda<sup>2</sup>; FRANZOLOSO, Tallita<sup>3</sup>; SILVA, Leila Gracieli da<sup>4</sup>; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro<sup>5</sup>

**Introdução:** Comunidade é o espaço onde residentes compartilham cultura e interesses dentro de uma área geograficamente definida. As intervenções comunitárias são sensíveis a variáveis contextuais locais, o que reforça a importância de identificar elementos que indicam a preparação da comunidade para responder a demandas coletivas. Esse conjunto de elementos constitui a “prontidão comunitária”. Este artigo busca elucidar tal conceito e explorar suas contribuições para o contexto brasileiro. **Método:** Trata-se de um artigo teórico-conceitual, fundamentado em revisão narrativa da literatura internacional. A busca ocorreu nas plataformas SciELO e PubMed, com a chave “*community readiness*”, sem restrições adicionais. Critérios de inclusão: a) artigos teóricos; b) revisões de literatura; c) estudos sobre desenvolvimento e validação psicométrica de instrumentos; d) aplicações do conceito em sistemas e contextos de prevenção ou saúde. Complementarmente, utilizou-se a técnica de *snowballing* e documentos da literatura cinzenta, como teses, dissertações, livros e capítulos. **Resultados e análise crítica:** Foram analisados 50 documentos, sem categorias prévias, o que possibilitou definir a prontidão comunitária como um processo de identificação da cultura local e dos recursos disponíveis, favorecendo cooperação entre setores. O conceito foi influenciado por duas vertentes: a) prontidão psicológica individual para tratamentos (como abuso de drogas); e b) desenvolvimento comunitário e ação social. Baseia-se em quatro dimensões: apego, iniciativa, eficácia e liderança. Poucos instrumentos foram criados, sendo mais citados: “*Community Readiness Model*”, “*Community Key Informant Survey*” e “*PROSPER Readiness Scales*”. Pesquisas longitudinais mostram que quanto mais tempo uma comunidade permanece exposta a intervenções preventivas, maior tende a ser o aumento da prontidão, estimando-se avanço de 0,5 a 1 nível por ano. Os desafios da avaliação de prontidão comunitária são relevantes para a ciência da prevenção, dada a clara relação entre prontidão e eficácia das intervenções. **Considerações finais:** Conclui-se que as chances de sucesso aumentam quando as ações comunitárias são consistentes com o estágio de prontidão para mudança, considerando a percepção de que determinada demanda pode ser transformada. Ressalta-se que a prontidão comunitária tem potencial especial para a realidade brasileira, caracterizada por diversidade cultural e frequente implementação de políticas públicas em territórios locais.

**Palavras-chave:** Prontidão comunitária; Intervenção comunitária; Mudança comunitária.

**Financiamento:** FAPESC e CNPq.

<sup>1</sup> Guilherme Gomes Silva, e-mail: [guilherme.ufsc1879@gamil.com](mailto:guilherme.ufsc1879@gamil.com)

<sup>2</sup> Charlene Fernanda Thurow, e-mail: [cfthurow@gmail.com](mailto:cfthurow@gmail.com)

<sup>3</sup> Tallita Franzoloso, e-mail: [tallitafanzoloso@gmail.com](mailto:tallitafanzoloso@gmail.com)

<sup>4</sup> Leila Gracieli da Silva, e-mail: [leilapsicologia.silva@gmail.com](mailto:leilapsicologia.silva@gmail.com)

<sup>5</sup> Daniela Ribeiro Schneider, e-mail: [danischneiderpsi@gamil.com](mailto:danischneiderpsi@gamil.com)

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP UFSC). Núcleo de Pesquisas em Clínica de Atenção Psicossocial.

## AVALIAÇÃO DE NECESSIDADES PARA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE ALUNOS EM DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE

FRANÇA, Fernanda de Azevedo<sup>1</sup>; LEME, Vanessa Barbosa Romera<sup>2</sup>

**Introdução:** Professores dos anos finais do Ensino Fundamental que atuam com alunos em distorção idade-série enfrentam desafios que podem interferir em sua prática, como relações conflituosas com estudantes e famílias, precarização das escolas e desvalorização do trabalho docente. Pesquisas indicam que docentes com maior repertório de habilidades sociais demonstram sensibilidade para perceber especificidades dos alunos, mediar conflitos e adequar estratégias pedagógicas, potencializando o desenvolvimento discente. Com base na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, este estudo teve como objetivo avaliar necessidades da comunidade escolar, identificando facilitadores, barreiras e temas relevantes para subsidiar uma intervenção de promoção de habilidades sociais e educativas com professores. **Método:** Este estudo é um recorte de pesquisa de intervenção, com abordagem qualitativa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UERJ. Participaram nove estudantes (14 a 18 anos) em distorção idade-série; seis responsáveis (34 a 42 anos); três professores (39 a 43 anos); e cinco orientadores educacionais e coordenadores pedagógicos (46 a 63 anos). As entrevistas semiestruturadas ocorreram em sala de aula, no contraturno, com duração de cerca de uma hora. Os dados foram gravados, transcritos integralmente e organizados em três núcleos: Facilitadores, Barreiras e Temas, submetidos à análise temática de conteúdo. **Resultados e análise crítica:** No núcleo *Facilitadores*, destacou-se a formação continuada docente (F=23) como essencial para fortalecer relações no ambiente escolar. Em *Barreiras*, prevaleceu a dificuldade na relação professor-aluno (F=17), apontada como entrave ao avanço acadêmico e às interações satisfatórias. Já em *Temas*, houve maior frequência (F=40) de menções a habilidades sociais e educativas como centrais à prática docente. Esses achados dialogam com pesquisas sobre promoção de relações interpessoais positivas em contexto escolar, que ressaltam a importância da formação continuada para compreender os desafios da educação e do processo de ensino-aprendizagem. Por outro lado, a dificuldade relacional, especialmente com alunos em distorção idade-série, reforça discursos de culpabilização, que associam a não aprendizagem a características individuais desses estudantes. **Considerações finais:** Os resultados apontam para a necessidade de formações continuadas em habilidades sociais e educativas, favorecendo o desempenho acadêmico e socioemocional dos alunos, promovendo relações saudáveis e evitando a reprodução de estereótipos ligados ao fracasso escolar.

**Palavras-chave:** Formação continuada; Habilidades Sociais; Professores.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Fernanda de Azevedo França, e-mail: [fernandafrancabrazil@gmail.com](mailto:fernandafrancabrazil@gmail.com)

<sup>2</sup> Vanessa Barbosa Romera Leme, e-mail: [vanessaromera@gmail.com](mailto:vanessaromera@gmail.com)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

## EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO FERRAMENTA NA PREVENÇÃO DAS VIOLÊNCIAS E PROMOÇÃO DA CULTURA DA PAZ

CASTRO, Leila Borges de<sup>1</sup>; SILVA, André Luiz Augusto da<sup>2</sup>

**Introdução:** A Atenção Básica organiza-se como porta de entrada preferencial da Rede de Atenção à Saúde, reunindo ações de cunho individual, familiar e coletivo, voltadas à promoção, prevenção e reabilitação. O cuidado integral é realizado por equipes multiprofissionais, com responsabilidade sanitária definida por território. A Estratégia de Saúde da Família (ESF), eixo prioritário da Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), visa à expansão, consolidação e qualificação da Atenção Básica. A Equipe Multiprofissional (eMulti) integra a PNAB ampliando o cuidado integral por meio de práticas intersetoriais e coletivas. A Educação em Saúde, nesse contexto, é ferramenta estratégica na prevenção. Considerando os dados do Boletim Epidemiológico de Violências em Palmas-TO, identificou-se a necessidade de ações de sensibilização voltadas ao reconhecimento dos tipos de violência, seus danos e formas de acesso à rede de proteção. **Descrição da experiência:** Este trabalho relata experiências da eMulti do território Kanela I, realizadas no primeiro semestre de 2024, no âmbito do Programa Saúde da Família e Comunidade. Foram desenvolvidas ações educativas em salas de espera das Unidades de Saúde da Família Arnos 41 e 61 e em Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), vinculados ao Programa Saúde na Escola. Em março, ocorreram rodas de conversa sobre violência doméstica e a Lei Maria da Penha com mulheres em atendimento nas UBSs. Em maio, após reunião de planejamento com técnicos da Secretaria de Saúde, a equipe realizou atividades nos CMEIs, incluindo dinâmicas do “semáforo do corpo” (toque do sim/toque do não), musicalização, encenações, distribuição de cartazes e folders aos professores e atividades de colorir para as crianças. Em junho, foram promovidas rodas de conversa com idosos na praça da comunidade, utilizando dinâmicas lúdicas e compartilhamento de vivências, facilitadas pela assistente social. **Resultados e análise crítica:** As práticas de Educação em Saúde mostraram-se eficazes na sensibilização de públicos diversos, ampliando o diálogo sobre violência, seus impactos e formas de proteção. **Considerações finais:** As ações alcançaram significativa participação comunitária e fortaleceram a prevenção da violência, promovendo uma cultura de paz. A experiência aponta para a importância de expandir iniciativas semelhantes, consolidando uma abordagem integral, intersetorial e humanizada no SUS.

**Palavras-chave:** Educação em Saúde; Paz; Violência.

**Financiamento:** Universidade Federal do Tocantins/ PPGSS.

<sup>1</sup> Leila Borges de Castro, e-mail: [leilabc3@gmail.com](mailto:leilabc3@gmail.com)

<sup>2</sup> André Luiz Augusto da Silva, e-mail: [andre0luiz@mail.uft.edu.br](mailto:andre0luiz@mail.uft.edu.br)

Universidade Federal do Tocantins (UFT)/ PPGSS/ Campus Miracema-To.

## A PROMOÇÃO DA SAÚDE NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: UM OLHAR DO MÉDICO DO TRABALHO

LIMA, Cor Mariae<sup>1</sup>; BURIGO, Carla Cristina Dutra<sup>2</sup>

**Introdução:** Esta pesquisa tem como inquietação a promoção da saúde na prática laborativa do médico do trabalho em uma universidade pública federal do sul do país. A promoção da saúde implica formar sujeitos e comunidades para atuar na melhoria da qualidade de vida, enfrentando a crescente medicalização da vida social. O médico do trabalho, enquanto trabalhador social, exerce papel central nesse processo. Pergunta-se: como esses profissionais concebem a promoção da saúde em suas práticas? O objetivo geral é compreender tal concepção; e, como específicos, contextualizar o processo histórico do médico do trabalho, apresentar a Política Institucional de Saúde do Servidor, descrever a Política Pública de Promoção da Saúde do Servidor Público e sugerir diretrizes de fortalecimento a partir da prática laboral do médico do trabalho. **Método:** Trata-se de pesquisa qualitativa, aplicada, descritiva e documental. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com sete médicos do trabalho da instituição. A análise de conteúdo adotou categorias empíricas: concepção de promoção da saúde e desafios; Política Institucional de Promoção da Saúde (concepção, desafios e possibilidades); e a Política Nacional de Atenção à Saúde e Segurança do Trabalho do Servidor Público Federal (concepção, promoção e interação com a política institucional). **Resultados esperados:** Pretende-se indicar ações à gestão universitária, sugerindo diretrizes para fortalecer a promoção da saúde a partir da prática dos médicos do trabalho. Resultados preliminares apontam que os profissionais são qualificados e críticos à forma como a universidade organiza o trabalho em saúde. A burocracia foi apontada como principal obstáculo à realização de exames periódicos, vistos como forma individualizada de promoção e meio de obtenção de dados primários sobre a saúde dos servidores. Assim, o exercício do médico do trabalho revela-se um desafio para a gestão, que precisa criar condições para materializar a promoção da saúde. **Considerações finais:** A análise em andamento evidencia que os médicos do trabalho consideram a promoção da saúde fundante em sua prática, mas destacam a necessidade de formação além da medicina, com olhar interdisciplinar e atenção ao contexto social e laboral dos servidores. A promoção da saúde é, portanto, um compromisso com a vida, o cuidado e o papel social da universidade.

**Palavras-chave:** Promoção da saúde; Saúde do trabalhador; Gestão universitária.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Cor Mariae Lima, e-mail: [cor.mariae@ufsc.br](mailto:cor.mariae@ufsc.br)

<sup>2</sup> Carla Cristina Dutra Burigo, e-mail: [carla.burigo@ufsc.br](mailto:carla.burigo@ufsc.br)

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

## ANÁLISE SITUACIONAL E PLANEJAMENTO DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA PARA REDUZIR O CONSUMO DE ÁLCOOL NA ADOLESCÊNCIA: ESTUDO PREV.ACTION

SOARES-SANTOS, Luis Eduardo<sup>1</sup>; OLIVEIRA, Matheus de Carlos Silva<sup>2</sup>; MENDES-SOUSA, Marília M.<sup>3</sup>; FERNANDES, Ivana Prates<sup>4</sup>; CAETANO, Sheila C.<sup>5</sup>; VALENTE, Juliana Yurgel<sup>6</sup>; SANCHEZ, Zila M.<sup>7</sup>

**Introdução:** O planejamento de intervenções comunitárias de prevenção ao uso de álcool exige uma análise situacional que permita compreender necessidades locais, padrões de consumo e fatores associados. Este estudo teve como objetivo descrever a análise situacional de um dos municípios incluídos no *Prev.Action*, intervenção multicomponente voltada à redução do consumo de álcool por adolescentes. **Método:** Realizou-se um diagnóstico comunitário de métodos mistos em Cordeirópolis (SP), entre novembro/2023 e abril/2024, com participação de adolescentes, *stakeholders* e comunidade. Foram investigados perfil sociodemográfico, padrão de consumo, formas de acesso ao álcool, aceitabilidade, aplicação da lei, papel da família e barreiras/facilitadores. A coleta envolveu: (1) pesquisa escolar com 1.210 estudantes de 12 a 17 anos; (2) 14 grupos focais com 144 adolescentes; (3) 26 entrevistas com *stakeholders*; (4) pesquisa comunitária com 516 indivíduos; e (5) *workshop* com *stakeholders*. Os dados quantitativos foram analisados descritivamente e os qualitativos por Análise Temática. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da UNIFESP (nº 6.598.311). **Resultados:** O consumo de álcool na vida foi relatado por 54% dos estudantes do ensino fundamental e 73% do ensino médio, com idade média de iniciação aos 13 anos. O *binge drinking* foi mais prevalente no ensino médio (47%). O consumo ocorre principalmente em festas e na presença de familiares: “É mais em festas. Os adolescentes bebem junto com a família”. Apesar disso, a maioria da comunidade desaprova o consumo em casa (81%) ou em festas de amigos (91%). As principais formas de obtenção foram compra (38%) e recebimento dos pais (38%). Para 67% dos adolescentes e 77% da comunidade, o álcool é a substância mais acessível, confirmado por relatos sobre facilidade de compra em bares. Embora 95% da comunidade reconheça o papel protetor da família, 75% dos adolescentes afirmaram que os pais permitem o consumo. Os *stakeholders* priorizaram a adoção dos programas *Elos*, *#Tamojunto 2.0* e *Famílias Fortes*, além de estratégias ambientais de mobilização comunitária e controle da venda de álcool. As barreiras apontadas foram falta de recursos humanos, questões eleitorais e baixa adesão da população. **Considerações finais:** A análise situacional evidenciou problemas-chave, como acesso facilitado, normalização cultural do consumo e influência familiar/social, orientando a definição de ações preventivas prioritárias no município.

**Palavras-chave:** Análise Situacional; Intervenções Comunitárias; Consumo de Bebidas Alcoólicas.

**Financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>1</sup> Luis Eduardo Soares Santos, e-mail: [luisedu.edu19@gmail.com](mailto:luisedu.edu19@gmail.com)

<sup>2</sup> Matheus de Carlos Silva Oliveira, e-mail: [matheus.de.carlos@gmail.com](mailto:matheus.de.carlos@gmail.com)

<sup>3</sup> Marília M. Mendes Sousa, e-mail: [mariliamendesms@gmail.com](mailto:mariliamendesms@gmail.com)

<sup>4</sup> Ivana Prates Fernandes, e-mail: [ivana.prates@unifesp.br](mailto:ivana.prates@unifesp.br)

<sup>5</sup> Sheila C. Caetano, e-mail: [sheilaccaetano@gmail.com](mailto:sheilaccaetano@gmail.com)

<sup>6</sup> Juliana Yurgel Valente, e-mail: [juliana.valente@unifesp.br](mailto:juliana.valente@unifesp.br)

<sup>7</sup> Zila M. Sanchez, e-mail: [zila.sanchez@unifesp.br](mailto:zila.sanchez@unifesp.br)

Universidade de São Paulo (USP).



## PROGRAMA BEM ME QUERO: AVALIAÇÃO DE RESULTADOS

HENRIQUES, Susana<sup>1</sup>; SOUSA, Leonardo<sup>2</sup>; BETTENCOURT, Carmen<sup>3</sup>

---

**Introdução:** *Bem Me Quero* é um programa de prevenção universal desenvolvido em CATL – Centros de Atividades de Tempos Livres de Ponta Delgada e Ribeira Grande (Região Autónoma dos Açores, Portugal), com crianças entre os 6 e os 10 nos. O objetivo é contribuir para a promoção da saúde / prevenção de comportamentos de risco, através do desenvolvimento de competências socio emocionais. A saber: autoestima; identificação e diferenciação emocional – raiva, alegria, tristeza e medo; amizade; assertividade. **Métodos:** O programa foi implementado no último ano letivo, 2022-23. Teve uma primeira fase de capacitação dos profissionais que atuam nos CATL, com 21 profissionais a quem foi aplicado um pré e um pós teste no sentido de aferir o aumento dos conhecimentos sobre intervenção baseada no desenvolvimento de competências pessoais e sociais. A segunda fase do programa envolveu 257 crianças, a quem foi aplicado um pré e pós teste focado nos grandes temas abordados no programa. **Resultados e análise crítica:** Os resultados, de ambas as fases, são promissores ao evidenciarem a eficácia do programa. Destacam-se ainda efeitos indiretos do programa decorrentes i) do envolvimento das famílias nas atividades, assim como i) da interação das crianças beneficiárias do programa com outras não abrangidas nesta implementação. **Considerações finais:** Numa perspetiva mais abrangente, este programa e as evidências produzidas a partir da sua avaliação assumem-se como contributos para o aumento da qualidade dos serviços na área da prevenção, em linha com as orientações da EUDA (*European Union Drugs Agency*). Designadamente, por meio da participação ativa das organizações da sociedade civil (ONG): (1) melhorando o conhecimento e as competências sobre intervenções preventivas; e (2) recolhendo dados e disseminando resultados sobre a implementação concreta de tais intervenções, assim como os desafios e dificuldades associados.

**Palavras-chave:** Promoção da saúde; Avaliação e eficácia; Centros de Atividades de Tempos Livres.

**Financiamento:** -.

---

<sup>1</sup> Susana Henriques, e-mail: [susana.henriques@uab.pt](mailto:susana.henriques@uab.pt)

<sup>2</sup> Leonardo Sousa, e-mail: [leonardo.sousa@uab.pt](mailto:leonardo.sousa@uab.pt)

<sup>3</sup> Carmen Bettencourt, e-mail: [carmen.bettencourt@gmail.com](mailto:carmen.bettencourt@gmail.com)

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE) / Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-ISCTE); Universidade Aberta (UAb), Portugal.

## PROGRAMA MAIS RECURSOS PSICOLÓGICOS: INTERVENÇÃO GRUPAL PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL

REMOR, Eduardo<sup>1</sup>

**Introdução:** O Programa Mais Recursos Psicológicos é uma intervenção psicológica preventiva manualizada (espanhol e português) e empiricamente validada que visa a promoção da saúde mental. Os estudos de resultado publicados do programa incluem amostras de estudantes universitários da Espanha, El Salvador e Brasil. A intervenção é destinada a adultos e consiste em 10 seções semanais em grupo (duração aproximada de 120 minutos). Cada sessão concentra-se em atividades específicas para desenvolver um determinado recurso psicológico. Incorpora dinâmicas de grupo, interação entre os participantes, feedback, reforço positivo no comportamento, atividades que envolvem criatividade, resolução de problemas, comunicação assertiva, reflexão pessoal, aprendizagem por meio de experiências, treino de relaxamento e tarefas realizadas durante a semana pelo participante (planos de ação). A presente comunicação busca apresentar e divulgar o Programa Mais Recursos Psicológicos, adaptação brasileira desenvolvida pelo autor, a partir da apresentação dos resultados da aplicação do programa no contexto de uma universidade pública do sul do Brasil. **Método:** Será contextualizado o desenvolvimento do programa e sua adaptação para o Brasil, e apresentados os resultados da aplicação do programa e tamanhos de efeito das diferenças em indicadores de saúde mental em uma amostra de estudantes universitários oriundos de uma universidade pública do sul do Brasil (estudo piloto; n = 13 e quatro réplicas do programa; n = 42). **Resultados:** O estudo piloto (n = 13) apontou a viabilidade do programa, com uma taxa de abandono de 38% (5 de 13), alta satisfação global com a atividade (75% “muito satisfeito” e 25% “satisfeito”), e com 100% de satisfação com a aprendizagem fruto das atividades realizadas no programa. Os resultados, incluindo quatro réplicas da intervenção (n = 42) avaliando a eficácia do programa, mostraram uma taxa de abandono de 35.7% (15 de 42); e alta satisfação global com a atividade (64% “muito satisfeito” e 36% “satisfeito”). Os participantes que finalizaram o programa alcançaram benefícios significativos em indicadores de saúde mental: estado de humor percebido, afeto positivo e negativo, estresse, gratidão, otimismo, resiliência, saúde mental geral, queixas subjetivas de saúde, assertividade e satisfação com a vida. Embora houve variabilidade nos resultados estatisticamente significativos entre pré-teste, pós-teste e seguimento, a maioria dos efeitos se manteve no seguimento de três meses. **Discussão:** O programa tem potencial como ferramenta de promoção da saúde mental no contexto universitário brasileiro.

**Palavras-chave:** Intervenção; Saúde mental; Universitários.

**Financiamento:** CNPq.

<sup>1</sup> Eduardo Remor, e-mail: [eduardo.remor@ufrgs.br](mailto:eduardo.remor@ufrgs.br)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## PERCEPÇÃO DE INSEGURANÇA E VIOLÊNCIA URBANA ENTRE IDOSOS BRASILEIROS

SÁ, Emanuely Amandha Souza de<sup>1</sup>; MAGALHÃES, Amanda Silva<sup>2</sup>; ROCON, Pablo Cardozo<sup>3</sup>; MOREIRA, Bruno de Souza<sup>4</sup>; COELHO, Débora Moraes<sup>5</sup>; CAIAFFA, Waleska Teixeira<sup>6</sup>; ANDRADE, Amanda Cristina Souza<sup>7</sup>

**Introdução:** O envelhecimento populacional e a urbanização são fenômenos globais que ocorrem de forma acelerada, com destaque para o aumento do contingente de idosos, que representa 15,8% da população brasileira segundo o censo de 2022. Esse cenário demanda estratégias específicas, como a promoção do envelhecimento ativo e saudável, o fortalecimento de políticas públicas voltadas à pessoa idosa e ações de prevenção à violência, conforme estabelecido na Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa e no Estatuto do Idoso. Este estudo teve como objetivo descrever a percepção de insegurança e violência urbana entre idosos brasileiros. **Métodos:** Realizou-se um estudo transversal com dados da linha de base (2015-2016) do Estudo Longitudinal da Saúde dos Idosos Brasileiros (ELSI-Brasil), incluindo residentes urbanos com 60 anos ou mais. A percepção de insegurança e violência na vizinhança foi avaliada por meio de perguntas sobre segurança percebida, ocorrência de furtos, roubos ou invasões domiciliares e motivação para mudar de residência devido à violência. Foram estimadas prevalências e intervalos de confiança de 95% (IC95%) por sexo, faixa etária e escolaridade, e diferenças entre grupos analisadas pelo teste Qui-quadrado de Pearson com correção de Rao-Scott. **Resultados:** Participaram 3.846 idosos, sendo 56,7% mulheres, 60,9% com idade entre 60 e 69 anos e 55,1% com até quatro anos de escolaridade. Quanto à vizinhança, 36,1% (IC95%: 32,6; 39,8) relataram ser muito insegura; 6,2% (IC95%: 5,2; 7,4) foram vítimas de furto, roubo ou invasão domiciliar; e 6,0% (IC95%: 5,0; 7,2) mudariam de residência devido à violência, sem diferença significativa entre os sexos. A percepção de insegurança foi maior entre idosos de 60 a 69 anos (38,1%) e aqueles com 12 anos ou mais de escolaridade (44,0%). A intenção de mudança devido à violência foi mais frequente entre os de 60 a 69 anos (7,4%). **Considerações finais:** Os achados revelam desigualdades na percepção de insegurança e violência urbana segundo faixa etária e escolaridade. Os resultados reforçam a necessidade de políticas públicas intersetoriais e ações integradas de proteção e prevenção à violência contra idosos em áreas urbanas, abrangendo não apenas a violência doméstica ou institucional, mas também a violência comunitária.

**Palavras-chave:** Violência; Pessoa Idosa; Vizinhança; Saúde Urbana.

**Financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Ministério da Saúde: DECIT/SCTIE – Departamento de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos.

<sup>1</sup> Emanuely Amandha Souza de Sá, e-mail: [emanuelyamandhasds@gmail.com](mailto:emanuelyamandhasds@gmail.com)

<sup>2</sup> Amanda Silva Magalhães, e-mail: [amandasmagalhaes@hotmail.com](mailto:amandasmagalhaes@hotmail.com)

<sup>3</sup> Pablo Cardozo Rocon, e-mail: [pablocardoz@gmail.com](mailto:pablocardoz@gmail.com)

<sup>4</sup> Bruno de Souza Moreira, e-mail: [brunosouzamoreira@gmail.com](mailto:brunosouzamoreira@gmail.com)

<sup>5</sup> Débora Moraes Coelho, e-mail: [coelhaenf@gmail.com](mailto:coelhaenf@gmail.com)

<sup>6</sup> Waleska Teixeira Caiaffa, e-mail: [caiaffa.waleska@gmail.com](mailto:caiaffa.waleska@gmail.com)

<sup>7</sup> Amanda Cristina Souza Andrade, e-mail: [csouza.amanda@gmail.com](mailto:csouza.amanda@gmail.com)

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Instituto de Saúde Coletiva. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (OSUBH). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

## LINHAS QUE SUSTENTAM A VIDA: UM ESTUDO DE MÉTODOS MISTOS DOS FATORES DE PROTEÇÃO DO SUICÍDIO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

CECCHIN, Hareli Fernanda Garcia <sup>1</sup>; MURTA, Sheila Giardini <sup>2</sup>

**Introdução:** Estima-se que 22,3% dos estudantes universitários no mundo experimentem ideação suicida e 3,2% já tenham tentado suicídio ao longo da vida. Pesquisas voltadas aos fatores de proteção são fundamentais para orientar programas de prevenção. O presente estudo, baseado na abordagem de mapeamento de intervenção, analisa o problema em cinco níveis: pessoal, interpessoal, organizacional, comunitário e social. O objetivo foi mapear os fatores de proteção ao suicídio de jovens, a partir da percepção de estudantes universitários, profissionais de saúde mental e coordenadores de cursos de graduação. **Método:** Trata-se de um estudo exploratório, de método misto, conduzido em uma universidade pública do norte do Brasil. Os participantes foram recrutados por e-mail e incluíram estudantes, profissionais de saúde mental e coordenadores de curso. As entrevistas com estudantes e coordenadores foram analisadas via Análise de Conteúdo, enquanto os questionários respondidos pelos profissionais de saúde foram avaliados por estatística descritiva. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da UnB (CAAE nº 42405021.3.0000.5540). **Resultados e análise crítica:** Participaram 54 indivíduos, sendo 20 estudantes de graduação (com histórico de ideação suicida em 2020), 22 profissionais de saúde mental e 12 coordenadores de curso. Os fatores de proteção mais citados foram: suporte social, fortalecimento de recursos internos, acolhimento institucional e sentido da vida. A centralidade do suporte social nos achados corrobora pesquisas anteriores, segundo as quais indivíduos com maior apoio social apresentam 30% menos chances de tentativa de suicídio ao longo da vida. Esse apoio pode assumir dimensões materiais, emocionais ou afetivas, e pode ser oferecido por familiares, professores, amigos e parceiros íntimos. Para jovens universitários, as amizades ganham relevância especial, já que representam um espaço de pertencimento em meio ao processo de distanciamento gradual da família e de fortalecimento dos laços com os pares, característico do amadurecimento psicossocial. **Considerações finais:** Os resultados reforçam a necessidade de políticas de saúde mental, voltadas ao contexto universitário. A prevenção do suicídio deve ir além da psicoterapia e do tratamento medicamentoso, abrangendo estratégias que ampliem redes de apoio social, fortaleçam recursos pessoais, promovam acolhimento institucional e incentivem atividades de lazer, contribuindo para o sentido de pertencimento e qualidade de vida dos jovens.

**Palavras-chave:** Prevenção do suicídio; Fatores de proteção; Estudante universitário.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Hareli Fernanda Garcia Cecchin, e-mail: [harelifernanda@gmail.com](mailto:harelifernanda@gmail.com)

<sup>2</sup> Sheila Giardini Murta, e-mail: [giardini@unb.br](mailto:giardini@unb.br)

Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Universidade de Brasília (UnB).

## CROCHÊ-TERAPIA: TECENDO UMA ARTE DE CUIDADO

SARAIVA, Bianca Vale dos Santos<sup>1</sup>; PEREIRA, Mariah de Moraes Martins<sup>2</sup>; MENDONÇA, Yasmin de Souza<sup>3</sup>; GALUCIO, Sophia Consentini<sup>4</sup>; OLIVEIRA, Camilla Silveira de<sup>5</sup>; PINHO, Rayssa Karoline Dias de<sup>6</sup>; GUIMARÃES, Eliza do Amaral Ferreira<sup>7</sup>; PASSOS, Robert Filipe dos<sup>8</sup>

**Introdução:** Este projeto, concebido em 2024 e coordenado por alunas do 3º período de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, tem como objetivo integrar o crochê como recurso artístico e estratégia de intervenção em Psicologia. A proposta surgiu a partir da vivência das próprias estudantes, que encontraram nessa prática um espaço de cuidado, acolhimento e integração ao ambiente acadêmico desde o 1º período. **Desenvolvimento da experiência:** O crochê, arte tradicional e manual, revela-se uma ferramenta terapêutica com potencial para favorecer bem-estar, criatividade e vínculos sociais. O projeto busca explorar esse recurso em um espaço grupal mediado pelas alunas, estimulando protagonismo e autoria por meio do aprendizado de uma nova habilidade, que pode se tornar hobby ou fonte de renda. As ações foram desenvolvidas em encontros de grupo de estudos, nos quais se discutiram temas como história do crochê, benefícios terapêuticos do trabalho manual, e a importância da Psicologia nos cuidados em saúde. Também ocorreram oficinas práticas, destinadas a participantes de diferentes níveis de habilidade, promovendo aprendizado, troca de técnicas e fortalecimento da coletividade. A intervenção foi entendida como processo dinâmico, tecido nas conversações e interações, abrindo espaço para inteligências coletivas e mobilização de subjetividades. **Resultados e análise crítica:** Dois eixos principais emergiram: (1) o engajamento das universitárias no grupo de estudos, e (2) a reflexão crítica sobre a viabilidade de práticas semelhantes em diferentes contextos, como o comunitário, hospitalar e acadêmico. Observou-se a adesão de estudantes de outros cursos, atraídos pelo caráter criativo e terapêutico do projeto. Foram realizadas duas oficinas na FAPSI-UFAM, com participação de 13 pessoas. Os relatos destacaram satisfação pelo contato social, pelo aprendizado de novas habilidades e pela superação de desafios, confirmando o potencial do crochê como recurso de arteterapia. **Considerações Finais:** Os primeiros resultados indicam grande potencial de expansão. O projeto pretende consolidar-se como extensão universitária, articulando oficinas e grupos de estudo, fortalecendo vínculos e promovendo resiliência por meio do crochê enquanto ferramenta terapêutica.

**Palavras-chave:** Arteterapia; Saúde Mental; Arte tradicional.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Bianca Vale dos Santos Saraiva, e-mail: [bianca.vale.saraiva@gmail.com](mailto:bianca.vale.saraiva@gmail.com)

<sup>2</sup> Mariah de Moraes Martins Pereira, e-mail: [mariahmoraesmp@gmail.com](mailto:mariahmoraesmp@gmail.com)

<sup>3</sup> Yasmin de Souza Mendonça, e-mail: [yasminmendoca.0789@gmail.com](mailto:yasminmendoca.0789@gmail.com)

<sup>4</sup> Sophia Consentini Galucio, e-mail: [sophia.galucio@gmail.com](mailto:sophia.galucio@gmail.com)

<sup>5</sup> Camilla Silveira de Oliveira, e-mail: [camilla.oliveira@ufam.edu.br](mailto:camilla.oliveira@ufam.edu.br)

<sup>6</sup> Rayssa Karoline Dias de Pinho, e-mail: [rayssad360@gmail.com](mailto:rayssad360@gmail.com)

<sup>7</sup> Eliza do Amaral Ferreira Guimarães, e-mail: [eliza.guimaraes@ufam.edu.br](mailto:eliza.guimaraes@ufam.edu.br)

<sup>8</sup> Robert Filipe dos Passos, e-mail: [robert.passos@ufam.edu.br](mailto:robert.passos@ufam.edu.br)

Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, Amazonas.

## INTERVENCIONES ELECTRÓNICAS EN ATENCIÓN PRIMARIA PARA ABORDAR EL USO DE SUSTANCIAS: UNA OPORTUNIDAD DE MEJORAR LA ACCESIBILIDAD

VILLANUEVA-BLASCO, Víctor J.<sup>1</sup>; ESLAVA, Dalila<sup>2</sup>; OLAVE, Leticia<sup>3</sup>; IBOR-BERNALTE, Eduardo<sup>4</sup>; ZARAGOZA, Javier<sup>5</sup>

**Introducción:** Los centros de Atención Primaria se han mostrado como espacios idóneos para la evaluación del consumo de drogas y el desarrollo de intervenciones breves que reduzcan los problemas asociados. La adaptación al contexto digital amplía la accesibilidad y el número de personas que reciben tratamientos basados en evidencia. En este marco, la presente revisión sistemática buscó identificar las intervenciones electrónicas en Atención Primaria dirigidas al consumo de sustancias y conocer su efectividad. **Método:** El trabajo siguió la guía PRISMA para revisiones sistemáticas y meta-análisis. Se realizó una búsqueda exhaustiva en Web of Science, PubMed/MEDLINE, Scopus y Cochrane Library, con palabras clave como *electronic intervention, substance use y primary care*. Para determinar la calidad y recomendación de las intervenciones, se consideraron los resultados de eficacia reportados, la Herramienta de Evaluación de Métodos Mixtos (MMAT) y la clasificación GRADE. **Resultados y análisis crítico:** Se identificaron 20 programas electrónicos, aplicados mediante internet, aplicaciones móviles, mensajes de texto, correos electrónicos, llamadas automatizadas o autoinformes digitales. Los componentes fueron heterogéneos, sustentados en teorías previamente eficaces en modalidad presencial. Algunos programas complementaban al tratamiento tradicional, mientras que otros lo sustituían. Los resultados mostraron que el 70% de las intervenciones tuvo calidad moderada y el 25% restante muy baja, por lo que no fueron recomendadas. Entre las de mayor calidad destacan, para alcohol: *Alcohol y Salud, HealthCall, IVR-BI, AB-CASI* y el programa de Wallace et al. (2017). Para tabaco: *Let's Talk About Smoking, SMSalud, Vive sin tabaco ¡Decídete!, ESCAPE, iQuit y Quit Genius*. Para cannabis: *eCHECKUP-TOGO*. Para sustancias legales e ilegales: *Programa VIH y TES*. Y para drogas ilícitas: *CBI*, considerada la intervención de mayor calidad y modelo para su implementación en Atención Primaria. **Consideraciones finales:** El uso de medios electrónicos en Atención Primaria amplía la accesibilidad a la atención, aunque persiste el reto de llegar a personas con escasas competencias digitales. Es preciso seguir investigando para definir estrategias que integren adecuadamente estos recursos y establecer directrices claras para su implementación.

**Palavras-chave:** Atención primaria; Medios electrónicos; Sustancias.

**Financiamento:** ISCIII-Redes de Investigación Cooperativa Orientadas a Resultados en Salud (RICORS)-Red de Investigación en Atención Primaria de Adicciones (RIAPAd) con el número de subvención RD21/0009/00015 y RD21/0009/0001 financiado por el Instituto de Salud CarlosII.

<sup>1</sup> Víctor J. Villanueva-Blasco, e-mail: [vjvillanueva@universidadviiu.com](mailto:vjvillanueva@universidadviiu.com)

<sup>2</sup> Dalila Eslava, e-mail: [dalila.eslava@unizar.es](mailto:dalila.eslava@unizar.es)

<sup>3</sup> Leticia Olave, e-mail: [leticiamaria.olave@universidadviiu.com](mailto:leticiamaria.olave@universidadviiu.com)

<sup>4</sup> Eduardo Ibor Bernalte, e-mail: [eiborb@unizar.es](mailto:eiborb@unizar.es)

<sup>5</sup> Javier Zaragoza, e-mail: [zaragoza@unizar.es](mailto:zaragoza@unizar.es)

Red De Investigación En Atención Primaria De Adicciones (RIAPAd).

## ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL INDÍGENA: UMA EXPERIÊNCIA DE ACOLHIMENTO PSICOSSOCIAL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

PEREIRA, Giovanny Delmondes<sup>1</sup>; MACHADO, Luan Mapelli<sup>2</sup>; CORDEIRO, Sofia Valadares Nishiyama<sup>3</sup>; TAVARES, Vinícius José Caixeta<sup>4</sup>; LUZ, José Marcelo Oliveira da<sup>5</sup>

**Introdução:** O acolhimento é uma tecnologia de cuidado que reposiciona os sujeitos como centrais nas práticas de saúde. Na Universidade de Brasília (UnB), havia uma lacuna nos serviços de saúde mental em contemplar as necessidades dos estudantes indígenas, cujas vulnerabilidades incluem relatos de tentativas de suicídio. Diante desse cenário, criou-se um acolhimento psicossocial norteado pelo modelo cognitivo, com o intuito de melhorar estados emocionais, favorecer repertórios de comportamentos adaptativos por meio da mudança de pensamentos disfuncionais e oferecer um espaço de escuta qualificada e troca de experiências. **Desenvolvimento da experiência:** A Diretoria de Atenção à Saúde Universitária da UnB, reconhecendo a importância da saúde mental dos povos originários, ofereceu acolhimento psicossocial para estudantes indígenas no Centro de Convivência Multicultural dos Povos Indígenas (Maloca), durante o 2º semestre de 2023 e o 1º de 2024. Os atendimentos, fundamentados na abordagem cognitivo-comportamental, ocorreram em sessões individuais de cerca de 50 minutos, em sala própria na Maloca. Quando necessário, houve encaminhamentos para psicoterapia. A equipe foi composta por psicólogos em formação, não indígenas, vinculados à UnB. **Resultados e análise crítica:** O acolhimento, realizado em espaço seguro e culturalmente adaptado, proporcionou esperança e suporte a demandas pontuais. A experiência revelou múltiplas motivações para a busca pelo serviço, incluindo: transição para a universidade, intensificada pelas diferenças culturais; dificuldades nos relacionamentos familiares, agravadas por conflitos de valores e falta de apoio financeiro; além de impactos no desempenho acadêmico, como baixa produtividade e dificuldades de organização. Obstáculos incluíram barreiras de comunicação, seja pela dificuldade de expressar emoções ou pelas questões idiomáticas, somadas ao fato de a equipe ser composta apenas por não indígenas, o que limitou a compreensão cultural. Ainda assim, houve adesão significativa, relatos positivos e continuidade no acompanhamento individual. A prática também favoreceu trocas culturais, ampliando a construção coletiva de saberes. **Considerações finais:** O acolhimento psicossocial na Maloca mostrou-se fundamental para o bem-estar dos estudantes indígenas e evidenciou a necessidade de ampliar programas especializados e culturalmente adaptados no ensino superior. Destaca-se a importância de formar psicólogos com sensibilidade cultural e de implementar políticas institucionais que assegurem a permanência acadêmica dos estudantes indígenas.

**Palavras-chave:** Acolhimento; Saúde mental; Estudantes indígenas; Universidade.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Giovanny Delmondes Pereira, e-mail: [giovanny1604@gmail.com](mailto:giovanny1604@gmail.com)

<sup>2</sup> Luan Mapelli Machado, e-mail: [luanmmachado@hotmail.com](mailto:luanmmachado@hotmail.com)

<sup>3</sup> Sofia Valadares Nishiyama Cordeiro, e-mail: [cordeiro.sofia@hotmail.com](mailto:cordeiro.sofia@hotmail.com)

<sup>4</sup> Vinícius José Caixeta Tavares, e-mail: [viniciusjctavares@gmail.com](mailto:viniciusjctavares@gmail.com)

<sup>5</sup> José Marcelo Oliveira da Luz, e-mail: [daluz@unb.br](mailto:daluz@unb.br)  
Universidade de Brasília (UnB).

## CNV, RPG E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

MOURÃO, Jeancarlo Macgregory Pereira<sup>1</sup>; FERREIRA, Giovanna Eugênio<sup>2</sup>; OLIVEIRA, Jessica Santos<sup>3</sup>; COSTA, Marina Agostini<sup>4</sup>; LUZ, José Marcelo Oliveira da<sup>5</sup>

**Introdução:** A oficina de Comunicação Não Violenta (CNV) foi implementada como parte do estágio em Intervenções Psicossociais ofertado pelo Núcleo de Formação, Monitoramento e Avaliação de Ações e Projetos em Saúde (NAPS), vinculado à Diretoria de Atenção à Saúde Universitária (DASU) da Universidade de Brasília (UnB). O grupo de estágio, composto por quatro estudantes de Psicologia e um supervisor, desenvolveu cinco encontros presenciais de duas horas entre agosto e dezembro de 2023. Inspirada na proposta teórica de Marshall Rosenberg e alinhada ao Plano de Combate ao Assédio Moral e Outras Violências da UnB (2018), a oficina teve como objetivo promover relações interpessoais mais saudáveis e eficientes entre universitários, com base nas quatro fases da CNV: observação, sentimento, necessidade e pedido. **Desenvolvimento da experiência:** A oficina foi estruturada a partir de uma narrativa ficcional baseada nos princípios do *role playing game* (RPG). Os participantes assumiram o papel de agentes da Organização Hermes, uma ordem atemporal, cuja missão era auxiliar duas amigas, no ano de 2030, a restabelecerem o diálogo por meio da CNV. Os estagiários atuaram como instrutores da “Suprema Uiara”, guiando os participantes durante o treinamento e a missão. A atividade dividiu-se em duas etapas de uma hora cada. Na primeira, foram abordados os fundamentos da CNV com apoio de slides, baralho temático e exercícios práticos. Na segunda, os participantes aplicaram os conceitos aprendidos na resolução da narrativa, utilizando objetos simbólicos (cartas, fotos, registros etc.) que representavam aspectos do conflito entre as personagens. Técnicas da Terapia Cognitivo-Comportamental — como psicoeducação, modelação, reforço positivo e diálogo socrático — foram empregadas para fortalecer o aprendizado. **Resultados e análise crítica:** A oficina possibilitou reflexões significativas sobre comunicação empática e resolução de conflitos. Para os universitários, promoveu o desenvolvimento de habilidades relacionais e escuta ativa. Para as estagiárias, a experiência ampliou a compreensão sobre intervenções psicossociais para além do contexto clínico tradicional. O uso do RPG mostrou-se uma estratégia inovadora, lúdica e eficaz na aprendizagem de CNV, reforçando a importância da supervisão e da criatividade nas práticas de estágio. **Considerações finais:** A experiência evidenciou o potencial de metodologias participativas e gamificadas para o fortalecimento de competências socioemocionais e promoção da saúde mental, podendo ser replicada em diferentes contextos.

**Palavras-chave:** Comunicação não-violenta; RPG; Promoção da saúde; Estudantes universitários.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Jeancarlo Macgregory Pereira Mourão, e-mail: [mjean9920@gmail.com](mailto:mjean9920@gmail.com)

<sup>2</sup> Giovanna Eugênio Ferreira, e-mail: [giovannaugenio3345@gmail.com](mailto:giovannaugenio3345@gmail.com)

<sup>3</sup> Jessica Santos Oliveira, e-mail: [jessica.oliv.unb@gmail.com](mailto:jessica.oliv.unb@gmail.com)

<sup>4</sup> Marina Agostini Costa, e-mail: [marinaagcosta@gmail.com](mailto:marinaagcosta@gmail.com)

<sup>5</sup> José Marcelo Oliveira da Luz, e-mail: [daluz@unb.br](mailto:daluz@unb.br)

Universidade de Brasília (UnB).

## INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL COM ADULTOS AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

SOUSA, Ranieli Carvalho Gomes de<sup>1</sup>; COSTA, Liana Fortunato<sup>2</sup>

**Introdução:** A violência sexual infantil é um fenômeno complexo que atravessa todas as camadas sociais e econômicas, caracterizando-se por práticas sexuais envolvendo crianças e adolescentes que não compreendem plenamente a situação e, portanto, não podem consentir. No Brasil, a maior parte das pesquisas e intervenções concentra-se nas vítimas, enquanto os ofensores, em especial, homens adultos, permanecem pouco estudados. No entanto, diversos trabalhos indicam a importância de desenvolver ações terapêuticas voltadas a esses autores, como estratégia fundamental para a proteção das vítimas. Este relato descreve uma intervenção psicossocial grupal com adultos autores de violência sexual.

**Desenvolvimento da experiência:** A intervenção ocorreu em um programa de atendimento a autores de violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes, no Distrito Federal, durante o primeiro semestre de 2022. Os encontros eram quinzenais, com duração média de três horas e meia, conduzidos por psicólogos e assistentes sociais. A pesquisadora acompanhou o grupo, estruturado em quatro etapas: aquecimento, desenvolvimento, compartilhamento e ritual de encerramento. Os temas abordados incluíram integração grupal, discriminação social, vitimização pessoal, masculinidades, sexualidade, fatores de risco e proteção, desejo sexual e plano de futuro. Estratégias lúdicas, como jogos dramáticos e materiais artísticos, foram utilizadas para favorecer a participação e reduzir a tensão ao tratar da temática.

**Resultados e análise crítica:** Participaram seis homens, entre 38 e 53 anos, com diferentes níveis de escolaridade e ocupação, todos envolvidos em violência sexual intrafamiliar contra vítimas do sexo feminino, entre 1 e 16 anos. Inicialmente, relataram sentimentos de raiva, vergonha, humilhação e isolamento após as denúncias e processos judiciais. No grupo, embora marcados pelo medo no início, gradualmente sentiram-se apoiados e valorizados. Relataram aprendizados em habilidades de comunicação, maior tolerância e paciência nas relações interpessoais, além do desenvolvimento de maior empatia. A reflexão coletiva possibilitou reconhecer comportamentos nocivos e adotar estratégias de prevenção, corroborando estudos que apontam o impacto positivo das intervenções terapêuticas na redução da reincidência.

**Considerações finais:** A experiência reforça a relevância de programas psicossociais destinados a ofensores sexuais, defendendo uma abordagem que vá além da punição e inclua tratamento em saúde. A desconstrução de estigmas e a criação de espaços de apoio são essenciais para o êxito da intervenção. Ressalta-se a urgência de políticas públicas que contemplem tais programas, ampliando a proteção às vítimas e promovendo transformações nos ofensores.

**Palavras-chave:** Intervenção psicossocial; Violência sexual; Ofensor sexual.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Ranieli Carvalho Gomes de Sousa, e-mail: [ranieligomes16@gmail.com](mailto:ranieligomes16@gmail.com)

<sup>2</sup> Liana Fortunato Costa, e-mail: [lianaf@terra.com.br](mailto:lianaf@terra.com.br)

Universidade de Brasília (UnB). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC UnB).

## DINÂMICAS DE GÊNERO E VIOLÊNCIA: MASCULINIDADE TÓXICA EM ADULTOS OFENSORES SEXUAIS

SOUSA, Ranieli Carvalho Gomes de<sup>1</sup>; COSTA, Liana Fortunato<sup>2</sup>

**Introdução:** O conceito de gênero refere-se a um sistema de significados e práticas sociais que define papéis e comportamentos esperados de homens e mulheres com base em seu sexo biológico, estruturando relações de poder e desigualdade. A masculinidade, por sua vez, é uma construção sociocultural que varia conforme o tempo, o contexto e a cultura, resultando em diferentes expressões do que é considerado masculino. A masculinidade hegemônica, que privilegia homens brancos, cisgêneros, heterossexuais e de classe média alta, impõe um ideal de força e virilidade que marginaliza outras masculinidades e estimula comportamentos tóxicos e violentos. Este estudo tem como objetivo compreender as construções e expressões da masculinidade tóxica entre homens que cometeram ofensas sexuais contra crianças e adolescentes. **Método:** Trata-se de uma pesquisa documental qualitativa, realizada em uma instituição pública do Distrito Federal que atende adultos autores de ofensa sexual, encaminhados pela justiça. A coleta de dados ocorreu entre julho e agosto de 2021, por meio da análise de prontuários contendo informações pessoais, históricos de vida e registros de atendimentos psicossociais. A análise de conteúdo temática foi conduzida por leitura exaustiva, buscando identificar elementos relacionados à masculinidade tóxica. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília (parecer nº 972246, março de 2015). **Resultados e análise crítica:** Os resultados indicam que a masculinidade tóxica se manifesta desde a infância dos participantes, marcada por violência intrafamiliar física e sexual, ausência parental e iniciação precoce na vida sexual e laboral. A valorização da força, da virilidade e de comportamentos de risco contribui para consolidar identidades masculinas pautadas na dominação e no controle. A recusa em buscar ajuda médica e a dificuldade de expressão emocional reforçam o modelo hegemônico, no qual a violência é utilizada como meio de reafirmar o poder masculino. **Considerações finais:** O estudo evidencia a importância de intervenções terapêuticas que abordem gênero e masculinidade hegemônica, promovendo vivências masculinas mais saudáveis e igualitárias. Os achados podem subsidiar políticas públicas voltadas ao atendimento e reabilitação de ofensores sexuais adultos, incentivando a compreensão das dinâmicas sociais e familiares que perpetuam a masculinidade tóxica e o ciclo de violência.

**Palavras-chave:** Masculinidade tóxica; Ofensas sexuais; Intervenção psicossocial.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Ranieli Carvalho Gomes de Sousa, e-mail: [ranieligomes16@gmail.com](mailto:ranieligomes16@gmail.com)

<sup>2</sup> Liana Fortunato Costa, e-mail: [lianaf@terra.com.br](mailto:lianaf@terra.com.br)

Universidade de Brasília (UnB). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura.

## FORMAÇÃO DE INSTRUTORES EM PRÁTICAS RESTAURATIVAS CURSO DE FORMAÇÃO DE INSTRUTORES EM CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ

ROMERA, Liana Abrao<sup>1</sup>; CASTRO, Janine Mattar Pereira de <sup>2</sup>; ALMEIDA, Jaklane de Souza<sup>3</sup>

**Introdução:** Esta submissão apresenta uma experiência de extensão universitária voltada à formação de instrutores em práticas restaurativas e círculos de construção de paz no âmbito educacional do estado do Espírito Santo. A iniciativa resultou de uma parceria entre a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a Secretaria de Educação de Vitória e o Tribunal de Justiça do Espírito Santo, com o objetivo de capacitar novos formadores. O aumento da violência nas escolas e entre seus atores evidenciou a necessidade de fortalecer a cultura de paz e promover a educação em direitos humanos. Alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 e 16 da Agenda 2030 da ONU e às legislações nacionais, o projeto buscou promover a formação vivencial em práticas restaurativas para fomentar a cultura de paz nas escolas e em seus reflexos sociais. As práticas restaurativas favorecem o diálogo, a inclusão e a colaboração, melhorando os relacionamentos e estimulando a interconexão entre os atores escolares, familiares e comunidades, além de promover articulações com redes de apoio.

**Desenvolvimento da experiência:** O curso foi desenvolvido no formato híbrido, com encontros de imersão presenciais, interações dialógicas e seminários síncronos, possibilitando o (re)conhecimento e o aprofundamento de conceitos, princípios e práticas que sustentam o papel de instrutor em práticas restaurativas e círculos de construção de paz. Até o momento, foram realizados três encontros presenciais (24 horas), cinco seminários síncronos (15 horas) e dois encontros de reconexão e orientação para estágio. O grupo de três instrutores acompanha quinze professores que mantêm constante diálogo e troca de materiais. As avaliações são contínuas, considerando participação, frequência e cumprimento das atividades, além do estágio supervisionado, no qual cada participante atua como instrutor em três formações de facilitadores de círculos restaurativos, com carga horária mínima de 40 horas cada.

**Resultados e análise crítica:** Espera-se que os quinze professores participantes tornem-se multiplicadores das práticas restaurativas, promovendo círculos de construção de paz e difundindo a filosofia da justiça restaurativa em ambientes educacionais e sociais. **Considerações finais:** Esta experiência de extensão representa uma parceria inédita entre Educação e Justiça, reunindo profissionais comprometidos com o “esperançar” e com a construção de uma sociedade mais justa, pacífica e solidária.

**Palavras-chave:** Educação; Cultura de Paz; Justiça Restaurativa; Práticas restaurativas.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Liana Abrao Romera, e-mail: [liromera@uol.com.br](mailto:liromera@uol.com.br)

<sup>2</sup> Janine Mattar Pereira de Castro, e-mail: [janinemattar@gmail.com](mailto:janinemattar@gmail.com)

<sup>3</sup> Jaklane de Souza Almeida, e-mail: [jaklanealmeida@gmail.com](mailto:jaklanealmeida@gmail.com)

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Departamento de Ginástica Grupo de Pesquisa Andaluz. Secretaria de Educação de Vitória, ES. Tribunal de Justiça do Espírito Santo.

## INTERVENÇÕES DE EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE ADOLESCENTES NO BRASIL

DINIZ, Silvia Beatriz Moreno<sup>1</sup>; OLIVEIRA, Alice Salgado<sup>2</sup>; FERREIRA, Pablo Vinicius<sup>3</sup>; SOUZA, Vitor Hugo Beck de<sup>4</sup>; ALVES, Claudia de Oliveira<sup>5</sup>

**Introdução:** A promoção da saúde compreende práticas voltadas à valorização de um conceito ampliado de saúde, envolvendo as pessoas em suas próprias concepções e realidades pessoais e coletivas. No entanto, observa-se que intervenções de promoção da saúde em Educação Sexual, direcionadas a adolescentes, frequentemente se afastam dessa perspectiva, sendo conduzidas sem reflexões críticas sobre as reais necessidades desse público. A Educação Sexual, quando articulada à promoção da saúde e à garantia dos direitos humanos, pode contribuir para o desenvolvimento de relações mais saudáveis, prevenção de violências e promoção da equidade de gênero. A adolescência, enquanto fase crucial na construção das relações afetivo-sexuais, demanda abordagens educativas críticas, inclusivas e acessíveis, que assegurem direitos sexuais e reprodutivos. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo realizar um levantamento de práticas em Educação Sexual no Brasil, identificando possibilidades para a ampliação de ferramentas educativas sobre sexualidades e fortalecimento da promoção da saúde.

**Método:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura sobre intervenções em Educação Sexual com adolescentes no Brasil, visando compreender o cenário nacional e identificar as principais estratégias e recursos adotados. As bases de dados utilizadas foram: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

**Resultados:** A busca resultou em 597 estudos iniciais, com amostra final de 67 textos. A maioria das publicações é da área da Enfermagem (36,3%), seguida pela Psicologia (7,8%), evidenciando lacuna nesta última. O Sudeste concentrou 42,3% das produções, seguido do Nordeste com 32,7%. A maior parte das intervenções ocorreu em escolas (86,5%), sendo 63,5% em instituições públicas. Apenas 7,7% ocorreram em unidades de atenção primária à saúde ou centros socioeducativos. Os anos de 2017, 2019 e 2020 destacaram-se com 11 publicações cada. **Etapa atual:** Encontra-se em andamento a análise qualitativa dos dados, buscando caracterizar facilitadores e dificultadores das intervenções, recursos utilizados e resultados alcançados nos últimos dez anos. **Discussão preliminar:** Os resultados apontam ausência de intervenções fora do contexto escolar e tímida participação da Psicologia na temática. O estudo pretende fomentar novas pesquisas e ações críticas em Educação Sexual, contribuindo para práticas promotoras de saúde e equidade.

**Palavras-chave:** Educação sexual; Adolescência; Intervenção.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Silvia Beatriz Moreno Diniz, e-mail: [silmorenodiniz@gmail.com](mailto:silmorenodiniz@gmail.com)

<sup>2</sup> Alice Salgado Oliveira, e-mail: [alicesalgado2001@gmail.com](mailto:alicesalgado2001@gmail.com)

<sup>3</sup> Pablo Vinicius Ferreira, e-mail: [unbpablov@gmail.com](mailto:unbpablov@gmail.com)

<sup>4</sup> Vitor Hugo Beck de Souza, e-mail: [vitorbecksouza@gmail.com](mailto:vitorbecksouza@gmail.com)

<sup>5</sup> Claudia de Oliveira Alves, e-mail: [cla.alves@unb.br](mailto:cla.alves@unb.br)  
Universidade de Brasília (UnB).

## EFICACIA DEL CURSO DE PREVENCIÓN EN TABACO, ALCOHOL Y CANNABIS (P'TAC) PARA LA MEJORA DE CONOCIMIENTOS EN PREVENCIÓN DE ADICCIONES

CASTAÑO, Yasmina<sup>1</sup>; JUAN, Montserrat<sup>2</sup>; NOBRE-SANDOVAL, Larissa de Almeida<sup>3</sup>; ESPITIA, Catalina<sup>4</sup>; VILLANUEVA-BLASCO, Víctor José<sup>5</sup>

**Introducción:** La evaluación de las intervenciones es fundamental para determinar su eficacia y justificar su sostenibilidad. En este marco, el Curso en Prevención en Tabaco, Alcohol y Cannabis (P'TAC) fue diseñado con el propósito de fortalecer la capacitación de profesionales en prevención de adicciones. El curso consta de 13 módulos: 1) La prevención como ciencia; 2) Epidemiología de la tríada TAC: la huella en salud y los ODS; 3) La perspectiva de género en prevención TAC; 4) Tabaco y productos relacionados: formas de consumo y riesgos; 5) Alcohol: formas de consumo y riesgos; 6) Cannabis: formas de consumo y riesgos; 7) Factores de riesgo y protección asociados a la tríada TAC; 8) Modelos de ocio enmarcados en el consumo TAC; 9) Prevención ambiental: regulación, control y marketing; 10) Impulsando la prevención desde las familias; 11) Prevención desde las escuelas; 12) Prevención selectiva e indicada; 13) Sesión práctica de conexión a recursos y evaluación. El curso se desarrolla en modalidad online, con apoyo audiovisual y un manual de referencia disponible durante 45 días. El objetivo de este estudio fue evaluar la eficacia del Curso P'TAC en la mejora del conocimiento sobre prevención de tabaco, alcohol y cannabis entre profesionales del ámbito preventivo. **Método:** Se realizó un estudio descriptivo, con muestreo no probabilístico por conveniencia, conformado por dos grupos: experimental (GE) y control (GC). Se aplicó un cuestionario ad hoc de 40 ítems con tres alternativas de respuesta, antes y después de la intervención. La muestra total fue de 99 participantes de España: 81,8% mujeres (n = 81) y 18,2% hombres (n = 18). El GE representó el 44,4% (n = 44) y el GC el 55,6% (n = 55). Se utilizaron pruebas estadísticas no paramétricas: Z de Wilcoxon para medidas repetidas y U de Mann-Whitney para comparación entre grupos. **Resultados y análisis crítico:** El GE mostró una mejora significativa entre el pre y el post test ( $Z = -4.086$ ;  $p = .000$ ,  $r = -0.616$ ). No se hallaron diferencias iniciales entre grupos ( $p = .59$ ), pero sí en el post test, a favor del GE ( $U = 593.50$ ,  $p = .000$ ;  $d$  de Cohen = 0.97), con un tamaño de efecto elevado. **Consideraciones finales:** El Curso P'TAC demostró ser eficaz para mejorar el conocimiento profesional en prevención del consumo de tabaco, alcohol y cannabis. Su estructura modular, basada en la evidencia, ofrece una formación sólida y replicable, esencial para fortalecer las competencias de los profesionales en salud y promoción de la prevención.

**Palabras-chave:** Curso; Profesionales; Prevención.

**Financiamento:** Plan Nacional sobre Drogas, Ministerio de Sanidad (Resolución de 3 de julio de 2023 de la Secretaría de Estado de Sanidad).

<sup>1</sup> Yasmina Castaño, e-mail: [ycastano@irefrea.org](mailto:ycastano@irefrea.org)

<sup>2</sup> Montserrat Juan, e-mail: [mjuan@irefrea.org](mailto:mjuan@irefrea.org)

<sup>3</sup> Larissa de Almeida Nobre-Sandoval, e-mail: [nobre.lan@gmail.com](mailto:nobre.lan@gmail.com)

<sup>4</sup> Catalina Espitia, e-mail: [cataespital@hotmail.com](mailto:cataespital@hotmail.com)

<sup>5</sup> Víctor José Villanueva-Blasco, e-mail: [vjvillanueva@universidadviu.com](mailto:vjvillanueva@universidadviu.com)

IREFREA (Instituto Europeo de Estudios en Prevención); Universidad de las Islas Baleares (UIB); Universidad Central de Cataluña (UVic); Universidad Internacional de Valencia (VIU).

## INTERVENÇÕES, PERCEPÇÕES E TRAJETÓRIAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE JOVENS ADULTOS

OLIVEIRA, Alice Salgado<sup>1</sup>; DINIZ, Silvia Beatriz Moreno<sup>2</sup>; FERREIRA, Pablo Vinicius<sup>3</sup>; SOUZA, Vitor Hugo Beck de<sup>4</sup>; ALVES, Claudia de Oliveira<sup>5</sup>

**INTRODUÇÃO:** As ações de Educação Sexual (ES) têm papel essencial na prevenção de doenças, na redução de violências sexuais e na promoção de relacionamentos saudáveis, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A Psicologia, enquanto ciência e profissão comprometida com o fortalecimento da saúde e dos direitos humanos, deve incentivar uma abordagem crítica e inclusiva da ES ao longo de todas as fases da vida. Ao oferecer informações e orientações adequadas sobre sexualidade, combate-se o preconceito e promove-se a autonomia para escolhas informadas sobre a vida sexual e reprodutiva. Assim, o presente estudo tem como objetivo compreender as percepções e experiências de jovens adultos acerca da Educação Sexual, bem como elaborar uma cartilha sobre o tema, a fim de fomentar discussões e ações promotoras de saúde sexual. **MÉTODO:** Trata-se de uma pesquisa empírica, qualitativa, com jovens adultos, cujo propósito é compreender experiências e repercussões relacionadas à Educação Sexual ao longo da vida. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 70077323.9.0000.5540, Parecer nº 6.156.265). Foram realizadas 12 entrevistas semiestruturadas individuais, posteriormente transcritas e analisadas com base na análise temática. **RESULTADOS PRELIMINARES:** De modo geral, observou-se entre os participantes uma discrepância entre as experiências vividas — marcadas por ações de ES escassas, centradas em aspectos biológicos e heteronormativos, conduzidas por profissionais despreparados — e o que eles consideram necessário: uma abordagem multidimensional, diversa e conduzida por profissionais qualificados. A ausência de menções a políticas públicas sobre o tema evidencia um distanciamento entre as iniciativas governamentais e a população jovem do Distrito Federal. **ETAPA ATUAL:** A pesquisa encontra-se na fase de análise temática dos dados, já transcritos. Em seguida, os resultados obtidos subsidiarão a produção de uma cartilha educativa sobre Educação Sexual. **DISCUSSÃO PRELIMINAR:** Ressalta-se a importância de desenvolver ações de ES que contemplem múltiplas faixas etárias e abordagens que ultrapassem a lógica heteronormativa. Espera-se que os resultados contribuam para a Psicologia e a Educação Sexual ao embasar estratégias de promoção de saúde, redução de violências e fortalecimento do bem-estar social em diferentes contextos.

**Palavras-chave:** Educação sexual; Percepções; Políticas públicas.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Alice Salgado Oliveira, e-mail: [alicesalgado2001@gmail.com](mailto:alicesalgado2001@gmail.com)

<sup>2</sup> Silvia Beatriz Moreno Diniz, e-mail: [silmorenodiniz@gmail.com](mailto:silmorenodiniz@gmail.com)

<sup>3</sup> Pablo Vinicius Ferreira, e-mail: [unbpablov@gmail.com](mailto:unbpablov@gmail.com)

<sup>4</sup> Vitor Hugo Beck de Souza, e-mail: [vitorbecksouza@gmail.com](mailto:vitorbecksouza@gmail.com)

<sup>5</sup> Claudia de Oliveira Alves, e-mail: [cla.alves@unb.br](mailto:cla.alves@unb.br)  
Universidade de Brasília (UnB).



## DESAFIOS DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL NO ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL AO LIDAR COM A TEMÁTICA DA PORNOGRAFIA

ESPÍNDOLA, Bárbara Almeida de<sup>1</sup>; COSTA, Liana Fortunato<sup>2</sup>

**Introdução:** A pornografia e seus impactos têm despertado crescente interesse entre pesquisadores em todo o mundo. Com o avanço tecnológico, observam-se transformações significativas na forma de consumo, produção e distribuição desse tipo de conteúdo, além de uma preocupante associação entre erotismo e violência. Três fatores são fundamentais para compreender o impacto desse consumo: anonimato, acessibilidade e viabilidade econômica. Esses elementos intensificam a vulnerabilidade de crianças e adolescentes à exposição precoce, com estudos indicando o primeiro contato por volta dos 8 anos de idade. Nesse cenário, a pornografia assume o papel de uma “pedagogia da sexualidade”, substituindo o diálogo familiar e a Educação Sexual nas escolas. O uso indiscriminado desse conteúdo torna-se, portanto, um problema de saúde pública, dada sua relação com a violência sexual. Considerando o contexto socioeconômico brasileiro, permeado por desigualdades e violências, o consumo de pornografia por adolescentes pode atuar como fator de risco para o cometimento ou a vivência de violência sexual. Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar os desafios enfrentados por uma equipe multiprofissional no atendimento psicossocial de adolescentes do sexo masculino que cometeram violência sexual, abordando a temática da pornografia na contemporaneidade.

**Desenvolvimento:** A experiência ocorreu em um programa de atendimento a adolescentes autores de violência sexual e suas famílias, em uma instituição pública de saúde especializada em casos de violência, no ano de 2023. Participaram 27 adolescentes distribuídos em dois Grupos Multifamiliares (GM), acompanhados por familiares e pela equipe multiprofissional composta por assistentes sociais, psicólogas e a pesquisadora. Foram realizados cinco encontros temáticos por GM: “Proteção e Rede de Proteção”, “Transgeracionalidade”, “Abuso Sexual é um Crime”, “Sexualidade” e “Projeto de Vida”, com duração média de três horas e meia, cada um. **Resultados e Análise Crítica:** A pornografia emergiu como um tema invisibilizado durante todo o processo. Houve resistência em abordá-la, tanto pela equipe, que reconheceu a dificuldade de inseri-la nas discussões, quanto pelos adolescentes, que reagiram com silêncio e desconforto. Pais e responsáveis também demonstraram barreiras no diálogo sobre o tema, o que reforça o desafio de trabalhar essa dimensão nas intervenções. **Considerações Finais:** Compreender as vulnerabilidades dos adolescentes revelou a necessidade urgente de incluir a temática da pornografia em programas preventivos e terapêuticos. Observou-se que a pornografia pode atuar como fator facilitador da violência sexual, sobretudo em contextos marcados por vulnerabilidades sociais e múltiplas vitimizações, o que reforça sua relevância como eixo essencial nas ações de prevenção e promoção da saúde.

**Palavras-chave:** Violência sexual; Pornografia; Intervenção psicossocial.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Bárbara Almeida de Espíndola, e-mail: [barbaraee@gmail.com](mailto:barbaraee@gmail.com)

<sup>2</sup> Liana Fortunato Costa, e-mail: [lianaf@terra.com.br](mailto:lianaf@terra.com.br)  
Universidade de Brasília (UnB).

## MITOS RELACIONADOS CON LOS CANNABINOIDES: DIME QUÉ CONSUMES Y TE DIRÉ QUE PIENSAS

ALEMÁN-MOUSSA, Layla<sup>1</sup>; IZA-FERNÁNDEZ, Clara<sup>2</sup>; WEIDBERG, Sara<sup>3</sup>; GONZÁLEZ-ROZ, Alba<sup>4</sup>

**Introducción:** El estatus legal del cannabidiol (CBD) y su creciente promoción como sustancia con potencial terapéutico han favorecido la difusión de creencias erróneas que lo presentan como inocuo y beneficioso para la salud. Estas creencias constituyen un factor de riesgo relevante para el consumo, especialmente entre jóvenes, al percibirse el CBD como una alternativa “segura”. Investigaciones previas señalan que una visión favorable del CBD puede estar asociada al consumo de otras sustancias, en particular THC, así como al uso del CBD sin supervisión médica. El presente estudio tiene como objetivo examinar la relación entre el patrón de consumo de cannabis (THC vs. CBD+THC) y las creencias erróneas relacionadas con los efectos del consumo de ambas sustancias en jóvenes. **Método:** En el marco de un estudio transversal multicéntrico, se evaluaron 1.293 jóvenes (16–30 años; 50,3% hombres) entre 2023–2024 en Asturias, León y Elche (España). Los participantes se dividieron en dos grupos: G1 (n = 855), consumidores exclusivos de THC, y G2 (n = 438), consumidores de CBD+THC en el último año. Se aplicó un cuestionario sobre consumo de sustancias y un instrumento ad hoc de 15 ítems para evaluar creencias erróneas sobre los efectos del CBD y del THC+CBD, con tres opciones de respuesta (1 = “en desacuerdo”, 2 = “neutral”, 3 = “de acuerdo”). Se realizaron pruebas chi-cuadrado ( $\chi^2$ ) para comparar las diferencias entre grupos. **Resultados y Análisis Crítico:** En comparación con el G1, el G2 mostró mayor acuerdo con creencias erróneas sobre los supuestos beneficios del cannabis. En particular, consideraron que el THC+CBD tenía propiedades ansiolíticas (46,6% vs. 30,5%;  $\chi^2 = 34,29$ ,  $p < .001$ ), analgésicas (47,5% vs. 33,7%;  $\chi^2 = 23,53$ ,  $p < .001$ ) y mejoradoras del sueño (54,3% vs. 37,7%;  $\chi^2 = 32,89$ ,  $p < .001$ ). Además, percibieron el cannabis como natural e inofensivo (14,2% vs. 7,8%;  $\chi^2 = 17,24$ ,  $p < .001$ ) y menos perjudicial que el tabaco (40,4% vs. 24,6%;  $\chi^2 = 47,85$ ,  $p < .001$ ). También atribuyeron al consumo de THC+CBD efectos positivos sobre el estado de ánimo, la socialización y la concentración. Destacó el acuerdo con afirmaciones como “el CBD puede curar enfermedades como el cáncer” (24% vs. 16,3%;  $\chi^2 = 12,24$ ,  $p < .001$ ) y “el CBD no produce adicción” (29,7% vs. 7,4%;  $\chi^2 = 33,62$ ,  $p < .001$ ). **Consideraciones Finales:** Los resultados evidencian una alta prevalencia de mitos y creencias erróneas sobre el CBD entre los consumidores de cannabis. El uso combinado de CBD y THC se asocia con una percepción reducida de riesgo y con un mayor mantenimiento de creencias falsas sobre su inocuidad. Desde una perspectiva preventiva, es esencial regular el acceso al CBD, especialmente en menores de edad, y fortalecer las acciones educativas que promuevan una comprensión basada en la evidencia científica sobre los posibles riesgos del consumo sin supervisión médica.

**Palavras-chave:** Cannabidiol; Creencias erróneas; España.

**Financiamento:** Plan Nacional sobre Drogas 2022. Ministerio de Sanidad de España. [MS-23-PNSD-1-2022I002].

<sup>1</sup> Layla Alemán Moussa, e-mail: [alemanlayla@uniovi.es](mailto:alemanlayla@uniovi.es)

<sup>2</sup> Clara Iza Fernández, e-mail: [uo269654@uniovi.es](mailto:uo269654@uniovi.es)

<sup>3</sup> Sara Weidberg, e-mail: [weidbergsara@uniovi.es](mailto:weidbergsara@uniovi.es)

<sup>4</sup> Alba González Roz, e-mail: [gonzalezralba@uniovi.es](mailto:gonzalezralba@uniovi.es)

Grupo de Investigación en Conductas Adictivas (GCA) – Departamento de Psicología – Universidad de Oviedo (España).

## INTERVENÇÃO COM MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE NA PREVENÇÃO AOS MAUS-TRATOS INFANTIL

ORMEÑO, Gabriela Isabel Reyes<sup>1</sup>; FREITAS, Nariana Rodrigues de<sup>2</sup>; KREUTZER, Laís Thaina Nenemann<sup>3</sup>; PAULA, Thaís da Costa de<sup>4</sup>; CAMARGO, Vanessa<sup>5</sup>

**Introdução:** Os maus-tratos infantis ainda representam uma realidade alarmante em todo o mundo. De acordo com dados da UNICEF, cerca de 50% das crianças sofrem algum tipo de violência a cada ano. Diversos estudos apontam que muitas mulheres em privação de liberdade compartilham características socioeconômicas semelhantes: são jovens, solteiras, com, pelo menos, dois filhos, baixo nível escolar, e histórico de empregos informais. Além disso, grande parte delas foi vítima de negligência e abusos físicos, psicológicos e sociais na infância, o que impacta diretamente sua trajetória de vida e o exercício da função parental. Nesse contexto, programas de intervenção parental têm se mostrado uma estratégia promissora para a redução dos maus-tratos infantis e o fortalecimento dos vínculos familiares. O presente estudo tem como objetivo descrever o relato de experiência sobre os estilos parentais de mães privadas de liberdade, participantes do programa ACT (Adaptando Comportamentos e Transformando Vidas). Participaram do estudo nove mulheres, com média de idade de 28,4 anos e três filhos por participante.

**Desenvolvimento da experiência:** O Programa foi executado ao longo de oito semanas em uma penitenciária feminina da região metropolitana de Curitiba, abordando diferentes temáticas relacionadas à parentalidade, com ênfase nos estilos parentais. As atividades incluíram dinâmicas, oficinas temáticas e rodas de conversa, promovendo reflexões sobre as práticas educativas. Aplicou-se um questionário pré e pós-intervenção com 11 situações de comportamento infantil, no qual as mães assinalavam como reagiriam em cada caso. A análise foi conduzida por meio de médias aritméticas para identificar o impacto do programa nas práticas parentais.

**Resultados e análise crítica:** Na pré-avaliação, 72% das mães relataram agir por impulso diante dos filhos, reduzindo para 55% após o programa. O número de mães que descontavam o estresse nas crianças caiu de 81% para 11%. Antes da intervenção, 45% gritavam com os filhos e 9% utilizavam violência física; após o programa, nenhuma participante indicou uso de agressão física como método educativo. Esses resultados demonstram mudanças expressivas nas práticas parentais e ressaltam a eficácia de programas preventivos no fortalecimento do papel protetivo de mães em privação de liberdade.

**Conclusão:** A implementação de programas parentais em contextos prisionais mostrou-se uma intervenção positiva e transformadora na prevenção aos maus-tratos infantis, promovendo reflexão, autoconhecimento e desenvolvimento emocional. Ao retornarem ao convívio com seus filhos, essas mulheres demonstram estar mais preparadas para construir ambientes familiares seguros, afetivos e livres de violência.

**Palavras-chave:** Maus-tratos infantil; Prevenção; Privação de liberdade; Mães.

**Financiamento:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>1</sup> Gabriela Isabel Reyes Ormeño, e-mail: [gabyreyes2@gmail.com](mailto:gabyreyes2@gmail.com)

<sup>2</sup> Nariana Rodrigues de Freitas, e-mail: [nariana@gmail.com](mailto:nariana@gmail.com)

<sup>3</sup> Laís Thaina Nenemann Kreutzer, e-mail: [laisthaina@ufpr.br](mailto:laisthaina@ufpr.br)

<sup>4</sup> Vitor Hugo Beck de Souza, e-mail: [psithaisdacostadepaula@gmail.com](mailto:psithaisdacostadepaula@gmail.com)

<sup>5</sup> Thaís da Costa de Paula, e-mail: [camargovanessa66@gmail.com](mailto:camargovanessa66@gmail.com)  
Universidade Federal do Paraná (UFPR).

## O USO DE METODOLOGIAS ARTÍSTICAS EM OFICINAS SOBRE SAÚDE MENTAL E JUVENTUDE EM UMA ESCOLA DO CAMPO DO DISTRITO FEDERAL

PEREIRA, José Ítalo Gomes<sup>1</sup>; DIAS, Ana Lúcia<sup>2</sup>; MURTA, Sheila Giardini<sup>3</sup>

**Introdução:** Evidências apontam que a arte contribui significativamente para a saúde mental, promovendo conscientização sobre determinantes sociais, incentivando comportamentos pró-sociais, fortalecendo o suporte emocional e desenvolvendo estratégias de enfrentamento diante de condições adversas. Este projeto de intervenção em saúde mental, realizado em uma escola do campo do Distrito Federal, utilizou metodologias artísticas para promover o bem-estar psicológico dos estudantes. O objetivo foi criar um ambiente seguro e acolhedor que favorecesse a expressão emocional, a empatia, o respeito, a compreensão dos fatores de risco e proteção e o fortalecimento da rede de apoio.

**Desenvolvimento da experiência:** A intervenção contou com cinco encontros, cada um conduzido por, pelo menos, dois facilitadores. Participaram 19 estudantes do 3º ano do ensino médio (16 meninas e 3 meninos) e uma professora. No primeiro encontro, a técnica de fotoelicitação introduziu o diálogo sobre saúde mental e adolescência. No segundo, a escrita de rimas abordou fatores que promovem ou dificultam a realização dos sonhos. O terceiro encontro utilizou o ecomapa para explorar recursos pessoais e comunitários. O quarto, com a árvore da vida, estimulou reflexões sobre identidade, origens, território, habilidades e sonhos. O último encontro ocorreu na Universidade de Brasília, simbolizando um espaço de pertencimento e perspectivas futuras. As análises posteriores basearam-se nos registros e nas produções artísticas dos participantes.

**Resultados e análise crítica:** As atividades artísticas mostraram-se potentes na expressão de sentimentos de difícil verbalização, promovendo comunicação e compreensão mútua. Os estudantes relataram maior união da turma, reconhecimento de aspectos identitários e maior clareza sobre seus projetos de vida. Apesar de desafios culturais, sociais e econômicos, o ambiente acolhedor favoreceu a construção coletiva de estratégias de superação. O último encontro consolidou aprendizagens e fortaleceu vínculos.

**Considerações finais:** As oficinas criaram um espaço de apoio mútuo, permitindo trocas significativas e reflexões sobre as vivências de jovens do campo. A arte mostrou-se mediadora eficaz de processos de autoconhecimento e fortalecimento emocional. Recomenda-se a continuidade e expansão da intervenção, com capacitação de professores e facilitadores, além da ampliação das temáticas para aprofundar o cuidado integral em saúde mental juvenil.

**Palavras-chave:** Poesia; Saúde Mental; Juventude.

**Financiamento:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>1</sup> José Ítalo Gomes Pereira, e-mail: [joseitaloj@gmail.com](mailto:joseitaloj@gmail.com)

<sup>2</sup> Ana Lúcia Dias, e-mail: [analuciascdias@gmail.com](mailto:analuciascdias@gmail.com)

<sup>3</sup> Sheila Giardini Murta, e-mail: [giardini@unb.br](mailto:giardini@unb.br)

Universidade de Brasília (UnB).

## VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES DA REGIÃO CENTRO-OESTE, BRASIL: PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR (PENSE, 2019)

SILVA, Silvana Maria da<sup>1</sup>; ANDRADE, Amanda Cristina Souza<sup>2</sup>; OLIVEIRA, Ligia Regina de<sup>3</sup>

**Introdução:** A violência contra adolescentes constitui um grave problema de saúde pública e social, atingindo de forma mais intensa populações em contextos de vulnerabilidade. Sua persistência reforça o ciclo de reprodução de desigualdades e traumas, exigindo ações efetivas do poder público não apenas como cumprimento legal, mas como garantia de acolhimento digno e humano. **Objetivo:** Estimar a prevalência de situações de violência física intrafamiliar (VFI), violência sexual (VS), violência por arma de fogo (VAF) e violência por objeto perfurocortante (VOC) entre adolescentes da região Centro-Oeste do Brasil. **Método:** Trata-se de um estudo transversal com dados da Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE) de 2019, envolvendo estudantes de 13 a 17 anos das redes pública e privada. A VFI foi avaliada pela frequência de agressões físicas cometidas por pais ou responsáveis nos últimos 12 meses. Foram considerados casos positivos aqueles que relataram uma ou mais agressões. A VS foi identificada por meio de perguntas sobre toques, manipulações ou relações sexuais forçadas contra a vontade. Já a VAF e a VOC foram mensuradas a partir do relato de envolvimento, nos últimos 30 dias, em brigas que incluíram o uso de armas de fogo ou objetos cortantes. **Resultados e análise crítica:** Foram avaliados 17.640 adolescentes, sendo 50,7% do sexo feminino e 49,3% masculino; 48,5% se autodeclararam pardos e 53,2% residiam com ambos os pais. O consumo de substâncias foi expressivo: 66,1% relataram uso de álcool, 26,4% cigarro e 14,3% drogas ilícitas, fatores frequentemente associados a comportamentos de risco e violência. As prevalências observadas foram: 85,4% para VFI, 16,4% para VS, 5,7% para VOC e 3,5% para VAF. A violência intrafamiliar mostrou-se a mais frequente, revelando-se atravessada por dimensões socioculturais, econômicas e emocionais, muitas vezes naturalizadas e silenciadas. **Considerações finais:** Os achados evidenciam a vulnerabilidade dos adolescentes e reforçam a urgência de políticas integradas de proteção, prevenção e enfrentamento da violência. Conhecer a magnitude e os determinantes dessas situações é essencial para o fortalecimento das redes de apoio e para a promoção de um ambiente seguro, que priorize a saúde mental e o bem-estar dessa população.

**Palavras-chave:** Violência; Adolescente; Vigilância em Saúde Pública.

**Financiamento:** CAPES.

<sup>1</sup> Silvana Maria da Silva, e-mail: [silvanapsicologia8@gmail.com](mailto:silvanapsicologia8@gmail.com)

<sup>2</sup> Amanda Cristina Souza Andrade, e-mail: [csouza.amanda@gmail.com](mailto:csouza.amanda@gmail.com)

<sup>3</sup> Ligia Regina de Oliveira, e-mail: [ligia.oliveira@ufmt.br](mailto:ligia.oliveira@ufmt.br)

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Instituto de Saúde Coletiva.. Cuiabá-MT.

## SAÚDE MENTAL E IMPACTOS DO CAPITALISMO NO FAZER CIÊNCIA

SILVA, Silvana Maria da<sup>1</sup>; CRUZ, Fernando Junio Antunes de Oliveira<sup>2</sup>; DIAS, Carla Cecilia Seixas Lopes Tavares<sup>3</sup>

**Introdução:** A saúde mental dos estudantes universitários tem se mostrado uma preocupação crescente, revelando fragilidades desde o ingresso na vida acadêmica e podendo se agravar ao longo da formação, especialmente na pós-graduação. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a depressão ocupa o primeiro lugar entre as causas de incapacidade global e é responsável por cerca de 800 mil mortes por suicídio a cada ano, sendo a segunda principal causa de óbito entre pessoas de 15 a 29 anos. Transtornos psicológicos e psiquiátricos figuram entre as quatro maiores causas de incapacidade no mundo. No caso do Brasil, o país apresenta uma das maiores taxas globais de ansiedade, conforme dados divulgados pela OMS em 2018. Diante desse cenário, esta revisão tem como objetivo identificar, na literatura científica, as principais questões relacionadas à saúde mental de universitários brasileiros. **Método:** Realizou-se uma revisão de literatura em abril de 2024, com os descritores: ansiedade, depressão, distúrbios emocionais, saúde mental, pesquisa científica e produção científica. A busca foi conduzida na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e em bases eletrônicas como MEDLINE, LILACS, SciELO e PEPISIC. **Resultados e análise crítica:** Foram inicialmente selecionados 50 artigos, dos quais 37 atenderam aos critérios de inclusão. A literatura aponta uma elevada prevalência de ansiedade e depressão entre universitários, sobretudo na pós-graduação. O desempenho acadêmico, a competitividade e a pressão por produtividade científica têm se mostrado fatores de risco significativos. Alguns estudos abordaram o fenômeno do “capitalismo universitário”, marcado pela busca incessante por financiamento e prestígio institucional, o que contribui para um ambiente acadêmico desigual, competitivo e emocionalmente exaustivo. Esse contexto impõe desafios urgentes à promoção da saúde mental entre pesquisadores e estudantes. **Considerações finais:** Os resultados reforçam a urgência de políticas institucionais e práticas salutogênicas voltadas à promoção de bem-estar no ensino superior. Universidades devem ser espaços de aprendizagem, criatividade e cooperação, capazes de equilibrar exigências acadêmicas com cuidado e apoio psicossocial. Estratégias interdisciplinares e intersetoriais, aliadas à valorização do autocuidado e do equilíbrio entre vida pessoal e profissional, são fundamentais para construir uma cultura universitária mais saudável e sustentável.

**Palavras-chave:** Pós-Graduação; Distúrbios psicológicos; Saúde pública.

**Financiamento:** CAPES.

<sup>1</sup> Silvana Maria da Silva, e-mail: [silvanapsicologia8@gmail.com](mailto:silvanapsicologia8@gmail.com)

<sup>2</sup> Fernando Junio Antunes de Oliveira Cruz, e-mail: [cruzoliveirafernando@gmail.com](mailto:cruzoliveirafernando@gmail.com)

<sup>3</sup> Carla Cecilia Seixas Lopes Tavares Dias, e-mail: [carlacs1td1976@gmail.com](mailto:carlacs1td1976@gmail.com)

Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Instituto de Saúde Coletiva. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT.

## EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA DE UM CAPS IJ: DA SENSIBILIZAÇÃO À BUSCA ATIVA

MENEZES, Laura<sup>1</sup>; NOLASCO, Flavia<sup>2</sup>; SANTANA, Vanessa<sup>3</sup>; RUFINO, Tatiane<sup>4</sup>; SIQUEIRA, Paula<sup>5</sup>; SANCHEZ, Claudia Maria<sup>6</sup>

**Introdução:** A Organização Mundial da Saúde define a violência como “um grave problema de saúde pública e uma violação dos direitos humanos”. Trata-se de um fenômeno multifacetado, influenciado por fatores sociais, culturais, econômicos, ambientais e políticos. Em sintonia com a proposta da UNESCO de instituir a “Década Internacional para uma Cultura de Paz e Não-Violência para as Crianças do Mundo” (2001–2010), o Ministério da Saúde publicou a Portaria nº 936/2004, que estruturou a Rede Nacional de Prevenção da Violência e Promoção da Saúde. No município de São Paulo, a Portaria nº 1.300 da Secretaria Municipal de Saúde instituiu os Núcleos de Prevenção da Violência (NPV) nos serviços de saúde. O CAPS IJ III Santana, localizado na zona norte da cidade, é um serviço de saúde mental infantojuvenil de funcionamento 24 horas, voltado ao atendimento de crianças e adolescentes em intenso sofrimento psíquico. O NPV atua como equipe de referência do serviço, responsável pela organização do cuidado e pela articulação das ações de prevenção da violência e promoção da cultura de paz. Os principais objetivos incluem o levantamento epidemiológico das notificações, qualificação dos registros, aproximação com a rede protetiva, sensibilização da equipe, aprimoramento dos cuidados às vítimas e familiares e busca ativa de casos graves. **Desenvolvimento:** A equipe do NPV do CAPS IJ Santana é composta por profissionais da equipe técnica e um auxiliar administrativo. As reuniões semanais permitem discutir ações, monitorar casos em acompanhamento, analisar pontos críticos e manter o registro atualizado. Entre as estratégias adotadas estão capacitações periódicas da equipe, ações de sensibilização e busca ativa de casos, tanto de usuários em acompanhamento quanto de novas notificações oriundas de outros serviços. A experiência relatada abrange o período de janeiro de 2021 a dezembro de 2023. **Resultados e análise crítica:** A atuação do NPV tem se aperfeiçoado a partir da análise qualificada das notificações, com foco em violências sexual, doméstica, institucional, racial, lgbtfóbica, além de comportamentos autolesivos e bullying. Questões como intoxicação exógena, violência policial, exploração sexual e violência contra trabalhadores permanecem como desafios, exigindo aprimoramento das notificações e fortalecimento das redes de proteção. **Considerações finais:** A experiência evidencia a relevância do correto preenchimento das fichas de notificação e da identificação das múltiplas vulnerabilidades associadas às violências. Esses aspectos fortalecem o cuidado prestado pelo serviço e promovem uma atuação integrada entre as redes inter e intrassetoriais, ampliando o alcance da cultura de paz e da proteção integral.

**Palavras-chave:** NPV; prevenção; CAPS IJ.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Laura Menezes, e-mail: [laura.afm@gmail.com](mailto:laura.afm@gmail.com)

<sup>2</sup> Flavia Nolasco, e-mail: [flavia.vanessa1979@hotmail.com](mailto:flavia.vanessa1979@hotmail.com)

<sup>3</sup> Vanessa Santana, e-mail: [vanessardcapsij@gmail.com](mailto:vanessardcapsij@gmail.com)

<sup>4</sup> Tatiane Rufino, e-mail: [tatianerufinolopes@yahoo.com](mailto:tatianerufinolopes@yahoo.com)

<sup>5</sup> Paula Siqueira, e-mail: [paula.pretasiqueira@gmail.com](mailto:paula.pretasiqueira@gmail.com)

<sup>6</sup> Claudia Maria Sanchez, e-mail: [claudia.mjsanchez@gmail.com](mailto:claudia.mjsanchez@gmail.com)

CAPS IJ III Santana, município de São Paulo/SP.

## UM JOGO DE CARTAS COMO RECURSO DIALÓGICO COM E PARA AS JUVENTUDES

FEITOSA, Lígia Rocha Cavalcante<sup>1</sup>; MELO, Luíza Rodrigues<sup>2</sup>; FORNARI, Viviane Eloíza<sup>3</sup>

**Introdução:** No campo da psicologia, diversas iniciativas buscam fortalecer o protagonismo juvenil nos contextos escolares e profissionais. No entanto, muitas dessas ações ainda se limitam a práticas tradicionais, como aconselhamento ou rodas de conversa pontuais. Diante disso, surge a necessidade de estratégias mais dinâmicas e participativas. Este trabalho tem como objetivo apresentar o *Jogo de Cartas Travessias* como uma ferramenta inovadora para a promoção de espaços dialógicos com e para as juventudes, favorecendo a saúde mental, o bem-estar e o fortalecimento de vínculos no percurso escola-trabalho. **Desenvolvimento da experiência:** O *Travessias* foi desenvolvido por meio de uma metodologia participativa envolvendo aproximadamente 800 jovens de São Paulo e Mato Grosso do Sul. O processo de criação contou com etapas de prototipagem e validação da mecânica do jogo, fundamentadas no conceito de *jogos sérios*, que unem o caráter lúdico à promoção de reflexões significativas. A proposta parte da compreensão de juventudes como múltiplas e diversas, atravessadas por marcadores sociais, e se apoia na teoria histórico-cultural, que reconhece a importância das relações sociais na constituição dos sujeitos. O jogo é composto por 52 cartas organizadas em quatro eixos temáticos — *quem sou eu, quem tá junto, e agora e você sabia* —, que abordam temas como autoconhecimento, rede de apoio e tomada de decisão diante das transições escolares e profissionais. O uso do *Travessias* é indicado para grupos de adolescentes e jovens entre 15 e 22 anos, proporcionando espaços de escuta, partilha e acolhimento por meio do brincar e da imaginação. **Resultados e análise crítica:** Entre 2019 e 2023, o *Travessias* foi implementado em escolas públicas, universidades e serviços de acolhimento do sistema judiciário. No total, 73 atores educativos receberam o jogo, e 18 participaram do monitoramento de uso — entre eles, psicólogos, assistentes sociais, educadores e estudantes. A maioria relatou utilizar o recurso entre uma e cinco vezes em seus contextos de atuação, reconhecendo sua aplicabilidade e segurança no uso com jovens. Destacaram o jogo como um instrumento facilitador para identificar demandas psicossociais e promover discussões sobre temas atuais, fortalecendo o vínculo entre participantes. Muitos profissionais também relataram desenvolver novas intervenções a partir das temáticas emergidas durante o uso do *Travessias*. **Considerações finais:** O *Jogo de Cartas Travessias* demonstrou potencial para atuar como ferramenta de promoção de saúde mental e fortalecimento de vínculos entre jovens, oferecendo um espaço de diálogo sensível, participativo e transformador nas práticas educativas e psicossociais.

**Palavras-chave:** Jogo analógico; Juventudes; Trajetórias de vida.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Lígia Rocha Cavalcante Feitosa, e-mail: [ligia.feitosa@ufsc.br](mailto:ligia.feitosa@ufsc.br)

<sup>2</sup> Luíza Rodrigues Melo, e-mail: [luizamelo31299@gmail.com](mailto:luizamelo31299@gmail.com)

<sup>3</sup> Viviane Eloíza Fornari, e-mail: [vivianefornari@hotmail.com](mailto:vivianefornari@hotmail.com)

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC. Departamento de Psicologia, vinculada ao Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional (LAPEE) e ao Grupo de Estudos Trabalho, Trajetórias, Juventudes e Educação (TRAJE).

## REDE LATINO-AMERICANA DE ESPECTADORES CONTRA O ASSÉDIO

CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo<sup>1</sup>; LYONS, Minna<sup>2</sup>; REYES, María Fernanda<sup>3</sup>; SIERRA, Ana Lucia Jaramillo<sup>4</sup>

**Introdução:** O assédio baseado em preconceito (por gênero, raça, etnia ou orientação sexual) é frequentemente presenciado por espectadores, que podem ser educados para intervir com segurança e promover ambientes mais pró-sociais, como universidades, escolas e locais de trabalho. Na América Latina, a dinâmica entre perpetradores, vítimas e espectadores pode diferir em relação ao hemisfério norte, influenciada por fatores como machismo, misoginia e violência estrutural contra mulheres, minorias étnicas e a comunidade LGBTQIA+. A região enfrenta desafios como desigualdade, pobreza e criminalidade, que afetam desproporcionalmente mulheres, pessoas LGBTQIA+, indígenas e afrodescendentes. Em 2021, quatro pessoas LGBTQIA+ foram assassinadas por dia na América Latina, enquanto a violência de gênero e as microagressões cotidianas cresceram. Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa que busca compreender o enfrentamento de violências por espectadores em países como Colômbia e Brasil, além de difundir a criação da RedLatAmEs (Rede Latino-Americana de Espectadores contra o Assédio), lançada em Bogotá, em abril de 2024, com o propósito de articular indivíduos e organizações comprometidos com o tema. **Método:** O projeto internacional reúne pesquisadores de Brasil, Colômbia, Guatemala, Panamá e Reino Unido, em um estudo piloto transversal, descritivo e correlacional. A coleta de dados ocorre online, por meio de questionários e vinhetas, com amostragem em bola de neve não aleatória de adultos recrutados via redes sociais. Brasil e Colômbia já submeteram o projeto a comitês de ética e obtiveram aprovação (Colômbia – Acta No. 1729/2023; Brasil – Parecer 6.208.912). **Resultados e análise crítica:** A Colômbia concluiu a coleta com 1.157 participantes; o Brasil segue em andamento, com 168 respondentes. Os dados iniciais indicam que a confiança e a percepção de responsabilidade são preditores significativos da intenção de agir e oferecer apoio, enquanto variáveis sociodemográficas não mostraram impacto relevante. A análise qualitativa identificou cinco temas centrais sobre facilitadores e barreiras à intervenção. **Considerações finais:** Os resultados preliminares reforçam que o comportamento dos espectadores reflete o que a sociedade tolera: o silêncio legitima a violência. Intervenções culturalmente adaptadas podem empoderar observadores, fortalecer vínculos comunitários e promover impactos positivos na saúde mental e no bem-estar coletivo.

**Palavras-chave:** Prevenção; Espectadores; Violência; Discriminação; Assédio.

**Financiamento:** Academy of Medical Sciences Global Challenges Research Fund Networking Grant Scheme.

<sup>1</sup> Maria Inês Gandolfo Conceição, e-mail: [inesgandolfo@gmail.com](mailto:inesgandolfo@gmail.com)

<sup>2</sup> Minna Lyons, e-mail: [m.t.lyons@ljamu.ac.uk](mailto:m.t.lyons@ljamu.ac.uk)

<sup>3</sup> María Fernanda Reyes, e-mail: [mafereyes439@gmail.com](mailto:mafereyes439@gmail.com)

<sup>4</sup> Ana Lucia Jaramillo Sierra, e-mail: [al.jaramillo@uniandes.edu.co](mailto:al.jaramillo@uniandes.edu.co)  
Universidade de Brasília (UnB).

## LINHA DE CUIDADO PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA DO ALTO TIETÊ: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE

SILVA, Patricia da Silva<sup>1</sup>; PALOS, Cassia Maria Carraco<sup>2</sup>; NICOLAU, Karine Wlasenko<sup>3</sup>; TESSUTO, Larissa de Almeida Alves<sup>4</sup>; AMARAL, Renata Vargas do<sup>5</sup>; LIMA, Manoel Romero Vieira<sup>6</sup>; GONÇALVES, Clécio Francisco<sup>7</sup>

**Introdução:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) demanda uma gestão articulada do cuidado integral, que pressupõe um olhar multidisciplinar e intersetorial nas redes de saúde. Os documentos norteadores do Sistema Único de Saúde (SUS) apontam para a corresponsabilidade entre as equipes das Unidades de Atenção Básica, dos Centros de Atenção Psicossocial Infantil e dos Centros de Reabilitação. Nesse contexto, a Educação Permanente em Saúde (EPS) assume papel essencial ao propor condições para processos de aprendizagem-trabalho, a partir das vivências e saberes dos profissionais, favorecendo o desenvolvimento de competências e habilidades técnicas voltadas à integralidade do cuidado.

**Objetivos:** Relatar a experiência de profissionais da saúde da região do Alto Tietê na construção da linha de cuidado municipal para crianças com TEA e seus familiares. **Método:** O projeto foi desenvolvido pelo Grupo Técnico de Educação Permanente em Saúde para capacitação de profissionais de 11 municípios do Alto Tietê (psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, nutricionistas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e fisioterapeutas), atuantes em serviços de Atenção Básica, Atenção Psicossocial e Centros de Especialidades. Os encontros quinzenais ocorreram no Centro Universitário PIAGET, em grupos de diálogo e aprofundamento conceitual sobre promoção da saúde e assistência às crianças com TEA. Foram utilizadas metodologias ativas e dinâmicas de interação para construção coletiva do conhecimento e fortalecimento das redes de cuidado. A programação teórica, distribuída em nove módulos, seguiu referenciais da Política Nacional de Promoção da Saúde, da Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência e de Czeresnia. As atividades foram registradas em relatórios técnicos desde 2023, com encontros de quatro horas conduzidos por terapeuta ocupacional. **Resultados e análise crítica:** Os relatos evidenciaram condições favoráveis à tessitura de saberes e à integração das equipes, promovendo fluxos de cuidado, conexões solidárias e estratégias territoriais. Em junho de 2024, haviam sido realizados mais de 20 encontros, reunindo cerca de 150 profissionais. O espaço criado favoreceu trocas, fortalecimento do diálogo interprofissional e projeção de ações longitudinais. **Considerações finais:** A experiência demonstra o potencial da EPS como mediadora de reflexão crítica e colaborativa entre equipes multidisciplinares. Evidencia-se que, embora a promoção da saúde ultrapasse o setor, é na saúde que se consolidam as articulações necessárias para sua efetivação nas políticas públicas.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista; Promoção da Saúde; Educação Permanente.

**Financiamento:** Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES/SP).

<sup>1</sup> Priscila Patricia da Silva, e-mail: [priscila.ufmt@gmail.com](mailto:priscila.ufmt@gmail.com)

<sup>2</sup> Cassia Maria Carraco Palos, e-mail: [cacapalos@gmail.com](mailto:cacapalos@gmail.com)

<sup>3</sup> Karine Wlasenko Nicolau, e-mail: [karine.nicolau@ufmt.br](mailto:karine.nicolau@ufmt.br)

<sup>4</sup> Larissa de Almeida Alves Tessuto, e-mail: [larissa\\_to35@yahoo.com.br](mailto:larissa_to35@yahoo.com.br)

<sup>5</sup> Renata Vargas do Amaral, e-mail: [renata.vargasdoamaral@gmail.com](mailto:renata.vargasdoamaral@gmail.com)

<sup>6</sup> Manoel Romero Vieira Lima, e-mail: [romerosmsferraz@gmail.com](mailto:romerosmsferraz@gmail.com)

<sup>7</sup> Clécio Francisco Gonçalves, e-mail: [clecio\\_21@hotmail.com](mailto:clecio_21@hotmail.com)

Secretaria Municipal de Saúde de Ferraz de Vasconcelos/São Paulo e Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

## (DES)CONEXÕES: O COMITÊ GESTOR COMO INSTRUMENTO DE PREVENÇÃO DAS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE SUZANO/SP

RANGEL, Caroline Fernanda<sup>1</sup>; SILVA, Maria Gorete da<sup>2</sup>; OLIVEIRA, Ingrid Martina de Almeida<sup>3</sup>

**Introdução:** O Programa Prevenir a Violência Escolar (PVE), instituído pela Lei nº 5.321, de 15 de dezembro de 2021, se estrutura em três eixos: ação dos articuladores comunitários, formação continuada e em serviço, e implantação dos Comitês Gestores. Este trabalho tem por objetivo apresentar as estratégias de atuação desenvolvidas no interior do Comitê Gestor, voltadas à materialização e ao fortalecimento das ações de prevenção à violência escolar. No primeiro semestre de 2024, foi executado o projeto-piloto “*PREVENIR: A gestão territorial como instrumento de prevenção das situações de violência no âmbito da educação básica no município de Suzano/SP*”, desenvolvido na territorialidade Quaresmeira/Casa Branca/Sete Cruzes. O primeiro módulo priorizou a interface entre as políticas de educação e de assistência social. **Método:** A metodologia adotada envolveu pesquisa bibliográfica para apreensão das categorias de análise e um processo detalhado de planejamento. Realizou-se o mapeamento dos equipamentos públicos presentes na territorialidade, identificando potenciais parceiros institucionais e relações intersetoriais. Aplicou-se um questionário semiestruturado em dez escolas municipais (Prof.<sup>a</sup> Mônica Sônia Franco Pinheiro Maida, Walter Passagli, Prof.<sup>a</sup> Nizilda Alves de Godoy, Prof.<sup>a</sup> Mércia do Amaral Andrade de Brito, Creche Comunitária Sementinhas da AAMAE – Casa Branca, Prof.<sup>a</sup> Tomi Ashiuchi, Prof.<sup>a</sup> Virginia Ferreira Rafful, Ângelo Garcia, José Braz Netto e Vera Lúcia Miranda), com o objetivo de identificar as potencialidades e fragilidades no entendimento das equipes gestoras sobre a política de assistência social. Foram também constituídos Grupos de Trabalho (GTs) com equipamentos da assistência social em diferentes níveis de complexidade: CRAS Casa Branca, CREAS, Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos “Luz do Amanhã” e o Espaço dos Conselhos do Município de Suzano/SP. **Resultados Esperados:** Espera-se que, por meio das ações dos GTs, haja fortalecimento dos vínculos de territorialidade e intersectorialidade, ampliando a participação para além da assistência social e promovendo estratégias integradas de prevenção à violência escolar. **Etapa Atual da Pesquisa:** Encontra-se em andamento a análise dos dados coletados, com vistas ao planejamento de novas ações que privilegiem uma lógica coletiva de proteção social. **Discussão Preliminar:** As ações coletivas no interior do Comitê Gestor permitem refletir sobre o espaço socialmente usado, indo além da mera presença de equipamentos públicos. Evidencia-se a construção de estratégias coletivas baseadas na intersectorialidade e territorialidade, articulando saberes e fortalecendo a prevenção à violência escolar como eixo de proteção social nas políticas públicas.

**Palavras-chave:** Educação; Territorialidade; Intersectorialidade.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Caroline Fernanda Rangel, e-mail: [caroline.rangel@educ.suzano.sp.gov.br](mailto:caroline.rangel@educ.suzano.sp.gov.br)

<sup>2</sup> Maria Gorete da Silva, e-mail: [mariagorete.silva@educ.suzano.sp.gov.br](mailto:mariagorete.silva@educ.suzano.sp.gov.br)

<sup>3</sup> Ingrid Martina de Almeida Oliveira, e-mail: [ingridmartina.oliveira@educ.suzano.sp.gov.br](mailto:ingridmartina.oliveira@educ.suzano.sp.gov.br)  
Secretaria Municipal de Educação do município de Suzano/SP.

## PROMOVENDO DIÁLOGOS E REFLEXÕES SOBRE VIOLÊNCIAS E SAÚDE COLETIVA

OLIVEIRA, Ligia Regina de<sup>1</sup>; MEDEIROS, Alba Regina Silva<sup>2</sup>; MELANDA, Francine Nesello<sup>3</sup>; PALOS, Cássia Maria<sup>4</sup>; CARLO, Franciele Silvia de<sup>5</sup>; NICOLAU, Karine Wlasenko<sup>6</sup>; ARAÚJO, Márcia Simone de Sousa<sup>7</sup>; CONCIANI, Marta Ester<sup>8</sup>

**Introdução:** A morbimortalidade por violências configura-se como um relevante problema de saúde pública, dada sua magnitude e impacto sobre indivíduos e comunidades. A compreensão desse cenário e o delineamento de políticas públicas eficazes requerem mobilização intersetorial e interdisciplinar, especialmente no que tange à promoção da saúde, à cultura da paz e à prevenção das violências. O objetivo desta experiência foi promover diálogos e reflexões sobre as violências e sua interface com a Saúde Coletiva. **Desenvolvimento da experiência:** O relato refere-se a dois projetos de extensão, *Violências, Acidentes e Saúde Coletiva* e *Conversando sobre Violências e Saúde Coletiva*, realizados pelo Grupo de Pesquisa Violências, Acidentes e Saúde Coletiva (GPVASC), cadastrado no CNPq e vinculado ao projeto de pesquisa *Violências e Acidentes em Mato Grosso: epidemiologia, compreensões, sentidos e políticas de enfrentamento*, do Instituto de Saúde Coletiva da UFMT. A equipe é composta de forma interdisciplinar e interinstitucional, favorecendo o diálogo entre saberes e vivências. As ações ocorreram entre junho de 2022 e maio de 2024, em formato remoto, com transmissões pelo YouTube. A avaliação dos participantes deu-se por meio de formulário eletrônico.

**Resultados e análise crítica:** O projeto *Violências, Acidentes e Saúde Coletiva* integrou duas ações principais: (1) o *Simpósio Violências e Saúde* e (2) o *Encontro Violências e Saúde em Mato Grosso*, ambos com a colaboração de pesquisadores do CLAVES/FIOCRUZ e apoio da Escola de Saúde Pública da SES-MT. Participaram mais de 300 pessoas entre discentes, profissionais da saúde, educação, justiça, segurança pública e grupos comunitários. Essas atividades se configuraram como espaços de socialização de conhecimentos e debates sobre as violências e a Saúde Coletiva. O projeto *Conversando sobre Violências e Saúde Coletiva* promoveu cinco rodas de conversa sobre Educação, Idadismo, Assédio Moral e Sexual, Saúde Mental e Diversidade, reunindo 376 participantes, que avaliaram positivamente as ações e sugeriram sua continuidade. **Considerações finais:** Os projetos de extensão do GPVASC contribuíram para o debate sobre as múltiplas faces das violências e sua interface com a Saúde Coletiva, fomentando ensino, pesquisa e extensão. A universidade, nesse contexto, se consolida como espaço promotor de saúde, cultura de paz e enfrentamento das violências, fortalecendo práticas intersetoriais e integradoras.

**Palavras-chave:** Violência; Promoção da Saúde; Saúde Coletiva.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Ligia Regina de Oliveira, e-mail: [ligia.oliveira@ufmt.br](mailto:ligia.oliveira@ufmt.br)

<sup>2</sup> Alba Regina Silva Medeiros, e-mail: [alba.medeiros@ufmt.br](mailto:alba.medeiros@ufmt.br)

<sup>3</sup> Francine Nesello Melanda, e-mail: [franesello@gmail.com](mailto:franesello@gmail.com)

<sup>4</sup> Cássia Maria Palos, e-mail: [cacapalos@gmail.com](mailto:cacapalos@gmail.com)

<sup>5</sup> Franciele Silvia de Carlo, e-mail: [fsc\\_mt@yahoo.com.br](mailto:fsc_mt@yahoo.com.br)

<sup>6</sup> Karine Wlasenko Nicolau, e-mail: [karine.nicolau@ufmt.br](mailto:karine.nicolau@ufmt.br)

<sup>7</sup> Márcia Simone de Sousa Araújo, e-mail: [simonemt3@gmail.com](mailto:simonemt3@gmail.com)

<sup>8</sup> Marta Ester Conciani, e-mail: [martaconciani@ses.mt.gov.br](mailto:martaconciani@ses.mt.gov.br)

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Instituto de Saúde Coletiva, Cuiabá-MT.

## PROGRAMA MAIS RECURSOS PSICOLÓGICOS: INTERVENÇÃO PREVENTIVA E DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL COM UNIVERSITÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL

SEIDL, Eliane Maria Fleury<sup>1</sup>

**Introdução:** Problemas de saúde mental em estudantes universitários têm despertado crescente preocupação entre gestores, pesquisadores e docentes, considerando sua alta prevalência e impacto sobre o desempenho acadêmico e o bem-estar. A Psicologia Positiva, voltada ao fortalecimento de recursos subjetivos e à promoção da saúde mental, propõe o desenvolvimento de competências como resiliência, empatia, gratidão, comunicação assertiva e manejo do estresse, priorizando potencialidades em vez de disfunções. O presente estudo teve como objetivo investigar os efeitos do *Programa Mais Recursos Psicológicos* sobre variáveis psicológicas autorrelatadas por estudantes universitários de uma instituição pública do Distrito Federal, em três momentos: pré-intervenção, pós-intervenção e seguimento após três meses. **Método:** O delineamento foi quase experimental, com amostra de conveniência e sem grupo controle. Participaram 15 estudantes de diferentes cursos de graduação (18 a 46 anos; M=23,33; DP=6,94), distribuídos em dois grupos realizados no primeiro (n=7) e no segundo semestre de 2023 (n=8). Sete participantes se autodeclararam mulheres cisgênero, seis homens cisgênero, um gênero não binário e um preferiu não se classificar. O programa, de caráter psicoeducacional e preventivo, foi desenvolvido presencialmente em 10 sessões semanais de 120 minutos, com metodologias ativas baseadas na Psicologia Positiva. Foram abordados temas como comunicação assertiva, empatia, gratidão, otimismo, estresse percebido, resiliência, satisfação com a vida, ansiedade e depressão. Utilizaram-se instrumentos validados para a população brasileira e análise estatística descritiva e inferencial (ANOVA de Friedman). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília (Parecer nº 6.028.760). **Resultados:** Sete das dez variáveis apresentaram diferenças estatisticamente significativas, especialmente entre o pós e o pré-teste: assertividade, gratidão, estresse percebido, ansiedade, estresse, depressão e resiliência. A maioria apresentou tamanhos de efeito médios (r entre 0,64 e 0,75), e depressão e resiliência mantiveram efeitos altos (0,84 e 0,92) no seguimento. Empatia, otimismo e satisfação com a vida não mostraram diferenças significativas. **Considerações Finais:** O estudo evidenciou a viabilidade e efetividade do *Programa Mais Recursos Psicológicos* na promoção da saúde mental de universitários, destacando aprimoramento do autoconhecimento, comunicação e bem-estar. Mesmo sem grupo controle, o delineamento mostrou-se adequado para identificar os efeitos positivos da intervenção.

**Palavras-chave:** Intervenção em grupo; Recursos psicológicos; Psicologia Positiva.

**Financiamento:** CNPq.

<sup>1</sup> Eliane Maria Fleury Seidl, e-mail: [eliane.seidl@gmail.com](mailto:eliane.seidl@gmail.com)  
Universidade de Brasília (UnB), Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica, Brasília, DF.

## TÚ DECIDES: EXPERIENCIA DE DESARROLLO DE UN PROGRAMA DE PREVENCIÓN DE ADICCIONES DESDE LA COPRODUCCIÓN Y EL TRABAJO EN RED

CASTAÑO, Yasmina<sup>1</sup>; DUCH, Mariàngels<sup>2</sup>; PAZO, Patricia García<sup>3</sup>; GERVILLA, Elena<sup>4</sup>; JUAN, Montserrat<sup>5</sup>; MARTÍNEZ-VISPO, Carmela<sup>6</sup>

**Introducción:** La evidencia científica de las últimas décadas ha demostrado que los programas de prevención de adicciones más efectivos son aquellos de carácter multicomponente y que se desarrollan mediante enfoques multidisciplinares. En esta línea, el programa Tú Decides 2.0 representa la adaptación y actualización del original Tú Decides (1980), orientado a la prevención de conductas adictivas en alumnado de 1º a 4º de ESO. Su objetivo principal es fortalecer habilidades sociales y competencias transversales, como la resolución de problemas y la toma de decisiones. El proyecto tuvo como propósito digitalizar e implementar el programa de forma coproducida con profesionales de distintos ámbitos: docentes, especialistas en prevención, entidades sociales, asociaciones familiares e investigadores.

**Desarrollo de la experiencia:** Entre 2022 y 2023 se llevó a cabo el proceso de digitalización, que implicó adaptar los contenidos del manual al contexto actual. Se creó una página web con materiales interactivos (unidades, podcasts, recursos y materiales de apoyo) y un curso de formación para profesorado, destinado a garantizar la correcta implementación del programa. Todo el material fue elaborado de manera colaborativa entre los diferentes profesionales implicados.

**Resultados y análisis crítico:** Una de las principales fortalezas del proyecto fue el modelo de trabajo en red y la coproducción en todas sus etapas: diseño de materiales, formación docente, implementación y evaluación. Entre los cambios más destacados se encuentra la transformación del formato original de los cómics en podcasts, representados por actores de voz que emplearon un lenguaje actualizado y cercano a los adolescentes. Asimismo, se renovó la estética del programa, haciéndola más atractiva y neutral en cuanto a género. La versión piloto, implementada en un centro educativo no adherido al programa, arrojó resultados positivos que confirmaron la efectividad del enfoque multicomponente y la relevancia de la colaboración entre agentes diversos, pese a los desafíos logísticos y metodológicos enfrentados.

**Conclusiones y recomendaciones:** Tú Decides 2.0 es el resultado del trabajo conjunto de una red de profesionales comprometidos con la innovación educativa y la prevención. Su desarrollo demuestra que la cooperación entre profesorado, alumnado y familias es clave para promover acciones preventivas sostenibles. Cuanto más sólida sea la red comunitaria, mayor será el impacto positivo de las estrategias de prevención en la escuela.

**Palabras-chave:** Prevención escolar; Coproducción; Programa.

**Financiamiento:** Resolución de 17 de agosto de 2022 de la Secretaría de Estado de Sanidad, por la que se convoca la concesión de subvenciones en régimen de concurrencia competitiva a entidades privadas sin fines de lucro y de ámbito estatal, para el desarrollo de proyecto.

<sup>1</sup> Yasmina Castaño, e-mail: [ycastano@irefrea.org](mailto:ycastano@irefrea.org)

<sup>2</sup> Mariàngels Duch, e-mail: [mduch@irefrea.org](mailto:mduch@irefrea.org)

<sup>3</sup> Patricia García Pazo, e-mail: [patricia.garcia@uib.es](mailto:patricia.garcia@uib.es)

<sup>4</sup> Elena Gervilla, e-mail: [elena.gervilla@uib.es](mailto:elena.gervilla@uib.es)

<sup>5</sup> Montserrat Juan, e-mail: [mjuan@irefrea.org](mailto:mjuan@irefrea.org)

<sup>6</sup> Carmela Martínez-Vispo, e-mail: [carmela.martinez@usc.es](mailto:carmela.martinez@usc.es)

Instituto Europeo de Estudios en Prevención (IREFREA); Universidad de las Islas Baleares (UIB); Universidad de Santiago de Compostela (USC).

## TÚ DECIDES: EXPERIENCIA DE IMPLEMENTACIÓN DE UN PROGRAMA ESCOLAR DE PREVENCIÓN DE CONDUCTAS ADICTIVAS

GERVILLA, Elena<sup>1</sup>; CASTAÑO, Yasmina<sup>2</sup>; PAZO, Patricia García<sup>3</sup>; JUAN, Montserrat<sup>4</sup>; MARTÍNEZ-VISPO, Carmela<sup>5</sup>

**Introducción:** “Tú Decides” es un programa escolar diseñado para retrasar el inicio del consumo de drogas y otras conductas adictivas, centrándose en las influencias sociales, la presión de los compañeros y los factores emocionales y cognitivos implicados en la toma de decisiones. Desde su creación en 1980, las evaluaciones del programa han mostrado resultados positivos. En 2022, se inició un proceso de actualización y digitalización para adaptarlo al contexto actual y a nuevas metodologías de enseñanza.

**Método:** El objetivo de este estudio fue presentar los resultados de la evaluación de proceso de la implementación del programa en ocho centros educativos de tres comunidades autónomas de España (Asturias, Islas Baleares y Galicia), entre octubre y noviembre de 2023, durante seis semanas. El programa se aplicó a estudiantes de 1º a 4º de ESO, implementado por profesorado previamente capacitado en un curso de 20 horas. Se utilizaron tres cuestionarios de evaluación de proceso: uno para docentes, uno para alumnado (al final de cada sesión) y uno para familias (al finalizar la implementación). Los cuestionarios indagaron sobre satisfacción general, percepción de los podcasts y dinámicas, y posibles cambios en actitudes respecto al consumo de sustancias. **Resultados y análisis crítico:** Se recopilaron 293 respuestas del profesorado y 3.634 del alumnado a lo largo de las seis unidades del programa, con un promedio por unidad de 605 alumnos y 50 profesores. El 66% del profesorado informó a las familias sobre la implementación. Respecto al alumnado, el 58,9% mostró estar satisfecho o muy satisfecho, y un 28,7% medianamente satisfecho; además, un 60,4% indicó que probablemente cambiaría su actitud sobre los temas tratados. Entre el profesorado, el 84% consideró que la aplicación fue sencilla o muy sencilla, con un 75% de satisfacción general. Los principales desafíos incluyeron la duración de las sesiones, problemas de organización, bajas competencias digitales de algunos alumnos y la extensión del contenido. Entre los puntos fuertes destacaron el interés por el contenido y las dinámicas de dramatización y debate. **Conclusiones y recomendaciones:** Los programas preventivos basados en el desarrollo de habilidades para la vida son bien recibidos por adolescentes. Los espacios de debate y diálogo permiten a los jóvenes desarrollar autonomía, reflexionar sobre decisiones y reducir la participación en conductas de riesgo. La integración del programa en el currículo académico y la participación activa de familias, profesorado y profesionales de prevención resultan esenciales para su efectividad.

**Palabras-chave:** Prevención escolar; Adicciones; Implementación.

**Financiamento:** Resolución de 17 de agosto de 2022 de la Secretaría de Estado de Sanidad, por la que se convoca la concesión de subvenciones en régimen de concurrencia competitiva a entidades privadas sin fines de lucro y de ámbito estatal, para el desarrollo de proyecto.

<sup>1</sup> Elena Gervilla, e-mail: [elena.gervilla@uib.es](mailto:elena.gervilla@uib.es)

<sup>2</sup> Yasmina Castaño, e-mail: [ycastano@irefrea.org](mailto:ycastano@irefrea.org)

<sup>3</sup> Patricia García Pazo, e-mail: [patricia.garcia@uib.es](mailto:patricia.garcia@uib.es)

<sup>4</sup> Montserrat Juan, e-mail: [mjuan@irefrea.org](mailto:mjuan@irefrea.org)

<sup>5</sup> Carmela Martínez-Vispo, e-mail: [carmela.martinez@usc.es](mailto:carmela.martinez@usc.es)

Universidad de las Islas Baleares (UIB); Instituto Europeo de Estudios en Prevención (IREFREA); Universidad de Santiago de Compostela (USC).

## PROGRAMA PREVENIR A VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE SUZANO

SILVA, Johny Welton Brito da<sup>1</sup>; ALENCAR, Eliane Maria do Carmo Silva<sup>2</sup>; RANGEL, Caroline Fernanda<sup>3</sup>; TAMAKI, Marcos<sup>4</sup>

**Introdução:** O Programa Prevenir a Violência Escolar (PVE), instituído pela Lei Municipal nº 5.321 de 15 de dezembro de 2021, integra a rede de proteção à infância do município de Suzano (SP). Sob a gestão da Secretaria Municipal de Educação, o programa segue diretrizes nacionais e internacionais, adotando o paradigma de Proteção Integral do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) como eixo transversal. Alinha-se ainda aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, em especial Educação de Qualidade (ODS 4) e Paz, Justiça e Instituições Eficazes (ODS 16), bem como às disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e dos Planos de Educação. **Desenvolvimento da experiência:** O PVE tem como objetivo principal garantir os direitos de crianças e adolescentes por meio do acompanhamento de estudantes em situações de risco, como infrequência, abandono escolar, violência, negligência, dificuldades de aprendizagem e vulnerabilidade socioeconômica. Promove também a formação continuada de profissionais da educação e ações territoriais em colaboração com outras políticas públicas, por meio dos Comitês Gestores. O acompanhamento envolve análise técnica e interdisciplinar dos casos, acolhimento e encaminhamento dos estudantes para superação de vulnerabilidades e acesso a direitos, suporte às famílias, articulação intersetorial, estratégias de intervenção institucional e formações para docentes e demais profissionais. Um Articulador Comunitário atua como interface entre escola, PVE, família e criança, mediando o acompanhamento e as ações. **Resultados e análise crítica:** Entre março de 2022 e julho de 2024, 964 estudantes foram acompanhados pelo PVE. Foram realizadas mais de 530 horas de formação continuada para profissionais da educação, abordando atendimento de crianças e famílias, prevenção de violências e enfrentamento de desigualdades. Essas ações demonstram impactos iniciais na desconstrução de visões excludentes sobre crianças e famílias, ampliação do conhecimento sobre direitos humanos, respeito à diversidade, combate ao abandono escolar e mitigação de diferentes formas de violência, reforçando a necessidade de ações escolares para garantir efetivamente o direito à educação. **Considerações finais:** Apesar da necessidade de aprimorar dados de impacto, fortalecer relações intersetoriais e ampliar intervenções individuais e coletivas, o PVE se mostra uma estratégia promissora para identificar violações de direitos, promover prevenção secundária e terciária e potencializar a função social da escola, contribuindo para a formação de ambientes educativos mais inclusivos e seguros.

**Palavras-chave:** Infância; Proteção; Educação.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Johny Welton Brito da Silva, e-mail: [johny.silva@educ.suzano.sp.gov.br](mailto:johny.silva@educ.suzano.sp.gov.br)

<sup>2</sup> Eliane Maria do Carmo Silva Alencar, e-mail: [ycaetano@irefrea.org](mailto:ycaetano@irefrea.org)

<sup>3</sup> Caroline Fernanda Rangel, e-mail: [eliane.alencar@educ.suzano.sp.gov.br](mailto:eliane.alencar@educ.suzano.sp.gov.br)

<sup>4</sup> Montserrat Juan, e-mail: [caroline.rangel@educ.suzano.sp.gov.br](mailto:caroline.rangel@educ.suzano.sp.gov.br)

Prefeitura Municipal de Suzano, Suzano – São Paulo.

## INTEGRATING PROSOCIAL AND PROENVIRONMENTAL BEHAVIOURS TO ENHANCE WELLBEING IN UNIVERSITY STUDENTS: A REVIEW

ANUPOL, Joella<sup>1</sup>; GERVILLA, Elena<sup>2</sup>; TOUMBOUROU, John<sup>3</sup>; LATKIN, Carl<sup>4</sup>

**Introduction:** Universities offer a unique setting for fostering mental health and wellbeing through targeted on-campus interventions. They represent an ideal setting for implementing initiatives aimed at fostering prosocial and proenvironmental behaviours. While the individual impacts of prosocial behaviours and proenvironmental behaviours on wellbeing have been widely studied, there is a gap in literature on interventions combine both. This review addresses both the individual and the combined effects of these behaviours on the wellbeing of university students. **Methods:** Searches in PubMed, Scopus, Web of Science, and PsycINFO in July 2024 identified 1107 articles. After removing duplicates and non-peer-reviewed articles, 414 records remained for initial title and abstract screening to check alignment with inclusion criteria, which included: an intervention component aimed at behavior change, a focus on university students, and outcomes related to mental health or wellbeing, incorporating prosocial and/or proenvironmental behaviors. Of these, 350 were excluded for not targeting university students. The full text was unavailable for 25 of the remaining 64 articles. The eligibility of the remaining 41 articles was assessed through full-text review, and 15 articles were excluded for the following reasons: no behavior change technique or intervention implemented (n=10), no health or wellbeing outcomes (n=5), and no explicit prosocial or proenvironmental behaviors (n=2). **Results:** A total of 24 studies were included in the review, demonstrating the potential impact of both individual and combined prosocial and proenvironmental behaviors in university settings. Significant improvements were observed in wellbeing, altruism, mindfulness practices, motivation for physical activity, and sustainability awareness. Overall, the interventions contributed to enhanced emotional stability, community engagement, quality of academic life, resilience, and mental health wellbeing among students. **Conclusion:** This review highlights the promising potential of integrating prosocial and proenvironmental behaviours to enhance student health and wellbeing. Expanding research across different age groups (including children and adolescents) will help understand the impacts of these behaviours combined on mental health and wellbeing. Interventions in primary and secondary schools can provide insights into fostering these behaviours from an early age.

**Palavras-chave:** University students; Prosocial behaviour; Proenvironmental behaviour; Mental health; Wellbeing; Systematic review.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Joella Anupol, e-mail: [joella.anupol@uib.es](mailto:joella.anupol@uib.es)

<sup>2</sup> Elena Gervilla, e-mail: [elena.gervilla@uib.es](mailto:elena.gervilla@uib.es)

<sup>3</sup> John Toumbourou, e-mail: [john.toumbourou@deakin.edu.au](mailto:john.toumbourou@deakin.edu.au)

<sup>4</sup> Carl Latkin, e-mail: [carl.latkin@jhu.edu](mailto:carl.latkin@jhu.edu)

University of the Balearic Islands (UIB) and Johns Hopkins, Bloomberg School of Public Health

## A PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO INFANTIL DURANTE O CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

NEPOMUCENO, Larissa Karla da Silva<sup>1</sup>; TEIXEIRA, Leônia Cavalcante<sup>2</sup>

**Introdução:** O interesse por esta pesquisa surgiu da necessidade de compreender mais profundamente as intersecções entre Psicologia, Educação e áreas afins, com foco no campo de atuação da Psicomotricidade Relacional e sua relevância para a saúde mental infantil. O estudo teve como objetivo investigar a práxis da Psicomotricidade Relacional no processo de alfabetização durante o contexto da pandemia de COVID-19. Os objetivos específicos incluíram: contextualizar a Psicomotricidade Relacional e sua importância na alfabetização; realizar sessões psicomotoras em escola pública; avaliar as possibilidades do trabalho presencial; analisar repercussões no processo de alfabetização e investigar o impacto da vulnerabilidade social no desenvolvimento infantil. **Método:** Trata-se de pesquisa qualitativa, exploratório-descritiva, com procedimentos de pesquisa-ação baseada em estudo de caso. O trabalho foi desenvolvido com três crianças em processo de alfabetização em uma escola pública de Fortaleza que mantinha atuação de psicomotricidade relacional durante a pandemia. A coleta de dados ocorreu no final de 2021, com encontros individuais e em grupo, utilizando entrevistas semiestruturadas com pais e professores, diário de campo e observações, seguindo os preceitos éticos da Resolução CNS 466/12, com aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unifor (CAAE: 50656021.0.0000.5052 / Parecer: 4.972.307). A análise adotou abordagem narrativa e simbólica, considerando o brincar, a comunicação tônica e elementos significantes do repertório de cada criança. **Resultados e análise crítica:** A Psicomotricidade Relacional mostrou-se relevante e eficaz, contribuindo para o protagonismo infantil e para o trabalho interdisciplinar no contexto escolar, evidenciando nuances relacionadas à saúde mental e ao bem-estar das crianças, mesmo em situações de vulnerabilidade social e restrições impostas pela pandemia. **Considerações finais:** O estudo revelou lacunas na pesquisa e na implementação da Psicomotricidade Relacional nas escolas públicas, assim como a necessidade de reflexões teóricas sobre situações desafiadoras enfrentadas pelas crianças. A expansão dessa prática nas bases curriculares pode promover transformações significativas na comunidade escolar, fortalecendo o ensino-aprendizagem, a interdisciplinaridade e a Psicoeducação, além de contribuir com políticas públicas voltadas à promoção da saúde e à cultura de paz.

**Palavras-chave:** Psicomotricidade Relacional; Saúde Mental; Psicoeducação.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Larissa Karla da Silva Nepomuceno, e-mail: [larissa\\_nepomuceno@hotmail.com](mailto:larissa_nepomuceno@hotmail.com)

<sup>2</sup> Leônia Cavalcante Teixeira, e-mail: [leonia.ct@gmail.com](mailto:leonia.ct@gmail.com)  
Universidade de Fortaleza (Unifor).

## COMPORTAMENTOS SUICIDAS PARA ADOLESCENTES MENINOS: UM OLHAR NECESSÁRIO AO CONTEXTO BRASILEIRO

GIÁCOMO, Letícia Alexandrin<sup>1</sup>; GABRIEL, Isabela Martins<sup>2</sup>; SILVA, Caroline Izabela<sup>3</sup>; COSTA, Luiza Cesar Riani<sup>4</sup>; MARTINEZ, Nathalia Vitória de Carvalho<sup>5</sup>; CARLOS, Diene Monique<sup>6</sup>

**Introdução:** A adolescência e o início da fase adulta representam períodos críticos em que comportamentos suicidas tendem a emergir, configurando um problema relevante de saúde pública. Estudos indicam que a construção social da masculinidade contribui para esse sofrimento, uma vez que meninos podem enfrentar dificuldades para expressar afeto e compartilhar confidências. A escola, enquanto espaço de socialização e aprendizagem, desempenha papel central na promoção, prevenção e proteção da saúde mental, podendo atuar em parceria com famílias, serviços de saúde e comunidade. O objetivo desta pesquisa foi explorar as percepções de adolescentes que se identificam como homens acerca de comportamentos suicidas e de busca de ajuda. **Método:** Trata-se de estudo qualitativo, fundamentado no Modelo Ecológico de Compreensão da Violência. Participaram 35 adolescentes, entre 13 e 17 anos, estudantes de uma escola estadual pública do interior de São Paulo. A coleta de dados ocorreu entre abril e junho de 2024, por meio de entrevistas semiestruturadas individuais e diário de campo. Os dados foram analisados utilizando análise temática reflexiva. O estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº 4.795.400/2021), em conformidade com a Resolução CNS 466/12, utilizando TCLE para os responsáveis e TALE para os participantes. **Resultados e análise crítica:** Os achados revelaram que a compreensão de saúde mental e sofrimento psíquico está fortemente vinculada à construção da masculinidade, especialmente à dificuldade de exposição de sentimentos. Foram identificados fatores desencadeadores de sofrimento e comportamentos suicidas, incluindo rejeição familiar, especialmente para adolescentes LGBTQIAPN+, crenças religiosas restritivas, bullying escolar e fragilidades nas redes de apoio. A escola e a família foram citadas como pontos de busca de ajuda, porém com limitações. Caminhos possíveis incluem a formação de redes de apoio, conscientização sobre bullying e disponibilização de serviços especializados para adolescentes, ampliando a compreensão e o cuidado em saúde mental. **Considerações finais:** É necessário desenvolver estratégias de cuidado que contemplem as especificidades de gênero na saúde mental de adolescentes, priorizando a prevenção e o manejo clínico. Intervenções que fortaleçam a integração entre escola e serviços de saúde podem ampliar redes de proteção e promover o bem-estar dessa população.

**Palavras-chave:** Adolescente; Jovem; Comportamento autodestrutivo.

**Financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>1</sup> Letícia Alexandrin Giácomo, e-mail: [leticiajiacomo@estudante.ufscar.br](mailto:leticiajiacomo@estudante.ufscar.br)

<sup>2</sup> Isabela Martins Gabriel, e-mail: [isabelamartins@estudante.ufscar.br](mailto:isabelamartins@estudante.ufscar.br)

<sup>3</sup> Caroline Izabela Silva, e-mail: [carolineizabelasilva@gmail.com](mailto:carolineizabelasilva@gmail.com)

<sup>4</sup> Luiza Cesar Riani Costa, e-mail: [luiza-riani@hotmail.com](mailto:luiza-riani@hotmail.com)

<sup>5</sup> Nathalia Vitória de Carvalho Martinez, e-mail: [nathaliarmartinez@estudante.ufscar.br](mailto:nathaliarmartinez@estudante.ufscar.br)

<sup>6</sup> Diene Monique Carlos, e-mail: [diene.carlos@usp.br](mailto:diene.carlos@usp.br)  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

## REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA: O USO DA POETIC INQUIRY EM INTERVENÇÕES SOBRE SAÚDE MENTAL COM JOVENS

PEREIRA, José Ítalo Gomes<sup>1</sup>; DIAS, Ana Lúcia<sup>2</sup>; HIPPOLYTE, Victor<sup>3</sup>; MURTA, Sheila Giardini<sup>4</sup>

**Introdução:** A poesia tem se consolidado como ferramenta valiosa na promoção da saúde mental de adolescentes, favorecendo a expressão emocional, o desenvolvimento da resiliência e o fortalecimento do suporte social. Este estudo teve como objetivo analisar o uso da *poetic inquiry* em atividades voltadas à saúde mental de jovens, investigando como essa abordagem tem sido aplicada em distintos contextos e populações. **Método:** A revisão sistemática incluiu artigos das bases PubMed, Scopus, BVS e APA-PsycNet, utilizando descritores relacionados à poesia, saúde mental e jovens. Realizada entre fevereiro e março de 2024, a busca inicial resultou em 62 artigos publicados nas últimas três décadas, focando em práticas de poesia ativas ou receptivas voltadas à saúde mental de adolescentes. Foram estabelecidos critérios de inclusão (adolescentes entre 12 e 18 anos, uso ativo ou receptivo da poesia e enfoque em saúde mental) e exclusão (estudos com crianças, jovens adultos, saúde física e métodos artísticos não poéticos). Após a triagem, 10 artigos foram selecionados para análise detalhada, conduzida por dois codificadores com base em seis critérios: métodos de intervenção poética, populações, contextos, temas abordados, efeitos individuais e efeitos comunitários. **Resultados e análise crítica:** Os estudos incluíram temáticas variadas, como emoções, psicologia positiva, relações interpessoais, saúde mental, identidade, gênero, violência, assédio sexual e trauma intergeracional. A maioria indicou que a poesia facilita a expressão de sentimentos complexos, promove resiliência e fortalece redes de apoio. No nível individual, os efeitos incluíram melhora do autoconceito, desenvolvimento de estratégias de adaptação e resiliência frente a desafios emocionais. No nível comunitário, a poesia contribuiu para conscientização sobre violência de gênero, racismo e traumas intergeracionais, estimulando solidariedade e apoio mútuo. Os contextos de aplicação variaram entre escolas, ambientes clínicos e análises de poemas existentes. **Considerações finais:** A *poetic inquiry* se mostra uma abordagem promissora para promoção da saúde mental em adolescentes, permitindo que expressem emoções complexas e compreendam melhor suas experiências. As intervenções poéticas demonstraram eficácia na redução da ansiedade, aumento do bem-estar subjetivo e fortalecimento de redes de apoio social. A diversidade de contextos e temas evidencia a versatilidade da poesia como instrumento de cuidado, reflexão e engajamento social entre jovens.

**Palavras-chave:** Poesia; Saúde Mental; Juventude.

**Financiamento:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>1</sup> José Ítalo Gomes Pereira, e-mail: [joseitaloj@gmail.com](mailto:joseitaloj@gmail.com)

<sup>2</sup> Ana Lúcia Dias, e-mail: [analuciascdias@gmail.com](mailto:analuciascdias@gmail.com)

<sup>3</sup> Victor Hippolyte, e-mail: [v.krahenbuhl@yahoo.fr](mailto:v.krahenbuhl@yahoo.fr)

<sup>4</sup> Sheila Giardini Murta, e-mail: [giardini@unb.br](mailto:giardini@unb.br)

Universidade de Brasília (UnB).

## AÇÕES DE COMBATE À LGBTFOBIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

MIR, Thamara Garcia Del<sup>1</sup>; SANTOS, Thábata Larissa Agostini dos<sup>2</sup>; SOBREIRA, Danielle Cardoso Maurício<sup>3</sup>

**Introdução:** A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais reconhece a orientação sexual e a identidade de gênero como determinantes sociais da saúde, buscando eliminar as desigualdades e garantir o acesso equitativo aos serviços. Para tanto, requer-se a articulação entre as três esferas de governo e a sociedade civil na promoção, atenção e cuidado, com o objetivo de reduzir disparidades e combater a LGBTfobia. Nesse contexto, o papel das gestões municipais torna-se essencial na implementação de ações que promovam conscientização, prevenção e enfrentamento da violência contra a população LGBTQIA+. Assim, a Secretaria de Saúde e a Secretaria de Promoção da Cidadania de um município do litoral norte de Santa Catarina, em parceria com órgãos governamentais, não governamentais e movimentos sociais, desenvolveram uma agenda anual de atividades voltadas à conscientização e ao enfrentamento da LGBTfobia. Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência dessas ações. **Desenvolvimento da experiência:** As iniciativas ocorreram durante a semana do Dia Internacional de Combate à Homofobia (17/05) ao longo dos últimos três anos, abrangendo diversas atividades. Em 2022, a programação contou com um evento na praça central, incluindo roda de conversa, distribuição de materiais informativos e pesquisa sobre percepções sociais da temática, além de palestra híbrida para profissionais da assistência social, roda de conversa com estudantes do ensino fundamental, lançamento de uma cartilha educativa e apresentação teatral. Em 2023, ampliou-se o alcance com apresentações artísticas, cine debate, serviços de orientação em saúde, seminário sobre violência institucional e o 1º Encontro de Combate à LGBTfobia promovido pela OAB municipal. Em 2024, destacaram-se apresentações artísticas LGBT, blitz educativa com entrega de panfletos, o 2º Encontro da OAB e a inclusão de propostas sobre o tema na 1ª Conferência Municipal de Direitos das Pessoas LGBTQIA+. **Resultados e análise crítica:** Observou-se ampla participação de representantes do poder público, universidades e movimentos sociais, fortalecendo a intersetorialidade e a visibilidade do tema. As ações favoreceram o diálogo com a população e ampliaram o acesso à informação. Contudo, evidencia-se a necessidade contínua de manutenção desses espaços de formação e debate para garantir o avanço na defesa dos direitos e na promoção de uma cultura de respeito e equidade. **Considerações finais:** A continuidade e o fortalecimento das parcerias entre poder público e sociedade civil são essenciais para consolidar políticas inclusivas, ampliar a participação popular e garantir a efetividade das ações de combate à LGBTfobia e promoção da saúde integral.

**Palavras-chave:** Diversidade de gênero; violência de gênero; cidadania.

**Financiamento:** Secretaria Municipal de Saúde e a Secretaria de Promoção da Cidadania – Município de Itajaí/SC.

<sup>1</sup> Thamara Garcia Del Mir, e-mail: [psicologa.thamaramir@gmail.com](mailto:psicologa.thamaramir@gmail.com)

<sup>2</sup> Thábata Larissa Agostini dos Santos, e-mail: [santosla.thabata@gmail.com](mailto:santosla.thabata@gmail.com)

<sup>3</sup> Danielle Cardoso Maurício Sobreira, e-mail: [dani.sobreira@hotmail.com](mailto:dani.sobreira@hotmail.com)  
Secretaria Municipal de Saúde (Itajaí/SC).

## ELABORAÇÃO DE MATERIAL EDUCATIVO SOBRE AS PRINCIPAIS DOENÇAS REUMATOLÓGICAS: OSTEOARTRITE, ARTRITE REUMATOIDE E FIBROMIALGIA

SANTOS, Gabriel Bernardi dos<sup>1</sup>; SILVA, Ana Paula Alves da<sup>2</sup>; SERRÃO, Paula Regina Mendes da Silva<sup>3</sup>

**Introdução:** A educação em saúde (ES) é reconhecida como um pilar essencial para o cuidado de alta qualidade, sendo recomendada como primeira linha de tratamento em diversas condições crônicas. Seu propósito é promover o envolvimento ativo do indivíduo no processo de mudança, tornando-o o principal agente do próprio cuidado. Entre as ferramentas disponíveis, as cartilhas educativas destacam-se por facilitar o acesso à informação, embora ainda exista uma defasagem quanto à padronização, clareza e atualização de seu conteúdo. No contexto das doenças reumatológicas (DR) — condições inflamatórias não traumáticas que afetam o sistema osteomioarticular, com prevalência em mulheres —, a ES pode contribuir para o controle de sintomas, a melhora da funcionalidade e o aumento da qualidade de vida. Diante da variedade de opções terapêuticas, as abordagens não farmacológicas, como a ES, são estratégias eficazes para reduzir morbidade, mortalidade e custos ao Sistema Único de Saúde (SUS). Assim, o objetivo deste trabalho foi desenvolver e elaborar um material educativo completo, acessível e gratuito, com base científica atualizada e rigor metodológico. **Método:** A produção do material fundamentou-se em cartilhas da Sociedade Brasileira de Reumatologia, documentos do Ministério da Saúde e publicações científicas voltadas à promoção da saúde. O conteúdo abrangeu três das principais DR: osteoartrite, fibromialgia e artrite reumatoide. **Resultados e análise crítica:** Foram definidos dez tópicos estruturantes que abordam desde informações básicas sobre as doenças até orientações práticas sobre atividade física e comportamento sedentário: (1) o que é a doença; (2) causas; (3) sintomas; (4) diagnóstico; (5) tratamentos disponíveis; (6) importância da atividade física; (7) mitos sobre o agravamento da doença; (8) exercícios indicados no cotidiano; (9) exemplos de exercícios (aeróbicos, fortalecimento e alongamento); e (10) compreensão sobre comportamento sedentário. As cartilhas serão distribuídas fisicamente nos centros de saúde de São Carlos e digitalmente nas redes sociais do Laboratório de Pesquisa em Reumatologia e Reabilitação da Mão (LAPREM/UFSCar). **Considerações finais:** As cartilhas educativas, produzidas com rigor técnico e linguagem acessível, configuram-se como instrumentos valiosos de promoção da saúde e empoderamento do paciente. Espera-se que o material contribua para maior autonomia, incentivo à prática de atividade física e redução do comportamento sedentário, fortalecendo o direito à informação e ao cuidado integral.

**Palavras-chave:** Educação em Saúde; Reumatologia; Cartilhas educativas.

**Financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>1</sup> Gabriel Bernardi dos Santos, e-mail: [gabrielbernardi@estudante.ufscar.br](mailto:gabrielbernardi@estudante.ufscar.br)

<sup>2</sup> Ana Paula Alves da Silva, e-mail: [anapaulaalvessilva@estudante.ufscar.br](mailto:anapaulaalvessilva@estudante.ufscar.br)

<sup>3</sup> Paula Regina Mendes da Silva Serrão, e-mail: [paula.serrao@ufscar.br](mailto:paula.serrao@ufscar.br)  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

## INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA MULTICOMPONENTE PARA A REDUÇÃO DO CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE ADOLESCENTES: ANDAMENTO DO ESTUDO PREV.ACTION

SOARES-SANTOS, Luis Eduardo<sup>1</sup>; OLIVEIRA, Matheus de Carlos Silva<sup>2</sup>; MENDES-SOUSA, Marília M.<sup>3</sup>; FERNANDES, Ivana Prates<sup>4</sup>; COGO-MOREIRA, Hugo<sup>5</sup>; GUBERT, Fabiane do Amaral<sup>6</sup>; CAETANO, Sheila C.<sup>7</sup>; VALENTE, Juliana Yurgel<sup>8</sup>; SANCHEZ, Zila M.<sup>9</sup>

**Introdução:** Apesar dos avanços do Brasil na implementação de programas escolares e familiares de prevenção ao uso de álcool entre adolescentes na última década, muitos foram descontinuados por dificuldades de implementação e pela falta de uma abordagem multicomponente, que envolvesse simultaneamente educação, saúde e ambiente. Este relato tem como objetivo descrever o delineamento e o andamento do *Prev.Action*, uma intervenção multicomponente de base comunitária voltada à redução do consumo de álcool por adolescentes. **Método:** O *Prev.Action* é uma intervenção híbrida (efetividade e processo de implementação), com abordagem de métodos mistos, multicêntrica (Brasil–Moçambique) e execução prevista entre 2023 e 2027. Em um desenho quase-experimental, alguns municípios receberão a intervenção e outros atuarão como grupo controle. A intervenção será composta por três eixos: programas escolares de prevenção (nível individual), um programa familiar (nível familiar) e estratégias ambientais (nível comunitário). Baseia-se no ciclo de pesquisa de implementação da OMS, dividido em quatro fases: (1) identificação de políticas e intervenções baseadas em evidências; (2) adaptação da intervenção; (3) implementação e avaliação; e (4) ampliação. Serão avaliados os desfechos do *framework* RE-AIM: alcance, efetividade, adesão, implementação e sustentabilidade, além de medidas intermediárias sobre o processo de desenvolvimento e execução. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP (nº 6.598.311). **Resultados esperados:** Espera-se que o *Prev.Action* reduza o consumo de álcool entre adolescentes e promova mudanças positivas nas atitudes e comportamentos relacionados ao álcool. No nível familiar, prevê-se maior conscientização dos pais sobre os riscos e fortalecimento das habilidades parentais protetoras. No nível comunitário, espera-se alterar crenças permissivas e promover um ambiente social mais saudável. **Etapa atual:** O projeto encontra-se na fase 1, com mapeamento de *stakeholders*, criação de comitê gestor, análise situacional, capacitação em ciência da prevenção e seleção de estratégias de implementação em um município de São Paulo. Outros municípios (em SP e CE) estão em fase de pactuação. **Potenciais contribuições:** O *Prev.Action* poderá fortalecer capacidades locais, capacitar profissionais e criar recursos e políticas sustentáveis de prevenção ao uso de álcool entre adolescentes.

**Palavras-chave:** Intervenções comunitárias; Consumo de bebidas alcoólicas; Adolescente.

**Financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>1</sup> Luis Eduardo Soares Santos, e-mail: [luisedu.edu19@gmail.com](mailto:luisedu.edu19@gmail.com)

<sup>2</sup> Matheus de Carlos Silva Oliveira, e-mail: [matheus.de.carlos@gmail.com](mailto:matheus.de.carlos@gmail.com)

<sup>3</sup> Marília M. Mendes Sousa, e-mail: [mariliamendesms@gmail.com](mailto:mariliamendesms@gmail.com)

<sup>4</sup> Ivana Prates Fernandes, e-mail: [ivana.prates@unifesp.br](mailto:ivana.prates@unifesp.br)

<sup>5</sup> Hugo Cogo Moreira, e-mail: [hugocogobr@gmail.com](mailto:hugocogobr@gmail.com)

<sup>6</sup> Fabiane do Amaral Gubert, e-mail: [fabianegubert@hotmail.com](mailto:fabianegubert@hotmail.com)

<sup>7</sup> Sheila C. Caetano, e-mail: [sheilaccaetano@gmail.com](mailto:sheilaccaetano@gmail.com)

<sup>8</sup> Juliana Yurgel Valente, e-mail: [juliana.valente@unifesp.br](mailto:juliana.valente@unifesp.br)

<sup>9</sup> Zila M. Sanchez, e-mail: [zila.sanchez@unifesp.br](mailto:zila.sanchez@unifesp.br)

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

## O PROGRAMA ELOS 2.0 PARA BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL I

MENDES-SOUSA, Marília M.<sup>1</sup>; SHIMIZU, Raquel Fernandes<sup>2</sup>; SILVA, Anderson Ribeiro da<sup>3</sup>; MARIANO, Marília<sup>4</sup>; GOMES, Bernardo C.<sup>5</sup>; MARI, Jair J.<sup>6</sup>; SANCHEZ, Zila M.<sup>7</sup>; CAETANO, Sheila C.<sup>8</sup>

**Introdução:** O bullying constitui um problema relevante nas escolas, provocando consequências negativas que podem se estender da infância à vida adulta. Diante de sua complexidade, tornam-se fundamentais as intervenções que previnam e reduzam comportamentos agressivos entre pares. O *Programa Elos 2.0*, adaptação brasileira do *Good Behavior Game*, propõe-se a diminuir comportamentos disruptivos e incentivar atitudes pró-sociais por meio de estratégias de gamificação em salas de aula do Ensino Fundamental I. A proposta integra-se ao cotidiano escolar sem interferir no planejamento pedagógico dos professores. **Método:** Em 2019, realizou-se um Ensaio Controlado Randomizado com 2.267 estudantes de 5 a 15 anos de idade, oriundos de 11 escolas públicas localizadas nas cidades de Fortaleza e Eusébio, no Nordeste brasileiro. Foi utilizada uma versão modificada do *Questionário Revisado de Bullying/Vitimização de Olweus*, com respostas binárias (sim/não). Entre os participantes, 1.112 foram submetidos à intervenção do *Elos 2.0* e 1.155 integraram o grupo controle. **Resultados e análise crítica:** As análises estatísticas demonstraram ausência de diferenças significativas entre os grupos em relação aos escores de bullying. A regressão logística multinível, ajustada por idade e sala de aula, indicou que a intervenção não produziu efeitos significativos na redução do bullying Tipo I ( $p = 0,548$ ) nem do Tipo II ( $p = 0,633$ ). Assim, o *Elos 2.0* não apresentou impacto relevante na diminuição da violência entre pares no contexto avaliado. **Considerações finais:** Os resultados contrastam com evidências de programas similares em países de alta renda, que registram reduções médias de 19–20% na perpetração de bullying e de 15–16% na vitimização. Contudo, fatores socioculturais e estruturais distintos dificultam a replicação desses efeitos em países de baixa e média renda. A adaptação cultural de programas internacionais deve, portanto, considerar as especificidades do ambiente escolar brasileiro. Além disso, a implementação de intervenções como o *Elos 2.0* requer acompanhamento contínuo para ajustes e aprimoramentos metodológicos. Futuras pesquisas devem explorar estratégias contextualizadas e integradas às realidades locais, buscando maior efetividade na prevenção do bullying escolar. **Registro do ensaio:** REBEC / Brasil — U1111-1228-2342.

**Palavras-chave:** *Bullying*; Saúde Mental; *Good Behavior Game*.

**Financiamento:** Ministério da Saúde (TED#176/2017). Auxílio Pesquisas e Inovações em Prevenção de Transtornos Mentais e Uso de Álcool e Outras Drogas.

<sup>1</sup> Marília M. Mendes Sousa, e-mail: [mariliamendesms@gmail.com](mailto:mariliamendesms@gmail.com)

<sup>2</sup> Raquel Fernandes Shimizu, e-mail: [raquel.shimizu@unifesp.br](mailto:raquel.shimizu@unifesp.br)

<sup>3</sup> Anderson Ribeiro da Silva, e-mail: [anderson.ribeiro.silva@gmail.com](mailto:anderson.ribeiro.silva@gmail.com)

<sup>4</sup> Marília Mariano, e-mail: [mariano.mrl@gmail.com](mailto:mariano.mrl@gmail.com)

<sup>5</sup> Bernardo C. Gomes, e-mail: [bcgomes@unifesp.br](mailto:bcgomes@unifesp.br)

<sup>6</sup> Jair J. Mari, e-mail: [jamari17@gmail.com](mailto:jamari17@gmail.com)

<sup>7</sup> Zila M. Sanchez, e-mail: [zila.sanchez@unifesp.br](mailto:zila.sanchez@unifesp.br)

<sup>8</sup> Sheila C. Caetano, e-mail: [sheilaccaetano@gmail.com](mailto:sheilaccaetano@gmail.com)  
Universidade Federal de São Paulo (USP).

## ANÁLISE DE INDICADORES PSICOSSOCIAIS E DE RISCO EM HOMENS AUTORES DE FEMINICÍDIO POR PARCEIRO ÍNTIMO: RESULTADOS E DESAFIOS INTERDISCIPLINARES PARA A PREVENÇÃO

HORR, João Fillipe<sup>1</sup>; MARTINS-BORGES, Lucienne<sup>2</sup>

**Introdução:** O feminicídio representa a forma mais extrema da violência de gênero, enraizada nas assimetrias históricas da sociedade patriarcal. No Brasil, estima-se que cerca de metade desses crimes ocorre em contextos conjugais, tendo como autores, majoritariamente, homens heterossexuais que mantinham ou haviam rompido relações íntimas com as vítimas. A motivação, muitas vezes, está ligada à recusa da separação, ao sentimento de posse e ao controle sobre a mulher. Apesar dos avanços legais, ainda são escassos os estudos nacionais que abordam os aspectos psicossociais e os fatores de risco associados aos autores — elementos fundamentais para estratégias preventivas. O presente estudo, reconhecendo a importância do diálogo entre teorias de gênero, masculinidade, epidemiologia e psicologia, tem como objetivo analisar indicadores psicossociais em feminicídios conjugais cometidos por homens em Santa Catarina. **Método:** Trata-se de uma pesquisa documental, retrospectiva e de delineamento misto, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº 56079616.8.0000.0121). A amostra foi composta por 143 casos de feminicídios conjugais julgados entre 2006 e 2017, obtidos junto ao Tribunal de Justiça de Santa Catarina. A análise ocorreu em três etapas: (1) quantitativa e descritiva, com base no *Protocolo de Registro Multidimensional de Homicídio Conjugal*, que abrange variáveis socioeconômicas, factuais, situacionais e psicológicas; (2) estimativa estatística, com uso do *software Stata* e análise de sobrevivência, comparando casos com e sem ameaça prévia à vida da vítima; e (3) qualitativa, por meio de análise temática das motivações e da dinâmica relacional do casal. **Resultados e análise crítica:** Emergiram quatro dimensões de indicadores psicossociais: (a) sociais e demográficos (vulnerabilidade econômica, desemprego e diferença de idade entre autor e vítima); (b) factuais (ocorrência no domicílio da vítima, aos fins de semana, e uso de armas brancas, contundentes ou de fogo); (c) situacionais (histórico de violência conjugal, separações prévias e uso abusivo de álcool); (d) psicológicas e motivacionais (controle coercitivo, ciúmes, perseguição (*stalking*) e ameaças prévias, frequentemente associadas à tentativa de reconciliação, rivalidade com outro homem e feridas narcísicas ligadas à honra masculina). **Considerações finais:** O feminicídio conjugal emerge de um entrelaçamento complexo entre vulnerabilidades sociais, emocionais e relacionais. A prevenção requer políticas públicas intersetoriais, abordagens interdisciplinares e espaços de escuta que contemplem tanto a proteção das mulheres quanto o enfrentamento dos padrões masculinos de dominação e violência.

**Palavras-chave:** Feminicídio por parceiro íntimo; Violência de gênero; Homens autores de violência.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> João Fillipe Horr, e-mail: [jf.horr@gmail.com](mailto:jf.horr@gmail.com)

<sup>2</sup> Lucienne Martins Borges, e-mail: [lucienne.martins-borges@tsc.ulaval.ca](mailto:lucienne.martins-borges@tsc.ulaval.ca)  
Universidade do Vale do Itajaí (Univali).

## CONTRIBUIÇÕES DE UMA POLÍTICA PÚBLICA EM SAÚDE NA PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES GESTANTES E PUÉRPERAS

COSTA, Jéssica Emanoeli Moreira da<sup>1</sup>; FILHO, David Macedo Rodrigues<sup>2</sup>; SOARES, Miguel Henrique Souza<sup>3</sup>; LIMA, Gabriela Nascimento de Souza<sup>4</sup>; COSER, Bruno Cabral<sup>5</sup>; BERNARDES, Sofia de Almeida<sup>6</sup>; MATIAS, Aline Tarouquella<sup>7</sup>; MOREL, Mario Santos<sup>8</sup>; RODRIGUES, Katia Cristina Tarouquella<sup>9</sup>

**Introdução:** Diante dos altos índices de violência em Niterói (RJ), foi instituído o “Pacto Niterói Contra a Violência”, uma política pública intersetorial entre segurança, educação e saúde que entende a violência como fenômeno de natureza interseccional. No campo da saúde, o programa Escola da Família se estruturou em dois eixos: (I) *Formação Parental*, voltada à sensibilização e instrumentalização de profissionais da saúde pública na prevenção da violência na gestação e no puerpério; e (II) *Intervenções Grupais*, que consistiram na aplicação de grupos reflexivos com gestantes, puérperas e suas famílias, promovendo acolhimento e reflexão sobre práticas parentais. Este estudo analisa as contribuições dessa política na prevenção da violência contra mulheres gestantes e puérperas, considerando as dimensões de gênero, classe e raça no contexto comunitário. **Método:** Trata-se de uma pesquisa-ação qualitativa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília (CAAE: 71199923.8.0000.5540). Em 2022, realizaram-se quatro oficinas em oito turmas (32 encontros), com a participação de 168 profissionais da rede pública de atenção primária de Niterói. Posteriormente, ocorreram oito supervisões grupais para acompanhamento dos grupos de gestantes. As anotações em diários de campo foram analisadas pela Análise do Discurso francesa, a partir da interlocução entre psicanálise e ciências sociais, privilegiando a leitura das marcas linguísticas situadas em seus contextos sócio-históricos. **Resultados e análise crítica:** O Programa fomentou práticas de enfrentamento da violência por meio da escuta, do fortalecimento dos laços comunitários e da valorização da palavra nos atendimentos. Destacou-se sua relevância na proteção e prevenção de violências contra mães solo e mulheres negras, frequentemente invisibilizadas nas políticas públicas. O espaço discursivo criado permitiu a ressignificação do sofrimento e o reposicionamento subjetivo das participantes. **Considerações finais:** A formação dialógica em saúde fortaleceu vínculos entre profissionais e usuários, promovendo o cuidado como prática coletiva e escutada. O Programa revelou que, diante da violência que silencia e fragmenta, o diálogo e a palavra podem restaurar laços sociais e redes de proteção em territórios marcados pela vulnerabilidade e pela violência urbana.

**Palavras-chave:** Política pública; Formação; Violência.

**Financiamento:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>1</sup> Jéssica Emanoeli Moreira da Costa, e-mail: [jessicaemanoeli@gmail.com](mailto:jessicaemanoeli@gmail.com)

<sup>2</sup> David Macedo Rodrigues Filho, e-mail: [rodriguesdavid@id.uff.br](mailto:rodriguesdavid@id.uff.br)

<sup>3</sup> Miguel Henrique Souza Soares, e-mail: [miguel.henrique3@gmail.com](mailto:miguel.henrique3@gmail.com)

<sup>4</sup> Gabriela Nascimento de Souza Lima, e-mail: [gabinslima@gmail.com](mailto:gabinslima@gmail.com)

<sup>5</sup> Bruno Cabral Coser, e-mail: [brunocoser@id.uff.br](mailto:brunocoser@id.uff.br)

<sup>6</sup> Sofia de Almeida Bernardes, e-mail: [sofiabernardes@id.uff.br](mailto:sofiabernardes@id.uff.br)

<sup>7</sup> Aline Tarouquella Matias, e-mail: [alinetmatias@gmail.com](mailto:alinetmatias@gmail.com)

<sup>8</sup> Mario Santos Morel, e-mail: [morel96@hotmail.com](mailto:morel96@hotmail.com)

<sup>9</sup> Katia Cristina Tarouquella Rodrigues, e-mail: [ktarouquella@gmail.com](mailto:ktarouquella@gmail.com)  
Universidade de Brasília (UnB)/ Universidade Federal Fluminense (UFF).

## NECESSIDADE DE ADAPTAÇÕES PROCEDIMENTAIS NO GOOD BEHAVIOR GAME NO BRASIL: UMA REVISÃO NARRATIVA PARA APOIAR A ESTRATÉGIA

MENDES-SOUSA, Marília M.<sup>1</sup>; SILVA, Anderson Ribeiro da<sup>2</sup>; MARIANO, Marília<sup>3</sup>; MARI, Jair J. <sup>4</sup>; SANCHEZ, Zila M.<sup>5</sup>; CAETANO, Sheila C.<sup>6</sup>

**Introdução:** Intervenções universais precoces no ambiente escolar têm demonstrado impacto positivo na saúde mental e no desenvolvimento acadêmico dos alunos. Dentre elas, o *Good Behavior Game* (GBG) destaca-se como uma estratégia universalmente efetiva, oferecendo aos professores ferramentas gamificadas para gerenciar comportamentos em sala de aula. Este estudo tem como objetivo revisar diferentes adaptações do GBG implementadas internacionalmente e propor uma nova aplicação para escolas públicas de ensino fundamental no Brasil. **Método:** Realizou-se uma revisão narrativa de dez versões do GBG avaliadas por Ensaios Controlados Randomizados (ECRs). Observou-se que, ao longo do tempo, a aplicação do GBG evoluiu para priorizar processos de reforço positivo como mecanismo central de mudança comportamental. Com base nesses achados, propomos o Programa Elos 2.0, uma adaptação brasileira que enfatiza o reforço positivo para estabelecer e manter comportamentos-alvo. O programa visa promover interações cooperativas entre professores e alunos, prevenir comportamentos problemáticos como agressividade e timidez, e fomentar habilidades sociais e emocionais. A adaptação considera o contexto socioeconômico brasileiro e busca alinhar-se às políticas educacionais vigentes. **Resultados e análise crítica:** A revisão das adaptações internacionais do GBG revelou elementos procedimentais críticos para a efetividade, incluindo contingências de grupo, comunicação clara das regras e reforços imediatos e prolongados para incentivar comportamentos positivos. O Programa Elos 2.0 integra esses elementos em uma estratégia adaptada ao contexto brasileiro, potencializando a eficácia na promoção de comportamentos pró-sociais e na melhoria do clima escolar. **Considerações finais:** Espera-se que o Programa Elos 2.0 contribua para o desenvolvimento socioemocional dos alunos, favorecendo o desempenho acadêmico e reduzindo riscos associados a problemas comportamentais, abandono escolar e desafios à saúde mental. Esta iniciativa reforça a importância de adaptar intervenções comportamentais comprovadas a contextos locais, demonstrando que programas como o GBG podem ser eficazmente replicados e ajustados para atender às necessidades específicas de escolas públicas no Brasil. **Registro do ensaio:** REBEC / Brasil: U1111-1228-2342.

**Palavras-chave:** *Early intervention; Elementary school; Good Behavior Game.*

**Financiamento:** Ministério da Saúde (TED#176/2017). *Auxílio Pesquisas e Inovações em Prevenção de Transtornos Mentais e Uso de Álcool e Outras Drogas.*

<sup>1</sup> Marília M. Mendes Sousa, e-mail: [mariliamendesms@gmail.com](mailto:mariliamendesms@gmail.com)

<sup>2</sup> Anderson Ribeiro da Silva, e-mail: [andersonribeirosilva@gmail.com](mailto:andersonribeirosilva@gmail.com)

<sup>3</sup> Marília Mariano, e-mail: [mariano.mrl@gmail.com](mailto:mariano.mrl@gmail.com)

<sup>4</sup> Jair J. Mari, e-mail: [jamari17@gmail.com](mailto:jamari17@gmail.com)

<sup>5</sup> Zila M. Sanchez, e-mail: [zila.sanchez@unifesp.br](mailto:zila.sanchez@unifesp.br)

<sup>6</sup> Sheila C. Caetano, e-mail: [sheilacaetano@unifesp.br](mailto:sheilacaetano@unifesp.br)  
Universidade de São Paulo (USP).

## RELATO DE EXPERIÊNCIA: INTERVENÇÃO PARA PROMOVER A SAÚDE MENTAL DAS MULHERES RECONHECENDO E ACEITANDO SUAS VULNERABILIDADES

CARDOSO, Alanny Oliveira Pinto<sup>1</sup>; DUARTE, Alice Fortuna de Souza<sup>2</sup>

**Introdução:** Este relato de experiência surgiu a partir da disciplina Práticas em Instituições Comunitárias, ministrada no primeiro semestre de 2024 no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Fundamentado na perspectiva crítica e dialógica, o relato propõe uma reflexão sobre os fatores psicossociais que sustentam o controle e o poder que os indivíduos exercem sobre seus contextos pessoais e sociais. A Psicologia Social Comunitária, ao evidenciar problemas sociais frequentemente negligenciados, convida à construção de práticas comprometidas com as dimensões políticas, sociais e de saúde mental. Nesse contexto, o presente trabalho buscou promover experiências voltadas à reflexão e emancipação feminina, estimulando a autonomia das participantes por meio do reconhecimento de suas vulnerabilidades, contribuindo assim para a melhoria da saúde mental. **Descrição da experiência:** A pesquisa foi conduzida com um grupo de mulheres residentes em uma ocupação na região metropolitana de Goiânia (GO), estruturando-se em quatro etapas: três visitas domiciliares, sendo cinco das famílias chefiadas por mulheres, seguidas de uma intervenção grupal. Durante as visitas, emergiram relatos emocionados sobre depressão, ansiedade, dificuldades financeiras, pressões familiares e sociais, além da crença de que deveriam ser fortes o tempo todo. Também foram relatados cansaço físico, mental e autocobrança constante. Posteriormente, foram enviadas perguntas via WhatsApp sobre temas de interesse para uma roda de conversa, às quais três das seis participantes responderam. A partir dessas demandas, foi elaborada a intervenção “Aceitando as nossas vulnerabilidades”, que teve como objetivo oferecer um espaço de escuta e expressão emocional, promovendo o bem-estar psicológico e a valorização das experiências de vida. **Resultados e análise crítica:** A experiência permitiu compreender os preceitos éticos da Psicologia Comunitária, ressaltando a importância de práticas acessíveis e contextualizadas. Evidenciou-se a necessidade de iniciativas voltadas à promoção da saúde mental feminina, fortalecendo vínculos comunitários e a coesão social. **Considerações finais:** A abordagem dialógica mostrou-se essencial para acolher e compreender as diversas manifestações emocionais e comunitárias. A partir da escuta ativa e do reconhecimento das singularidades, observou-se uma contribuição efetiva para a promoção da saúde e o empoderamento das participantes, valorizando suas realidades e trajetórias.

**Palavras-chave:** Psicologia Social e Comunitária; Mulheres; Vulnerabilidades.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Alanny Oliveira Pinto Cardoso, e-mail: [alanny18@hotmail.com](mailto:alanny18@hotmail.com)

<sup>2</sup> Alice Fortuna de Souza Duarte, e-mail: [alicefortunadesouza@gmail.com](mailto:alicefortunadesouza@gmail.com)  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Goiânia, GO (PUC-GO).

## ACESSIBILIDADE EM SERVIÇO ESPECIALIZADO PARA IDOSOS COM PERDA AUDITIVA: BARREIRAS E FACILITADORES NA PROMOÇÃO DA SAÚDE

CARVALHO, Maria Eduarda Vercesi de<sup>1</sup>; KATO, Mayla Youko<sup>2</sup>; OLAIÁ, Leticia Felice<sup>3</sup>; CAMPOS, Lucas Bueno de<sup>4</sup>; MONTEIRO, Luzia Cristina Antoniossi<sup>5</sup>

**Introdução:** O envelhecimento populacional acelerado no Brasil, aliado ao aumento das doenças crônicas e condições decorrentes da senescência, como a Perda Auditiva Relacionada à Idade (PARI), exige adaptações urgentes nos serviços de saúde. Entre essas adaptações, destacam-se a eliminação de barreiras arquitetônicas e comunicacionais, bem como a melhoria da ambiência nos locais de atendimento, a fim de garantir ambientes inclusivos e acolhedores. Este estudo tem como objetivo analisar as barreiras arquitetônicas e comunicacionais que dificultam o acesso de idosos com PARI ao Centro Especializado em Reabilitação (CER) e identificar facilitadores que possam aprimorar sua qualidade de vida. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa transversal, exploratória, descritiva e quantiquantitativa, realizada no CER de Araraquara/SP. Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com gestores e trabalhadores do serviço, além de um mapeamento minucioso das condições de acessibilidade do espaço. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo e análise descritiva, identificando padrões e temas emergentes sobre inclusão e exclusão. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos (CEP: 5.774.983). **Resultados e análise crítica:** Os resultados apontaram barreiras significativas no acesso ao CER, como dificuldades de transporte público, limitações de mobilidade urbana, comunicação ineficaz, longas filas de espera e carência de suporte social. Em contrapartida, facilitadores relevantes foram observados, incluindo a presença de adaptações arquitetônicas, uma ambiência acolhedora e um fluxo de atendimento organizado, que favorecem o bem-estar e a permanência dos idosos no serviço. **Considerações finais:** O estudo evidencia a necessidade de uma abordagem integrada para superar as barreiras físicas e comunicacionais enfrentadas por idosos com perda auditiva. A remoção de obstáculos arquitetônicos, como escadas e corredores estreitos, e a implementação de sinalização visual e sonora adequada são medidas fundamentais. Além disso, promover ambientes confortáveis e humanizados contribui para uma cultura de saúde, acessibilidade e dignidade. Os achados oferecem subsídios estratégicos para gestores e formuladores de políticas públicas, reforçando a importância de alinhar as práticas institucionais à Lei Brasileira de Inclusão e ao Estatuto da Pessoa Idosa, em prol de uma sociedade mais justa, autônoma e inclusiva.

**Palavras-chave:** Envelhecimento populacional; Acessibilidade; Ambiência.

**Financiamento:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>1</sup> Maria Eduarda Vercesi de Carvalho, e-mail: [mariaeduardavercesicarvalho@estudante.ufscar.br](mailto:mariaeduardavercesicarvalho@estudante.ufscar.br)

<sup>2</sup> Mayla Youko Kato, e-mail: [maylakato@alumni.usp.br](mailto:maylakato@alumni.usp.br)

<sup>3</sup> Leticia Felice Olaia, e-mail: [leticiaolaia@estudante.ufscar.br](mailto:leticiaolaia@estudante.ufscar.br)

<sup>4</sup> Lucas Bueno de Campos, e-mail: [lucas.campos2@yahoo.com.br](mailto:lucas.campos2@yahoo.com.br)

<sup>5</sup> Luzia Cristina Antoniossi Monteiro, e-mail: [cristinam@ufscar.br](mailto:cristinam@ufscar.br)

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Departamento de Gerontologia, São Carlos, SP.

## INTERAÇÕES SOCIAIS, DESREGULAÇÃO EMOCIONAL E HABILIDADES SOCIAIS ASSOCIADAS AO USO PROBLEMÁTICO DE REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES E AO CYBERBULLYING

CARVALHO, Damares Moreira de<sup>1</sup>; LEME, Vanessa Barbosa Romera<sup>2</sup>

**Introdução:** As redes sociais alteraram a maneira como adolescentes se desenvolvem e constroem suas relações interpessoais. O uso das redes sociais não é inerentemente bom ou ruim, mas depende de características individuais, sociais e contextuais dos adolescentes. Os fatores de risco à saúde mental de adolescentes usuários de redes sociais podem ser: individuais, como a desregulação emocional e o uso problemático de redes sociais; ou contextuais, como cyberbullying. Já um repertório de habilidades sociais bem desenvolvido e a percepção de apoio social podem atuar como fatores protetivos para essa população. Apesar disso, poucas pesquisas focam a associação dessas variáveis na população de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, um momento importante do desenvolvimento e da trajetória escolar. A partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e da Teoria da Transformação das Relações Entre Adolescentes no Contexto das Mídias Sociais, o estudo tem como objetivo geral analisar as interações sociais, a desregulação emocional e as habilidades sociais associadas ao uso desadaptativo da internet de adolescentes usuários de redes sociais e ao cyberbullying. Os objetivos específicos são: (1) investigar as relações entre a desregulação emocional, as habilidades sociais, o uso desadaptativo da internet e o cyberbullying; (2) analisar, por meio de rodas de conversa, as percepções dos estudantes a respeito dos benefícios e riscos relacionais presentes no contexto das redes sociais, que podem influenciar a percepção de apoio social, a desregulação emocional e o repertório de habilidades sociais. **Método:** Participarão cerca de 200 estudantes do 8º e 9º ano do ensino fundamental. Primeiro os estudantes responderão aos questionários e, em um segundo momento, participarão de rodas de conversa. Os dados serão coletados com os seguintes instrumentos: Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes; Escala de Desregulação Emocional - Versão Infantojuvenil; Escala de Percepção de Apoio Social; Teste de Dependência de Internet; Questionário demográfico; Roteiro para roda de conversa. **Resultados esperados:** Com os dados da pesquisa, será possível identificar e fortalecer recursos dos adolescentes e dos seus contextos que favoreçam o uso saudável de redes sociais. **Etapa atual da pesquisa:** A presente pesquisa se encontra na etapa de análise dos dados coletados. **Potenciais contribuições:** Assim, esse estudo pretende contribuir para a ampliação de intervenções e políticas públicas para prevenção de vitimização de adolescentes nas redes sociais promoção a cultura de paz nas escolas.

**Palavras-chave:** Adolescentes; Redes sociais; Desregulação emocional.

**Financiamento:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>1</sup> Damares Moreira de Carvalho, e-mail: [dmoreiracarvalho2@gmail.com](mailto:dmoreiracarvalho2@gmail.com)

<sup>2</sup> Vanessa Barbosa Romera Leme, e-mail: [vanessaromera@gmail.com](mailto:vanessaromera@gmail.com)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS/UERJ).

## MODELO DE GOVERNANÇA INTERINSTITUCIONAL: ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO ESTADO DO CEARÁ

SOBRINHO, Luana Carla Bandeira<sup>1</sup>; ESCÓSSIA, Carla Melo da<sup>2</sup>; CELA, Andréia Coelho<sup>3</sup>; AQUINO, Francisca Ozanira Torres Pinto de<sup>4</sup>; SILVA, Juliana Guimarães e<sup>5</sup>; PONTES, Ricardo José Soares<sup>6</sup>

**Introdução:** O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de implantação de um modelo de governança interinstitucional no âmbito do Programa Integrado de Prevenção e Redução da Violência no Estado do Ceará (PReVio), cujo propósito é contribuir para a redução de crimes violentos por meio da qualificação da atuação governamental. O programa é coordenado pela Assessoria de Prevenção à Violência, vinculada à Casa Civil. **Metodologia:** Lançado em 2022, o PReVio foi direcionado aos dez municípios mais populosos do Ceará (Fortaleza, Caucaia, Juazeiro do Norte, Maracanaú, Sobral, Crato, Itapipoca, Maranguape, Iguatu e Quixadá), que registravam as maiores taxas de Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI). A formulação do programa baseou-se na identificação de onze vulnerabilidades associadas à violência, como relações parentais frágeis, evasão escolar, gravidez na adolescência, uso precoce de álcool e drogas, desemprego juvenil, reincidência criminal, violência de gênero e contra pessoas LGBTQIA+, infraestrutura urbana precária, fragilidade na formação de profissionais e baixa integração entre políticas públicas. **Análise de dados:** As vulnerabilidades foram mapeadas a partir da Pesquisa do Comitê Cearense de Prevenção de Homicídios na Adolescência (2016), complementada por dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública e do Atlas da Violência, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). A partir dessas evidências, foram desenvolvidos projetos específicos de mitigação e instituído um modelo de governança estruturado em cinco instâncias: Comitê Deliberativo (estratégico e interinstitucional), Comitê Gestor (gerencial e intersetorial), Comitê Territorial (operacional), Fórum Comunitário (com lideranças locais) e Coordenação Executiva (responsável pela integração das ações). **Resultados e discussão:** Até o momento, o PReVio implantou três instâncias de governança em cada município priorizado, elaborou diagnósticos detalhados sobre violência e vulnerabilidades e definiu territórios prioritários de prevenção. O modelo tem se mostrado eficaz na criação de fluxos e protocolos intersetoriais, qualificando a execução das políticas públicas e promovendo respostas integradas e assertivas às demandas locais. **Conclusão:** A experiência do PReVio consolida-se como referência em articulação entre Estado e comunidade, fortalecendo a prevenção da violência e contribuindo para o desenvolvimento social sustentável nos municípios cearenses.

**Palavras-chave:** Modelo de Governança Interinstitucional: Estratégia de Prevenção à Violência no Estado do Ceará.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Luana Carla Bandeira Sobrinho, e-mail: [luanacarlab@gmail.com](mailto:luanacarlab@gmail.com)

<sup>2</sup> Carla Melo da Escóssia, e-mail: [carlamelodaescossia@gmail.com](mailto:carlamelodaescossia@gmail.com)

<sup>3</sup> Andréia Coelho Cella, e-mail: [andreia.coelhocela@gmail.com](mailto:andreia.coelhocela@gmail.com)

<sup>4</sup> Francisca Ozanira Torres Pinto de Aquino, e-mail: [ozaniraquino@gmail.com](mailto:ozaniraquino@gmail.com)

<sup>5</sup> Juliana Guimarães e Silva, e-mail: [julianaguimaraes@ufc.br](mailto:julianaguimaraes@ufc.br)

<sup>6</sup> Ricardo José Soares Pontes, e-mail: [rjpontesufc@gmail.com](mailto:rjpontesufc@gmail.com)  
Universidade Federal do Ceará (UFC).

## TENDÊNCIA TEMPORAL DAS LESÕES AUTOPROVOCADAS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES ENTRE 2013-2022, NA REGIÃO NORDESTE

GOMES, Márcia Lúcia de Oliveira<sup>1</sup>; OLIVEIRA, Marizângela Lissandra de<sup>2</sup>; OLIVEIRA, Raimunda Félix de<sup>3</sup>; NASCIMENTO, Mere Benedita do<sup>4</sup>; JÚNIOR, José Pascoal da Silva<sup>5</sup>; RODRIGUES, Dinete Leilane Teixeira<sup>6</sup>; SOUSA, Laise Maihara Carneiro Lima<sup>7</sup>

**Introdução:** Lesões autoprovocadas intencionalmente (LAI) correspondem a autolesões não suicidas e tentativas de suicídio. A autolesões são agressões superficiais dolorosas provocadas no próprio corpo, sendo bastante comuns entre adolescentes. Apesar de não terem intenção de morte, elas constituem fator de risco para o suicídio. As LAI geralmente estão associadas a sofrimento psíquico, sendo influenciadas por fatores individuais, familiares, escolares e sociais. O conhecimento do seu comportamento epidemiológico ao longo do tempo é fundamental direcionar ações estratégicas de prevenção e controle do evento, assim como viabilizar o monitoramento dos resultados das ações. **Objetivo:** Analisar a tendência temporal das notificações de LAI na população infantojuvenil, de 2013 a 2022, nas Unidades Federativas (UFs) do nordeste do Brasil. **Método:** Estudo ecológico de série temporal utilizando regressão Joinpoint, com base em dados obtidos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação relativos aos casos de LAI na população de 0-19 anos. Foram observadas taxas brutas de incidência do evento de 2013 a 2022 nas nove UFs do nordeste brasileiro. Estimou-se a variação percentual anual (APC), com intervalo de confiança de 95%. **Resultados:** Todas as UFs do nordeste brasileiro apresentaram crescimento das taxas de LAI na população infantojuvenil durante o período analisado. A maioria apresentou aumento significativo das taxas antes do período de pandemia, sendo até 2017 no Piauí (APC=46,9; p=0,035) e até 2019 no Maranhão (APC=51,2; p=0,001), Rio Grande do Norte (APC=58,2; p<0,001), Pernambuco (APC=40,1; p=0,001) e Alagoas (APC=24,9; p=0,010), seguidos de novo crescimento menor e não significativo de 2019-2022. Um terço apresentou dois períodos de crescimento significativo, sendo maior antes da pandemia (2013-2019) e menor após a mesma (2019-2022). Desse modo, o Ceará obteve APC de 59,7 (p<0,001) e 22,4 (p=0,009) para os dois períodos, respectivamente; a Paraíba teve APC de 55,0 (p<0,001) e 16,1 (p=0,040) e a Bahia apresentou APC de 55,0 (p<0,001) e 16,1 (p=0,040). Sergipe não apresentou alteração da tendência com o período pandêmico, obtendo crescimento significativo no período de 2015-2022 (APC=47,7; p=0,003). **Conclusão:** As taxas de LAI infantojuvenis têm aumentado consideravelmente ao longo dos anos. No entanto, o contexto pandêmico pode ter comprometido a dinâmica de notificação do evento, o que reflete em menores tendências de crescimento após o período de pandemia.

**Palavras-chave:** Autolesão; Crianças; Adolescentes.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Márcia Lúcia de Oliveira Gomes, e-mail: [mlo\\_19@hotmail.com](mailto:mlo_19@hotmail.com)

<sup>2</sup> Marizângela Lissandra de Oliveira, e-mail: [marizangelalos@gmail.com](mailto:marizangelalos@gmail.com)

<sup>3</sup> Raimunda Félix de Oliveira, e-mail: [ranefelix.rf@gmail.com](mailto:ranefelix.rf@gmail.com)

<sup>4</sup> Mere Benedita do Nascimento, e-mail: [mere.nascimento@saude.ce.gov.br](mailto:mere.nascimento@saude.ce.gov.br)

<sup>5</sup> José Pascoal da Silva Júnior, e-mail: [jpascoaljunior@gmail.com](mailto:jpascoaljunior@gmail.com)

<sup>6</sup> Dinete Leilane Teixeira Rodrigues, e-mail: [leilane.rodrigues@saude.ce.gov.br](mailto:leilane.rodrigues@saude.ce.gov.br)

<sup>7</sup> Laise Maihara Carneiro Lima Sousa, e-mail: [laise.sousa@saude.ce.gov.br](mailto:laise.sousa@saude.ce.gov.br)

Secretaria Estadual da Saúde do Ceará (SESA).

## CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE OCORRÊNCIA DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NO BRASIL SEGUNDO O SEXO DA VÍTIMA, A PARTIR DE DADOS DA PNS 2019

OLIVEIRA, Marizângela Lissandra de<sup>1</sup>; GONÇALVES, Brenno Santiago<sup>2</sup>; VIEIRA, Marcus Vinícius dos Santos<sup>3</sup>; GOMES, Márcia Lúcia de Oliveira<sup>4</sup>; MACENA, Raimunda Hermelinda Maia<sup>5</sup>

**Introdução:** A violência psicológica (VP) constitui uma forma silenciosa e de difícil detecção, sobretudo no ambiente doméstico, onde pode manifestar-se de maneira sutil, disfarçada em comportamentos que não se enquadram no estereótipo “clássico” de violência. Frequentemente, antecede ou acompanha outros tipos de agressão, sendo seu local de ocorrência influenciado pelo gênero da vítima e pela relação estabelecida com o agressor. Diante desse cenário, este estudo teve como objetivo caracterizar os locais de ocorrência da VP sofrida por brasileiros, segundo o sexo da vítima, com base nos dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2019. **Método:** Trata-se de um estudo ecológico e descritivo, conduzido a partir de dados secundários da PNS 2019, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por meio do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). A amostra incluiu brasileiros com 18 anos ou mais que relataram ter sofrido VP nos 12 meses anteriores à pesquisa. Foram analisados os locais de ocorrência dos episódios, considerando tanto eventos únicos quanto os de maior gravidade, estratificados por sexo e expressos em frequência percentual. Por se tratar de dados públicos, não houve necessidade de apreciação por Comitê de Ética. **Resultados e análise crítica:** A PNS 2019 revelou que 18,6% das mulheres e 16,0% dos homens relataram ter sofrido VP. As ocorrências mais frequentes aconteceram na residência (43%), seguidas de vias públicas ou outros locais públicos (20,7%), ambiente de trabalho (18,4%), internet ou redes sociais (10%) e outros locais (7,9%). Entre as mulheres, a residência foi o principal cenário (55,3% versus 26,6% nos homens). Já entre os homens, destacaram-se as vias públicas (27,6% versus 15,4% nas mulheres) e o ambiente de trabalho (25,2% versus 13,2%). Esses achados reforçam que a VP no ambiente doméstico está fortemente ligada a conflitos familiares e relações de poder desiguais, vitimizando majoritariamente mulheres, enquanto os homens se mostram mais vulneráveis a situações de violência comunitária e laboral. **Conclusão:** As mulheres permanecem como principais vítimas de violência psicológica, especialmente dentro de casa, enquanto os homens são mais afetados em espaços públicos e de trabalho. Reforça-se a necessidade de políticas públicas que fortaleçam o enfrentamento à violência de gênero, com foco na prevenção, empoderamento feminino e oferta de suporte psicológico, social e jurídico às vítimas.

**Palavras-chave:** Violência doméstica; Desigualdade de gênero; Inquérito de saúde.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Marizângela Lissandra de Oliveira, e-mail: [marizangelalos@gmail.com](mailto:marizangelalos@gmail.com)

<sup>2</sup> Brenno Santiago Gonçalves, e-mail: [santiagobrenn@gmail.com](mailto:santiagobrenn@gmail.com)

<sup>3</sup> Marcus Vinícius dos Santos Vieira, e-mail: [marcus.sntsv@gmail.com](mailto:marcus.sntsv@gmail.com)

<sup>4</sup> Márcia Lúcia de Oliveira Gomes, e-mail: [mlo\\_19@hotmail.com](mailto:mlo_19@hotmail.com)

<sup>5</sup> Raimunda Hermelinda Maia Macena, e-mail: [lindamacena@gmail.com](mailto:lindamacena@gmail.com)  
Universidade Federal do Ceará (UFC).

## IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA VIOLÊNCIA DE ESTADO: DEMANDAS E ITINERÁRIOS DE CUIDADO EM SAÚDE

LIMA, Catarina Kivasney<sup>1</sup>; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves<sup>2</sup>

**Introdução:** A perda de um familiar, especialmente quando marcada pela violência e pela injustiça, transforma profundamente o sujeito e sua relação com o mundo, mobilizando intensos afetos e sofrimentos. Entre os casos mais emblemáticos estão as mortes provocadas pela violência de Estado, que deram origem aos movimentos de mães, coletivos formados por mulheres que transformaram o luto em luta política por justiça e reparação. Esses movimentos, como o Mães em Luto da Leste, tornaram-se símbolos de resistência frente ao assassinato sistemático de jovens negros e periféricos e à violência policial. A presente pesquisa articula-se a essas demandas, contribuindo para o debate sobre políticas públicas sensíveis às dimensões psicossociais e políticas do sofrimento, como propõe o Projeto de Lei nº 2999/22, conhecido como “Lei Mães de Maio”. **Objetivo:** Este estudo teve como objetivo elaborar os itinerários de cuidado de duas mães e uma irmã de jovens executados, todas integrantes do movimento Mães em Luto da Leste. Buscou-se compreender suas trajetórias em busca de acolhimento e atendimento no campo da saúde, identificando as experiências vividas diante das respostas institucionais e comunitárias ao sofrimento. A pesquisa integra o projeto “Impactos psicossociais da violência de Estado: subsídios para políticas públicas e para políticas de reparação” (CNPq nº 314659/2021-8), coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Cristina Gonçalves Vicentin. **Metodologia:** A investigação foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas, com duração média de uma hora, gravadas e transcritas para análise qualitativa. As falas foram sistematizadas em mapas dialógicos organizados em seis categorias temáticas, além de linhas do tempo e eco mapas, que destacaram as redes de cuidado descritas pelas entrevistadas. Também foram analisados documentos e falas públicas de domínio público de integrantes de movimentos de mães, ampliando o contexto das experiências narradas. **Resultados e considerações finais:** Os resultados revelam a precariedade do acesso a cuidados adequados frente ao sofrimento causado por violações de direitos humanos, bem como as estratégias alternativas de assistência mobilizadas pelas participantes, muitas vezes sustentadas por redes de apoio comunitário e afetivo. As análises indicam a necessidade de políticas públicas que reconheçam o protagonismo dos sujeitos afetados pela violência de Estado, ampliando o diálogo entre Estado e sociedade civil. Assim, a pesquisa reforça a urgência de construir respostas democráticas e efetivas, pautadas no cuidado, na reparação e na justiça social.

**Palavras-chave:** Violência de Estado; Impactos psicossociais; Cuidado em saúde.

**Financiamento:** CNPq – PIBIC.

<sup>1</sup> Catarina Kivasney Lima, e-mail: [psicatarinaklima@gmail.com](mailto:psicatarinaklima@gmail.com)

<sup>2</sup> Maria Cristina Gonçalves Vicentin, e-mail: [cristinavicentin@usp.br](mailto:cristinavicentin@usp.br)  
Universidade de São Paulo (USP).

## CONVIVER: GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PROTETIVA PARA CRIANÇAS, ADOLESCENTES E SUAS FAMÍLIAS

COELHO, Acileide Cristiane Fernandes<sup>1</sup>; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo da<sup>2</sup>

**Introdução:** A criação de grupos de convivência protetiva configura-se como uma estratégia fundamental no enfrentamento e na prevenção de desproteções e violências, contribuindo para o fortalecimento de vínculos afetivos e sociais nos contextos familiar e comunitário. Diante dessa perspectiva, o presente estudo teve como objetivo desenvolver uma metodologia de intervenção grupal voltada à prevenção de desproteções relacionais e à promoção de convivências protetivas entre crianças, adolescentes e suas famílias, no âmbito da política pública de assistência social. **Método:** A pesquisa foi realizada em unidades da proteção básica e de média complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) do Distrito Federal. Adotou-se um delineamento qualitativo e participativo, utilizando entrevistas e pesquisa-intervenção. Na primeira etapa, buscou-se identificar vivências de proteção e desproteção relacional, bem como aspectos fundamentais para a atuação no campo da segurança de convívio, a partir da literatura e das percepções de dez profissionais do SUAS. Nas etapas seguintes, foram desenvolvidas e analisadas intervenções grupais com foco na convivência protetiva: três grupos online, com 39 participantes em diferentes fases da pandemia de Covid-19, e um grupo presencial multifamiliar, com 38 participantes entre crianças, adolescentes e familiares. **Resultados:** A análise temática reflexiva permitiu a construção de seis eixos de resultados: (1) entrevistas com profissionais; (2) cocriação das intervenções grupais; (3) análise dos grupos online; (4) inclusão sociodigital; (5) análise do grupo presencial; e (6) avaliação da metodologia e da participação das famílias. De modo geral, os achados indicaram a necessidade de cuidado e de formação continuada para profissionais que atuam na área da convivência protetiva. Destaca-se, ainda, a relevância das tecnologias de convivência que favorecem a escuta das narrativas plurais sobre desproteções relacionais, frequentemente marcadas por experiências interseccionais de discriminação, violências cotidianas e sobrecarga, especialmente entre mulheres negras. **Considerações finais:** A pesquisa evidenciou três dimensões centrais: (1) humana, com foco no investimento e no cuidado aos profissionais; (2) teórico-metodológica, reforçando a potência das abordagens grupais e relacionais; e (3) prática, com a criação de grupos voltados à prevenção de desproteções e ao fortalecimento de vínculos. Tais grupos se mostraram espaços de escuta, reflexão e construção coletiva de estratégias de convivência protetiva e ampliação da proteção social.

**Palavras-chave:** Desproteções relacionais; Convivência protetiva; Intervenções grupais.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Acileide Cristiane Fernandes Coelho, e-mail: [leidecris@gmail.com](mailto:leidecris@gmail.com)

<sup>2</sup> Maria Inês Gandolfo da Conceição, e-mail: [inesgandolfo@gmail.com](mailto:inesgandolfo@gmail.com)  
Universidade de Brasília (UnB).

## MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIAS: UM ESTUDO QUALITATIVO COM PROFISSIONAIS DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

POLONI, Joel Hugo<sup>1</sup>; MALVASI, Paulo Artur<sup>2</sup>

**Introdução:** No Brasil, grande parte das mulheres vítimas de violência são atendidas nos serviços de saúde. Segundo Minayo (2007), o fenômeno da violência ganhou destaque nesse setor em 2001, com a promulgação da Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência. De acordo com Cavalcante (2020), a violência contra a mulher é definida como qualquer atitude ou conduta baseada no gênero que resulte em morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico. Profissionais de saúde desempenham papel fundamental nesse contexto, uma vez que a violência impacta a saúde física e mental, além de comprometer a qualidade de vida (Minayo, 2007). Cabe a esses profissionais realizar notificações e acompanhar casos, contribuindo para o fortalecimento da atenção integral à saúde (Brasil, 2002; Tapia *et al.*, 2014). A violência contra a mulher tornou-se prioridade na agenda de saúde, e, em São Paulo, a criação dos Núcleos de Prevenção à Violência (NPV) pela Portaria SMS nº 1.300, de 14 de julho de 2015, possibilitou o atendimento especializado em Unidades Básicas de Saúde e outros equipamentos da rede municipal, com equipes compostas por, no mínimo, quatro profissionais.

**Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, adequada para investigar aspectos que não podem ser quantificados, abordando significados, valores, crenças e atitudes. Serão realizadas entrevistas individuais, analisadas por meio da análise temática, conforme Braun e Clarke (2006), que permite identificar, interpretar e relatar padrões nos dados qualitativos. A seleção dos participantes será por conveniência, envolvendo profissionais de equipes de saúde da atenção básica da zona norte de São Paulo que atuam diretamente com mulheres vítimas de violência. As entrevistas em profundidade permitirão compreender motivações, percepções e desafios vivenciados pelos profissionais no atendimento.

**Resultados esperados:** Analisar os desdobramentos e percepções dos atendimentos realizados por equipes de NPV na vida de mulheres vítimas de violência, buscando compreender os impactos dessas práticas na promoção do cuidado integral.

**Etapa atual da pesquisa:** O estudo encontra-se em fase de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa e seleção dos profissionais participantes.

**Discussão preliminar:** O atendimento a mulheres vítimas de violência é um processo complexo, pois cada caso envolve experiências singulares. A pesquisa, ao explorar as percepções dos profissionais de saúde, poderá contribuir significativamente para o aprimoramento das práticas de acolhimento e atenção a essa população.

**Palavras-chave:** Violência; Saúde Mental.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Joel Hugo Poloni, e-mail: [jh.poloni@gmail.com](mailto:jh.poloni@gmail.com)

<sup>2</sup> Paulo Artur Malvasi, e-mail: [paulomalvasi@hotmail.com](mailto:paulomalvasi@hotmail.com)  
Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP).

## CIÊNCIA DA PREVENÇÃO E PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA: ESTRATÉGIAS DE INTERLOCUÇÃO E APROXIMAÇÃO INTERSETORIAL NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

BELTRAND, Nathan<sup>1</sup>; MATSUSHITA, Marcia Helena<sup>2</sup>

**Introdução:** A articulação entre Saúde e Educação no Brasil é amparada por diversas diretrizes e políticas públicas, como o Programa Saúde na Escola (PSE), instituído pelo Decreto Federal nº 6.286/2007. Trata-se de uma iniciativa intersetorial que visa integrar ações de saúde e educação no enfrentamento das vulnerabilidades que afetam crianças, adolescentes e jovens. Essa integração territorial permite a troca de saberes e o planejamento conjunto de estratégias, enriquecendo as práticas locais. Entre os temas prioritários do PSE está a prevenção ao uso de álcool, tabaco e outras drogas, na qual Programas, como o #Tamojunto e Elos se destacam como experiências bem-sucedidas de intervenções intersetoriais. No entanto, permanecem desafios relacionados à transferência, adaptação e sustentabilidade dessas ações nos contextos locais, levantando questões sobre sua efetividade e continuidade. Como exemplo da escassez de estudos sobre o tema, uma busca realizada em julho de 2024 no Google Scholar com os descritores “Programa Saúde na Escola” e “Ciência da Prevenção” retornou apenas sete resultados, evidenciando uma lacuna na literatura. **Desenvolvimento da experiência:** Diante desse cenário e da interrupção dos programas escolares nacionais de prevenção (em 2018), buscou-se fortalecer ações de promoção da saúde e prevenção em escolas públicas. Foram conduzidas observações, entrevistas e coletas de dados com profissionais das redes de ensino e saúde. A análise revelou baixa clareza sobre o funcionamento da Rede de Proteção, variações na integração escola–unidade de saúde e interesse crescente em processos formativos sobre prevenção e promoção da saúde. **Resultados e análise crítica:** Foram elaborados materiais didáticos para os 7º e 8º anos (currículo “Rodas e Redes”) e promovidas formações intersetoriais baseadas na Ciência da Prevenção. Além disso, o projeto “Sou Adolescente, e Agora?” incentivou o protagonismo juvenil, a educação entre pares e o fortalecimento das instâncias de participação, abordando temas como conflitos, violência e sexualidade. **Considerações finais:** As ações demonstraram alta viabilidade e aceitabilidade, com integração às rotinas escolares e potencial de articulação com outras políticas, como o CAPSi. Evidenciou-se que a Ciência da Prevenção pode atuar como uma estratégia intersetorial, fortalecendo o PSE e contribuindo para a sustentabilidade e efetividade das ações de promoção da saúde.

**Palavras-chave:** Programa Saúde na Escola; Prevenção Intersectorial; Programa de base escolar.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Nathan Beltrand, e-mail: [nathanluz@gmail.com](mailto:nathanluz@gmail.com)

<sup>2</sup> Marcia Helena Matsushita, e-mail: [mmatsushita@prefeitura.sp.gov.br](mailto:mmatsushita@prefeitura.sp.gov.br)  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

## EVOLUÇÃO TEMPORAL DA MORTALIDADE POR INTERVENÇÃO DA POLÍCIA MILITAR NO BRASIL NO PERÍODO DE 2015-2022

OLIVEIRA, Marizangela Lissandra de<sup>1</sup>GONÇALVES, Brenno Santiago<sup>2</sup>; GOMES, Márcia Lúcia de Oliveira<sup>3</sup>; MACENA, Raimunda Hermelinda Maia<sup>4</sup>

**Introdução:** As mortes por intervenção policial (MIP) no Brasil têm se destacado pelos altos índices, especialmente em determinados municípios. Em resposta, foram implementadas medidas de controle da atividade policial, como a Resolução nº 129, de 22 de setembro de 2015, do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP), que definiu diretrizes mínimas para o controle externo da investigação dessas mortes. Este estudo teve como objetivo analisar a evolução temporal das MIP ocorridas entre 2015 e 2022, envolvendo a Polícia Militar em todo o território nacional. **Método:** Trata-se de uma análise de série temporal baseada em dados do *Painel de Controle Externo da Investigação de Mortes Decorrentes de Intervenção Policial* (CNMP). Foram incluídos todos os Estados brasileiros, considerando as ocorrências atribuídas à Polícia Militar no período de 2015 a 2022. As variáveis analisadas foram número de vítimas e de ocorrências. A análise utilizou regressão linear segmentada (*joinpoint*), por meio do *software Joinpoint Regression Program 5.2*, considerando distribuição de Poisson dos casos e cálculo da variação percentual anual (APC) e variação percentual anual média (AAPC), com IC de 95%. Por se tratar de dados públicos, não houve necessidade de aprovação ética. **Resultados e análise crítica:** No período, registraram-se 17.178 ocorrências, resultando em 20.521 vítimas. O menor número ocorreu em 2015 (1.039 ocorrências; 1.210 vítimas), e o maior em 2022 (2.671 ocorrências; 3.174 vítimas). Houve crescimento significativo e progressivo das MIP [AAPC = 11,9; IC 2,3–22,4; p = 0,014], com maior aumento entre 2015–2017 [APC = 40,6; p = 0,106] e menor entre 2017–2022 [APC = 2,1; p = 0,448]. O aumento do número de vítimas também foi significativo [AAPC = 12,7; IC 2,5–23,9; p = 0,013]. Esses dados refletem a persistência da violência policial e o uso desproporcional da força, frequentemente direcionado a homens jovens e negros, em contextos de alta criminalidade e vulnerabilidade social. **Conclusão:** Mesmo após a Resolução nº 129/2015, a letalidade policial segue em ascensão. É urgente aprimorar o controle da atividade policial, especialmente no uso da força letal, integrando tecnologias, justiça criminal e mecanismos comunitários de fiscalização, de modo a conter abusos e promover segurança pública mais justa e eficiente.

**Palavras-chave:** Mortalidade; Polícia; Violência.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Marizangela Lissandra de Oliveira, e-mail: [marizangelalos@gmail.com](mailto:marizangelalos@gmail.com)

<sup>2</sup> Brenno Santiago Gonçalves, e-mail: [santiagobrenn@gmail.com](mailto:santiagobrenn@gmail.com)

<sup>3</sup> Márcia Lúcia de Oliveira Gomes, e-mail: [mlo\\_19@hotmail.com](mailto:mlo_19@hotmail.com)

<sup>4</sup> Raimunda Hermelinda Maia Macena, e-mail: [lindamacena@gmail.com](mailto:lindamacena@gmail.com)  
Universidade Federal do Ceará (UFC).

## RAÍZES RESILIENTES: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS NA TERCEIRA IDADE

GUIMARÃES, Amanda Machado<sup>1</sup>; ANDRADE, Vítor Corrêa de<sup>2</sup>

**Introdução:** O afastamento dos modelos tradicionais da Psicologia Social em relação aos problemas sociais e sua limitação em propor respostas efetivas motivaram o surgimento de uma Psicologia Social Crítica, comprometida com a transformação social. Essa vertente compreende o sujeito como fruto de uma realidade histórico-social, profundamente enraizada em um contexto cultural e de classes. Nessa perspectiva, compreender o racismo, o envelhecimento e o gênero na vivência da mulher negra no Brasil requerem uma análise que una aspectos simbólicos, econômicos, culturais e ideológicos, entendendo essas temáticas como experiências subjetivas e construções socioculturais. O coletivo, nesse sentido, é o espaço onde se reconhece o outro, as diferenças e semelhanças, e onde se formam identidades individuais e coletivas, fundamentais para a manutenção ou mudança das experiências subjetivas.

**Método:** A pesquisa foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com profissionais da área e com o público-alvo — mulheres idosas negras. Também foram realizadas visitas técnicas com profissionais. Foram utilizados dois roteiros de entrevista (um voltado às profissionais e outro às participantes), além de lápis, papel, celular para gravação, o aplicativo Teams para entrevistas online e o WhatsApp para contato. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. **Resultados e análise crítica:** As entrevistas revelaram que o envelhecimento da mulher negra ocorre de maneira distinta, influenciado pelos marcadores sociais de raça, gênero e classe. Muitas enfrentam abandono familiar e institucionalização em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), reflexo de desigualdades históricas e da sobrecarga das famílias. Observou-se também o impacto da formação sócio-histórica do país na vida dessas mulheres, que ainda sofrem com a exclusão educacional e a precarização no mercado de trabalho. Em contrapartida, destacou-se a relevância das tradições e da oralidade como formas de resistência, transmissão de saberes e manutenção da identidade cultural. **Considerações finais:** As mulheres negras idosas permanecem marginalizadas por um legado escravocrata e patriarcal que limita seu acesso à educação, saúde e trabalho digno. No entanto, demonstram força e resiliência, tornando-se guardiãs de histórias e saberes que precisam ser valorizados. A escuta de suas narrativas, neste estudo, revelou-se um instrumento potente de reconhecimento e resistência.

**Palavras-chave:** Terceira idade; Mulheres negras; Psicologia Comunitária.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Amanda Machado Guimarães, e-mail: [amandamachadoguimaraes@gmail.com](mailto:amandamachadoguimaraes@gmail.com)

<sup>2</sup> Vítor Corrêa de Andrade, e-mail: [vcandrade2003@gmail.com](mailto:vcandrade2003@gmail.com)  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO (PUC-GO)

## ACÇÕES DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM UM MUNICÍPIO DO LITORAL NORTE DE SANTA CATARINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

MIR, Thamara Garcia Del<sup>1</sup>; LUZ, Fernanda Cristina da<sup>2</sup>

**Introdução:** Este trabalho apresenta um relato de experiência do Município de Itajaí (SC) sobre a Campanha “Agosto Lilás: mês de combate e prevenção da violência contra a mulher”, instituída pela Lei Municipal nº 6.935/2018. A ação é coordenada pela Secretaria de Promoção da Cidadania, em parceria com a Secretaria de Saúde e a Rede de Atenção Integral às Pessoas em Situação de Violência de Itajaí (RAIPSV), contando também com o apoio de diversos órgãos governamentais, entidades não governamentais e movimentos sociais. Fundamentada na Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres e na Lei Maria da Penha, a campanha visa sensibilizar e conscientizar profissionais, gestores e a comunidade sobre o enfrentamento às violências de gênero; divulgar os canais de denúncia e serviços de atendimento; e fomentar o debate público sobre políticas de defesa e garantia dos direitos humanos das mulheres. **Desenvolvimento da experiência:** Desde a promulgação da lei em 2018, foram realizadas cinco edições anuais da campanha, entre 2019 e 2023, sempre no mês de agosto. As atividades incluem seminários de qualificação profissional, rodas de conversa, palestras, ações comunitárias, atividades escolares, apresentações culturais, uso da tribuna na Câmara de Vereadores, blitzes educativas, além da ampla distribuição de materiais informativos (*flyers* e cartazes) em toda a cidade. Cada edição é planejada de forma intersetorial, integrando diferentes áreas das políticas públicas e garantindo a participação de diversos segmentos da sociedade civil. **Resultados e análise crítica:** As campanhas têm alcançado ampla divulgação nas redes sociais, no site oficial da prefeitura, na imprensa local e em meios impressos, atingindo não apenas a população em geral, mas também gestores, profissionais e estudantes. Observa-se o aumento da procura pelos serviços de apoio às mulheres em situação de violência, além do fortalecimento da rede municipal de atendimento e da mobilização social em torno do tema. A experiência reforça a importância do trabalho colaborativo entre o poder público e a sociedade civil para garantir visibilidade, acolhimento e acesso à informação. **Considerações finais:** A Campanha “Agosto Lilás” em Itajaí demonstra o potencial transformador das ações intersetoriais e transdisciplinares no enfrentamento da violência contra as mulheres. O compromisso político do município, aliado ao engajamento comunitário, tem promovido maior conscientização, fortalecimento de vínculos institucionais e expansão do acesso à informação e aos direitos, consolidando-se como uma prática exitosa de prevenção e mobilização social.

**Palavras-chave:** Violências; Mulheres; Intersetorialidade; Campanhas de prevenção; Violência de gênero.

**Financiamento:** Prefeitura Municipal de Itajaí (SC), Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria de Promoção da Cidadania – Município de Itajaí (SC).

<sup>1</sup> Thamara Garcia Del Mir, e-mail: [psicologa.thamaramir@gmail.com](mailto:psicologa.thamaramir@gmail.com)

<sup>2</sup> Fernanda Cristina da Luz, e-mail: [luz.fernanda@itajai.sc.gov.br](mailto:luz.fernanda@itajai.sc.gov.br)

Prefeitura Municipal de Itajaí (SC), Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria de Promoção da Cidadania – Município de Itajaí (SMS Itajaí, SC).

## A ESCUTA SENSÍVEL DO TRAUMÁTICO VIVENCIADO POR MULHERES VÍTIMAS DE TENTATIVA DE FEMINICÍDIO ÍNTIMO: REFLEXÕES A PARTIR DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

HORR, João Fillipe<sup>1</sup>; CUSTODIO, Julia<sup>2</sup>

**Introdução:** No contexto brasileiro pós-pandemia, a maioria das tentativas de feminicídio é cometida por autores com os quais as vítimas mantinham vínculo conjugal. Em Santa Catarina, verifica-se que grande parte dessas tentativas ocorre em relações de intimidade. Os estudos de gênero situam o feminicídio como uma violência social estruturada pelo ódio ao feminino, sustentada por estereótipos de gênero e pelo sistema patriarcal. No entanto, é necessário considerar os processos intersubjetivos, o sofrimento psíquico e os efeitos traumáticos decorrentes da violência exercida por um sujeito investido de afetos e idealizações amorosas. Esses desafios exigem uma escuta ética, técnica e sensível, atenta também aos efeitos vicariantes sobre quem acolhe. Assim, este relato de experiência busca problematizar os processos interventivos e formativos de um dispositivo clínico para mulheres vitimizadas por situações de violência. **Desenvolvimento da experiência:** A experiência resulta de um estágio vinculado à formação em Psicologia, realizado na Organização Não Governamental *Mulheres Brasil em Ação*, no litoral catarinense. O dispositivo clínico foi construído desde o primeiro semestre de 2023, a partir das demandas do serviço, e segue em funcionamento. A ONG acolhe mulheres vitimizadas por violências de gênero, oferecendo escuta humanizada, orientação após a solicitação de Medidas Protetivas e encaminhamento jurídico sobre direitos das mulheres. Também promove ações de saúde, autocuidado, lazer e grupos de suporte mútuo. Diante da especificidade dos atendimentos — frequentemente acionados pela Polícia Militar —, o dispositivo estabeleceu três eixos: (a) escuta qualificada dos efeitos psicossociais da violência; (b) avaliação de risco e elaboração de plano de segurança; e (c) encaminhamento e matriciamento junto às redes intersetoriais de atenção. **Resultados e análise crítica:** Foram atendidas 11 mulheres vítimas de tentativa de feminicídio conjugal, com 9 processos psicoterápicos, 3 matriciamentos e 2 encaminhamentos. Observou-se barreira de acesso e falta de escuta sensível nos serviços especializados. Nos planos de segurança, a maioria das usuárias dependeu de redes comunitárias. O vínculo terapêutico, permeado por ambivalência e angústia, evidenciou a complexidade da temática e a necessidade de supervisão contínua. **Considerações finais:** As tentativas de feminicídio expressam processos históricos e estruturais, exigindo ação política e coletiva. Entretanto, reconhecer os efeitos psíquicos do traumático é fundamental para qualificar a escuta e fortalecer o cuidado ético e intersetorial.

**Palavras-chave:** Tentativa de feminicídio por parceiro íntimo; Trauma; Violência de gênero.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> João Fillipe Horr, e-mail: [jf.horr@gmail.com](mailto:jf.horr@gmail.com)

<sup>2</sup> Julia Custodio, e-mail: [julia.custodio200@gmail.com](mailto:julia.custodio200@gmail.com)  
Universidade do Vale do Itajaí (Univali).

## O CONTEXTO DE VIOLÊNCIAS SOFRIDAS PELA POPULAÇÃO LGBTI+ ENCARCERADA NO BRASIL

CORDEIRO, Ana Carolina Silva<sup>1</sup>

**Introdução:** Este trabalho deriva de reflexões desenvolvidas a partir de uma pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT. O objetivo é discutir as violações de direitos e as violências sofridas por pessoas encarceradas, com foco na população LGBTQIAPN+ privada de liberdade. Mesmo sob tutela do Estado, essas pessoas são frequentemente submetidas a violências físicas, sexuais e psicológicas, tanto por outros detentos quanto por agentes institucionais, evidenciando a vulnerabilidade extrema dessa população dentro do sistema prisional brasileiro. **Método:** A pesquisa adota como estratégias metodológicas a Revisão de Literatura e a Etnografia Multissituada, combinando entrevistas semiestruturadas, História Oral, observação participante e registros em diários de campo. A revisão teórica ocorre de forma contínua, fundamentando as análises e as narrativas etnográficas produzidas ao longo da investigação. Os diários de campo, por sua vez, constituem-se como espaço de reflexão sobre as experiências vividas durante a imersão nos ambientes pesquisados. **Resultados esperados:** A pesquisa busca compreender os múltiplos desafios enfrentados por pessoas LGBTQIAPN+ encarceradas, especialmente homens trans, grupo ainda fortemente invisibilizado nas políticas públicas e nos estudos acadêmicos. Espera-se evidenciar as diversas formas de opressão (cissexismo, transfobia, misoginia, racismo e homofobia) que se entrecruzam e intensificam as vulnerabilidades no contexto prisional. **Etapa atual:** O estudo encontra-se na fase inicial de revisão de literatura e sistematização das discussões teóricas. **Discussão preliminar:** A pesquisa indica que as diretrizes legais brasileiras voltadas à privação de liberdade de pessoas LGBTQIAPN+ raramente são efetivadas, devido à superlotação carcerária, à escassez de alas específicas e à falta de capacitação dos profissionais. Dados de 2020 do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos revelam que apenas um estado da região Norte, o Pará, possui cela exclusiva para essa população. Essa negligência institucional reflete a necropolítica (MBEMBE, 2020) que atravessa o sistema prisional brasileiro, onde a transfobia e o cissexismo perpetuam a exclusão e a violência. Assim, esta pesquisa busca dar visibilidade a essas violações e contribuir para a formulação de políticas públicas efetivas de proteção e promoção dos direitos humanos.

**Palavras-chave:** Violência; LGBTfobia; Acesso a direitos.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Ana Carolina Silva Cordeiro, e-mail: [anacarlcordeiroacsc@gmail.com](mailto:anacarlcordeiroacsc@gmail.com)  
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO UFMT).

## A REDUÇÃO DE DANOS COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DE SAÚDE NA COMUNIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO COLETIVO NISE DA SILVEIRA

SILVIO, Gabriela Aidê Fernandes<sup>1</sup>; GOMEZ, Luisa Victoria Flores<sup>2</sup>; OLIVEIRA, Júlia Vitória Pereira de<sup>3</sup>; FERREIRA, Breno de Oliveira<sup>4</sup>

**Introdução:** A Redução de Danos é uma abordagem de saúde pública voltada à minimização dos riscos e prejuízos associados ao uso de substâncias psicoativas. Surgida em 1926, no Reino Unido, buscava inicialmente tratar dependentes de heroína e morfina por meio da administração controlada dessas substâncias e do fornecimento de insumos individuais. No Brasil, a estratégia foi introduzida em 1989, como forma de prevenir a transmissão de HIV entre usuários de drogas injetáveis, e hoje integra a Política Nacional de Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas. No Amazonas, especialmente em Manaus, o tema ainda carece de debates e práticas consistentes, tanto em espaços acadêmicos quanto nos serviços de saúde. Nesse cenário, surgiu o Coletivo Nise da Silveira, um projeto de extensão da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) que visa promover reflexões, orientar a comunidade sobre Redução de Danos e combater os estigmas relacionados ao uso de substâncias.

**Desenvolvimento da experiência:** O coletivo foi idealizado em 2023, a partir da iniciativa de discentes e docentes do curso de Psicologia da UFAM, e iniciou suas atividades em 2024. Entre janeiro e novembro desse ano, o grupo realizou ações de distribuição de insumos e materiais informativos dentro e fora da universidade, além de participar de eventos acadêmicos e comunitários. Foram promovidas articulações e visitas técnicas a instituições como o CAPS-AD e o Centro Socioeducativo Dagmar Feitosa, bem como a criação de grupos de estudo voltados à formação teórica sobre a temática.

**Resultados e análise crítica:** As ações possibilitaram mapear as necessidades regionais em Redução de Danos, evidenciando a escassez de serviços especializados nas comunidades mais vulneráveis. O coletivo, ao levar informação e orientações práticas, fomentou o diálogo sobre o tema e ampliou o acesso a insumos de saúde sexual, contribuindo para reduzir estigmas e despertar o interesse de novos participantes.

**Considerações finais:** Diante da sobrecarga dos serviços públicos e da carência de debates acadêmicos na região, o Coletivo Nise da Silveira consolidou-se como um espaço de formação e transformação social. Sua atuação ampliou a rede de conhecimento local sobre Redução de Danos, fortalecendo tanto a consciência comunitária quanto a formação dos próprios membros.

**Palavras-chave:** Redução de danos; Cuidado em saúde; Uso de substâncias.

**Financiamento:** Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

<sup>1</sup> Gabriela Aidê Fernandes Silvio, e-mail: [gabiaide123@gmail.com](mailto:gabiaide123@gmail.com)

<sup>2</sup> Luisa Victoria Flores Gomez, e-mail: [luisav.f.gomez@gmail.com](mailto:luisav.f.gomez@gmail.com)

<sup>3</sup> Júlia Vitória Pereira de Oliveira, e-mail: [juliavitoriapo@gmail.com](mailto:juliavitoriapo@gmail.com)

<sup>4</sup> Breno de Oliveira Ferreira, e-mail: [breno@ufam.edu.br](mailto:breno@ufam.edu.br)  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

## INTERVENÇÕES AMBIENTAIS DE BASE COMUNITÁRIA PARA PREVENIR O USO DE ÁLCOOL EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

OLIVEIRA, Matheus de Carlos Silva<sup>1</sup>; MENDES-SOUSA, Marília M.<sup>2</sup>; SOARES-SANTOS, Luis Eduardo<sup>3</sup>; VALENTE, Juliana Yurgel<sup>4</sup>; CAETANO, Sheila C.<sup>5</sup>; SANCHEZ, Zila M.<sup>6</sup>

**Introdução:** O consumo de álcool entre adolescentes configura-se como um importante desafio de saúde pública, com taxas expressivas reportadas globalmente. Estudos indicam que o início precoce do consumo está associado a dependência futura, prejuízos acadêmicos e comportamentais, além de aumento do risco de acidentes. Nesse contexto, programas de prevenção ambiental de base comunitária têm demonstrado eficácia, atuando na modificação do ambiente para reduzir oportunidades de consumo e influenciar atitudes e comportamentos. Este estudo objetiva realizar uma revisão sistemática de intervenções ambientais comunitárias voltadas à prevenção do uso de álcool entre adolescentes. **Método:** A revisão sistemática utilizou a estratégia PICO, abrangendo publicações até março de 2024 nas bases MEDLINE/PubMed, Scopus e PsycINFO. Os critérios de elegibilidade incluíram estudos com intervenções de prevenção ambiental baseadas na comunidade, focadas exclusivamente em adolescentes, cujo desfecho principal fosse o consumo de álcool. Foram excluídos estudos restritos a componentes escolares ou familiares, que não especificaram faixa etária ou com desenhos observacionais. A avaliação do risco de viés foi conduzida com base nas ferramentas Cochrane RoB 2 e ROBINS-I. **Resultados:** Foram incluídos 23 estudos: 15 quasi-experimentais e 8 ensaios clínicos randomizados (RCTs). Entre os principais desfechos identificados destacam-se a redução do consumo de álcool, diminuição do acesso às bebidas, menor incidência de problemas relacionados ao álcool e mudanças nas percepções sociais sobre o consumo. Treze estudos apresentaram resultados significativos na efetividade das intervenções, com a mobilização comunitária sendo o segundo componente mais frequente, presente em 18 estudos. Entre os RCTs, apenas três apresentaram baixo risco de viés, enquanto os 15 estudos não randomizados mostraram risco moderado; nenhum estudo apresentou alto risco de viés. **Considerações finais:** Os achados indicam que intervenções ambientais de base comunitária têm alto potencial para prevenir o consumo de álcool entre adolescentes, sobretudo quando direcionadas especificamente a esse público. Contudo, o planejamento e a implementação devem considerar as particularidades locais e as necessidades específicas da população-alvo, garantindo adaptação e efetividade das ações preventivas.

**Palavras-chave:** Álcool; Prevenção Ambiental; Intervenções Comunitárias; Adolescente.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Matheus de Carlos Silva Oliveira, e-mail: [carlos.matheus@unifesp.br](mailto:carlos.matheus@unifesp.br)

<sup>2</sup> Marília M. Mendes Sousa, e-mail: [mariliamendesms@gmail.com](mailto:mariliamendesms@gmail.com)

<sup>3</sup> Luis Eduardo Soares Santos, e-mail: [luisedu.edu19@gmail.com](mailto:luisedu.edu19@gmail.com)

<sup>4</sup> Juliana Yurgel Valente, e-mail: [juliana.valente@unifesp.br](mailto:juliana.valente@unifesp.br)

<sup>5</sup> Sheila C. Caetano, e-mail: [sheila.caetano@unifesp.br](mailto:sheila.caetano@unifesp.br)

<sup>6</sup> Zila M. Sanchez, e-mail: [zila.sanchez@unifesp.br](mailto:zila.sanchez@unifesp.br)

Universidade Federal de São Paulo (USP).

## PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL ENTRE MÃES DE CRIANÇAS COM TEA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

SANTOS, Beatriz Oliveira dos<sup>1</sup>; REBELLO, Mariana Gonçalves<sup>2</sup>

**Introdução:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que impacta o desenvolvimento social, comunicativo e comportamental da pessoa afetada, refletindo também no bem-estar de suas famílias. Este estudo relata a experiência de uma oficina voltada à promoção da saúde de pessoas com TEA e de seus familiares, realizada com mães de crianças e adolescentes autistas vinculadas a uma associação de acolhimento. **Desenvolvimento da experiência:** A oficina teve fundamentação teórica na psicologia social e foi conduzida por estagiários de psicologia via plataforma Google Meet, com duração de uma hora, no dia 12/06/2023. Participaram 14 mães. Durante o encontro, foram abordados três eixos principais: os direitos das pessoas com TEA e a rede de apoio disponível, incluindo dispositivos do Sistema Único de Saúde (SUS) e instituições não governamentais; a importância do acompanhamento profissional para o desenvolvimento de habilidades sociais, comunicação e regulação emocional das pessoas com TEA; e o autocuidado dos familiares, com orientações sobre apoio psicológico disponível em universidades e redes de psicoterapia. **Resultados e análise crítica:** A oficina proporcionou um espaço de acolhimento e troca de experiências, permitindo que as mães compartilhassem desafios e estratégias de enfrentamento. Foi observado que muitas participantes eram mães solo, enfrentando abandono após o diagnóstico dos filhos/as e reinvenção profissional para garantir cuidados. A necessidade de projetos estruturados para apoio a essas mulheres se tornou evidente, assim como a importância de incentivar o cuidado da saúde mental. Posteriormente, foi constatado que diversas mães buscaram atendimento psicológico na universidade, evidenciando a adesão às orientações da oficina e a relevância do incentivo ao acompanhamento profissional. **Considerações finais:** A receptividade positiva e a procura por psicoterapia reforçam a importância de iniciativas que promovam a saúde mental e o bem-estar das mães de crianças com TEA. Esta experiência evidencia a relevância de ações estruturadas e acessíveis não apenas para as pessoas com TEA, mas também para suas famílias, contribuindo para a construção de redes de apoio, acolhimento e promoção da saúde integral.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista; Saúde mental; Rede de apoio.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Beatriz Oliveira dos Santos, e-mail: [oliverbiia19@gmail.com](mailto:oliverbiia19@gmail.com)

<sup>2</sup> Mariana Gonçalves Rebello, e-mail: [mariana.rebello@alumni.usp.br](mailto:mariana.rebello@alumni.usp.br)  
Universidade Anhembi Morumbi.

## PROGRAMA REENCONTRO: ACOLHIMENTO E PSICOEDUCAÇÃO DIANTE DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

BENEDET, Marina Corbetta<sup>1</sup>

**Introdução:** A violência doméstica constitui um importante determinante de saúde, com impactos significativos no adoecimento físico e psicológico das vítimas. Em Santa Catarina, 5º estado brasileiro em casos de feminicídio, torna-se fundamental que profissionais da saúde compreendam as questões estruturais de gênero para intervir de forma qualificada em cenários de violência doméstica. Nesse contexto, este trabalho apresenta o Programa Reencontro, desenvolvido pelo Instituto Entrelaços, em parceria com o setor judiciário, delegacia especializada e casa de abrigo para mulheres em situação de violência. **Desenvolvimento da experiência:** O Programa Reencontro realiza acolhimento e psicoeducação voltados tanto para mulheres vítimas de violência quanto para homens autores. O Programa Reencontro Mulher consiste em oito encontros que visam oferecer suporte psicológico e construir uma rede de apoio pessoal e institucional. São utilizadas tecnologias do campo da saúde mental, como acolhimento e escuta qualificada, genograma e ecomapa, além de discussões sobre gênero. O Programa Reencontro Homens também compreende oito encontros, promovendo acolhimento e psicoeducação para autores de violência. Os homens participam de grupos reflexivos conduzidos pela Central de Penas e Medidas Alternativas do Fórum de Itajaí e de encontros individuais no Instituto Entrelaços, com foco em escuta qualificada, acolhimento e trabalho de luto pelos vínculos rompidos em processos de medidas protetivas. **Resultados e análise crítica:** Após um ano de funcionamento, o programa atendeu 10 mulheres, das quais sete completaram todas as etapas, e três homens, todos com participação completa. Entre as mulheres, destacou-se o reconhecimento da rede de apoio pessoal e institucional, com compreensão das políticas públicas de proteção e dos processos de reorganização emocional frente a violência. Nos homens, o ponto relevante foi a percepção do ato de violência cometido, reconhecendo sua vulnerabilidade e sofrimento diante da ruptura de vínculos, gerando demanda por acompanhamento psicoterápico contínuo. **Considerações finais:** Embora ainda jovem, o Programa Reencontro evidencia a relevância de espaços reflexivos de acolhimento e suporte para vítimas e autores de violência doméstica. A iniciativa contribui para o fortalecimento de redes de proteção e para intervenções de saúde voltadas à transformação de um problema social e de saúde pública persistente.

**Palavras-chave:** Violência doméstica; Gênero; Psicologia Social; Saúde Mental Crítica.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Marina Corbetta Benedit, e-mail: [marinabenedet@gmail.com](mailto:marinabenedet@gmail.com)  
Instituto Entrelaços.

## O AVANÇO DO CONSERVADORISMO E O AUMENTO DA VIOLÊNCIA MORTAL CONTRA PESSOAS TRANS NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

CORDEIRO, Ana Carolina Silva<sup>1</sup>

**Introdução:** Este texto parte da reflexão sobre a correlação entre o aumento do conservadorismo contemporâneo e a escalada da violência mortal contra pessoas trans no Brasil e na América Latina. As análises são desenvolvidas a partir de pesquisa em curso no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, intitulada “Homens Trans em Privação de Liberdade e a Luta pelo Reconhecimento e Acesso a Direitos”. **Método:** A pesquisa utilizou revisão de literatura e análise de dados quali-quantitativos produzidos pela autora como atividade avaliativa da disciplina “A Ciência de Escrever Ciência”. Foram consideradas fontes acadêmicas, relatórios de ONGs e bases de dados internacionais sobre violência e direitos humanos da população LGBTQIAPN+. **Resultados e análise crítica:** O Brasil consolidou-se como polo das articulações da extrema direita latino-americana, cuja retórica e políticas públicas, apoiadas por setores de poder, contribuíram para retrocessos significativos em direitos civis. A população mais impactada inclui minorias, pessoas negras, pobres e LGBTQIAPN+. No caso específico da população trans, o Brasil permanece como o país com maior número de homicídios de pessoas trans no mundo, com violações cotidianas de direitos e marginalização social, econômica e política. Dados da pesquisa “*Transrespect versus Transphobia Worldwide (TvT)*”, conduzida pela ONG *TransGender Europe*, em 2021, registraram 375 homicídios de pessoas trans entre 1º de outubro de 2020 e 30 de setembro de 2021. Destaca-se que 74% desses assassinatos ocorreram na América Latina e Caribe e 31% no Brasil, refletindo um contexto de violência extrema. A análise evidencia que o aumento da violência mortal contra pessoas trans ocorre de forma proporcional à ascensão do conservadorismo e à promoção de discursos de ódio, intensificados durante o período pandêmico. **Considerações finais:** A escalada da violência contra pessoas trans revela a necessidade de resistência coletiva e ação política das minorias, sobretudo em setores marginalizados, para enfrentar práticas discriminatórias e a negação de direitos básicos. A pesquisa contribui para visibilizar padrões estruturais de opressão, evidenciando que a proteção dessa população depende da articulação de políticas públicas, mobilização social e confrontação da lógica conservadora que legitima a violência e o retrocesso dos direitos humanos.

**Palavras-chave:** Conservadorismo, Violência mortal, Transfobia.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Ana Carolina Silva Cordeiro, e-mail: [anacarlocordeiroacsc@gmail.com](mailto:anacarlocordeiroacsc@gmail.com)

Discente do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO UFMT).

## PARENTALIDADE POSITIVA COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA INFANTIL

SOUSA, Francisca Edinete Nogueira de<sup>1</sup>; PISANECHI, Paula Crenn<sup>2</sup>; PINASSI, Renata<sup>3</sup>; FIORIN, Ana<sup>4</sup>

**Introdução:** A primeira infância, compreendida do nascimento aos seis anos de idade, é reconhecida como uma fase crucial para o desenvolvimento integral do ser humano. Pesquisas apontam que as experiências vividas nesse período influenciam de forma profunda e duradoura os aspectos cognitivos, emocionais e sociais ao longo da vida. Assim, torna-se essencial que a criança cresça em um ambiente saudável e harmonioso, amparado por práticas de cuidado parental positivo que assegurem seus direitos — entre eles, o direito de brincar e de ser protegida contra qualquer forma de violência. Em março de 2024, a Lei nº 14.826 instituiu a parentalidade positiva e o direito ao brincar como estratégias prioritárias de prevenção da violência infantil. Em consonância, o artigo 227 da Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reforçam a proteção integral e a prioridade absoluta das crianças no âmbito familiar, social e estatal. **Desenvolvimento da experiência:** O Programa “Crescer Aprendendo” surge com o propósito de fortalecer os direitos da primeira infância, especialmente entre crianças em situação de vulnerabilidade social. Seu foco está na promoção do desenvolvimento integral por meio da formação parental de famílias e cuidadores. A metodologia inclui encontros e oficinas sobre temas como saúde integral, alimentação saudável, equidade racial, prevenção à violência doméstica e valorização do brincar. **Resultados e análise crítica:** O perfil das pessoas atendidas revela um recorte social relevante: 97% são mães, das quais 81% são as principais provedoras da renda familiar; 67% se autodeclararam pretas ou pardas, 61% são mães solo e 55% vivem com renda mensal de até R\$ 1.300. Os resultados demonstram avanços significativos, como a melhoria na qualidade das relações familiares, mudança na forma de interação das mães com os filhos diante de comportamentos desafiadores e redução dos índices de violência intrafamiliar. **Considerações finais:** A experiência do Programa “Crescer Aprendendo” reforça a importância das políticas públicas voltadas à primeira infância e à formação parental. Investir nesse período significa promover equidade social, fortalecer vínculos familiares e garantir que as crianças alcancem seu potencial máximo de desenvolvimento humano.

**Palavras-chave:** Parentalidade positiva; Primeira infância; Desenvolvimento integral; Prevenção da violência.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Francisca Edinete Nogueira de Sousa, e-mail: [edinetenogueiradesousa@gmail.com](mailto:edinetenogueiradesousa@gmail.com)

<sup>2</sup> Paula Crenn Pisanechi, e-mail: [paula@unitedwaybrasil.org.br](mailto:paula@unitedwaybrasil.org.br)

<sup>3</sup> Renata Pinassi, e-mail: [renatapinassi80@gmail.com](mailto:renatapinassi80@gmail.com)

<sup>4</sup> Ana Fiorin, e-mail: [ana@unitedwaybrasil.org.br](mailto:ana@unitedwaybrasil.org.br)

United Way Brasil.

## VIOLENCIA EN EL NOVIAZGO ENTRE ADOLESCENTES: CLASES LATENTES, PREDICTORES Y DIFERENCIAS DE EN FUNCIÓN DEL GÉNERO

IRANZO, Begoña<sup>1</sup>; IRÚN, María Pilar Tormo<sup>2</sup>; HERNÁNDEZ-JIMÉNEZ, María Jesús<sup>3</sup>; CARRASCOSA, Laura<sup>4</sup>; MATEU-MOLLÁ, Joaquín<sup>5</sup>; VILLANUEVA-BLASCO, Víctor José<sup>6</sup>

**Introducción:** A pesar de los esfuerzos implementados en las últimas décadas, la violencia en el noviazgo adolescente (*Teen Dating Violence*, TDV) continúa representando un problema relevante de salud pública y social, con repercusiones emocionales, psicológicas y conductuales a largo plazo. Factores como las creencias sexistas, los niveles de empatía y las habilidades de asertividad influyen directamente en la perpetración y victimización de la TDV, mostrando posibles diferencias entre hombres y mujeres. **Objetivos:** (1) Estimar la prevalencia de perpetración de TDV según el género e identificar clases latentes de adolescentes con distintos patrones de comportamiento; y (2) establecer un modelo predictivo que relacione el sexismo con la TDV, considerando la empatía y la asertividad como mediadores diferenciales por género. **Participantes y ámbito:** La muestra estuvo conformada por 862 estudiantes españoles de educación secundaria (50,2% mujeres y 49,8% hombres), con una edad media de 14,1 años. **Método:** Se utilizó el *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI) para evaluar la TDV en un estudio transversal. El sexismo, la empatía y la asertividad fueron medidos mediante el *Ambivalent Sexism Inventory* (ASI), el *Interpersonal Reactivity Index* (IRI) y el *Assertiveness Inventory for Students Questionnaire* (AISQ), respectivamente. **Resultados y análisis crítico:** Los hallazgos revelan que la TDV es mayoritariamente bidireccional, predominando la violencia verbal/emocional sobre la física y la relacional. Solo el 10,6% de los participantes fueron exclusivamente agresores y el 6,3% únicamente víctimas. Se identificaron tres clases latentes de TDV: baja, celos/manipulación y alta, siendo esta última más frecuente entre chicas. Las mujeres mostraron mayores niveles de TDV verbal-emocional, mientras que los hombres exhibieron más conductas de TDV relacional y mayores índices de sexismo hostil. Los modelos de mediación demostraron que el sexismo predice tanto la perpetración como la victimización en TDV, mediado parcialmente por la empatía y la asertividad: la *angustia personal* en hombres y la *capacidad personal práctica* en mujeres fueron los principales mediadores. **Conclusiones:** La TDV entre adolescentes presenta un patrón bidireccional y tres clases de intensidad diferenciadas. El sexismo se configura como un predictor clave, modulando sus efectos a través de la empatía y la asertividad. Las estrategias preventivas deben adaptarse al género, considerando la gestión emocional en varones y el fortalecimiento de la asertividad práctica en mujeres.

**Palavras-chave:** Violencia en el noviazgo adolescente; Clases latentes; Sexismo; Empatía; Asertividad.

**Financiamento:** Universidad Internacional de Valencia.

<sup>1</sup> Begoña Iranzo, e-mail: [biranzo@universidadviu.com](mailto:biranzo@universidadviu.com)

<sup>2</sup> María Pilar Tormo Irún, e-mail: [mptormo@universidadviu.com](mailto:mptormo@universidadviu.com)

<sup>3</sup> María Jesús Hernández Jiménez, e-mail: [mariajesus.hernandez@professor.universidadviu.com](mailto:mariajesus.hernandez@professor.universidadviu.com)

<sup>4</sup> Laura Carrascosa, e-mail: [lcarrascosa@universidadviu.com](mailto:lcarrascosa@universidadviu.com)

<sup>5</sup> Joaquín Mateu Mollá, e-mail: [jmateu@universidadviu.com](mailto:jmateu@universidadviu.com)

<sup>6</sup> Víctor José Villanueva-Blasco, e-mail: [vjvillanueva@universidadviu.com](mailto:vjvillanueva@universidadviu.com)  
Facultad Ciencias de la Salud. Universidad Internacional de Valencia (España).

## EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POTENCIAL FERRAMENTA DE EMANCIPAÇÃO PARA O PÚBLICO IDOSO

CALDANA, Isabella Cristina da Silva<sup>1</sup>; ANDRADE, Juliane<sup>2</sup>; BARBOSA, Guilherme Correa<sup>3</sup>; VENÂNCIO, Jorge Lucas<sup>4</sup>; DONOFRE, Laura Maria<sup>5</sup>; NASCIMENTO, Rhyanne Vasconcellos<sup>6</sup>; BRANDES, Helena Ruas<sup>7</sup>; RODRIGUES, Ana Luísa Marques<sup>8</sup>; MOURA, Thais Aragão Rosa de<sup>9</sup>

**Introdução:** O envelhecimento populacional é uma realidade global e, segundo estimativas, até 2050 cerca de 25% da população mundial será idosa. No Brasil, o número de pessoas com 65 anos ou mais cresceu 57,4% nos últimos 12 anos, o que impõe aos países em desenvolvimento o desafio de promover políticas públicas que assegurem dignidade e qualidade de vida a essa população. A Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa propõe ações intersetoriais que garantam atenção integral, e, nesse contexto, as práticas de Extensão Universitária se destacam por integrar saberes técnico-científicos e populares. Este relato tem como objetivo descrever a experiência de dois projetos de extensão como ferramentas de emancipação e empoderamento de idosos atendidos por dois Centros de Saúde Escola (CSE) de um município do interior paulista. **Desenvolvimento da experiência:** Aprovados em edital de incentivo à extensão universitária, os projetos tiveram início em junho de 2023 e permanecem em andamento. As ações envolvem Acompanhamento Terapêutico e Produção de Vida de idosos, com participação de docentes, discentes de Enfermagem e Medicina e residentes da Residência Multiprofissional em Saúde Mental. Utilizou-se o Arco de Maguerez (observação da realidade, identificação dos pontos-chave, teorização, hipóteses de solução e aplicação prática), sendo identificadas como principais demandas a solidão, a perda de papéis sociais e dificuldades em habilidades sociais e autonomia. São realizados encontros semanais de planejamento e atividades mensais com os usuários, que atuam como protagonistas na elaboração das propostas. **Resultados e análise crítica:** Atualmente, os projetos contam com 10 participantes assíduos, que exercitam criatividade e socialização em atividades como oficina de memórias, bingo da dengue, roda de conversa “O que eu faço e fazia para me divertir”, construção de jornal e festa junina. Observou-se fortalecimento de vínculos, maior expressão de opiniões e desenvolvimento de autonomia. **Considerações finais:** As atividades extensionistas demonstraram potencial para promover empoderamento, pertencimento e prevenção de violências simbólicas, reforçando a dignidade e a valorização da pessoa idosa.

**Palavras-chave:** Programas e projetos de Saúde; Idoso; Promoção da Saúde.

**Financiamento:** Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) - UNESP.

<sup>1</sup> Isabella Cristina da Silva Caldana, e-mail: [isabella.caldana@unesp.br](mailto:isabella.caldana@unesp.br)

<sup>2</sup> Juliane Andrade, e-mail: [juliane.andrade@unesp.br](mailto:juliane.andrade@unesp.br)

<sup>3</sup> Guilherme Correa Barbosa, e-mail: [g.barbosa@unesp.br](mailto:g.barbosa@unesp.br)

<sup>4</sup> Jorge Lucas Venâncio, e-mail: [jl.venancio@unesp.br](mailto:jl.venancio@unesp.br)

<sup>5</sup> Laura Maria Donofre, e-mail: [laura.m.donofre@unesp.br](mailto:laura.m.donofre@unesp.br)

<sup>6</sup> Rhyanne Vasconcellos Nascimento, e-mail: [rv.nascimento@unesp.br](mailto:rv.nascimento@unesp.br)

<sup>7</sup> Helena Ruas Brandes, e-mail: [hr.brandes@unesp.br](mailto:hr.brandes@unesp.br)

<sup>8</sup> Ana Luísa Marques Rodrigues, e-mail: [ana.marques-rodrigues@unesp.br](mailto:ana.marques-rodrigues@unesp.br)

<sup>9</sup> Thais Aragão Rosa de Moura, e-mail: [thais.aragao@unesp.br](mailto:thais.aragao@unesp.br)

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP).



## O TESTEMUNHAR NA ESCUTA DA VIOLÊNCIA DENUNCIADA POR MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA: UM RECORTE A PARTIR DE UMA PESQUISA CARTOGRÁFICA

BUENO, Andressa Vitoria Marconi<sup>1</sup>; HERR, João Fillipe<sup>2</sup>

---

**Introdução:** Mulheres em situação de rua vivenciam múltiplas vulnerabilidades atravessadas por gênero, raça e etnia. Estudos indicam que a rua pode funcionar como extensão da violência doméstica e intrafamiliar, reproduzindo padrões de agressão e controle. Além disso, essas mulheres estão historicamente expostas à violência institucional, especialmente a praticada pelo Estado, o que agrava suas condições de vida e saúde. Este trabalho tem como objetivo explorar os resultados de uma pesquisa sobre os itinerários terapêuticos de mulheres em situação de rua no município catarinense de Itajaí, problematizando as narrativas sobre as violências vivenciadas e refletindo sobre práticas sensíveis de acolhimento, cuidado e prevenção. **Método:** Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (parecer nº 71281123.0.0000.0120), a pesquisa foi conduzida por uma acadêmica de Psicologia, com delineamento qualitativo, cartográfico e transversal. Utilizaram-se entrevistas semiestruturadas e registros em diário de campo, com apoio da equipe do Consultório na Rua. A coleta ocorreu entre outubro e dezembro de 2023, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Participaram dez mulheres com idades entre 30 e 47 anos: quatro pardas, três pretas e três brancas. A análise foi guiada pela imersão relacional proposta pela cartografia, estruturada em eixos temáticos validados pelas participantes. **Resultados e análise crítica:** Emergiram duas principais categorias de violência: (a) a violência de gênero, perpetrada por parceiros íntimos e homens nas ruas, manifestada em ciúmes, controle e exploração sexual; e (b) a violência de Estado, expressa em tortura física, sexual e psicológica, além da negligência no atendimento em saúde. A nomeação dessas violências mobilizou afetos e exigiu escuta sensível e ética. Observou-se também a criação de estratégias de resistência individuais e coletivas, que possibilitaram às participantes enfrentar a opressão cotidiana e reconstruir laços de solidariedade. **Considerações finais:** A cartografia revelou como gênero, raça e pobreza se entrelaçam na perpetuação da violência e na exclusão social. O testemunho das participantes emergiu como ato político e terapêutico, capaz de validar suas experiências e denunciar as múltiplas formas de violação, contribuindo para práticas de cuidado e prevenção mais humanizadas.

**Palavras-chave:** Mulheres em situação de rua; Violência de gênero; Violência de Estado; Acolhimento.

**Financiamento:** -.

---

<sup>1</sup> Andressa Vitoria Marconi Bueno, e-mail: [andressamarconi@hotmail.com](mailto:andressamarconi@hotmail.com)

<sup>2</sup> João Fillipe Herr, e-mail: [jf.herr@gmail.com](mailto:jf.herr@gmail.com)  
Universidade do Vale do Itajaí (Univali).

## ACESSO À SAÚDE DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: DESAFIOS À UNIVERSALIDADE E INTEGRALIDADE DO CUIDADO NO SUS

PALMA, Joice Vitoria de Oliveira<sup>1</sup>; IANABA, Beatriz Kaori<sup>2</sup>; MARQUES, Larissa Yasmin da Silva<sup>3</sup>; PINTO, Tiago Rocha<sup>4</sup>

**Introdução:** A população em situação de rua (PSR) caracteriza-se pela pobreza extrema, rompimento de vínculos familiares e ausência de moradia convencional. No Brasil, esse contingente vem crescendo não apenas nas grandes metrópoles, mas também em cidades de médio porte. A PSR apresenta alta prevalência de infecções sexualmente transmissíveis, desnutrição, sofrimento psíquico, uso de drogas, violência e doenças crônicas sem tratamento adequado. Apesar da vulnerabilidade, persistem relatos de recusa e discriminação nos serviços de saúde, evidenciando barreiras de acesso. Assim, este estudo objetiva compreender as necessidades de saúde da PSR e caracterizar suas experiências de acesso aos serviços em um município do interior paulista. **Método:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP nº 6.237.729), realizada com usuários do “Espaço Acolhedor” entre setembro de 2023 e janeiro de 2024. Foram entrevistados 12 participantes, por meio de roteiro semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, com duração média de 30 minutos. As entrevistas foram transcritas e submetidas à Análise de Conteúdo, modalidade Temática. **Resultados e análise crítica:** Observou-se predomínio do sexo masculino, ensino fundamental incompleto, rupturas familiares, desemprego e uso de drogas — fatores que contribuem para a permanência nas ruas. As vivências foram marcadas por violência, discriminação e invisibilidade social, reforçando achados de outros estudos. Diferentemente de parte da literatura, a maioria dos participantes se autodeclarou branca e relatou que a rua também representa liberdade para o uso de substâncias, visto como estratégia de sobrevivência frente a fome e ao frio. Entre os principais agravos de saúde, destacaram-se hipertensão arterial, diabetes mellitus, tuberculose e hepatite C. O acesso à saúde se mostrou fortalecido pela atuação do Consultório na Rua e da Atenção Primária, promovendo cuidado integral e busca ativa — em contraste com outros contextos onde o atendimento ocorre apenas em situações de urgência. **Considerações finais:** A pesquisa permitiu compreender a complexidade da PSR e suas vulnerabilidades. Constatou-se que, embora haja avanços locais, os serviços de saúde ainda carecem de preparo para atender às especificidades dessa população, o que dificulta a efetivação dos princípios fundamentais do SUS.

**Palavras-chave:** População em situação de rua; Sistema Único de Saúde; Necessidades em saúde.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Joice Vitoria de Oliveira Palma, e-mail: [joice.palma@unesp.br](mailto:joice.palma@unesp.br)

<sup>2</sup> Beatriz Kaori Ianaba, e-mail: [kaori.ianaba@unesp.br](mailto:kaori.ianaba@unesp.br)

<sup>3</sup> Larissa Yasmin da Silva Marques, e-mail: [ly.marques@unesp.br](mailto:ly.marques@unesp.br)

<sup>4</sup> Tiago Rocha Pinto, e-mail: [tiago.pinto@unesp.br](mailto:tiago.pinto@unesp.br)

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP).

## PROMOÇÃO DA SAÚDE JUNTO À POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM CENTRO POP NA ZONA DA MATA MINEIRA

FONSECA, Laura Pinton<sup>1</sup>; REIS, Ana Clara Bernardino<sup>2</sup>; GEBARA, Carla Ferreira de Paula<sup>3</sup>

**Introdução:** O presente trabalho apresenta a experiência de um Estágio Específico Supervisionado em Psicologia realizado no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro POP) de Juiz de Fora-MG. Esse equipamento público integra a Proteção Social Especial de Média Complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e tem como objetivo oferecer proteção social a pessoas em situação de rua, promovendo a superação dessa condição. O estágio buscou desenvolver intervenções voltadas à promoção e prevenção em saúde mental, à construção de vínculos, ao suporte emocional e ao fortalecimento de redes de apoio. Também visou fomentar a autonomia e a reintegração social dos usuários, por meio de acolhimento psicológico sensível às histórias e contextos individuais. **Desenvolvimento da experiência:** Com carga horária total de 90 horas, sendo 36 horas de supervisão teórica e 54 horas práticas, o estágio foi realizado entre abril e junho de 2024. As atividades incluíram oficinas e rodas de conversa semanais com temas como relações interpessoais, uso abusivo de substâncias, habilidades sociais e empregabilidade, além do acompanhamento de atendimentos e visitas domiciliares com a equipe técnica do equipamento. As rodas, conduzidas pela dupla de estagiárias, contaram em média com 10 participantes, possibilitando trocas significativas sobre as experiências e desafios cotidianos dessa população. **Resultados e análise crítica:** Observou-se que o uso abusivo de substâncias é um dos principais fatores de manutenção do ciclo de vulnerabilidade, agravado pela falta de moradia, isolamento e ausência de suporte social. Tais condições restringem o acesso aos serviços básicos de saúde, trabalho, segurança e lazer, além de intensificarem sentimentos de exclusão e desamparo. As atividades grupais possibilitaram um espaço de escuta e reconhecimento mútuo, favorecendo o fortalecimento de vínculos e a reflexão sobre estratégias de cuidado e enfrentamento. **Considerações finais:** As políticas públicas configuram-se como eixo fundamental para a promoção da dignidade e da qualidade de vida das pessoas em situação de rua. Apesar dos avanços, persistem lacunas decorrentes da negligência estatal, exigindo uma atuação ético-política da Psicologia comprometida com os direitos humanos e a transformação social. A experiência do estágio evidenciou que a construção de vínculos é essencial para o cuidado e pode atuar como instrumento de emancipação e promoção da saúde.

**Palavras-chave:** População em situação de rua; Direitos Humanos; Psicologia.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Laura Pinton Fonseca, e-mail: [lurapintonfonseca@gmail.com](mailto:lurapintonfonseca@gmail.com)

<sup>2</sup> Ana Clara Bernardino Reis, e-mail: [anaclarabrcontato@gmail.com](mailto:anaclarabrcontato@gmail.com)

<sup>3</sup> Carla Ferreira de Paula Gebara, e-mail: [carlagebara@gmail.com](mailto:carlagebara@gmail.com)

Centro Universitário Academia (UniAcademia)/Juiz de Fora – MG.

## PET – SAÚDE NO AMAZONAS: FORTALECENDO A RELAÇÃO ENSINO-SERVIÇO-COMUNIDADE

SARAIVA, Bianca Vale dos Santos<sup>1</sup>; GALUCIO, Sophia Consentini<sup>2</sup>; MENDONÇA, Yasmin de Souza<sup>3</sup>; PASSOS, Robert Filipe dos<sup>4</sup>; FERREIRA, Breno de Oliveira<sup>5</sup>; LOPES, Elizabeth Ferreira Bezerra<sup>6</sup>; ALVES, Raniele Alana Lima<sup>7</sup>; LEITÃO, Consuelena Lopes<sup>8</sup>

**Introdução:** O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), coordenado pelo Ministério da Saúde em parceria com o Ministério da Educação, tem como objetivo implementar a educação pelo trabalho, em consonância com a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. O programa promove a integração ensino-serviço-comunidade, buscando alinhar a teoria acadêmica às práticas de campo e atender às demandas reais das populações. Essa proposta assume relevância especial no Amazonas, onde desafios geográficos e socioeconômicos impõem barreiras ao acesso e à qualidade dos serviços. Nesse contexto, o PET-Saúde atua como ferramenta essencial de aprimoramento profissional e fortalecimento das redes de cuidado, impactando positivamente tanto os trabalhadores quanto a população atendida. O objetivo deste relato é descrever as experiências e os impactos do PET-Saúde em Manaus, a partir das perspectivas de seus participantes. **Desenvolvimento da experiência:** O relato apresenta as principais atividades do programa com base nas vivências de estudantes e docentes vinculados ao projeto. As ações ocorrem em encontros semanais de quatro horas, realizados na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e nos cenários de prática, totalizando de um a dois encontros por semana. Nesses momentos, são estudadas temáticas relacionadas ao trabalho comunitário, planejadas e executadas intervenções, além de avaliadas as demandas dos territórios. As atividades são desenvolvidas por bolsistas e voluntários de diferentes áreas do conhecimento, orientados por preceptores vinculados à Secretaria Municipal de Saúde. Essa dinâmica favorece uma aprendizagem colaborativa e situada, aproximando a universidade das realidades locais. **Resultados e análise crítica:** Os relatos evidenciam que o PET-Saúde proporciona transformações significativas na formação dos estudantes, que passam a compreender a saúde pública de forma integrada e contextualizada. Para os docentes, o programa amplia o uso de metodologias ativas e incentiva o vínculo com os serviços e comunidades. Observa-se também o fortalecimento das práticas de cuidado humanizado e o aprimoramento das políticas de atenção básica. **Considerações finais:** O PET-Saúde configura-se como um dispositivo estratégico de formação crítica e emancipatória, fortalecendo o compromisso ético e político com o Sistema Único de Saúde. Ao fomentar o aprendizado pelo trabalho, o programa contribui para a consolidação de um SUS mais justo, inclusivo e promotor da cultura de paz.

**Palavras-chave:** PET-Saúde; ensino-serviço-comunidade; Amazonas.

**Financiamento:** Ministério da Saúde/Ministério da Educação.

<sup>1</sup> Bianca Vale dos Santos Saraiva, e-mail: [bianca.vale.saraiva@gmail.com](mailto:bianca.vale.saraiva@gmail.com)

<sup>2</sup> Sophia Consentini Galucio, e-mail: [sophia.galucio@gmail.com](mailto:sophia.galucio@gmail.com)

<sup>3</sup> Yasmin de Souza Mendonça, e-mail: [yasminmendoca.0789@gmail.com](mailto:yasminmendoca.0789@gmail.com)

<sup>4</sup> Robert Filipe dos Passos, e-mail: [robert.passos@ufam.edu.br](mailto:robert.passos@ufam.edu.br)

<sup>5</sup> Breno de Oliveira Ferreira, e-mail: [breno@ufam.edu.br](mailto:breno@ufam.edu.br)

<sup>6</sup> Elizabeth Ferreira Bezerra Lopes, e-mail: [bethbezerralopes@gmail.com](mailto:bethbezerralopes@gmail.com)

<sup>7</sup> Raniele Alana Lima Alves, e-mail: [raniele.alves@ufam.edu.br](mailto:raniele.alves@ufam.edu.br)

<sup>8</sup> Consuelena Lopes Leitão, e-mail: [consuelena@ufam.edu.br](mailto:consuelena@ufam.edu.br)

Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

## PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS CONTRA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UM TRABALHO EM REDE

DACOL, Carmen Lúcia<sup>1</sup>; MIR, Thamara Garcia del<sup>2</sup>; MACHADO, Grazielle Pereira<sup>3</sup>; RUDOLF, Ana<sup>4</sup>; ESKELSEN, Graziela<sup>5</sup>

**Apresentação:** O projeto teve início em julho de 2017 e permanece em execução até o presente momento. Surgiu em resposta ao elevado número de notificações de violência doméstica contra crianças e adolescentes registradas pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). A iniciativa visa contribuir para a prevenção e o enfrentamento das violências, fortalecendo o papel da escola como espaço estratégico de proteção. As ações são desenvolvidas nas unidades da Rede Municipal de Educação de Itajaí, por meio da parceria entre a Secretaria Municipal de Saúde, Diretoria de Vigilância Epidemiológica/Vigilância das Violências, Secretaria Municipal de Educação, Ordem dos Advogados do Brasil (Subseção Itajaí/SC) e Conselhos Tutelares. **Objetivos:** Objetivo Geral: Contribuir para a prevenção e o combate às violências contra crianças e adolescentes, por meio de ações educativas nas unidades escolares do município. Objetivos Específicos: Capacitar profissionais da educação para identificar sinais de violência; promover palestras educativas aos alunos do ensino fundamental; sensibilizar a comunidade escolar sobre os impactos da violência; fomentar estratégias pedagógicas de enfrentamento; disseminar a cultura da paz, da diversidade e do respeito à vida; orientar sobre procedimentos de denúncia e encaminhamento à rede intersetorial de proteção. **Metodologia:** As palestras, com duração de uma hora por turma, são realizadas conforme cronograma das escolas. A capacitação dos profissionais, com carga horária de 8 horas, ocorre no auditório da Secretaria de Educação e confere certificado de participação. A equipe é composta por um profissional da saúde, um da educação, dois advogados e um conselheiro tutelar. Utilizam-se recursos tecnológicos como projetor, notebook e materiais informativos (cartilhas, folders e cartazes). **Resultados:** O projeto já alcançou 1.073 crianças, 443 adolescentes e 2.902 profissionais. As ações tornaram as medidas frente a casos suspeitos mais ágeis e eficazes, promovendo maior articulação intersetorial. As atividades foram incorporadas de forma permanente ao Programa Saúde na Escola e ao Plano Anual de Saúde. **Considerações finais:** Após as intervenções, observou-se que muitos educandos romperam o silêncio sobre situações de violência, sendo acolhidos pela comunidade escolar e encaminhados à Rede de Atenção Integral às Pessoas em Situação de Violência de Itajaí.

**Palavras-chave:** Prevenção; Violências; Proteção infantojuvenil.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Carmen Lúcia Dacol, e-mail: [carmendacol@gmail.com](mailto:carmendacol@gmail.com)

<sup>2</sup> Thamara Garcia del Mir, e-mail: [psicologa.thamaramir@gmail.com](mailto:psicologa.thamaramir@gmail.com)

<sup>3</sup> Grazielle Pereira Machado, e-mail: [advgraziellepereira@gmail.com](mailto:advgraziellepereira@gmail.com)

<sup>4</sup> Ana Rudolf, e-mail: [saude@edu.itajai.gov.br](mailto:saude@edu.itajai.gov.br)

<sup>5</sup> Graziela Eskelsen, e-mail: [graziela@eskelsen.com](mailto:graziela@eskelsen.com)

Secretaria Municipal de Saúde de Itajaí – Diretoria Vigilância Epidemiológica Vigilância das Violências.

## NOTÍCIAS SOBRE FEMINICÍDIO EM ITAJAÍ: UM RECORTE SOBRE REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E EFEITOS NA PREVENÇÃO

FISCHER, Ana Carolina Peters<sup>1</sup>; WESSLER, Júlia<sup>2</sup>; NASCIMENTO, Vitoria Nathalia do<sup>3</sup>; HERR, João Fillipe<sup>4</sup>

**Introdução:** Desde 2015, o Brasil reconhece o feminicídio como uma violência letal de gênero motivada pela misoginia. A partir de contribuições jurídico-penais e teóricas, sobretudo de pesquisadoras e ativistas latino-americanas, têm-se ampliado as discussões sobre as motivações, contextos e relações entre autor e vítima. Essa inteligibilidade de gênero busca promover transformações sociais e culturais, revelando desigualdades e incentivando práticas de prevenção e promoção da equidade. A mídia, como expressão da cultura, desempenha papel central na reprodução ou modificação dessas representações. Estudos apontam que uma cobertura responsável pode incentivar denúncias e o acesso a serviços de proteção. Assim, este trabalho reflete, a partir de uma pesquisa sobre feminicídios noticiados em Itajaí (SC), as representações de gênero presentes nas narrativas midiáticas. **Método:** A pesquisa documental, de caráter qualitativo e corte retrospectivo, analisou notícias publicadas em dois jornais locais entre 2015 e 2023, período posterior à promulgação da Lei nº 13.104/2015. O levantamento foi realizado digitalmente, entre agosto e dezembro de 2023. Para a análise, utilizou-se o referencial da Análise de Discurso, a fim de evidenciar as representações de gênero e os regimes de poder manifestos nas construções narrativas. **Resultados e análise crítica:** Foram examinados 34 casos de feminicídio, sendo 28 praticados por parceiros íntimos e 6 por desconhecidos. As manchetes priorizaram a descrição do ato violento, centrando a narrativa na figura do autor e na espetacularização do crime. As vítimas foram frequentemente retratadas de forma polarizada, ora culpabilizadas e associadas à criminalidade do agressor, ora exaltadas pela perda familiar e materna. Observou-se ausência de contextualização histórica e social da violência de gênero e escassez de informações sobre prevenção, direitos e acesso à rede de apoio. **Considerações finais:** A análise revela a mídia como um espaço de reprodução de estereótipos patriarcais, que transforma a violência feminicida em produto de consumo informativo. Ressalta-se a urgência da integração entre saber científico, políticas públicas e ética jornalística na construção de narrativas comprometidas com a igualdade de gênero e a prevenção da violência.

**Palavras-chave:** Feminicídio; Mídia; Prevenção.

**Financiamento:** -.

<sup>1</sup> Ana Carolina Peters Fischer, e-mail: [anacarolinapeters12@gmail.com](mailto:anacarolinapeters12@gmail.com)

<sup>2</sup> Júlia Wessler, e-mail: [juliawessler123@gmail.com](mailto:juliawessler123@gmail.com)

<sup>3</sup> Vitoria Nathalia do Nascimento, e-mail: [nascimentovitorian@gmail.com](mailto:nascimentovitorian@gmail.com)

<sup>4</sup> João Fillipe Herr, e-mail: [jf.herr@gmail.com](mailto:jf.herr@gmail.com)  
Universidade do Vale do Itajaí (Univali).



## UTILIZANDO MÚSICA EM OFICINAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL: IDENTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIAS E DISPOSITIVOS DE PROTEÇÃO

SILVA, Giselle Corrêa da<sup>1</sup>; SILVA, Ana Lúcia Lima da<sup>2</sup>; LIMA, Maria Lúcia Chaves<sup>3</sup>

**Introdução:** A adolescência é uma fase marcada por transformações emocionais, físicas, cognitivas e sexuais, período em que emergem curiosidades, experiências afetivas e questionamentos sobre amor e sexualidade. À escola é atribuída a função de abordar esse tema, mas, em geral, a educação sexual restringe-se à prevenção de ISTs e gravidez não planejada, deixando de lado aspectos fundamentais, como a prevenção das violências sexuais. Nesse sentido, a psicologia escolar pode utilizar oficinas como espaços de reflexão e troca, estimulando o pensamento crítico sobre as relações afetivas e sociais. O objetivo das oficinas relatadas foi promover a discussão sobre sexualidade e auxiliar na identificação de situações de violência por meio da análise de letras de músicas. **Desenvolvimento da experiência:** Foram realizadas cinco oficinas entre abril e junho de 2024, em turmas do 6º ao 9º ano de uma escola pública de Belém (PA), com duração média de 50 minutos e participação de cerca de 60 estudantes. As músicas escolhidas abordavam temas como ciúme, controle e relacionamentos abusivos, sendo populares entre os adolescentes locais. Após a audição e leitura das letras, as mediadoras conduziam discussões em pequenos grupos, guiadas por perguntas norteadoras. As percepções e afetos expressos foram registrados em diários de campo. **Resultados e análise crítica:** As oficinas demonstraram alto potencial de engajamento, favorecendo a criação de vínculos entre os estudantes e o compartilhamento de experiências pessoais. Observou-se que, especialmente entre as meninas, havia dificuldade em reconhecer situações de violência sexual, física ou psicológica, muitas vezes praticadas por pessoas próximas. As discussões promoveram acolhimento e possibilitaram a criação de uma rede de apoio entre as participantes. Em resposta aos relatos, foram produzidos materiais informativos sobre denúncia e rede de proteção institucional e afetiva. **Considerações finais:** Conclui-se que a utilização da música como ferramenta didática favorece o diálogo sobre sexualidade e violência, criando um ambiente seguro e empático. As oficinas contribuíram para o fortalecimento de vínculos, o desenvolvimento da consciência crítica e o estímulo à denúncia, consolidando a escola como espaço de prevenção e cuidado.

**Palavras-chave:** Educação sexual; Adolescência; Violência.

**Financiamento:** -.

---

<sup>1</sup> Giselle Corrêa da Silva, e-mail: [gisellecorrea1821@gmail.com](mailto:gisellecorrea1821@gmail.com)

<sup>2</sup> Ana Lúcia Lima da Silva, e-mail: [ana.lima.silva@ifch.ufpa.br](mailto:ana.lima.silva@ifch.ufpa.br)

<sup>3</sup> Maria Lúcia Chaves Lima, e-mail: [marialuciacl@gmail.com](mailto:marialuciacl@gmail.com)  
Universidade Federal do Pará (UFPA).